

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL DOUTORADO**

**ARIANE DOS REIS DUARTE**

***“O HOMEM QUE FEZ 2000 ESCOLAS”:*  
REPRESENTAÇÕES SOBRE FELIPE TIAGO GOMES E SEU PERCURSO FRENTE  
À CAMPANHA NACIONAL DE ESCOLAS DA COMUNIDADE - CNEC (1940-2000)**

**SÃO LEOPOLDO**

**2018**

ARIANE DOS REIS DUARTE

***“O HOMEM QUE FEZ 2000 ESCOLAS”:***

**Representações sobre Felipe Tiago Gomes e seu percurso frente à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC (1940-2000)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

São Leopoldo

2018

ARIANE DOS REIS DUARTE

***“O HOMEM QUE FEZ 2000 ESCOLAS”:***

**Representações sobre Felipe Tiago Gomes e seu percurso frente à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC (1940-2000)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Sgarbi Santos Grazziotin  
Orientadora – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Terciane Ângela Luchese  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Berenice Corsetti  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

---

Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

D812h Duarte, Ariane dos Reis.

“O homem que fez 2000 escolas” : representações sobre Felipe Tiago Gomes e seu percurso frente à Campanha Nacional de Escola da Comunidade – CNEC (1940-2000) / Ariane dos Reis Duarte. – 2018.

177 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

“Orientadora: Profa. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin.”

1. Gênero biográfico. 2. Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (Brasil). 3. Memória. 4. Representação. 5. Mito. I. Título.

CDU 37

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado por meio da bolsa de estudos na modalidade Programa de Excelência/PROEX, concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, que forneceu também auxílio financeiro para a realização de determinadas etapas da pesquisa. Espero fazer jus à oportunidade que me foi dada, sempre reconhecendo o papel que as políticas públicas de fomento à educação possibilitam aos estudantes e à sociedade como um todo.

O processo de escrita desta tese deu-se em meio a um cenário de instabilidades e incertezas no que diz respeito ao contexto sociopolítico do País. Em muitos momentos, não foi fácil superar o desânimo e deixar tais questões de lado para investir energia em horas de leitura e escrita. Fazer os deslocamentos e a imersão necessária só foi possível graças ao apoio de pessoas que, a seu modo, contribuíram com meu percurso formativo. Nas palavras de Galeano, *“O mundo é isso, um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais”* (2009, p. 13). Cada uma dessas pessoas compartilhou comigo um pouco de sua luz, tornando os momentos de angústia mais amenos e compartilhando as alegrias e conquistas. Assim, agradeço:

À professora doutora Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, orientadora deste estudo, pelo apoio e atenção a mim dedicados desde o curso de mestrado. A ela, minha gratidão e admiração.

À professora doutora Beatriz Daudt Fischer, que oportunizou meu ingresso na iniciação científica em seu projeto de pesquisa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Sua confiança e apoio foram e são essenciais em minha trajetória.

Aos/às professores/as Berenice Corsetti, Terciane Luchese, Rodrigo Silva e Benito Schmidt, pelo aceite em participar das bancas, assim como por sua leitura atenta e pelas sugestões para melhoria do trabalho.

Aos/às professores/às do Programa de Pós-Graduação em Educação, por compartilhar conosco seus conhecimentos e por seu olhar humanizado, tornando assim o ambiente acadêmico mais acolhedor, embora não menos rigoroso.

A todos/as os/as colegas grupo de pesquisa EBRAMIC – Educação no Brasil: memórias, instituições e cultura escolar –, que me acompanharam ao longo desses quatro anos. Agradeço pela parceria, pelo auxílio, pelas leituras e trocas. Esse apoio foi fundamental para o desenvolvimento e término deste trabalho.

Às amigas Estela, Deise, Ranyelle, Quênia e Renata, pelo apoio e incentivo em diferentes momentos. Os cafés, as conversas e trocas foram essenciais em todo esse processo! Agradeço também pela colaboração na participação em eventos e na realização de atividades acadêmicas. Parcerias sólidas e comprometidas como essas são as responsáveis por nos fazer seguir adiante e superar as adversidades. À Mirian, agradeço pelo constante incentivo e torcida desde meu ingresso na iniciação científica. Aos amigos José Edimar, Artur e Jauri, agradeço pela parceria que se estende desde o curso de mestrado. Apesar da distância, cada encontro resulta em uma injeção de ânimo nessa turbulenta vida acadêmica!

Ao Pedro, companheiro de todas as horas, agradeço pela paciência, compreensão e incentivo ao longo de todos esses anos, desde o curso de graduação. Que possamos seguir sempre nesse apoio mútuo!

Da mesma forma, agradeço à minha família, em especial aos meus pais, Marli e Moisés, pelo suporte e incentivo aos estudos.

## RESUMO

Esta tese insere-se no campo da História Cultural, mais especificamente nas premissas do chamado gênero biográfico (DOSSE, 2015). Tem como objeto a vida de Felipe Tiago Gomes, fundador da mantenedora de escolas Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC, movimento iniciado durante sua juventude, enquanto estudante do curso de Direito em Pernambuco, na década de 1940. O estudo tem como enfoque o percurso de vida de Felipe Tiago frente à referida instituição. Desenvolvido a partir da metodologia da História Oral (PORTELLI, 2016) e da Análise Documental Histórica (SAMARA; TUPY, 2007), a pesquisa mobiliza os conceitos de memória (HALBWACHS, 1990), apropriação (CHARTIER 2011) e representação (CHARTIER, 1990) para tratar de aspectos da vida do personagem no recorte temporal estabelecido, que se refere ao início da mantenedora, aos anos de atuação de Felipe Tiago como superintendente da instituição e aos usos de sua trajetória durante e após sua existência. O objetivo geral é analisar as representações sobre o seu percurso de vida e a sua atuação frente à CNEC, bem como compreender as apropriações produzidas sobre o fundador e sua trajetória. Os objetivos específicos são: identificar e analisar quais passagens da vida de Felipe Tiago Gomes foram selecionadas e utilizadas para sustentar sua atuação frente à CNEC; verificar as redes nas quais o personagem estabeleceu articulações e entender a influência desses espaços na construção de sua pessoa como figura central na difusão da Campanha, bem como analisar as representações e memórias produzidas sobre ele a partir desses grupos; problematizar as memórias e representações que produzem o personagem como *professor* e apresentar as concepções de Felipe Tiago sobre educação, escolarização e ensino. Desse modo, no decorrer dos capítulos, são discutidas as representações produzidas sobre o personagem – as quais criam um mito usado para edificar ações da mantenedora nas e pelas redes em que o fundador circulou. Além disso, discute-se a atuação de Felipe Tiago no cenário educacional, tendo como enfoque as representações que o caracterizam como um professor – cargo que não exerceu – e como referência para a educação no País. Ao longo dos capítulos, o estudo ainda recorre a conceitos secundários que possibilitam adensar a discussão, a partir das dimensões estabelecidas. Por fim, conclui-se que, ao longo de sua vida, Felipe Tiago Gomes fez uso de suas escolhas pessoais para fundamentar e divulgar os lemas da Campanha. A “comunidade de memória” formada por pessoas próximas a ele se esforça em manter a memória de seu mentor e sua mitificação, de modo que as representações construídas sobre Felipe Tiago e suas ações na CNEC o produzem como um visionário, alguém que estava à frente de seu tempo. No entanto, o fundador não é um personagem conhecido fora do contexto que remete à CNEC, o que mobiliza

essa comunidade de memória a desenvolver ações que visem a afastar o personagem do esquecimento. Também se observa que, ao pensar a realidade a partir de um indivíduo, evidenciam-se os jogos de interesse entre os diferentes grupos que compõem a sociedade e determinados desdobramentos resultantes dessas relações. Nesse sentido, o estudo evidencia o papel do indivíduo na elaboração e na composição da realidade e aponta para os movimentos que caracterizam o uso da coisa pública para fins privados. Em síntese, pode-se dizer que pensar a vida de Felipe Tiago Gomes e sua relação com a história da educação no Brasil permitiu visualizar os bastidores do processo de criação de políticas públicas, bem como o papel dos indivíduos e de suas especificidades nesse contexto.

**Palavras-chave:** Gênero biográfico. Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC. Memória. Representação. Mito.

## ABSTRACT

This thesis is inserted in the Cultural History field, considering more specifically the biographical genre premises (DOSSE, 2015). It investigates the life of Felipe Tiago Gomes, founder of the school sponsor called National Campaign of Community Schools - CNEC, a movement that initiated during his youth, when he was a Law student in Pernambuco, in 1940. The study focuses on aspects of Felipe Tiago Gomes' activities related to this institution. Developed from the Oral History methodology (PORTELLI, 2016) and the Historical Documentary Analysis (SAMARA; TUPY, 2007), the research articulates concepts of memory (HALBWACHS, 1990), appropriation (CHARTIER 2011) and representation (CHARTIER, 1990), in order to deal with aspects of this character's life within the chosen historical period, which covers some CNEC's activities, the years in which Felipe Tiago Gomes worked as a superintendent of this institution, and the community appropriations of his life story during and after his existence. The general objective is to analyze representations of his life and his CNEC-related work, as well as to understand the appropriations regarding him and his trajectory that have been produced in this context. The specific objectives are: to identify and to analyze which aspects of Felipe Tiago Gomes' life were selected and used to describe his work at CNEC; to verify the nets in which this character established political articulations and to understand the influence of these contexts in the construction of his image as a central figure for the dissemination of the Campaign, as well as to analyze the representations and memories about him by these groups; to discuss the memories and representations that describe this character as a *teacher* and to describe Felipe Tiago's ideas on education, schooling and teaching. Considering these purposes, this thesis' chapters discuss the representations produced about this character – which create a myth that is used to consolidate actions taken by CNEC, in and through the nets articulated by its founder. Moreover, it approaches Felipe Tiago's activities in the educational context, focusing on representations that characterize him as a teacher – a profession he has never practiced – and as a reference for Brazilian education. The study also makes use of secondary concepts that contribute to further deepen the discussion, considering the dimensions established in this investigation. Finally, this thesis concludes that, throughout his life, Felipe Tiago Gomes made use of his personal choices to underpin and to disseminate the mottos of the National Campaign. The “community of memory” formed by people next to him strives to keep the memory of its mentor and his image as a myth, thus the representations constructed about Felipe Tiago and his actions at CNEC transform him into a visionary, someone who was ahead of his time. Nevertheless, he is not a person known outside the context related to

CNEC, which encourages this community of memory to develop actions with the purpose of keeping his memory alive. In addition, when reality is seen from a micro-scale perspective, it is possible to demonstrate the existence of political interests between different social groups, as well as some outcomes resulting from these relations. Therefore, the study shows the role of an individual in the elaboration and construction of reality, pointing to movements that characterize the use of public affairs for private purposes. In short, it is possible to say that analyzing the life of Felipe Tiago Gomes and its relationship with Brazilian history of education enabled the investigation to perceive the backstage of the public policy creation process, as well as the role of individuals and their specificities in this context.

**Keywords:** Biographical genre. National campaign of Community Schools - CNEC. Memory. Representation. Myth.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Publicação do Correio da Manhã, 31/10/1948.....	49
Figura 2 - Nota do Diário de Notícias, 06/11/1948 .....	49
Figura 3 - Nota sobre a visita de Felipe Tiago ao Paraná.....	86

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Fachada do Memorial Felipe Tiago Gomes em Picuí/PB .....	29
Fotografia 2 - Retrato de corpo inteiro do homenageado .....	31
Fotografia 3 - Santa Luzia e São Francisco, santos de devoção dos irmãos Maria e Felipe ....	31
Fotografia 4 - Estátua de Felipe Tiago Gomes .....	33
Fotografia 5 - Promontório onde se localiza a estátua.....	33
Fotografia 6 - Composição com as imagens dos entrevistados .....	39
Fotografia 7 - Formatura no curso de Direito em 1948 .....	49
Fotografia 8 - Felipe Tiago (centro) e colegas divulgadores da Campanha em Curitiba/PR, 1948	53
Fotografia 9 - Felipe Tiago e Marly Sarney ao lado da estátua de São Francisco de Assis, na CNEC, em Brasília .....	63
Fotografia 10 - Comitiva composta por Alzira Sodré, Léa Aquino Bandeira, Almirante Benjamin Sodré, Felipe Tiago e Murílio Hingel na construção da sede da CNEC, em Brasília .....	71
Fotografia 11 - General Bandeira, Felipe Tiago, Tarcísio Burity (então governador da Paraíba) e Lourdes Henriques, 1979 .....	73
Fotografia 12 - Felipe Tiago, o então presidente da República General Ernesto Geisel e Almirante Benjamin Sodré .....	75
Fotografia 13 - Placa exposta no memorial Felipe Tiago Gomes .....	82
Fotografia 14 - José Sarney e Felipe Tiago Gomes na inauguração do hospital da CNEC em Picuí, 1989.....	83
Fotografia 15 - Felipe Tiago Gomes e Fernando Collor de Melo .....	93
Fotografia 16 - Itamar Franco e Felipe Tiago Gomes .....	93
Fotografia 17 - Felipe Tiago Gomes e Paulo Freire sendo homenageados em Brasília.....	108

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação dos livros utilizados como fontes .....	28
Quadro 2 - Relação de documentos angariados a partir do acervo do memorial .....	30
Quadro 3 - Relação dos entrevistados .....	34
Quadro 4 - Hinos da CNEC .....	60
Quadro 5 - Declarações de personalidades públicas em cerimônias de homenagem a Felipe Tiago.....	90

## LISTA DE SIGLAS

APRA	Aliança Popular Revolucionária Americana
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
BNH	Banco Nacional da Habitação
CAICs	Centro de Atenção Integral à Criança e ao adolescente
CGP	Campanha do Ginasiano Pobre
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
CONFENEN	Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino
DC	Desenvolvimento de Comunidade
DCE	Diretório Central de Estudantes
DF	Distrito Federal
DSI	Doutrina Social da Igreja
FUNDEPI	Fundo do desenvolvimento de Picuí
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDES	Instituto Divino Espírito Santo
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Base
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
MPJQ	Movimento Popular Jânio Quadros
NOVACAP	Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PFL	Partido da Frente Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PR	Paraná
PIPMO	Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PRP	Partido Republicano Progressista

PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTN	Partido Trabalhista Nacional
RN	Rio Grande do Norte
SENAI	Serviço Nacional da Indústria
SESI	Serviço Social da Indústria
SNI	Serviço Nacional de Informações
UDN	União Democrática Nacional
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UME	União Metropolitana dos Estudantes
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 A VIDA COMO OBJETO DA HISTÓRIA: ESCOLHAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS .....</b>	<b>22</b>
<b>3 FELIPE TIAGO GOMES, CNEC E CENECISMO: ENTRE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES .....</b>	<b>43</b>
<b>3.1 Percurso formativo e passos iniciais na construção da Campanha .....</b>	<b>44</b>
<b>3.2 O <i>cenecismo</i> e a devoção a São Francisco de Assis.....</b>	<b>57</b>
<b>4 A FIGURA PÚBLICA: REDES, MEDIAÇÕES E MITIFICAÇÃO .....</b>	<b>66</b>
<b>4.1 Redes de relações e práticas de mediação .....</b>	<b>70</b>
<b>4.2 A promoção de si e dos outros: mártir e mito da educação.....</b>	<b>87</b>
<b>5 ELABORAÇÕES SOBRE O <i>PROFESSOR</i> FELIPE TIAGO GOMES: AS RELAÇÕES DO PERSONAGEM COM EDUCAÇÃO, ESCOLAS E ENSINO .....</b>	<b>99</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICE A – QUADRO COM INFORMAÇÕES SOBRE OS PRONUNCIAMENTOS TRANSCRITOS NA OBRA “CNEC: A FORÇA DE UM IDEAL” .....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE B – SÍNTESE DAS NOTÍCIAS SELECIONADAS A PARTIR DO REPOSITÓRIO DA HEMEROTECA DIGITAL .....</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICE C – DIMENSÕES DAS NARRATIVAS DE MEMÓRIA .....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE D – HOMENAGENS .....</b>	<b>164</b>
<b>ANEXO A – SÍMBOLOS DA CNEC .....</b>	<b>172</b>
<b>ANEXO B – TABELA DEMONSTRATIVA DO CRESCIMENTO DAS ESCOLAS CENECISTAS ENTRE 1946 E 1998 .....</b>	<b>173</b>
<b>ANEXO C – TABELA COM AS MEDIDAS DE REFORMULAÇÃO DA CNEC.....</b>	<b>175</b>
<b>ANEXO D – OBJETIVOS PROPOSTOS PARA A REFORMULAÇÃO DA CNEC NO III CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO DA CNEC, EM 1985 .....</b>	<b>176</b>
<b>ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>177</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“Quando ele era vivo [Felipe Tiago Gomes], a CNEC, vamos dizer, tinha um perfil, uma filosofia, uma forte filosofia eu diria – eu que sou mais antigo na casa – a filosofia assim “idealista”, de manter a todo custo a escola. [...] O fundador, que eu saiba, nunca se casou, pelo menos nunca ouvi falar que o Dr. Felipe tivesse esposa, suponho que ele abraçou essa causa e casou com a causa”. (Schreiber, entrevista, 2013)<sup>1</sup>.*

*Felipe Tiago Gomes* era um nome por mim desconhecido até minha inserção em uma escola que havia pertencido, durante grande parte de sua história, à Rede Cenecista. Naquele contexto, falas como a mencionada acima eram proferidas quando o momento da ruptura entre mantenedora e escola (ocorrido no ano de 2007) era lembrado. Tal cisão representava também o rompimento da mantenedora para com os ideais de seu fundador.

Apesar disso, não foi Felipe Tiago, tampouco a Rede Cenecista, que me fez optar por tornar a referida escola objeto de minha dissertação de mestrado. Foram as características locais e singulares do Colégio Santa Luzia que me levaram a pesquisá-lo. Naquele momento, minhas atenções estavam voltadas para questões internas daquela comunidade escolar, que, após o rompimento com a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC, em 2007, passou a ser mantida por uma cooperativa de professores.

Ao iniciar os procedimentos metodológicos para a construção do *corpus* empírico da pesquisa de mestrado, a história da Campanha e seu lema de atuação foram surgindo em meio a documentos e narrativas de memória. Para construir a dissertação, busquei elementos que me subsidiassem para falar sobre a CNEC enquanto mantenedora educacional. Assim, pude verificar que existem pesquisas sobre a Rede Cenecista em si e sobre sua atuação, em diferentes estados e no cenário educacional do País<sup>2</sup> como um todo. Em geral, tais estudos abordam a parceria da CNEC com o poder público e/ou sua atuação em determinado estado. A construção da filosofia idealista e comunitária são sempre mencionadas e, de alguma forma, naturalizadas.

---

<sup>1</sup> A entrevista com o professor José Moacir Schreiber foi realizada em setembro de 2013. A narrativa de memória compôs o corpo empírico de minha dissertação de mestrado, intitulada “IDEALISMO E EDUCAÇÃO: as relações entre a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade/CNEC e o Colégio Santa Luzia de Gravataí/RS (1968-2007)”.

<sup>2</sup> Refiro-me aos seguintes estudos: “A Campanha Nacional das Escolas da Comunidade – CNEC e o ‘entusiasmo’ pela Educação Ginásial no Ceará no período de 1958 e 1963”, dissertação de mestrado de Silvaniza Maria Vieira Ferrer (2010); “A trajetória das escolas da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC do Piauí: 1952-1997”, dissertação de mestrado de João Batista da Silva (2010); “A trajetória da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade em terras capixabas (1948-1971)”, dissertação de mestrado de Karla Veruska Azevedo (2007); “Campanha Nacional de Escolas da Comunidade: uma proposta para a formação escolar do jovem estudante pobre (1943-2007)”, dissertação de mestrado de Maria Luiza de Paula Santos (2007); e “Educação comunitária: Além do Estado e do Mercado? A experiência da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC (1985-1998)”, tese de doutorado de Ronalda Barreto Silva (2001).

No decorrer de minha pesquisa de mestrado, tornou-se evidente que o lema idealista e comunitário da antiga mantenedora da escola ainda atravessava as práticas de parte daquele corpo docente, que mobilizou todos os esforços possíveis para que a escola se mantivesse funcionando após sucessivas crises financeiras e estruturais. Desse modo, falas como a do professor José Moacir Schreiber, que abre este capítulo, foram evidenciando que os lemas da mantenedora eram personificados na figura de Felipe Tiago Gomes, seu criador.

Essa relação entre a mantenedora e seu fundador foi um motivo para que eu voltasse minha atenção ao personagem objeto desta pesquisa, pois, nos estudos já realizados, o entrelaçamento entre ambos, fundador e instituição, é dado como natural. Em alguns casos, a atuação de Felipe Tiago frente à CNEC é abordada de maneira ufanista, com ênfase a sua abnegação e obra de vida, conforme exemplo a seguir: “Felipe Tiago Gomes, conhecedor da história da educação brasileira, do seu aspecto seletivo e excludente, consciente de seu papel como cristão na luta pela melhoria da educação no país, decide fazer sua parte.” (SANTOS, 2007, p. 51). Ressalto que menciono tais aspectos não como uma crítica, mas como uma forma de justificar meu interesse em pesquisar a *vida* do fundador – e não somente o dito “resultado final” de sua trajetória, que é a CNEC.

O ato de pesquisar não é algo linear e coerente. É atravessado por interesses, possibilidades, negociações, preferências, limitações físicas e geográficas. Nesse sentido, pesquisar um objeto não estático como uma vida potencializa todos os itens mencionados. Esse é um dos pontos que constituem o *desafio biográfico* (DOSSE, 2015). Considerando tal aspecto, estabelecer meios e angariar documentos que possibilitassem uma aproximação com essa vida foi um dos meus desafios como pesquisadora. Em paralelo a isso, a inserção no campo dos estudos biográficos também foi um processo de descoberta, permeado por ambições, anseios e (im)possibilidades.

Iniciei a construção do *corpus* empírico da pesquisa por meio de um contato com a sede da Rede Cenecista em Porto Alegre. Diante da resistência em permitirem meu acesso aos arquivos, fui traçando outros caminhos que me permitissem aproximação com o fundador em si, e não com a instituição. No decorrer desse processo, fui me apropriando da literatura disponível sobre a mantenedora e analisando a forma como seu criador era visto e mencionado. Imbuída dessas questões, iniciei uma série de procedimentos que possibilitassem minha aproximação com a terra natal de Felipe Tiago, o município de Picuí, no estado da Paraíba, e com alguns de seus familiares. Esses contatos e deslocamentos foram definidores dos rumos da pesquisa, pois, após minha ida a Picuí, pude ampliar os tensionamentos sobre esse personagem e suas ações em relação à CNEC – e, conseqüentemente ao campo educacional.

Como pode ser observado em Silva (2003), a mantenedora teve um crescimento vertiginoso entre as décadas de 1960 e 1980, chegando a atingir 1346 escolas no ano de 1983 (vide Anexo B). Essa atuação em massa da CNEC rendeu a Felipe adjetivos como “o homem que fez 2000 escolas<sup>3</sup>”, ou “o apóstolo da educação<sup>4</sup>”.

Tais atributos, disseminados por parte de publicações da própria mantenedora e das redes pelas quais Felipe circulava, colaboraram para um processo de mitificação do fundador. Essa construção se desenvolveu aliada às representações de pessoas que, em alguma medida, estiveram ligadas à Rede Cenecista, elevando o criador à categoria de mártir da instituição e da educação no País. Nesse cenário, apresentam-se alguns paradoxos, pois, ao mesmo tempo em que a imagem de Felipe Tiago Gomes é consagrada na trajetória histórica da entidade por ele fundada e por sujeitos a ela ligados, seu nome não costuma ser mencionado fora desses círculos, nem no panorama geral da história da educação no Brasil. Além disso, pelo que foi possível perceber no decorrer desta pesquisa, o vínculo entre a instituição e o fundador não é um consenso, sobretudo após a morte de Felipe Tiago:

*“Hoje é uma entidade que só permanece com o nome CNEC para poder conseguir recursos. Então, mudou até o nosso emblema, que era aquele ali (mostra o quadro na parede), com o livro aberto, e virou esse, que ninguém sabe o significado. Entendeu? Ficando na mão de um político, Alexandre de tal. A primeira coisa que ele fez foi lutar para destituir toda a diretoria estadual da Paraíba, formada por ex-reitores da UFPB...”* (Maria de Lourdes Henriques, entrevista, 2016)<sup>5</sup>

No entanto, a Campanha evoca seu fundador em diversas ações na atualidade, como pode ser visto na apresentação da instituição em sua página na internet:

A CNEC nasceu do ideal de um grupo de jovens universitários que, liderados pelo professor Felipe Tiago Gomes, desejavam oferecer ensino gratuito a jovens carentes. Fiel a seus estatutos, a CNEC deu continuidade à manutenção de projetos de assistência social, que se consolidaram como referência e atendimento aos usuários nas comunidades envolvidas<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> Informação proveniente da revista *O Cenecista*, de abril de 1998 (p. 9). Segundo o texto da publicação, “Por mais de cinquenta anos, Felipe Tiago Gomes pregou a abertura de escolas. Foi responsável pela implantação de mais de 2000 estabelecimentos de ensino, em geral, nas cidades brasileiras mais necessitadas de ensino básico”.

<sup>4</sup> O termo aparece, entre outros, na apresentação do livro “CNEC: a força de um ideal”, de autoria do próprio Felipe Tiago. Quem assina o texto de apresentação é Raimundo Nonato Fernandes, que fora diretor de escolas da CNEC em Minas Gerais. Fernandes diz que “A Campanha é um trabalho de fé, de esperança e amor sem limites daqueles que seguem os caminhos abertos por Felipe, o Apóstolo da Educação no Brasil.” (p. 14).

<sup>5</sup> Os emblemas mencionados pela professora encontram-se no Anexo A deste trabalho.

<sup>6</sup> Conteúdo extraído de <<http://www.cnec.br/institucional-cnec/projetos-sociais/>>. Acesso em: 08 maio 2018.

Atualmente, a mantenedora executa um projeto que narra “[...] a saga do Professor Felipe Tiago Gomes em luta pela democratização do ensino nas comunidades mais remotas do território nacional”<sup>7</sup>. Aos 75 anos de sua existência, a instituição optou por celebrar o aniversário com a construção de um livro contando a história de vida do seu fundador, cuja atuação na educação é abordada sob a ótica de uma suposta democratização do ensino. A obra<sup>8</sup> foi produzida por uma jornalista que entrevistou grupos de pessoas ligadas à instituição para que falassem sobre Felipe Tiago. Nesse âmbito, vale ressaltar que, nos textos consultados na página da mantenedora, os termos *fundador* e *professor* são grafados com letra maiúscula, como se constituíssem uma espécie de adjetivo nobre ou titulação.

A Campanha surgiu em Recife/PE no ano de 1943, quando Felipe Tiago, através da obra “Drama da América Latina”, do escritor estadunidense John Gunther<sup>9</sup>, tomou conhecimento da experiência de Haya de La Torre, no Peru, e assim mobilizou um grupo de amigos a fim de criar escolas que atendessem os menos favorecidos. Naquele momento, o País se encontrava no

---

<sup>7</sup> Conteúdo extraído de: <<http://www.cnec.br/noticia/felipe-tiago-gomes-tera-biografia-publicada/>>. Acesso em: 08 maio 2018.

<sup>8</sup> Trata-se do livro “A Campanha”, escrito pela jornalista Gisele Macedo e lançado no segundo semestre de 2018.

<sup>9</sup> John Gunther, jornalista estadunidense, viajou por mais de 20 países da América Latina. Suas observações são descritas na obra referenciada. Ao longo de sua jornada, o autor entrevistou diferentes pessoas e narrou suas percepções sobre o que ouviu delas. Cada país visitado ganhou espaço no livro, no qual o autor discute sua organização política e social. No caso do Peru, Gunther se detém em falar de Victor Raul Haya de la Torre, que, segundo ele, “converteu-se em chefe revolucionário da noite para o dia.” (GUNTHER, 1943, p. 216). O autor dedica algumas páginas da obra para falar de Haya de La Torre, a quem descreve como “um idealista de aspirações de vasto alcance” (p. 227). Em 1921, o referido personagem, então estudante, fundou em Lima as Universidades Populares, em que os jovens estudantes davam aulas gratuitas para aquelas pessoas que não podiam frequentar escolas. O lema do projeto, que era “Viva a Cultura! Viva a Escola!”, expandiu-se rapidamente. Paralelamente a essas ações, Haya de la Torre passou a envolver-se nas questões políticas do país, o que o levou a ser exilado. Nos oito anos em que esteve fora, visitou diversos países e organizou a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), hoje um dos mais antigos partidos políticos do Peru. O aprismo de Haya de la Torre tinha por base libertação e educação dos índios, unidade americana através da fusão dos países latino-americanos (o que chamava de *indoamérica*) e progresso social. Ao falar do referido personagem, Gunther frisa que “Haya de la Torre não é marxista e nem sequer socialista – os comunistas o antipatizam e atacam violentamente – mas acredita na reforma da propriedade territorial e nas restrições ao capital estrangeiro e local.” (p. 228). O autor compara Haya de la Torre a Gandhi, dada a sua resistência pacífica a perseguição política que sofria. Menciona a dedicação extrema e o idealismo que movia aquele a quem chama de “líder”. A partir dessas breves colocações, Haya de La Torre inspirou Felipe Tiago – não só no movimento em prol da educação para pessoas carentes, mas também no uso de sua trajetória para levar tal projeto adiante. Para fundamentar o aprismo, seu criador faz uso de passagens da sua trajetória de determinação e dedicação, narrando para Gunther as mazelas por que passou durante seu período no exílio. Nesse sentido, é possível encontrar semelhanças na forma como Felipe Tiago edificou seu projeto para a educação no contexto brasileiro. O próprio Felipe menciona sua admiração pelas ações do político peruano em pronunciamento na Assembleia Legislativa do estado da Bahia (Apêndice A). Na declaração, Haya de La Torre aparece como uma das grandes influências da vida de Felipe. Em 1962, Felipe organiza uma recepção em homenagem ao político e o leva para conhecer a sede da mantenedora educacional no Rio de Janeiro. Na ocasião, Haya de La Torre teria dito que “tal medida deveria ser adotada em todos os países da América Latina e em outras nações do chamado grupo subdesenvolvido”. Informação extraída de publicação do jornal Diário do Paraná do dia 29 de setembro de 1962.

período conhecido como Estado Novo<sup>10</sup> – regime imposto pelo então presidente Getúlio Vargas –, e o mundo passava pela Segunda Guerra Mundial<sup>11</sup>.

O então estudante do curso de Direito da Universidade de Pernambuco (atual UFPE), Felipe Tiago Gomes, ao lado de seus colegas, iniciou um movimento em prol do acesso de estudantes pobres ao curso ginasial.

De porteiro da Casa do Estudante de Pernambuco, passei a trabalhar na Biblioteca da instituição. Um dia, lendo o DRAMA DA AMÉRICA LATINA, de John Gunther, descobri interessante experiência realizada pelo líder peruano Haya de La Torre. Ele criara escolas de alfabetização para os índios, cujos professores eram estudantes, que lecionavam gratuitamente. Levei o fato ao conhecimento de Everardo da Cunha Lima, meu colega de quarto [...]. (GOMES, 1980, p. 13).

Inicialmente, o movimento chamou-se “Campanha para o Ginásio Pobre” (CGP) e tinha por objetivo possibilitar o funcionamento de escolas ginasiais em zonas carentes, que não dispusessem de escolas públicas. A CGP foi divulgada por meio do Boletim da CGP, publicado em fins de agosto de 1943. A publicação era composta por artigos de alguns dos estudantes que geriam a iniciativa: Felipe Tiago Gomes, Alcides Rodrigues de Sena, Carlos Luís de Andrade, Joel Pontes e Genivaldo Wanderley. Nos dias seguintes à publicação do boletim, o grupo de estudantes aproveitou os desfiles escolares e das Forças Armadas em comemoração ao dia da Pátria, 7 de setembro, e distribuiu um panfleto com o seguinte chamado:

MOCIDADE! Sem cultura e sem valores nunca teremos uma grande Pátria. O sangue dos heróis (sic), o título dos mártires, a poeira gloriosa dos combates que vencemos não bastam para que sejamos um grande povo. Ao lado das chaminés fumegantes de nossas fábricas, ao lado do glorioso Exército de Caxias e da Marinha de Tamandaré, ao lado de nosso poderio econômico, devemos colocar a educação de nossa juventude. De moço pobre, sem dinheiro para a matrícula, para a farda e para a compra de livros. De jovem, nosso patrício, que também tem inteligência não tem meios e que tem vontade e não pode. Quer estudar e não tem dinheiro. Formai em nossa fileira. Adotai o nosso lema e dizei conosco: ‘Queremos fundar um ginásio para o moço pobre!’ Sacudi de vosso coração e de vossa alma as cinzas dessa inércia improdutiva e mesquinha e pensai nos sublimes princípios da solidariedade humana. Estirai vossa mão de estudante rico em auxílio do jovem anônimo e inteligente que também deseja, quer estudar. ‘Um ginásio para o pobre!’ – Que seja essa a frase para vós, ó moços, uma oração de todos os dias, uma prece de todas as horas, uma jaculatória de todos os

<sup>10</sup> O Estado Novo (1937-1945), regime imposto por Getúlio Vargas e seus correligionários, constituiu-se como um sistema repressivo e autoritário. Conforme Schwarz e Starling (2015, p. 383), o regime possuía um caráter dúbio: ao mesmo tempo em que mexia com as bases da estrutura trabalhista no Brasil, reconhecendo direitos trabalhistas e sociais da classe operária, restringia as liberdades políticas. Segundo as autoras, o término do regime está atrelado ao fim da Segunda Guerra Mundial, momento em que o clamor por regimes democráticos ganha força.

<sup>11</sup> A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um conflito de impacto global, originado, entre outros fatores, pela ascensão de regimes totalitaristas no contexto da Europa. Além de efeitos imediatos no âmbito político, econômico e social, em longo prazo, o conflito gera processos de transformação da sociedade em relação a paradigmas e concepções de mundo. Para Hobsbawm (1994, p. 24), as Guerras Mundiais provocam a “desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano.”

momentos. Vamos, moço, coragem! Ânimo” No alicerce de nossa Campanha, queremos a pedra de vossa cooperação!

O texto foi assinado pela comissão de estudantes, que tinha como objetivo fazer uso da solenidade para divulgar a iniciativa. Os movimentos iniciais para a edificação da Campanha são narrados por Felipe e seus correligionários em diversas ocasiões, nas quais o caráter mobilizador e engajador do levante é sempre frisado, assim como o papel salvador da educação. Para Felipe, os jovens que compunham a iniciativa “[...] estavam salvos de um afogamento, mas não descansariam enquanto não jogassem cordas suficiente ao salvamento de uma mocidade que se debatia agônica, na lama espessa da ignorância.” (GOMES, 1980, p. 24). Nesse sentido, o acesso a uma escola ginásial gratuita seria o elemento iluminador dessa sociedade e, portanto, viabilizador de desenvolvimento. Além disso, os responsáveis por tal possibilidade seriam os grupos que haviam tido o privilégio de frequentar a escola.

Considerando tais episódios, é possível observar que a vida de Felipe é usada como modelo de superação de barreiras. Em pronunciamentos públicos, periódicos da mantenedora, matérias jornalísticas e narrativas de memória, a saga do menino pobre que deixou o sertão para estudar é retomada, dando ênfase ao que é visto como resultado final dessa trajetória de superação: a construção de uma rede de escolas que se expandiu por todas as regiões do País. O personagem em questão afirmava que:

É necessário que os milhares de jovens alunos ceneceiros conheçam como surgiu a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. As suas lutas, os sacrifícios dos seus fundadores e a abnegação dos seus dirigentes, tudo isto deve constituir-se em motivo de orgulho para os moços que frequentam as nossas escolas. É preciso ainda que o ânimo de combatividade daqueles dias não decaia ao nível das coisas comuns, das acomodações fáceis. (GOMES, 1980, p. 11).

Desse modo, enfatizar as dificuldades do percurso de criação e consolidação da Campanha era visto como uma forma de encorajar o envolvimento em causas nobres como a educação. Para Felipe, que tal narrativa recaia sobre sua pessoa é apenas um reflexo dos fatos:

Espero que a minha contribuição à HISTÓRIA DA CNEC seja encarada pelos leitores como uma narração despreziosa. Não tive intuítos de escrever um grande livro, ou mesmo um pequeno livro. Quis apenas narrar os fatos, muitos dos quais inteiramente ligados à minha pessoa. Daí o personalismo que aparece frequentemente nestas páginas. (GOMES, 1980, p. 11).

Segundo o fundador, narrar sua própria vida seria um compromisso, uma vez que seu exemplo serviria de elemento motivador para os apoiadores e membros da CNEC. Em relação a esse aspecto, Artières (1998) considera que a prática de arquivamento do eu é permeada por

uma *intenção autobiográfica*, em que o indivíduo se constitui a partir daquilo que seleciona para compor sua existência: “[...] fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos sublinhamos, damos destaque a certas passagens.” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

A partir dessas colocações, a tese aqui apresentada se detém sobre Felipe Tiago Gomes. Porém, o estudo não se enquadra naquilo que se poderia chamar de uma “biografia histórica clássica”, dado que não procura narrar aspectos da vida do indivíduo de maneira cronológica, destacando momentos de seu itinerário de vida com base em um amplo *corpus* documental. Mais especificamente, o enfoque da pesquisa está na relação de Felipe Tiago Gomes com a mantenedora de escolas por ele fundada, bem como nas representações e usos desse percurso nas redes em que o personagem esteve inserido ao longo de sua vida. As questões que norteiam o estudo são: **quais as representações produzidas sobre o percurso de vida de Felipe Tiago Gomes? De que forma foram utilizadas para edificar e consolidar a CNEC no cenário educacional? De que forma as redes por onde o personagem circulava se apropriaram de sua trajetória? Quais passagens de sua trajetória são selecionadas para compor sua imagem e memória? Quais as concepções do personagem sobre educação, escolarização e ensino?** Sendo assim, o objetivo geral da tese é analisar as representações sobre o percurso de vida de Felipe Tiago Gomes e sua atuação frente à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC, bem como compreender as apropriações produzidas sobre o fundador e sua trajetória. Os objetivos específicos são:

- a) Identificar e analisar quais passagens da vida de Felipe Tiago Gomes foram selecionadas e utilizadas para sustentar sua atuação frente à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC;
- b) Verificar as redes nas quais o personagem estabeleceu articulações e entender a influência desses espaços na construção da imagem de Felipe Tiago Gomes como figura central na difusão da CNEC, bem como analisar as representações e memórias produzidas sobre o personagem a partir desses grupos;
- c) Problematizar as memórias e as representações que produzem o personagem como *professor* e apresentar as concepções de Felipe Tiago sobre educação, escolarização e ensino.

A partir de tal proposta investigativa, defendo a tese de que **as memórias e as representações construídas a respeito de Felipe Tiago Gomes e sua relação com a**

**Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC, durante e após sua existência, construíram um mito cujos reflexos são utilizados de maneira a elaborar, justificar e publicizar determinadas demandas da Instituição e de membros a ela ligados.**

Para a construção do estudo, foi produzido um vasto acervo documental, construído ao longo dos anos de investigação sobre a instituição CNEC e seu fundador. Esse período compreende os anos dedicados às pesquisas de mestrado e de doutorado (2013-2018). O *corpus* empírico é composto por: narrativas de memória de pessoas próximas a Felipe Tiago e de sujeitos que trabalharam na Rede Cenecista; notícias de jornais; livros sobre a CNEC – de autoria de Felipe Tiago e de outras pessoas ligadas à instituição –; bem como documentos encontrados no memorial construído em homenagem a ele, em sua terra natal: a cidade de Picuí, situada no interior do estado da Paraíba, nordeste do Brasil.

A tese está dividida em quatro capítulos, além desta introdução. No segundo, intitulado “A vida como objeto da História: escolhas teóricas e metodológicas”, trago considerações sobre o gênero biográfico no âmbito da história e apresento os conceitos centrais mobilizados para o desenvolvimento da tese. Em seguida, discorro sobre os procedimentos metodológicos adotados e sobre o material empírico produzido e organizado a partir de tais movimentos.

No capítulo 3, “Felipe Tiago Gomes, CNEC e *cenecismo*: entre memórias e representações”, abordo questões relativas à vida do personagem a partir de Picuí, sua cidade de origem, até a consolidação da CNEC no Rio de Janeiro. Nele, discuto as representações produzidas sobre sua trajetória, bem como usos de determinados episódios para sustentação dos lemas da mantenedora e do próprio personagem como um mito. Assim, no quarto capítulo, “A figura pública: redes, mediações e mitificação”, a partir das apropriações sobre sua existência, abordo o processo de mitificação em torno do fundador e como o ele fazia uso disso para circular e mediar relações entre determinadas redes, com vistas a também administrar demandas da CNEC.

Por fim, em “Educação, escolas e ensino: o que defendia o *professor* Felipe Tiago Gomes”, discuto as memórias que produzem o personagem como um professor, atividade que não exerceu ao longo de sua vida. Em seguida, apresento as concepções e considerações do fundador da CNEC sobre educação, escolas e ensino, apontando para o fato de que, embora tenha seu nome e legado relacionados a educação, o aprofundamento teórico sobre esse tema não foi o enfoque da atuação de Felipe Tiago Gomes frente à mantenedora por ele fundada.

## 2 A VIDA COMO OBJETO DA HISTÓRIA: ESCOLHAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

*Mas a vida não é uma história, e só assume essa forma na medida em que lhe conferimos esse atributo. (RICOEUR, 2007, p. 254).*

O processo de escolher um objeto para pesquisa acadêmica integra a chamada *operação historiográfica*. (CERTEAU, 2017, p. 45). A partir da escolha inicial do historiador, ele passa a ser explorado em suas potencialidades e limitações. Arrisco-me a dizer que, ao escolher a vida como objeto da história, assume-se de imediato a certeza da incompletude diante das inúmeras (im)possibilidades que perpassam o processo de pesquisa, o qual produzirá a biografia histórica. Ao tomar a vida como objeto da história, lida-se com o misto de sentimentos que permeiam a existência de uma pessoa. Esse viés essencialmente humano da pesquisa biográfica torna a operação historiográfica mais desafiadora e rigorosa. Diferentemente de outros objetos passíveis de serem historicizados, uma vida é marcada pelo intangível e imensurável, por ações atreladas a emoções e lugares íntimos do ser. Nesse sentido, ao fazer a aproximação com tais elementos, passamos a atribuir a eles uma inteligibilidade. Esse processo passa então a compor uma forma possível de enxergar a existência do outro a partir de uma narrativa biográfica.

*A priori*, então, a vida não é uma história. Ao torná-la objeto dessa disciplina, concatenam-se fatos; elencam-se elementos; lida-se com outros aspectos que são inalcançáveis; e, a partir deles, compõe-se uma narrativa biográfica, que tem como compromisso o máximo de veracidade. A intenção de verdade é uma constante; no entanto, o objeto ao qual nos referimos já não existe mais. Restaram seus vestígios, suas marcas pessoais, sua herança material, vínculos e laços afetivos. Estes últimos, em alguma medida, podem tornar-se, ao mesmo tempo, o entrave e o mote da pesquisa.

Isso ocorre porque, ao escolher um personagem, é preciso estabelecer um processo de aproximação com os indícios de sua existência, que podem ser de ordem variada: documentos no sentido estrito do termo, como cartas, escritos em diários, textos publicados, fotografias, objetos pessoais e memórias de pessoas próximas. Este último, em especial, é o registro mais desafiador no que diz respeito a motivações e entraves envolvidos. O historiador passa a lidar então com o objeto ausente – a vida que não existe mais – e com as vidas que se dispõem a lembrar daquele que já se foi.

Contar com essas lembranças requer então um processo de negociação com aquele que lembra. Refiro-me aqui não à negociação do contato inicial, ao convite para a entrevista, mas sim ao pacto estabelecido entre o historiador biógrafo e aquele que se coloca à disposição para

lembrar. A lembrança do objeto ausente suscita emoções, sentimentos, interesses e também o indizível, aquilo que não se pode ou não se quer lembrar. Desse modo, cabe ao pacto estabelecido entre as partes respeitar as limitações; e, ao historiador, cabe potencializar a relação com aquele que o aproxima de seu biografado. As questões discutidas até aqui aparecerão em maior ou menor medida nas seções a seguir, em que exploro aspectos que concernem ao gênero biográfico no âmbito da história e apresento os procedimentos metodológicos para a construção do acervo utilizado no estudo.

Nas últimas décadas, o gênero biográfico voltou a ocupar um lugar de prestígio junto à história. Não se trata de um retorno casual, mas do resultado de uma série de mudanças na configuração da disciplina histórica: “[...] a biografia retornou como objeto da história erudita, refletindo sobre a ação humana dotada de sentido, a intencionalidade, a justificação dos atores, os rastros memoriais.” (DOSSE, 2012, p. 140). Pensar a lógica individual em detrimento das lógicas estruturais fez o campo biográfico ganhar amplo espaço junto aos historiadores. Nesse sentido, não se trata mais de entender a vida do biografado como “[...] uma totalidade postulada, mas, ao contrário, questionada em suas tensões, contradições e diversas cidades de pertencas.” (DOSSE, 2012, p. 142). A vida do indivíduo como objeto da história passa então a ser pensada em uma perspectiva não linear e coerente, a partir das suas muitas possibilidades.

A biografia como campo de estudo historiográfico, por um longo período, foi vista como um gênero marginal, cuja construção, por debruçar-se sobre um indivíduo, seria mais simples de se fazer do que uma história que abordasse as estruturas sociais. Loriga (1998) aponta que a discussão entre biografia e história se acentua no século XIX, quando o positivismo contribuiu para a negação do indivíduo e de suas dimensões: “[...] a definição da história como ciência dos fatos sociais relegava a segundo plano ‘a observação das consciências individuais’.” (p. 231). Essa abordagem da “história sem sujeito” (LORIGA, 2011), ou seja, de abordagens que não recaem sobre os seres humanos, permeou o campo da história por muito tempo. Nesse caso, as ações do indivíduo eram menosprezadas, de modo que não eram vistas como constituidoras da totalidade social.

Ao refletir sobre as concepções de biografia, Dosse (2015) define três possíveis fases para o gênero: a primeira seria a da “idade heroica”, em que a escrita biográfica era impregnada de valores e modelos a serem seguidos pelas gerações futuras; a segunda seria a da “biografia modal”, em que a vida do indivíduo serviria apenas para ilustrar o coletivo; a terceira, por fim, seria a fase atual, a qual chama de “idade hermenêutica”, em que a escrita biográfica é permeada por influências de outras áreas de conhecimento e, portanto, é aberta a experimentações. Essas

características demonstram que o gênero biográfico acompanhou as transformações pelas quais a historiografia passou:

[...] a biografia participa assim da reviravolta interpretativa adotada pelos trabalhos históricos atuais e atesta a necessidade de não se deixar encerrar na falsa alternativa entre uma cientificidade que remeteria a um esquema monocausal organizador e uma deriva esteticizante. (DOSSE, 2015, p. 409).

A biografia histórica, não sendo concebida como campo do conhecimento que apresenta modelos a serem seguidos e sem cultuar vultos com passados gloriosos, permite transcender esquemas mecânicos e pensar sobre a singularidade do indivíduo diante da complexidade da realidade. (DOSSE, 2015, p. 407). Nessa concepção, a trajetória histórica de um indivíduo não é um fluxo contínuo; é sim permeada por várias articulações, as quais não possuem dimensões superiores umas às outras. Tais considerações não podem ser tomadas como definições para a biografia, pois, como apontam Loriga (2011) e Dosse (2015), não é possível estabelecer *a priori* uma elucidação para o seu entendimento.

Desse modo, a vida do personagem é pensada não em sua linearidade e cronologia, mas de modo a entender como ações individuais compõem, formam e transformam um contexto macro. Nesse sentido, quanto ao propósito desta investigação, não se tem a pretensão de criar uma visão única e determinista sobre o objeto de estudo, produzindo uma “versão final” para a trajetória de Felipe Tiago Gomes. Trata-se de entender a lógica individual como constituinte do sistema social, de modo que este é o “[...] resultado da ação de indivíduos em suas relações com outros indivíduos.” (AVELAR, 2012, p. 74). Como coloca Loriga (2011), “[...] o indivíduo é principalmente considerado como uma relação do eu com a história [...] uma totalidade aberta, sociável, que não está isolada e se alimenta de relações.” (LORIGA, 2011, p. 128-129). Considerando tal aspecto, não se trata de excluir a singularidade do indivíduo, pois, “[...] embora estando profundamente, intimamente, impregnado pelos outros e pelo mundo natural que o cerca, o ser humano não vive em virtude das estimulações exteriores.” (LORIGA, 2011 p. 130). Em suma, trata-se de pensar o indivíduo como produto e produtor da realidade.

Nos capítulos a seguir, procuro abordar aspectos da vida de Felipe Tiago em sua articulação com o meio social, tendo em vista que o elemento intermediário entre ambas as dimensões é a expansão do acesso a escolas no País. A partir da segunda metade da década de 1940, o cenário educacional do Brasil passa a ser atravessado por uma mantenedora educacional surgida da iniciativa de um indivíduo que, ao dar início a esse processo, favorece a formação de redes de articulações e jogos de interesse entre diferentes grupos sociais – personagens

políticos, instituições e seus representantes – em torno da questão educacional brasileira. Conforme Schmidt (2017),

[...] não se trata, pois, de colocar em relação dois planos independentes entre si, o individual e o social, tomados como entidades prontas e acabadas, mas de perceber suas tensões, interações e ajustes mútuos. Afinal, os indivíduos só se constituem como tais a partir de múltiplas mediações sociais e, da mesma forma, a sociedade resulta de variadas e contraditórias relações entre indivíduos; mediações e relações essas sempre em transformação e que pressupõem um relativo grau de indeterminação. (SCHMIDT, 2017, p. 21).

Para isso, foi composto um acervo documental, apresentado a seguir, com fontes de diferentes segmentos, as quais são entendidas como *documentos-monumentos* (LE GOFF, 2013) – ou seja, como elementos que resultam de um processo (in)voluntário de produzir versões da realidade. A análise do acervo produzido ampara-se, basicamente, nos conceitos de *memória*, *apropriação* e *representação*, os quais são discutidos a seguir. No decorrer dos capítulos, conforme os desdobramentos das discussões feitas a partir desses conceitos, são apresentados outros que amparam o tópico abordado.

Em uma concepção comum, a memória é o processo pelo qual o indivíduo lembra de fatos passados. No entanto, ao utilizar a memória como uma ferramenta conceitual, é preciso entendê-la como um fenômeno complexo, e não apenas como uma apresentação sistemática e mecânica dos eventos que já se passaram. Em sua multidimensionalidade, a memória é a construção do presente sobre o passado; envolve diversos aspectos; “[...] é um processo ativo, dinâmico, complexo, interativo.” (BARROS, 2011, p. 319).

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado, e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 47).

Complementando tal aspecto, Halbwachs (1990) afirma que não existem memórias individuais. A memória é sempre coletiva, mesmo quando as lembranças partem de um só sujeito – “[...] isto porque mesmo o indivíduo que se empenha em reconstituir e reorganizar suas lembranças irá inevitavelmente recorrer às lembranças dos outros.” (BARROS 2011, p. 322). Desse modo, “[...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.” (BOSI, 1994, p. 54). Entende-se então que a memória é sempre fruto de uma produção coletiva, pois o processo de

reconstrução da lembrança dar-se-á na relação do sujeito com seu grupo social. Assim, as lembranças sobre o fato virão atravessadas pelas reações, impressões e emoções que este poderia causar ao meio social em que vive o sujeito que o rememora: “Nossas memórias são formadas de episódios e sensações que vivemos e que outros viveram.” (AMADO, 1995, p. 132). Esse fenômeno inerente ao ato de lembrar é bastante visível nas narrativas de meus entrevistados, de modo que as apropriações e representações por eles elaboradas são frutos dessa dinâmica.

Izquierdo (2002, p. 9) diz que somos aquilo que recordamos e o que resolvemos esquecer. Ao colocar a memória em prática, muitas vezes inconscientemente, selecionamos os fatos que queremos omitir – as más lembranças, os insucessos. Isso não significa que tenhamos esquecido os acontecimentos por completo, mas sim que dificultamos o acesso a essas memórias; criamos barreiras a tais lembranças. Ao evocar o passado, as emoções dos fatos anteriormente vividos muitas vezes provocam tal processo de silenciamento. A exemplo disso, nas narrativas produzidas e analisadas neste estudo, é possível identificar a linearidade com que alguns episódios são contados – as arestas são polidas, e as contradições, conciliadas.

Para Amado (1995), é preciso fazer distinção entre o vivido e o recordado, “[...] entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou” (p. 131). Sendo assim, é preciso ser rigoroso ao lidar com essas memórias. Em outras palavras, é necessário compreender que, cada vez que rememora o fato vivido, o sujeito atribui-lhe sentido e significado diferentes:

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro, isto é: dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo. (AMADO, 1995, p. 132).

Pelas memórias, o sujeito que lembra é preservado do esquecimento. Ao rememorar o passado, reconstrói suas vivências e experiências; atribui sentidos e significados aos episódios vividos. Em tal processo, como são gestadas no espaço e no tempo em que os indivíduos se situam, as memórias sofrem mudanças e alterações. Ao rememorem eventos passados, os indivíduos que lembram falam não só da experiência vivida, mas compõem-se e recompõem-se a si mesmos. Nesse sentido, ao falarem sobre suas vivências na CNEC, no âmbito deste trabalho, as pessoas falam sobre si enquanto sujeitos do presente que se constroem a partir do passado. Como afirma Chauí,

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo). (CHAUI, 1997, p. 142).

Na perspectiva da História Cultural (BURKE, 2005), entende-se que as memórias que emergem nas narrativas dos indivíduos são representações do passado, fragmentos atravessados por esquecimentos e silenciamentos; são “[...] esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.” (CHARTIER, 1990, p. 17). Desse modo, a representação não é a realidade, mas sim aquilo que cada indivíduo interpreta sobre a realidade vivida:

[...] tal como a entendo, a noção de representação não está longe do real nem do social. Ela ajuda os historiadores a desfazerem-se de sua “muito pobre ideia do real”, como escreveu Foucault, colocando o centro na força das representações, sejam interiorizadas ou objetivadas. As representações possuem energia própria e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é. (CHARTIER, 2011, p. 23).

As representações são então uma construção do mundo social permeada por movimentos de adesão ou rechaço, de modo que são resultantes de um processo que Chartier chama de apropriação: “[...] esquemas de percepção e juízo que são as matrizes das maneiras de dizer e fazer” (2011, p. 16). Desta forma, o processo de apropriação é produtor de sentidos, e cada sujeito o elabora de diferentes formas: “[...] os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler”. (CHARTIER, 2009, p. 77). A partir da perspectiva desses conceitos é que analiso todo o material empírico por mim angariado e organizado.

A documentação utilizada para a construção do estudo foi produzida ao longo de minha trajetória acadêmica, em nível de mestrado e doutorado. Nesse período, fiz alguns deslocamentos que possibilitaram a formação de um acervo diverso para tratar da vida de Felipe Tiago Gomes. Parte dos documentos utilizados foi adquirida através de sebos virtuais que dispunham de livros de autoria do biografado sobre a rede cenecista. Os demais documentos foram produzidos e/ou selecionados em uma saída de estudo à cidade de Picuí, terra natal de Felipe Tiago, e a Brasília, cidade onde reside seu sobrinho Valdemiro Severiano de Maria.

Mais especificamente, parte do acervo deste estudo é composta por livros sobre a Campanha, alguns de autoria do fundador e de outros de membros da CNEC, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Relação dos livros utilizados como fontes

<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Ano da edição</b>
História da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos - CNEG.	Felipe Tiago Gomes	1965
História da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC.	Felipe Tiago Gomes	1980
CNEC: a força de um ideal	Felipe Tiago Gomes	1986
Educação comunitária: enfoque cenecista	Maria de Lourdes Henriques	1985
O compromisso cenecista- reflexões de um fundador.	José Rafael de Menezes	([19--?])
Coletânea Cenecista – Volume III	Vários autores <sup>12</sup>	1994

Fonte: Elaborado pela autora.

Os livros de autoria de Felipe, aqui usados como documentos, são, em parte, escritos autobiográficos – uma espécie de conjunto de *egodocumentos*, ou seja, “[...] aquellos textos en los que el yo encuentra refugio y se convierte en elemento de referencia.” (VIÑAO, 2000, p. 11). No entanto, embora o elemento referência das obras seja a sua história de vida, os escritos de Felipe não são de cunho íntimo; ou seja, não se trata de correspondências, diários ou agendas. Esses escritos foram produzidos para vir a público e, em alguma medida, firmar a trajetória do fundador e da instituição. Assim, os escritos que chamo de autobiográficos podem ser entendidos na perspectiva de Pazos (2002), que afirma:

Estos escritos autobiográficos no nos ofrecen necesariamente elementos ordenados cronológicamente, sino imágenes compuestas por datos y sensaciones con una relevancia especial para los narradores, aunque su contenido no debe ser visto como un conjunto de experiencias aisladas, azarosas y arbitrarias. Muy al contrario, configuran un retrato coherente con significado personal, en el que los narradores, con la perspectiva que da el presente, reinterpretan su vida como un retrato de conjunto, holístico, ofreciéndonos lo que consideran relevante en una etapa de su biografía. (p. 117).

Os registros autobiográficos de Felipe Tiago são representações produzidas pelo autor sobre o passado, permeadas por intencionalidades e silenciamentos. Tais representações aqui são

<sup>12</sup> A CNEC, por meio de sua editora, lançou coletâneas com livros e artigos sobre a história da mantenedora. A intenção é compor uma história oficial para a instituição, como é possível ver no prefácio da obra: “A Bíblia do Cenecismo acaba de ser editada!”. Esse volume é o último da coleção e está dividido em duas partes: a primeira é composta pela dissertação de mestrado de Ivanildo Coelho de Hollanda, intitulada “CNEC – Um estudo Histórico”, finalizada no ano de 1981. A segunda parte traz na íntegra um livro desenvolvido por Sebastião Garcia, “O Predestinado”. A obra foi lançada originalmente em meados da década de 1970 e foi reeditada para compor a coletânea. Nessa edição, foram acrescentados artigos de outros autores, inclusive do próprio Felipe Tiago, que analisarei no decorrer dos capítulos desta tese. Desse modo, explicitarei o nome dos textos e seus respectivos autores junto às referências do estudo. Essa coletânea me foi concedida pelo senhor Sebastião Garcia, após a entrevista que realizei com ele no ano de 2017.

tomadas como documentos que irão compor a narrativa biográfica. Desse modo, elas irão compor aquilo que Ricoeur chama de *representância*, que integra o compromisso do trabalho do historiador e o pacto estabelecido para com o seu leitor, pois “[...] o autor e o leitor de um texto histórico convencionam que se tratará de situações, acontecimentos, encadeamentos, personagens que existiram realmente anteriormente [...].” (RICOEUR, 2007, p. 289). Assim, os episódios, fatos e eventos narrados nas obras do fundador aparecem em suas falas em diversos momentos e espaços, ao longo de sua trajetória frente à mantenedora. Trata-se dos elementos por ele selecionados para compor a sua vida, a sua imagem. Nesse âmbito, um dos desafios que surgiram ao pesquisar esse personagem foi encontrar dados que não estivessem diretamente ligados à sua figura pública, que fornecessem vestígios sobre sua vida particular, cotidiana. Não que a intenção do estudo seja desvendar segredos do personagem ou algo do gênero, mas contar com vestígios pessoais é de extrema importância para a discussão proposta.

Quanto aos deslocamentos, o primeiro foi feito para a produção de um acervo de dados – o destino foi a cidade natal do personagem central do estudo. Mais especificamente, estive em Picuí para visitar o “Memorial Felipe Tiago Gomes”, organizado por Valdemiro Severiano de Maria, seu sobrinho. Na Fotografia 1, vemos um aspecto da fachada do local, que funciona em uma casa de dois andares situada na região central da cidade. O espaço dedicado ao fundador da CNEC situa-se na casa que pertencera aos pais de Felipe e que ele, em vida, doou à mantenedora educacional. Para criar o espaço, Valdemiro Severiano precisou readquirir o prédio junto à instituição.

Fotografia 1 - Fachada do Memorial Felipe Tiago Gomes em Picuí/PB



Fonte: Acervo da autora.

O idealizador do memorial pode ser entendido como uma espécie de *guardião da memória* (GOMES, 1996) de seu tio, isto é, alguém que se apropria da incumbência de manter e celebrar a memória de outra pessoa – e, em alguma medida, dela própria e de sua família. A partir da aquisição da casa, o sobrinho passou a angariar materiais para a composição do memorial de diferentes formas, como fabricação de réplicas de objetos que estão em posse da CNEC, busca por jornais e revistas na internet, além da organização das placas em homenagem ao fundador da Campanha e um vasto acervo fotográfico. O espaço, que está em funcionamento desde 2010, inicialmente funcionava todos os dias na parte da manhã. Atualmente, está aberto à comunidade nas quartas-feiras e sábados pela manhã. O sobrinho de Felipe se dedica ao espaço constantemente, mesmo morando em uma cidade distante. Para a manutenção do local, conta com o apoio da prefeitura. O objetivo é que o memorial atinja o número de 25 mil visitantes até o fim do ano de 2018.

Os materiais escritos encontrados no espaço foram digitalizados e são apresentados no Quadro 2. Parte do acervo de placas e medalhas dadas ao fundador da Campanha foram sistematizadas e compiladas (Apêndice D); e as fotografias foram digitalizadas de acordo com a qualidade e possibilidade de registro. Em menor medida, elas também são usadas nos capítulos a seguir.

Quadro 2 - Relação de documentos angariados a partir do acervo do memorial

(continua)

<b>Documento</b>	<b>Tipo</b>	<b>Data</b>
CNEC em Revista	Periódico da mantenedora	Setembro de 1997
O Cenecista	Periódico da mantenedora	Abril 1998
CNEC em Revista	Periódico da mantenedora	Dezembro de 1997
CNEC em Revista	Periódico da mantenedora	Edição comemorativa pelos 40 anos da instituição (1983).
Livro “Silvino de Macêdo, herói picuiense” <sup>13</sup>	Livro de autoria de Felipe Tiago Gomes	1984

<sup>13</sup> Esta obra consiste em uma compilação de textos publicados no *Jornal Pequeno* de Recife, no ano de 1941. Felipe travou um debate com um jornalista chamado Mario Mello, em que ambos discutiam a naturalidade de Silvino de Macêdo, sargento do exército brasileiro de fins do século XIX. O personagem em questão foi fuzilado em 1894, por se opor ao governo do Marechal Floriano Peixoto. Ele teria se entregado à condenação sem resistência e dado as vozes de comando para sua execução. O jornalista defendia que este era pernambucano, enquanto Felipe dizia que ele era seu conterrâneo, nascido em Picuí/PB. A discussão contou com algumas trocas de farpas entre os interlocutores. No livro publicado décadas após o debate original, além dos artigos do jornal, são celebradas a dedicação e o compromisso de Felipe em provar que o personagem era de fato paraibano. O episódio é lembrado pelo sobrinho em diferentes momentos e também por algumas pessoas que conheci em minha estada em Picuí. O fato é rememorado para caracterizar a preocupação de Felipe com sua terra natal e frisar seu poder de persuasão em torno de uma causa.

(conclusão)

Documento	Tipo	Data
Pasta de arquivos	Pasta com compilação de correspondências oficiais de Felipe	-

Fonte: Elaborado pela autora.

As fotografias 2 e 3 demonstram o feitiço da organização e evidenciam algumas intencionalidades a respeito daquilo que se quer guardar e lembrar sobre o personagem central deste estudo. Como se pode ver, a presença das estátuas dos santos evidencia a preocupação em frisar a religiosidade e a devoção de Felipe Tiago e de sua irmã Maria Gomes, pessoa que o acompanhou ao longo de toda sua vida. Todo o acervo foi arrecadado por meio do esforço de Valdemiro Severiano e de pessoas próximas. A professora Lourdes Henriques, uma de minhas entrevistadas, contribuiu para a organização e a disposição do material do acervo.

Fotografia 2 - Retrato de corpo inteiro do homenageado



Fotografia 3 - Santa Luzia e São Francisco, santos de devoção dos irmãos Maria e Felipe



Fonte: Acervo da autora.

Anualmente, Dr. Miro, como gosta de ser chamado, procura promover eventos e atividades que possibilitem dar visibilidade ao espaço. Um deles aconteceu no ano de 2011,

quando o sobrinho promoveu um evento em torno da remoção dos restos mortais de Felipe Tiago e Maria Gomes de Brasília para a cidade natal dos irmãos. Até então, Felipe estava enterrado no cemitério Campo da Esperança, em Brasília. Quando o memorial entrou em funcionamento, Dr. Miro fez uma espécie de votação em Picuí, pedindo que os moradores opinassem sobre o traslado dos restos mortais dos tios. O resultado foi positivo, e uma cerimônia de solenidade foi feita para receber as urnas funerárias, que foram depositadas junto ao monumento popularmente chamado de *Memorial Estátua*.

Esse local foi construído na gestão de Buba Germano (2005-2011)<sup>14</sup>, um dos *escolhidos*<sup>15</sup> de Felipe Tiago. Durante seu mandato como prefeito, Buba se encarregou de comprar os prédios pertencentes à CNEC e os colocou à disposição da administração municipal. Para ele e seus conterrâneos, essa é uma forma de reconhecer as benesses de Felipe para com o município.

*“[...] nós tivemos a sorte também de ter a eleição do Buba em 2005, como ele tinha uma ligação muito grande com a CNEC, pelo fato da proximidade que ele tinha com professor Felipe, ter participado dessa obra... Então, ele para não deixar, porque com a morte de Dr. Felipe, Brasília tinha o comando de todo o patrimônio da CNEC... a gente começou a ver eles vendendo o patrimônio da CNEC e ele teve a feliz iniciativa de...comprou o estádio de futebol, comprou a escola Ana Maria Gomes, comprou o ginásio e comprou o auditório e esse prédio aqui [em que a entrevista acontecia] que é onde funciona hoje a estrutura administrativa da prefeitura. Então, preservou né, preservou o patrimônio e aí mérito dele, o Miro fez o Memorial e ele transformou, você viu aí, a estátua. Aproveitou todos os recursos naturais, apenas fez um acesso, uma escada com parapeito e fez uma homenagem a Dr. Felipe, uma justíssima homenagem, colocando ali em cima no que a gente chama de caixa d'água essa estátua do Dr. Felipe”. (Acácio Dantas, entrevista, 2016).*

A estátua foi produzida por um artista local e inaugurada em maio de 2010. Segundo informações obtidas na cidade, trata-se da maior estátua de uma pessoa não santificada existente no Brasil<sup>16</sup>. O espaço fica em frente à escola municipal Ana Maria Gomes – que leva esse nome em homenagem à mãe de Felipe Tiago e anteriormente pertencera à CNEC. A manutenção da

<sup>14</sup> Rubens Germano (Partido Socialista Brasileiro/PSB) é formado em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sua entrada na vida política se deu através do apadrinhamento de Felipe Tiago. Inicialmente, na década de 1980, executou o cargo de coordenador no projeto “Escolas Fazenda” da CNEC, que visava a dar formação para os pequenos agricultores locais. Posteriormente, com o apoio daquele que pode ser considerado seu mentor, Buba se tornou vice-prefeito de Picuí (1992-1996). Atualmente é deputado estadual pelo estado da Paraíba.

<sup>15</sup> Para Acácio Dantas, “o professor, ele tinha esse olhar... como se diz, é o olho clínico para escolher pessoas” (Acácio Dantas, entrevista, 2016). Desse modo, uso o termo *escolhidos* para me referir aqueles que foram convidados por Felipe para exercer alguma atividade junto à CNEC.

<sup>16</sup> Conforme informações extraídas de <<http://www.clickpicui.com.br/2016/10/em-picui-memorial-estatua-felipe-tiago.html>>, a estátua mede 8 metros de altura. Acesso em: 03 abr. 2017.

estrutura é feita pela prefeitura municipal. Como se pode ver nas fotografias 4 e 5, a construção fica em um promontório, que possibilita uma vista panorâmica do município. De frente para antiga escola cenicista, a reprodução da imagem de Felipe acena para a cidade. Essa comunidade de memória (BORNE, 1998), ou seja, grupo que partilha de um patrimônio, uma cultura, “um sistema de imagens, referências e valores” (p. 139), esforça-se em manter o que consideram a obra e o legado de Felipe Tiago acessível e visível aos seus conterrâneos.

Fotografia 4 - Estátua de Felipe Tiago  
Gomes



Fotografia 5 - Promontório onde se localiza a  
estátua



Fonte: Acervo da autora.

Em minha estadia em Picuí e ao longo da produção dos documentos aqui utilizados, foi possível perceber que há diferentes motivações envolvidas nos usos da memória do *filho ilustre* da cidade. Além do sentimento de gratidão e reconhecimento, as memórias em torno de Felipe contribuem com a formação e o fortalecimento do sentimento de pertença e de laços para com a

cidade em si. Desse modo, constitui-se como uma forma de fortalecimento identitário<sup>17</sup>, pois o ato de lembrar e homenagear aquele que deixou tamanha herança instiga o orgulho e o apego pela localidade – elementos que, em meio a um contexto de clima árido e recursos hídricos escassos<sup>18</sup>, fazem-se necessários para reforçar os vínculos dos habitantes para com o município.

Faço essas colocações para situar o processo de produção de dados e também para, em alguma medida, refletir sobre as descobertas que me fizeram optar por abordar determinados aspectos da trajetória de Felipe Tiago em detrimento de outros. Nesse sentido, como aponta Schimdt (2017), em um estudo de cunho biográfico, a História Oral viabiliza explorar outras facetas do indivíduo objeto da tese, pois é uma metodologia que possibilita ampliar “[...] as possibilidades de interpretação do passado.” (ALBERTI, 2015). Por meio da visita à sua cidade natal e das entrevistas realizadas, foi possível conhecer outros pontos de vista sobre o personagem e assim pensá-lo enquanto objeto de pesquisa a partir de outros ângulos. Não que a intenção seja desvendar elementos de sua vida particular, ou trazer à tona questões de foro íntimo. Mas, sendo a biografia histórica uma perspectiva que entende o indivíduo como ser multifacetado, estudá-lo por diferentes fontes talvez seja uma possibilidade de fugir da lógica evolutiva e linear.

No Quadro 3, apresento a relação das pessoas por mim entrevistadas ao longo dos anos de pesquisa. Em seguida, traço um breve perfil dos entrevistados que compartilharam comigo suas narrativas de memória.

Quadro 3 - Relação dos entrevistados

(continua)

Nome	Idade	Formação	Vínculo com Felipe Tiago Gomes e a CNEC	Local da entrevista	Tempo de entrevista	Páginas Transcritas
Acácio Araújo Dantas	53 anos	Engenharia de Minas – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Convidado por Felipe Tiago para coordenar estudos e projetos na área da mineração em Picuí.	Prefeitura de Picuí/PB.	50 min	15

<sup>17</sup> Conforme Hall (1999), a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente”. (p. 13).

<sup>18</sup> O município de Picuí situa-se no sertão paraibano, a 240 km da capital João Pessoa, via BR 230. O município faz divisa com o Rio Grande do Norte, e a distância entre Picuí e Natal/RN é de 177 km. Pelo que foi possível observar, o município de Campina Grande/PB é a metrópole de referência para os moradores de Picuí. O bioma predominante da região é a Caatinga, caracterizado por índices pluviométricos extremamente baixos. Em função disso, o cenário local é marcado pela falta de água e por todas as limitações provenientes desse fator. Atualmente, o município possui 18.737 habitantes, que vivem de pequenas propriedades agropecuárias que resistem em meio à seca e das atividades do setor terciário. O IDH do município é de 0,608, segundo dados do IBGE ([2017?]).

(conclusão)

Nome	Idade	Formação	Vínculo com Felipe Tiago Gomes e a CNEC	Local da entrevista	Tempo de entrevista	Páginas Transcritas
Maria de Lourdes Henriques	79 anos	Pedagogia (UFPB) Mestrado em Educação (UNB) Doutorado em Filosofia e Ciências da Educação (Universidad Nacional de Educación a distancia - Espanha)	Prima de Felipe Tiago (filha de um primo de Felipe). Tornou-se assessora pedagógica da CNEC em 1973. Foi responsável por formações da rede cenequista nas escolas de todo o Brasil.	Sua residência, em João Pessoa /PB.	1h40min	26
Sebastião Garcia de Sousa	+ de 70 anos	Administração e Direito	Representante da CNEC em Brasília (contatos nos Ministérios e Congresso Nacional) e secretário de Felipe Tiago. Cargo exercido por 33 anos.	Local de trabalho em Brasília/DF	57min	26
Maria da Guia Lima Cruz	73 anos	Pedagogia (Universidade Católica de Brasília/UCB)	Coordenadora de Projetos	Sede da CNEC em Brasília/DF	1h13min	31
Valdemiro Severiano de Maria	63 anos	Direito	Setor jurídico (entre outras funções). Cargo exercido por 21 anos.	Espaço público em Brasília/DF	1h45min	36

Fonte: Elaborado pela autora.

O então prefeito de Picuí, Acácio Dantas (PSB/PB), foi um dos *escolhidos* de Felipe, tendo sido convidado, logo após formar-se em Engenharia de Minas, para coordenar o projeto em torno do desenvolvimento da mineração no município, sendo este vinculado a outro mais amplo, o Fundo do Desenvolvimento de Picuí/FUNDEPI. A vida política de Acácio iniciou por meio do apoio e intermédio de Felipe Tiago, que o incentivava a se inserir no cenário político local: “*Eu entrei na política justamente por conta que ele, como eu fazia parte da CNEC, então ele incentivou a minha candidatura a vereador, fui vereador em 1989. Fui eleito, o terceiro mais votado, justamente por essa estrutura que a CNEC tinha...*” (Acácio Dantas, entrevista, 2016). Ao fazer tal escolha e apadrinhamento, Felipe intencionava reforçar os laços entre a CNEC e o poder público, de maneira a viabilizar os projetos da instituição no meio político: “[...] *ele chegava para mim e eu já vereador, ‘olhe, você vai ser, vamos trabalhar para ser prefeito...’ isso para mim era estranho demais! Puxa vida, 25 anos...*” (Acácio Dantas, entrevista, 2016). Ele não seguiu a vontade de Felipe de imediato: encerrou seu mandato como

vereador de Picuí e, somente anos mais tarde, após a morte do fundador da CNEC, retornou à vida pública, assumindo o cargo planejado por seu mentor.

Desse modo, as memórias de Acácio são atravessadas por um misto de sentimentos em relação a Felipe, sobretudo o de admiração, que cristaliza a memória acerca do personagem, caracterizando-o como “[...] *uma pessoa que vivia realmente como um idealista, como visionário, como uma pessoa que queria fazer o bem, é abnegado como se diz, pessoa abnegada, desinteressada que queria só promover o bem*”. Acácio reside em Picuí e atualmente está afastado da vida política.

No caso da professora Maria de Lourdes Henriques, a relação com Felipe Tiago é ainda mais íntima e de maior tempo de convivência. O avô da professora era irmão de Ana Maria Gomes, mãe de Felipe. Além de ter laços de sangue com ele, Lourdes Henriques atuou muitos anos junto à CNEC em diferentes funções; logo, seu contato com o fundador se deu por muito tempo, em distintas situações. Em função do parentesco, Felipe Tiago frequentava a casa da professora, e é possível perceber que os vínculos familiares são significativos nas lembranças dela. Atualmente, Lourdes Henriques é professora aposentada da UFPB. Reside em João Pessoa, mas vai constantemente a Picuí, onde vive boa parte de sua família. Ela é solteira e, assim como Felipe, não teve filhos, dedicando-se integralmente à profissão. É autora de livros alusivos à CNEC e sobre sua própria trajetória<sup>19</sup>. Mantém em Picuí um espaço que chama de Memória Viva<sup>20</sup>, que consiste em uma galeria com seus diplomas, fotografias e alguns pertences pessoais.

Sebastião Garcia, ex-aluno cenecista, ingressou na CNEC em 1966. Através de um amigo, conheceu Felipe Tiago, que o convidou para trabalhar na Campanha. Segundo conta, naquele momento, ele queria uma oportunidade de se estabelecer no Rio de Janeiro; e ingressar na CNEC possibilitava a mudança de Caratinga/MG para o Rio. O teste para ingresso na mantenedora se deu a partir da leitura do livro “História da CNEC”, de Felipe Tiago. Em suas memórias, o episódio é resumido da seguinte forma:

*“- ‘Você vai fazer um teste aqui, eu vou te dar esse livro, é meu livro, é a história da CNEC, mais um envolvimento emocional’. Ele (Felipe) falou: - ‘Você tem uma semana pra ler esse livro e depois você vai fazer um teste aqui de dissertação’ [...] Fiz o teste na frente dele. Eu escrevi “Da semente ao fruto delicioso” e descrevi nesse texto a trajetória também, um resumo do que eu percebi da história, do*

<sup>19</sup> Refiro-me às obras “CNEC/Picuí-PB - 25anos” de 1986 e “História de Vida – 45 anos educando”.

<sup>20</sup> O espaço denominado “Memória Viva Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Henriques” está instalado nas dependências do Instituto Divino Espírito Santo (IDES), localizado em Picuí/PB. Foi inaugurado no ano de 2007, em comemoração aos seus 50 anos de docência. O acervo é composto por livros, placas e homenagens recebidas por ela ao longo da sua trajetória. A iniciativa para a construção do local partiu da própria professora.

*trabalho. Aí ele se encantou com o trabalho: - 'Não, você já é cenecista, vai trabalhar aqui!'. ” (Sebastião Garcia, entrevista, 2017).*

Ao longo dos anos de trabalho na CNEC, Sebastião acompanhou o fundador da entidade em diversas atividades ao redor do Brasil, construindo assim um laço de amizade e dedicação. Na década de 1970, Garcia foi a Picuí conhecer e entrevistar pessoas próximas a Felipe e, como resultado dessa incursão, escreveu o livro “O Predestinado”, que integra a Coletânea Cenecista e me foi cedido para compor o acervo desta pesquisa. Segundo ele, o título do livro provém de um programa da Rádio Nacional<sup>21</sup> do Rio de Janeiro, que, ao apresentar a história de Felipe, batizou a produção com a referida alcunha. Suas memórias são permeadas por uma espécie de devoção ao fundador da Campanha, que, segundo ele, “[...] *tinha o mundo na palma da mão.*” (Sebastião Garcia, entrevista, 2017). Atualmente Sebastião, reside em Brasília e trabalha como superintendente da Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino - CONFENEN.

Maria da Guia conheceu a CNEC como aluna do ensino ginásial na cidade de Codó, no Maranhão. A escola possuía convênio com o Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra (PIPMO<sup>22</sup>), através do qual fez cursos profissionalizantes de secretariado e datilografia:

*“Eu fui, na minha cidade, a primeira secretária com registro no Ministério da Educação, entende? Bom, então a família foi estudar no ginásio da CNEC. Eu digo assim, a minha família é filha da filantropia cenecista, se não fosse a CNEC eu e mais ou menos 60% do estudante cenecista do Brasil, não teríamos continuado os estudos, entende? O Brasil teria perdido mais uma vez, não digo só com o meu caso, mas teria perdido mais uma vez a grande oportunidade de buscar tantas inteligências.” (Maria da Guia, entrevista, 2017).*

As memórias da professora são constituídas pelos sentimentos de admiração e gratidão. Nelas, Felipe aparece como benfeitor, a personalidade que viabilizou a ela e à família avançar pessoal e profissionalmente: “[...] *então a gente tem não é um carinho, a gente tem uma devoção, entende?*” (Maria da Guia, entrevista, 2017). Seu ingresso na CNEC se deu através do Almirante Benjamin Sodré. Na mantenedora, ela coordenou projetos sociais na escola da Ceilândia/DF e, posteriormente, vinculou-se à rede pública de educação de Brasília, mas continuou ligada à CNEC como conselheira. Após sua aposentadoria da docência, foi deputada

<sup>21</sup> O periódico “O Jornal”, de 16 de dezembro de 1951 (p. 2), noticia a homenagem que o programa “Honra ao Mérito” da Rádio Nacional fez a Felipe, “emérito educador patricio”. Na ocasião, foram concedidos a ele uma medalha de ouro e um diploma de honra ao mérito.

<sup>22</sup> O PIPMO foi instituído por meio do decreto 70.882, de 27 de julho de 1972, e tinha por objetivo “promover habilitações profissionais a nível de 2º grau e a qualificação e treinamento de adolescentes e adultos em ocupações para os diversos setores econômicos”. Texto extraído de: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-70882-27-julho-1972-419201-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

distrital entre os anos de 2003 e 2006, pela coligação entre o Partido Republicano Progressista (PRP) e o Partido Social Democrático (PSD). A professora não se candidatou novamente, mas permanece prestando serviços de assessoria em gabinetes de parlamentares e é filiada ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

O sobrinho de Felipe Tiago, Valdemiro Severiano de Maria, foi o mediador de todas as entrevistas realizadas e, por escolha própria, o último sujeito a ser entrevistado. Ele é filho de José Severiano Maria, irmão mais velho de Felipe e fruto do primeiro casamento de Ana Maria Gomes. Dr. Miro esteve vinculado à CNEC por 21 anos, tendo exercido diferentes funções. Trabalhava vendendo doces em Picuí quando foi convidado por Felipe para ir a Brasília trabalhar na CNEC. Iniciou exercendo a função de *office boy*. Posteriormente, formou-se em Direito e passou a atuar nesse ramo pela entidade. Atualmente, trabalha no Ministério do Planejamento e é uma espécie de guardião da memória de Felipe, compromisso que assumiu com a intenção de garantir o acesso à trajetória do seu tio e mentor.

*“E por que o memorial? Dentro desse espírito, dessa consciência de gratidão, eu achei por bem de quando botaram às casas, que eram dos meus avós, que era dele (Felipe) e de tia Maria, eram as duas casas, à venda eu cheguei a me posicionar que eu era interessado e evoluiu numa gastrite porque até sair a decisão, porque não era preocupação patrimonial, era preocupação de segurar a história da família, a história de Felipe Tiago Gomes, história de tia Maria com meu pai, dos meus filhos.”* (Valdemiro Severiano de Maria, entrevista, 2017).

As ações em torno da memória de Felipe Tiago são carregadas de sentimentos como gratidão, admiração e devoção. Além disso, ao contarem suas vivências com o personagem, esses sujeitos não falam somente dele: falam sobre si. Ao rememorarem o contato com Felipe, as narrativas apresentadas constroem e reconstroem também a sua própria trajetória de vida, que é projetada em relação ao personagem em questão e àquilo que ele representa. Como coloca Portelli (2016), estamos lidando com um processo e uma performance, de modo que os eventos lembrados se tornam “[...] lugares de significado, primordialmente através do trabalho de memória pessoal e pública, que seleciona certos eventos a partir do conjunto disforme de acontecimentos cotidianos e os investe de significado” (p. 19). Na figura a seguir, apresento uma composição com as fotografias desses participantes, na ordem em que foram entrevistados e aqui apresentados.

Fotografia 6 - Composição com as imagens dos entrevistados<sup>23</sup>

Fonte: Acervo da autora e internet<sup>24</sup>.

A metodologia da História Oral “[...] é uma arte que requer vários sujeitos, para os quais a diferença é tão necessária quanto consonância.” (PORTELLI, 2010, p. 35). No entanto, para poder recorrer a tal metodologia, tive de flexibilizar a forma de chegar até meus entrevistados, que normalmente são selecionados pelo próprio historiador. Nesse caso, tal movimento tornou-se dificultado pelo fato de o objeto de pesquisa em questão tratar-se de uma *pessoa*. Assim, procurar testemunhas para falar de uma vida é um procedimento delicado, visto que tais relações são permeadas por questões de foro íntimo. Nesse sentido, meus entrevistados foram

<sup>23</sup> Da esquerda para direita: Acácio Dantas, Lourdes Henriques, Sebastião Garcia, Maria da Guia e Valdemiro Severiano.

<sup>24</sup> A fotografia de Acácio Dantas foi extraída de: <<http://www.portapicuihoje.com.br/2016/06/picui-pb-gestao-municipal-beneficia.html>>. Acesso em: 11 jun. 2018. O retrato de Lourdes Henriques foi cedido pela professora na ocasião da entrevista; e as demais imagens foram registradas por mim no momento dos encontros.

contatados por meio do sobrinho de Felipe Tiago, com o qual estabeleci contato através de uma terceira pessoa conhecida via internet.

Todas essas costuras permeiam o processo de produção das narrativas. Observo que os sujeitos que entrevistei me foram apresentados com um propósito específico: falar de Felipe Tiago. E, talvez, na concepção deles, isso significava falar *bem* do personagem em questão. Desse modo,

[...] é necessário relativizar as respostas dadas pelos entrevistados. Sabe-se que a memória é seletiva, que os depoimentos mudam com o tempo e que os entrevistados falam o que imaginam que devem falar para aquele interlocutor específico, sobre o qual criam certas expectativas e ao qual atribuem determinadas características. (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 77).

Além disso, fora o compromisso para com o indivíduo lembrado e com o mediador da situação, Dr. Miro, os entrevistados pouco ou nada sabiam sobre minha trajetória como pesquisadora, de modo que o deslocamento geográfico feito por mim tornou-se um dos pontos que formalizava o evento e reforçava a importância da situação para meus entrevistados.

Desse modo, a metodologia da História Oral é resultado dessas e de outras situações que permeiam a relação entrevistador/entrevistado. Nesse âmbito, a arte da escuta (PORTELLI, 2016, p. 10) é recheada de situações singulares, que devem ser observadas pelo pesquisador (expressões, olhares, tonalidades da oralidade), o qual necessita estimular e explorar setores e aspectos do vivido que geralmente não são mencionados quando o indivíduo produz suas memórias. (PORTELLI, 2010, p. 20). Assim, as narrativas são produzidas pelo sujeito que lembra e também pelo trabalho do pesquisador. A fala do entrevistado não está pronta por si só, tampouco pode ser considerada como portadora de verdades absolutas. Em outras palavras, embora as narrativas de memória, produtos dessa interação entre pesquisador e entrevistado, sejam extremamente potentes para a pesquisa histórica,

[...] é preciso compreender a complexidade que envolve o trabalho que mobiliza a memória oral como documento histórico. A memória é movediça e subjetiva; não se encontra previamente organizada; seu arquivo não está em ordem alfabética nem cronológica. Não se encontra em uma gaveta ou em um armário e, embora tenha grande potencial como fonte histórica, precisa ser produzida e organizada pelo pesquisador. (GRAZZIOTIN, 2016, p. 166).

Nesse sentido, quanto às questões técnicas que envolvem as entrevistas e o processo de transcrição, foram adotadas as recomendações recorrentes em História Oral (TOURTIER-BONAZZI, 2008, p. 299-240): dúvidas, pausas e silêncios assinaladas por reticências; indicação de risos; grifos em passagens frisadas; e quando necessário, pequenas correções de datas e nomes próprios. Além disso, procurei manter aspectos inerentes à oralidade em si,

evitando correções e mantendo determinados vícios de linguagem. Após o processo de transcrição e devolução das narrativas aos depoentes para sua verificação e assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo E), as narrativas foram trabalhadas a partir de uma leitura vertical, em que aspectos gerais das falas foram observados e pontuados. Posteriormente, os registros foram trabalhados por meio de uma leitura horizontal, na qual procurei estabelecer eixos de conexões entre as falas, de modo que as narrativas foram organizadas de acordo com suas dimensões (vide Apêndice C).

Também compõe o corpo empírico deste trabalho o levantamento feito a partir do repositório digital da Hemeroteca Nacional<sup>25</sup>. As notícias e matérias de diferentes jornais e periódicos foram selecionadas a partir do descritor “Felipe Tiago Gomes”. A partir do resultado da busca, selecionei apenas notas, notícias e matérias que trouxessem menções diretas a Felipe Tiago, sendo excluídas do processo publicações que se detivessem sobre a CNEC. O material selecionado foi organizado de acordo com o periódico e a data de publicação (Apêndice B). Importante observar que cada um desses veículos de comunicação possui um perfil e um contexto específicos, de modo que, na medida do possível, tais aspectos foram levados em consideração no decorrer da análise desenvolvida no presente estudo.

Além disso, fiz uso de fotografias obtidas por meio do processo de formação do arquivo da pesquisa. No decorrer do estudo, elas são utilizadas como parte de minha argumentação, no sentido de que, para analisar a construção de Felipe como um exemplo a ser seguido, é necessário considerar que fotografias oficiais ou minuciosamente preparadas, que encenam cumprimentos, poses ao lado de placas e monumentos, registrando sua presença em eventos, cerimoniais e com autoridades, servem como uma forma de legitimar sua importância e protagonismo no que diz respeito a manter a CNEC atuante no cenário socioeducacional.

Nesta perspectiva, a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. Estabelecem-se, assim, não apenas uma relação sintagmática, à medida que veicula um significado organizado, segundo as regras de produção de sentido nas linguagens não-verbais, mas também uma relação paradigmática, pois a representação final é sempre uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis. (MAUAD, 2005, p. 139).

Tais produções colaboram para a construção da imagem de Felipe junto aos cenequistas e corroboram o processo de mitificação de sua figura, durante e após sua existência. Convém

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

dizer que, no decorrer do texto, algumas fotografias são utilizadas para mostrar Felipe sob outro ângulo, não aquele mitificado e sacralizado, mas em situações informais e recorrentes na vida de um indivíduo, de modo a potencializar a discussão sobre as representações construídas acerca de sua pessoa.

Por fim, integra a base documental do estudo uma entrevista concedida por meu personagem a um programa de televisão. De toda a documentação reunida, esse é o único recurso que traz a imagem viva de Felipe falando sobre a CNEC e sobre sua concepção a respeito das crianças no cenário socioeducacional. Trata-se de uma entrevista feita por um programa infantil chamado “Carrossel”, produzido pela TV Brasília. O quadro chamava-se *Repórter Mirim* e foi produzido no ano de 1983. O vídeo estava disponível na plataforma do *YouTube*; no entanto, foi retirado do ar. Ao localizar esse conteúdo, fiz contato com o sobrinho de Felipe, que me explicou que a entrevistadora em questão, Tânia Curi Garcia, é filha de Sebastião Garcia, antigo membro da CNEC. Naquele momento ainda não o conhecia, tampouco imaginava que teria oportunidade de conhecê-lo e entrevistá-lo. Na ocasião em que estive com ele, mencionou sua preocupação em gravar Felipe, pois “[...] o professor Felipe começou a receber homenagens no Brasil inteiro, eu acho que ele tem títulos hoje em todos os estados, eu acompanhava nessas homenagens e aí arrumamos uma câmera de vídeo e ‘tem que gravar isso, tem que gravar’. E fiz muito material gravado...” (Sebastião Garcia, entrevista, 2017). Alguns desses materiais estão disponíveis na internet, mas não trazem falas de Felipe – apenas imagens dos cerimoniais acompanhadas de trilhas sonoras. Possivelmente, essa entrevista dada por ele foi articulada na mesma perspectiva de registrar a sua história e, por conseguinte, a da CNEC.

Esse recurso audiovisual é o único que me permitiu ver e ouvir Felipe Tiago falando. Até então, meu biografado era uma figura sem voz, no sentido de que, por mais que tomasse conhecimento sobre sua vida, não conhecia sua maneira de falar, argumentar e gesticular. Embora a entrevista seja curta, conduzida por uma criança e com perguntas que pouco permitem uma resposta elaborada, poder ver e ouvir meu biografado foi enriquecedor no que diz respeito a construir este estudo, pois caracteriza, como define Borges (2015, p. 216), o “impulso para conhecer o outro de modo pleno”. Conforme a autora, o dito impulso se alimenta das descobertas que envolvem o historiador biógrafo na trama da pesquisa.

### 3 FELIPE TIAGO GOMES, CNEC E CENECISMO: ENTRE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES

*“E o saber, você sabe, era coisa rara, quer dizer, depende de muito esforço, de muita dedicação e com essa dedicação um estudante de Direito, o doutor Nascimento, viu no Felipe uma diferenciação dos demais meninos do lugar, da cidade, dos seus contemporâneos e vendo aquela diferenciação procurou meu avô:  
- Elias, você tem que dar condições pra Felipe estudar...”* (Valdemiro Severiano, entrevista, 2017).

Este capítulo trata do percurso formativo escolar e acadêmico de Felipe Tiago; e, a partir dessa perspectiva, aborda o processo de criação e difusão da CNEC, tendo como referência o personagem que é objeto deste estudo. Nascido na Barra do Pedro<sup>26</sup>, localidade em Picuí/PB, em 1º de maio de 1921, filho de um casal de agricultores, Ana Maria e Elias Gomes, Felipe Tiago Gomes foi o fundador de uma das mantenedoras de escolas mais influentes no cenário educacional no Brasil. Em função disso, sua história pessoal é contada de modo a destacar sua superação de barreiras e dificuldades. A narrativa do menino pobre que encontrou na educação a fonte para superação das adversidades é contada em diferentes momentos e espaços sociais, fazendo referência ao seu protagonista e/ou à rede de escolas por ele iniciada. A história ganha contornos de uma narrativa profética, representando Felipe como alguém que teria sido destinado desde seu nascimento a realizar a obra que lhe é atribuída. Sendo assim, este capítulo aborda aspectos do percurso de vida de Felipe Tiago, de modo a entender as representações produzidas sobre sua trajetória de vida e como determinados eventos foram usados como modelo para os lemas da mantenedora educacional.

---

<sup>26</sup> O sítio da Barra do Pedro, como é chamado pelos moradores, fica afastado da região central de Picuí. Em minha estadia na cidade, não foi possível chegar à localização, devido ao difícil acesso. Segundo informações que me foram passadas, no local há resquícios da casa da família Gomes. Menézio Dantas, cunhado da professora Lourdes Henriques e amigo pessoal de Felipe, em parceria com membros da loja maçônica, mandou construir um obelisco em homenagem a Felipe Tiago no seu local de nascimento, logo após a sua morte. A construção é citada também no cordel de Nozinho dos Santos, artista local, que diz: “Na antiga moradia, um obelisco foi erguido, assim acontecia no Egito, em hieróglifos escrito, o herói não esquecido. Este obelisco erguido, fica avistando as rua (sic), no meio das árvore sofrida (sic), sem folhas e quase nua, ainda se vê o piso da casa, o sol quente que nem brasa, Felipe a honra é sua”. A íntegra da composição está exposta em um quadro no memorial em Picuí. Foi mantida a grafia original nesta citação.

### 3.1 Percurso formativo e passos iniciais na construção da Campanha

Em cerimônias de homenagens, livros da CNEC, notícias de jornais e revistas ou escritos autobiográficos, a infância sofrida e as dificuldades para estudar são o ponto de partida para contar a história de vida de Felipe Tiago Gomes.

Nas horas vagas, Francisca, uma de suas irmãs, que havia concluído o curso primário, lhe dava algumas aulas, tarefa que depois passou a ser desenvolvida por Dona Nativa, proprietária de uma escola que alfabetizava crianças com a ajuda da principal técnica da época: a palmatória. De 1933 a 1935 frequentou a escola pública de Picuí e ao acabar o curso o professor aconselhou seu pai a levá-lo para o Colégio Pio XI em Campina Grande. (CNEC em Revista, 1997, p. 4).

Para completar seus estudos, Felipe deixou sua terra natal e foi morar em Campina Grande/PB. Seus pais custeavam a sua permanência na cidade através de um pequeno comércio que adquiriram no centro de Picuí, onde era possível se hospedar e fazer refeições.

*“[...] a tia Ana, a mãe dele, era muito assim, chegada ao comércio. Aí na casinha em que você estava (onde estive hospedada em minha ida a cidade) ela botou um café, naquele tempo né, mais de sessenta anos atrás... As pessoas vinham da zona rural de madrugada de burro, de cavalo, aí vinham para a feira de Picuí no sábado. Aí ela botava aquele café ali, as pessoas tomavam e pagavam, e com esse dinheirinho é que ela mantinha Felipe lá em Recife”.* (Lourdes Henriques, entrevista, 2016).

Recife/PE, a cidade mencionada pela professora Lourdes Henriques, é o local onde Felipe Tiago cursou o ensino secundário e superior. Nesse momento, sua mãe já havia falecido, e ele encontrou amparo em conhecidos para não ter de voltar à cidade natal. Desse modo, passou a viver na Casa do Estudante em Recife, onde inicialmente trabalhou como porteiro e posteriormente como bibliotecário.

Morando na Casa do Estudante Felipe pôde perceber que as dificuldades para estudar não eram um “privilégio” seu, muito ao contrário, vários jovens enfrentavam as mesmas dificuldades que ele. Sem dinheiro para se alimentar dormir cedo para enganar a fome tornou-se quase um hábito, de forma que Felipe ficou tão magro que um de seus tios, Pedro Marçal, chegou a pensar, após visita-lo, que ele estivesse tuberculoso. (CNEC em Revista, 1997, p. 4).

Nesse contexto é que surge a iniciativa de alfabetizar crianças que não frequentavam a escola: *“[...] aí onde foi a mágica, a essência, a história que surgiu a CNEC.”* (Valdemiro Severiano, entrevista, 2017). Ao tomar conhecimento da já mencionada obra de John Gunther, Felipe passa a mobilizar seus colegas estudantes do curso de Direito para apoiá-lo. Funda-se

então a Campanha do Ginásio Pobre, que inicia com aulas noturnas para alfabetizar trabalhadores. O Ginásio Castro Alves, primeiro da Campanha, funcionava em um espaço emprestado, e os aparatos para o seu funcionamento foram adquiridos com a mobilização dos estudantes que encabeçavam a iniciativa.

Em nome do ginásio, foram promovidas peças de teatro amador, distribuídos panfletos e organizado um evento batizado de Semana da Cultura Nacional, para o qual foram convidados autoridades e escritores, que recebiam o apelo em forma de convite:

Existe uma campanha procurando fundar um ginásio para esses moços. Um ginásio gratuito, sem farda, sem matrícula paga e material didático comprado. É uma empresa idealista, de moços e não utópica porque nada nos impede de realizá-la. (GOMES, 1980, p. 27).

Os convites para visitação ao ginásio<sup>27</sup> e os apelos às autoridades foram intensificados. Felipe classificou o movimento como “alvorço cívico” e constantemente referiu-se aos atos relacionados à campanha como “patrióticos” e “heroicos”. O conteúdo do convite estava atrelado aos acontecimentos no âmbito político do momento. A sociedade se via diante dos efeitos da Segunda Guerra Mundial, de modo que é possível perceber que o chamado elaborado pelos mobilizadores da iniciativa recorria a elementos característicos do conflito que se dava entre potências econômicas e militares.

Parte dos estudantes da Faculdade de Direito de Recife foram participantes de movimentos contra a ditadura estadonovista. Por meio de comícios e manifestações, os alunos apoiavam a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, que fora aliado de Vargas em boa parte do regime, para a presidência da República. Em um dos protestos contra o governo, em março de 1945, o estudante Demócrito de Souza Filho<sup>28</sup> foi morto com um tiro vindo da multidão. Na ocasião, Felipe Tiago e dois amigos que o acompanhavam para divulgar a campanha no Rio de Janeiro, onde havia contado com a ajuda financeira para estadia da então primeira-dama Darci Vargas, estavam voltando a Recife. Diante da brutalidade do fato, conforme seu próprio relato,

---

<sup>27</sup> O ensino ginásial equivale, em termos de nível de ensino, ao atual Ensino Fundamental II. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira, na década de 1940, era de 41.236.315. Desses, 56,2% eram analfabetos, e 260.202 estavam matriculados no ensino ginásial. As informações estão sistematizadas em um documento disponível em: <<https://www.oei.es/historico/quipu/brasil/historia.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

<sup>28</sup> Em 3 de março de 1945, durante um pronunciamento a favor da candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes por parte do então candidato a deputado federal pela UDN, Gilberto Freyre, o estudante de Direito Demócrito de Souza Filho foi alvejado com um tiro oriundo da multidão na sacada do prédio do jornal *Diário de Pernambuco*, órgão aliado dos estudantes na oposição ao governo. Informações extraídas de: <<http://g1.globo.com/pernambuco/videos/v/democrito-de-souza-filho-foi-assassinado-no-recife-por-ser-contrario-golpe-de-vargas/2931425/>> e <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=239](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=239)>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Felipe se afasta da Campanha e se engaja no Movimento de Redemocratização do País: “[...] a decepção com o Governo, o espírito de solidariedade de classe, levaram-me a outra rota bem diferente daquela que entusiasticamente seguia. A maior parte do ano de 1945 fiquei na minha terra, promovendo comícios, fazendo eleitores.” (GOMES, 1986, p. 47). Filia-se então à União Democrática Nacional (UDN), fundada em abril de 1945; e, através dessa filiação, é nomeado prefeito de Picuí no ano de 1946, cargo que exerce por nove meses. Sobre esse período, ele afirmou:

O lado da sociedade em que se agitavam os políticos pareceu-me pouco atraente. Havia muitas promessas e poucas realizações. Meu espírito exigente e querendo liberdade de ação não se acostumava às lides políticas, bem diferentes. Eu era um insubmisso a tudo que significasse quietude no quadro educacional. Os soldados voltaram triunfalmente da Europa; o Presidente da República fora eleito pelo povo, mas em que havia melhorado a situação do moço pobre? (1986, p. 59).

No ano seguinte, 1947, foi eleito presidente do Diretório Central de Estudantes (DCE) da Universidade. Na Faculdade de Direito, Felipe foi contemporâneo de Paulo Freire e Ariano Suassuna<sup>29</sup>. Em publicação do Diário de Pernambuco, os estudantes da instituição são chamados de “*vanguarda do movimento da nossa restauração política*”<sup>30</sup>. Na ocasião das eleições do Diretório Acadêmico, os três personagens citados concorriam a cargos no órgão como membros do conselho estudantil.

Nesse entremeio, o andamento da campanha de alfabetização ocorre em Recife por meio do funcionamento de aulas noturnas, em um espaço obtido junto ao poder público. Entre os anos de 1944 e 1946, a Campanha muda de nome duas vezes: primeiramente, substitui-se o termo *pobre* por *popular*; e, posteriormente, o movimento é batizado de Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos (CNEG), nomenclatura que prevaleceu até fins da década de 1960. As mudanças no nome estão diretamente ligadas à sua repercussão. Os termos adotados inicialmente remetiam ao comunismo, sistema político absolutamente temido e perseguido em

<sup>29</sup> Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife/PE, em 19 de setembro de 1921. Formou-se em Direito pela UFPB. Ao longo de sua trajetória, constituiu-se como um teórico de referência na educação do Brasil e no exterior. Entre suas obras, destacam-se “Pedagogia do Oprimido” (1968), “Educação como prática da liberdade” (1976) e “Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa” (1996). Ariano Vilar Suassuna nasceu em João Pessoa/PB, em 16 de junho de 1927. cursou direito na UFPB, onde fundou o Teatro do Estudante de Pernambuco. Formou-se em 1950 e, a partir daí, dedicou-se ao teatro e à advocacia. Constituiu-se como um dos maiores autores da literatura brasileira, tendo ocupado a cadeira número 32 da ABL. Informações obtidas em <<http://www.academia.org.br/academicos/ariano-suassuna/biografia>> e <<http://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

<sup>30</sup> Conforme publicações do Diário de Pernambuco de 09 de abril de 1946 (p. 3) e do Pequeno Jornal (s.d.).

vários momentos da história do século XX<sup>31</sup>. Em função disso, Felipe frisa que considerava a organização de caráter apolítico:

Apesar de a CGP ser um movimento apolítico, não faltou quem chamasse a Campanha de nazista ou comunista, como se tudo no nosso País girasse em torno de uma concepção política. Como se enganavam!... No nosso programa não está incluído ideal político algum, mas isso não impede, em absoluto, que seus membros sejam políticos. (Pode conceber-se um homem que não seja político?!) Eles têm ampla liberdade de ser político, quando não a serviço da Campanha. É por isso que a CGP é um movimento apolítico; que recebemos a colaboração de todos os brasileiros, sem nenhum compromisso; e é por isso ainda, que somos independentes. (GOMES, 1980, p. 36-37).

A trajetória de ambos, instituição e fundador, é edificada com base nessa postura apolítica. No entanto, a entidade cresce devido a diferentes ações, muitas vezes atreladas àqueles que exerciam cargos públicos vinculados ao poder legislativo e executivo. Ao mesmo tempo, o próprio fundador questiona a possibilidade de um indivíduo ser desvinculado da política. Nesse sentido, é possível perceber que as relações políticas são uma dimensão presente no movimento, mas que, no entanto, devem ser sobrepostas pelos desdobramentos da mantenedora em si, dada a importância da causa. A questão é como tal dimensão deve ser conduzida no que diz respeito às ações da mantenedora educacional. Assim, para seguir adiante com as negociações em relação à Campanha, Felipe adota uma espécie de política conciliatória, baseada na necessidade e na nobreza que envolvem a causa educacional.

No entanto, em um texto autobiográfico publicado na Coletânea Cenecista de 1994, momento em Felipe se encontra com idade avançada e a mantenedora já passou por várias reformulações, ele trata do viés político da Campanha com maior abertura e diz que não conseguiu lidar com a política partidária, dadas as disputas e vaidades envolvidas nesse tipo de organização:

[...] verifiquei que o melhor era formar uma trincheira – que também é política, como é o caso da Campanha-, que não oferecesse essas situações embaraçosas de vaidades promocionais, interesses de empurrar os outros para subir. Achei que a melhor política

---

<sup>31</sup> No Brasil, os conflitos em relação a um suposto avanço comunista ganham força ao longo da década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas. Conforme Del Priore e Venâncio (2010, p. 252), Vargas explora tal movimento a seu favor e, baseado em uma suposta ameaça comunista, decreta o já mencionado *Estado Novo*. Durante a Guerra Fria, a aversão ao comunismo se fortalece e, somada a outros fatores, leva ao golpe civil-militar de 1964. Essa condição de antipatia, temor e falta de entendimento em relação ao comunismo permeia o âmbito político do País desde os episódios mencionados. Em uma das publicações da CNEC em Revista sobre a história de Felipe, o comunismo aparece como um dos temores de infância do fundador da Campanha: “O comunismo o assustava, como o fazia com praticamente todos os brasileiros de então. No imaginário coletivo se tratava de uma invenção do diabo e seguindo as recomendações dos mais velhos ouvir falar na ideologia revolucionária era a “senha” para que se fizesse o sinal da cruz, já que os comunistas, de acordo com a crença popular, se apoderavam de terras, mulheres, donzelas e crianças.” (CNEC em Revista, edição especial “Vida e obra do fundador”, 09/1997, p. 3-4).

é a de resolver problemas e não de cria-los. Tanto que considero a Campanha como uma super política, uma política superior, de um valor que pode contribuir- e o tem feito- para a grandeza de nosso país. (GOMES, 1994, p. 679).

Embora assumo o caráter político da Campanha, ele também frisa que sua característica é ser apartidária e que seu propósito está acima de questões desse tipo. Ou seja, segundo Felipe Tiago, embora seja um movimento político, a nobreza da causa justifica suas ações. Faço essas colocações pois, nesse texto, a forma como o fundador trata de determinadas passagens sobre sua vida e sobre a mantenedora, em alguma medida, difere-se e/ou amplia as versões produzidas nos anos anteriores, quando a Campanha se encontrava em expansão ou mesmo no auge de sua atuação no cenário educacional. Observo que voltarei a esse texto e ao período em que ele foi escrito no decorrer do estudo.

No processo de expansão do movimento, a divulgação dos jornais impressos do Recife é um elemento que viabiliza a obtenção de meios para seguir com o projeto. O contato partia dos fundadores da Campanha, sobretudo de Felipe Tiago, que, após a saída da prefeitura de Picuí, dedicou-se exclusivamente à entidade. Em 1948, o Ginásio Castro Alves, primeira escola fundada pela iniciativa dos estudantes, contava com 112 alunos, o que serviu como motivo para se seguir o projeto de levar o movimento para outras regiões do País. Nas figuras 1 e 2, exibidas na página a seguir, constam publicações que comentam o processo de expansão da Campanha e possibilitam dimensionar a atuação de Felipe Tiago nesse contexto.

No mesmo ano, 1948, Felipe conclui o curso de Direito. A Fotografia 6, a seguir, mostra parte da celebração de formatura na companhia de amigos – os quais não foi possível identificar – e da irmã mais velha, Maria Alexandrina Gomes. Os irmãos estão posicionados no canto direito da imagem. Após a conclusão do curso, ele muda-se para o Rio de Janeiro, onde inicialmente vive em uma pensão. Em seguida, Maria Gomes também vai para a capital, e ambos se instalam em uma garagem no bairro Flamengo, zona sul da cidade. Ela manteve-se junto do irmão mais novo durante a maior parte de suas vidas. Nos anos iniciais da Campanha, viveram no Rio de Janeiro. Anos mais tarde, com a transferência da capital federal do País para Brasília, ela seguiu o irmão, que para lá se mudou para cuidar das instalações da entidade.

Figura 1 - Publicação do Correio da Manhã, 31/10/1948

**Criação, em todo o país, de ginásios noturnos e gratuitos para operários**  
De Recife, o movimento já se estendeu às cidades de Belém, São Luis, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju e Vitória

Em 1943, com o objetivo de combater a comercialização do ensino, foi encetada em Recife, por iniciativa de um grupo de estudantes, uma campanha visando a fundação de um ginásio noturno e gratuito para operários, a qual se concretizou em 1945 com a fundação do ginásio Castro Alves, que em 1946 obteve fiscalização federal.

Atualmente, o "Castro Alves" possui 3 séries com 112 alunos, em sua maioria operários das fábricas de Recife. Os professores lecionam gratuitamente.

**NOS ESTADOS DO NORTE**  
Dado o êxito da iniciativa em Pernambuco, resolveram os estudantes estender o movimento a todo o país, tendo com esse objetivo visitado recentemente os demais Estados do norte o universitário Felipe Tiago Gomes, presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade de Recife, o qual se encontra atualmente nesta capital.

Até agora foram fundados 7 ginásios, em Belém do Pará, S. Luis, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju e Vitória. Em Manaus, Salvador e Fortaleza já existem cursos ginásiais gratuitos e noturnos, fundados pelos

respetivos governos estaduais. No Pará, os professores também nada recebem; e no Maranhão, o governador solicitou à Assembleia Legislativa uma verba de Cr\$ 120 000,00 para custear o ginásio noturno, tendo sido organizadas nos demais Estados comissões para estudar o assunto.

**TAMBÉM NO SUL**  
Declarou-nos ainda o universitário Felipe Tiago Gomes que agora serão visitados os Estados do sul para a fundação dos ginásios noturnos. Para conseguir o apoio do governo federal, o presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade de Recife irá entrar em entendimento com o ministro da Educação e outras autoridades do ensino.

**Salão Nacional de Belas Artes**  
Estão convocados para uma reunião a realizar-se na próxima terça-feira, às 14 horas, no recinto do salão da Escola Nacional de Belas Artes, os expositores do Salão Nacional de 1948, concorrentes à Divisão Geral, a fim de elegerem o substituto do sr. Luiz Fernando de Almeida Junior, que renun-

Figura 2 - Nota do Diário de Notícias, 06/11/1948

**CAMPANHA DOS EDUCANDÁRIOS GRATUITOS**

A Campanha dos Educandários Gratuitos lançada em 1943, no Recife, por um grupo de estudantes, com o objetivo de fundar educandários gratuitos e noturnos, mantém atualmente na Capital pernambucana, o Ginásio Castro Alves, funcionando com 3 séries, fiscalizado pelo Governo Federal, e matriculados 112 alunos, na sua maioria operários das fábricas do Recife.

Os universitários pernambucanos pensam agora estender o raio de ação da Campanha dos Educandários Gratuitos por todo território nacional, tendo enviado ao norte do país, o estudante Felipe Tiago Gomes, presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade de Recife, que fundou, apoiado pelo estudantes, professores e governos dos Estados do Pará, Maranhão, R. G. do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Espírito Santo, ginásios para as classes menos favorecidas da fortuna, e que funcionarão, o ano vindouro, nas capitais daqueles Estados.

Esta semana ainda o universitário Felipe Tiago Gomes falará com as autoridades competentes, solicitando o apoio necessário ao bom êxito desse movimento educacional.

Fonte: Acervo da Hemeroteca Digital.

Fotografia 7 - Formatura no curso de Direito em 1948



Fonte: Acervo pessoal Valdemiro Severiano.

Nas narrativas de memória de meus entrevistados, Maria Gomes é mencionada como a base e a referência de Felipe:

*“[...] era a irmã que cuidou dele a vida inteira, ela não casou. Ela não separou dele [...] ela não separou dele e ela freitava um pouco os abusos que tinha da comunidade do Brasil em cima dele. Ela era o freio de mão. Muita gente dizia: ‘- Ah, mas a dona Maria nem parece que é irmã do doutor Felipe!’ Aquilo era tipo proposital porque você sabe que numa comunidade desse tamanho, uma pessoa que chegou a fundar 1500 escolas em todo o Brasil! Entende? Haja problema né?! E ela...Entendeu? Então era aquela pessoa fundamental.”* (Maria da Guia, entrevista, 2017).

A professora faz menção à postura de Maria, considerada austera, que, segundo a entrevistada, era divergente do comportamento do irmão. Em um texto de um dos fundadores da Campanha, José Rafael de Menezes, ela é mencionada quando o autor aborda seu forte vínculo com Felipe Tiago e com a Campanha:

A influência que exerceu sobre Felipe foi enorme. Imagino que tenha transbordado sobre a equipe administrativa, principalmente nos anos iniciais da Administração Central no Rio de Janeiro, quando, na Rua Sylvio Romero, na Lapa, o escritório do comando da CNEC, confundia-se com as dependências da casa onde Maria Gomes habitava. E mandava. (CNEC em Revista, 1997, p. 13).

A figura de Maria Gomes aparece em algumas cerimônias públicas da CNEC. Ela é mencionada em episódios dos períodos da fundação da entidade como a responsável pela criação da bandeira do movimento. No entanto, os documentos mobilizados mostram que sua participação na Campanha é tratada como se suas ações fossem de bastidores, organizando o que fosse necessário para Felipe atuar. Em publicação da CNEC em Revista, Maria Gomes é descrita como “[...] a pessoa que confeccionou a bandeira que hoje é reverenciada por milhões de brasileiros” (1983, p. 45). Segundo a publicação, Felipe declarou:

“Ela sempre me deu um apoio extraordinário. Foi a primeira pessoa a compreender a minha arrancada e a minha luta, quando muitos parentes meus me criticavam: como é que ia vencer na vida uma pessoa que criava uma instituição para não ganhar nada?” (CNEC em Revista, 1983, p. 45).

O vínculo entre os dois irmãos se manteve até o fim de suas vidas. No ano de 1996, ambos adoeceram – ela, vítima de câncer; e ele, em decorrência de problemas cardíacos. Felipe não resistiu e faleceu em setembro do mesmo ano. Menos de um mês depois, Maria Gomes também veio a falecer.

No Rio de Janeiro, a expansão da Campanha se dá, entre outros fatores, por meio das articulações de Felipe Tiago, dimensão que ele mesmo reforça em seus escritos autobiográficos. Em sua narrativa, o fundador conta os meios usados para angariar fundos, a fim de realizar viagens de divulgação e manutenção das atividades das escolas já em atividade por meio do movimento.

Como pegar ônibus? Raciocinei: lá dentro, resolverei o problema. Entrei. Olhei para o rosto dos passageiros e escolhi um para sentar-me ao seu lado. Era um homem de boa aparência. Tinha o ar de gente boa. Puxei conversa. Falei-lhe dos obstáculos do moço pobre para estudar. Conteí um pouco da **minha luta. Comovi-o**. Quando o homem já estava **preparado psicologicamente** para fazer algo pela causa, pedi-lhe que pagasse a minha passagem, caso pudesse. Quando ele aparecesse pelo Flamengo, na Rua Paisandu, 32 (garagem), devolver-lhe-ia o dinheiro. A passagem custava um cruzeiro. Pagou ida e volta. (GOMES, 1986, p. 73, grifos meus).

O excerto acima, ao mesmo tempo, fornece indícios sobre a forma como Felipe lidava com as questões relativas à Campanha e como ele (re)construía tais passagens. Sua argumentação visava a comover aqueles que o ouviam, de modo que amparassem a *sua* causa e se dispusessem a ajudá-lo. Em certa passagem, Felipe conta que estava angustiado e pensativo na praia do Flamengo e estabeleceu conversa com um sujeito, que era primo de um deputado do Rio de Janeiro. Por intermédio desse conhecido, conseguiu contato com o deputado, o qual lhe conseguiu uma ocupação. Esse e outros contatos com autoridades são narrados por ele como algo natural. Assim, as dificuldades enfatizadas estão no âmbito das suas questões financeiras, e não em estabelecer contato com figuras públicas e autoridades.

A passagem da praia citada no parágrafo anterior é uma das que demonstra a naturalização do contato com pessoas ligadas ao poder público. Nesse sentido, em outros momentos, ele diz: “Passei a frequentar os escritórios dos Deputados Federais. Todos me recebiam bem.” (1986, p. 65). É sabido que, embora os cidadãos possam ter acesso a órgãos governamentais, a frequência habitual não é algo comum e recorrente. Dessa maneira, as suas vivências posteriores, em que possivelmente tais contatos eram normais em sua rotina, faz com que sua lembrança naturalize os fatos, de modo que a forma como se estabeleceram essas interações é um ponto pouco explorado em seus escritos biográficos. Anos mais tarde, ao lembrar das ações iniciais para criação e consolidação da Campanha, Felipe Tiago compara a dedicação e o esforço para estabelecer tais contatos com as ações dos devotos nos primórdios do cristianismo: “[...] nós agimos nos subterrâneos da pátria, como os primeiros cristãos que ficavam nos subterrâneos e Roma.” (CNEC em Revista, 1983, p. 21).

Na então capital da República, o fundador procura estabelecer contato com membros do Ministério da Educação. A iniciativa é noticiada no jornal *A Manhã*, que anuncia Felipe como alguém que “[...] agita o problema do ensino secundário gratuito desde 1943.” (10/11/1948, p. 8). No decorrer do texto, são mencionados os contatos feitos na capital, com destaque para o apoio dado pelo secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Ismael Coutinho, assim como o aceno positivo por parte de Lourenço Filho<sup>32</sup> e Haroldo Lisboa, diretores do Ministério da Educação. Além das autoridades, Felipe se reúne com os presidentes de movimentos estudantis, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), a União Metropolitana dos Estudantes (UME) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE). Da capital federal, Felipe se desloca para outros estados do País, no intuito de dar continuidade aos trabalhos de divulgação da proposta em prol da expansão do acesso ao ensino ginásial e secundário<sup>33</sup>.

Na Fotografia 8, exibo o registro de uma correspondência<sup>34</sup> de Felipe Tiago para Maria Gomes. A imagem e o escrito são um dos poucos documentos encontrados cujo conteúdo não fora preparado para vir a público. Assim, a fotografia e a mensagem postada para a irmã não foram produzidas para compor a história da CNEC. Trata-se de um artefato resultante de uma prática cotidiana, um gesto corriqueiro entre familiares distantes, em um contexto em que a troca de cartas era um dos mecanismos de comunicação mais acessíveis. Em relação a tal registro, como coloca Certeau, “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de

---

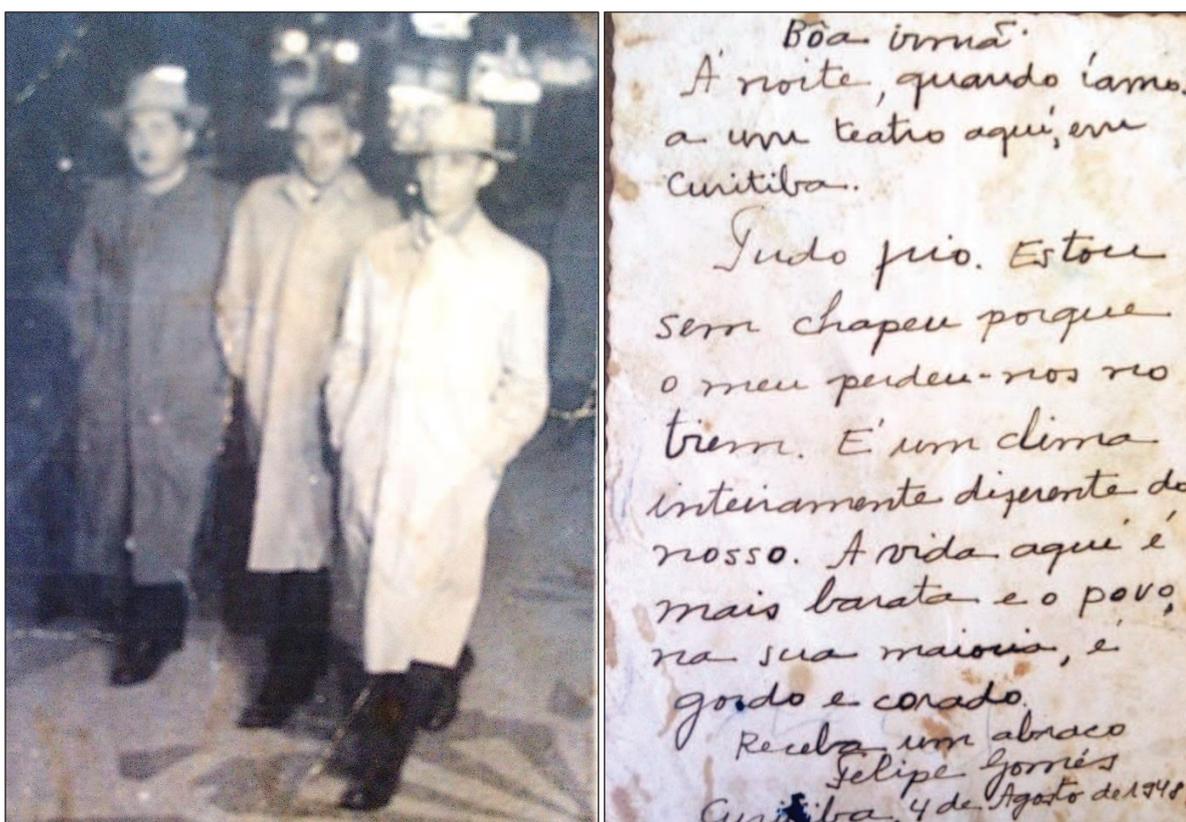
<sup>32</sup> O professor Manuel Lourenço Filho (Porto Ferreira/SP, 1897 – Rio de Janeiro, 1970) esteve, ao longo de sua trajetória, inserido em diferentes órgãos públicos relativos à educação, como o Instituto de Educação do Rio de Janeiro, o Conselho Nacional de Educação e o Departamento Nacional de Educação, onde exerceu o cargo de diretor geral. Dos membros de órgãos públicos mencionados no parágrafo, Lourenço Filho é o que possui projeção nacional, por sua atuação no movimento denominado *Escola Nova* e pelas obras relativas a educação. Apesar do contato nos primórdios da Campanha e da convergência entre os campos de atuação, não foi possível encontrar indícios de maiores relações entre Felipe Tiago Gomes e o professor Lourenço Filho. Informações extraídas de: <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/lourenco\\_filho](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/lourenco_filho)>. Acesso em: 12 dez. 2018.

<sup>33</sup> O ensino secundário no Brasil foi modernizado a partir do decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, que ficou conhecido como *Reforma Francisco Campos* e estabeleceu uma série de medidas, como o aumento do número dos anos do curso secundário e sua divisão em dois ciclos; a seriação do currículo; a frequência obrigatória dos alunos às aulas; o sistema de avaliação discente e de inspeção federal; entre outros. (DALLABRIDA, 2009, p. 185). O primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) ficou marcado por reformas estruturais como a mencionada, além da criação do Ministério da Educação e Saúde (1930). Em 1942, é feita a Reforma do Ensino Secundário e criado o Serviço Nacional da Indústria (SENAI). No entanto, o acesso ao nível de ensino não era possível a todos os estudantes, por falta de oferta e possibilidade de permanência, dadas as condições precárias da população. Além disso, os índices de analfabetismo no País eram extremamente altos: no início da década de 1950, a população brasileira era de 51.944.397 habitantes, e a taxa de analfabetismo, 52%<sup>33</sup> – o que indica que as reformas operaram em um nível estrutural, mas que seus reflexos na realidade ainda não eram expressivos. Diante desse cenário, a proposta de um movimento voluntário em prol da alfabetização se apresentava como uma alternativa para proporcionar o nível básico de ensino à população.

<sup>34</sup> Transcrição do conteúdo da mensagem: “Bôa irmã. À noite, quando íamos a um teatro aqui em Curitiba. Tudo frio. Estou sem chapéu porque o meu perdeu-nos no trem. É um clima inteiramente diferente do nosso. A vida aqui é mais barata e o POVO na sua maioria, é gordo e corado. Receba um abraço. Felipe Gomes. Curitiba, 4 de agosto de 1948.”

transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira.” (2017, p. 69). Assim, deslocada do seu lugar e estatuto, a curta mensagem que Felipe envia à irmã é um pequeno fragmento de suas percepções pessoais sobre o novo contexto que estava conhecendo. O recado, embora sucinto, demonstra o vínculo entre os irmãos e não tem a preocupação de expor dificuldades em torno da divulgação da Campanha – elementos sempre frisados em outros registros.

Fotografia 8 - Felipe Tiago (centro) e colegas divulgadores da Campanha em Curitiba/PR, 1948<sup>35</sup>



Fonte: Acervo pessoal Valdemiro Severiano.

No decorrer da década de 1940, o número de alunos e escolas da Campanha cresce gradativamente, de modo que, ao final da década, entre os anos de 1949 e 1950, ocorre um salto expressivo no número de alunos matriculados: de 480 para 2.120 estudantes, distribuídos em 27 escolas de diferentes municípios<sup>36</sup>. Em parte, esse crescimento é atribuído a Felipe Tiago, que, do grupo dos criadores da mantenedora, foi o único que seguiu se dedicando ao processo de expansão do movimento. José Rafael de Menezes, um dos membros fundadores, resume o

<sup>35</sup> Não foi possível identificar os acompanhantes.

<sup>36</sup> Conforme dados de Silva (2003, p. 134).

fato alegando que os demais “[...] já viviam a maturidade de pais de família [...]” (1983, p. 16) e que, portanto, cabia ao único solteiro (palavras dele) da equipe inicial seguir com os trabalhos. Por outro lado, o cofundador afirma que

A Campanha do Ginásio Pobre jamais pensou em ser CNEC; veio a sê-lo por convergências de fatores, que procuramos *apressadamente* (grifo meu) creditar aos carismas de Felipe Tiago Gomes, a sua boa estrela, com inegáveis dons de liderança. Afortunado líder, da sortuda Campanha... Mas ninguém conduz a sorte por **40 anos**; ninguém todo dia, em tão longo período, amanhece radiante, predisposto para a mesma causa, com saúde e bom humor, sensibilidade e destreza, inflitando glorioso. Há os intervalos do normal cansaço e as alienações pelas dificuldades maiores; há os instantes depressivos, as dúvidas, os recuos, os estados de pânico. E é a vez **dos outros**, dos outros que sempre existiram, dos dez em 1943, para os duzentos quando os dez foram se desgarrando, pois, em 1945 a nos engajarmos **politicamente**, convertidos pelos ideais ou comovidos pelo martírio de Demócrito de Souza Filho, a CGP já possuía uma centena de voluntários, com seus alunos dobrando a equipe, e compondo uma instituição<sup>37</sup>. (MENEZES, 1983, p. 57).

A concepção do também fundador aponta para a atuação de Felipe Tiago, porém, de maneira mais pragmática do que as demais abordagens, classificando-o como o “[...] menos político dos acadêmicos, nosso aliado das horas dramáticas, sem compromissos partidários nem ideológicos” (p. 58). O autor procura evidenciar todo o contexto que possibilitou a expansão da campanha, bem como frisar a participação de dezenas de pessoas, o que de fato concretizou a iniciativa dos estudantes. Para José Rafael, o elemento específico, que permitiu a sobrevivência da iniciativa em meio a contextos políticos desfavoráveis, foi o investimento em uma organização que recorria à comunidade; na visão dele, “ao contrário do comunismo, o **Comunitarismo** evolui como um processo social liberador dos seres humanos; não estatiza, não totalitariza.” (MENEZES, 1983, p. 17). Dessa forma, o comunitarismo defendido pela Campanha mobilizava a comunidade de determinada região em torno de uma causa – o acesso à educação –, de modo que os moradores locais se organizavam em torno de um bem comum – uma escola da CNEC –, projetando suas necessidades e atuando para concretizá-las.

Conforme Silva (2003), na década de 1940, o governo brasileiro adotou uma metodologia de trabalho intitulada Desenvolvimento de Comunidade (DC), por meio da qual foram arquitetadas as campanhas de alfabetização e escolarização de jovens e adultos<sup>38</sup>. A metodologia tinha por objetivo evitar o contato da população com o comunismo e instigar as

<sup>37</sup> Excertos da obra de autoria de José Rafael de Menezes alusiva aos 40 anos da CNEC. Os grifos em negrito nos trechos citados são originais do autor.

<sup>38</sup> A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) foi criada em 1947, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, com enfoque no meio rural. Mais tarde, entre os anos de 1958 a 1961, acontece a Campanha Nacional do Analfabetismo (CNEA). Essa campanha se deteve em ampliar a rede escolar primária, expandir o nível de escolaridade e promover a ação comunitária.

camadas populares a se engajarem em serviços para seu bem-estar e nos programas de governo. Tal metodologia é institucionalizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na década de 1950<sup>39</sup>, a fim de evitar a propagação do comunismo e manter os países periféricos alinhados e sob certa dependência.

No Brasil, apesar de o trabalho com a comunidade ter surgido na década de 1940, sua disseminação, como prática, verifica-se apenas na década de 1950, ligada à perspectiva de solução para os problemas sociais e de valorização da comunidade como unidade básica de desenvolvimento. A educação de adultos e a problemática do subdesenvolvimento do meio rural são as principais questões que buscam, no DC, uma estratégia de superação [...]. (SILVA, 2003, p. 24).

Na concepção da DC, o progresso e a reforma social viriam da integração e da cooperação voluntárias, e “[...] os agentes desse processo seriam as lideranças que deveriam estimular a mudança através de seus próprios exemplos, das realizações da sua própria vida e das relações que estabeleceriam com os outros.” (SILVA, 2003, p. 23). A perspectiva da DC era apostar na força dos grupos sociais para fazer reparos na sua realidade, não tendo como objetivo reformas estruturais. Em meio a esse cenário, a iniciativa dos estudantes de Pernambuco, em alguma medida, incorpora tais princípios no seu processo de consolidação. Para José Rafael, as campanhas promovidas pelo governo em nome da DC não deram certo, pois se perderam em meio a tensões políticas e burocráticas; já a CNEC, por não ter comprometimento ideológico e se envolver de fato com as populações locais, manteve-se em meio à dissolução das demais campanhas promovidas no mesmo contexto histórico. (SILVA, 2003, p. 22).

Em 1949, a Campanha já contava com representantes nos estados do Amazonas, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Goiás e Minas Gerais. Tinha como dirigentes Benedito Narciso da Rocha (Presidente), Péricles Ipiranga de Souza (Secretário-Geral) e Felipe Tiago Gomes (Delegado-geral). Nesse mesmo ano, foram criadas diretorias municipais para o movimento, de forma que

---

<sup>39</sup> Durante o período chamado Guerra Fria, as potências que estavam à frente do conflito, Estados Unidos e União Soviética, mobilizaram uma série de ações para fortalecer seus domínios e visão ideológica. Nesse sentido, foram promovidas uma série de intervenções que visavam conter a ameaça representada pelo rival. No entanto, teóricos como Hobsbawm (1994, p. 224) e Chomsky (1996), apontam que o conflito foi usado por ambas as partes para justificar suas ações sobre sua própria população e países alinhados. Para Chomsky, a Guerra Fria “foi uma espécie de acordo tácito entre a União Soviética e os Estados Unidos, sob o qual os EUA conduziram suas guerras contra o Terceiro Mundo e controlaram seus aliados na Europa, enquanto os governantes soviéticos mantiveram com garras de aço seu próprio império interno e seus satélites na Europa Oriental – cada lado utilizando o outro para justificar a repressão e a violência em seu próprio domínio” (p. 104). Assim, em alguma medida, segmentos da sociedade como a educação foram atravessados por tais movimentos.

o fundador passou a operar por meio de uma hierarquia local, a qual funcionava de modo a organizar a mantenedora e, assim, conseguir subvenções junto ao poder público.

As deliberações sobre os rumos da Campanha eram feitas por meio de congressos, os quais são descritos por Felipe Tiago nos seus registros autobiográficos. No segundo congresso, em 1950, a estrutura hierárquica se amplia, ganhando novos cargos e nomes. Felipe, que nesse momento residia no Rio de Janeiro, assume o cargo de Presidente. Ao término desse ano, a então CNEG consegue, pela primeira vez, receber verbas do Governo Federal. A proposta de emenda constitucional partiu do senador Jones dos Santos Neves<sup>40</sup> (PSD), que solicitou um auxílio de Cr\$ 200.000 (duzentos mil cruzeiros), autorizado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra por meio da emenda nº 24.794/50.

A expansão e os eventos da Campanha estão nas páginas dos jornais do Rio de Janeiro (vide Apêndice B). Em publicação do periódico A Noite, Felipe é descrito como um “[...] nome ainda desconhecido na Capital da República e tão popular como um artista de cinema em Paraíba, Pernambuco e Alagoas, é o paraibano que tomou a si a coordenação da Campanha Nacional de Ginásios.” (25/07/1951, p. 13). Mesmo “desconhecido” na capital Federal, o III Congresso da CNEG de 1951 contou com diversas autoridades, inclusive representantes do gabinete da vice-presidência da República.

Nesse período, a instituição passa a ter uma sede no Rio de Janeiro, que mudava de endereço constantemente devido à falta de fundos para manter um espaço fixo. A construção da sede própria se consolidou apenas em 1957, ano em que a então primeira-dama do Brasil, Sara Kubitscheck, assumiu a presidência de honra da instituição. A posse ocorreu em fevereiro de 1957, em uma cerimônia que reuniu diversas autoridades, tais como: deputados, prefeitos, ministros, bispos e o chefe da Casa Civil da presidência da República. O cargo de presidência era definido em votação nos Congressos da CNEG, e a candidatura ao posto se dava por meio de indicação daqueles que já integravam a Campanha:

*“Ele (Felipe) procurava pessoas em que se pudesse confiar, ‘esse cara demonstrou um espírito comunitário, demonstrou ser solidário, ele merece e poderá nos ajudar aqui...’ aí incluía ou sugeria porque era eleição, ele não ia incluir um nome. Ele submetia ao pleito que todos que tinham direito a voto votavam né, e é muito democrático, tanto o conselho comunitário como a eleição estadual, quanto a federal... em âmbito nacional ele ia integrando essas pessoas que pudessem colaborar e defender a CNEC, então esse era o método dele, ele cativava e trazia*

---

<sup>40</sup> Jones dos Santos Neves (1901 – 1973) foi um político do estado do Espírito Santo. Exerceu os cargos de interventor da cidade de Vitória, senador e governador do estado. Informações extraídas de: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jones-dos-santos-neves>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

*para integrar. Então passavam a ser grandes defensores”*. (Sebastião Garcia, entrevista, 2017).

Silva (2003) explica que as atividades da Campanha foram sendo desenvolvidas na perspectiva das ações do Estado. A CNEG alinha-se ao plano desenvolvimentista do governo JK<sup>41</sup>, assumindo parte da demanda educacional. Entre os anos de 1958 e 1959<sup>42</sup>, a presidência da República solicita aos governadores dos estados subsídios para a instituição, de modo que a Campanha atinge o número de 120 escolas ao fim da década.

A partir do processo de expansão ocorrido nos anos 1950, a hierarquia organizacional da então CNEG vai tomando corpo, de modo que passa a existir um setor nacional, um estadual e um local, composto por membros da comunidade onde a escola estava inserida. Tal estrutura devia contar com, no mínimo, 100 sócios contribuintes e dar conta de conseguir um terreno para implantação da escola. O setor local também era encarregado de todas as questões administrativas, desde gerenciamento de assuntos financeiros e distribuição de verbas até escolha de membros do corpo diretivo das instituições.

Conforme dados de Silva (2003, p. 113), durante a década de 1960, a participação de verbas públicas da União e das unidades de federação para a Campanha aumentou consideravelmente. A autora observa que, mesmo com a instabilidade política pela qual o País passou ao longo da década e mesmo após a implantação da ditadura civil-militar, as subvenções para a Campanha foram mantidas. Apesar de conservadas as verbas, o crescimento no número de escolas não se manteve. Segundo a autora, a instituição passou a investir na diversificação de suas atividades e na expansão de seu patrimônio.

### **3.2 O *cenecismo* e a devoção a São Francisco de Assis**

Em meio ao processo de expansão e consolidação da Campanha, o modo de promover e administrar articulações para com a comunidade passaram a ser caracterizados como *cenegismo* pela imprensa e por aqueles que integravam o movimento.

---

<sup>41</sup> A proposta de governo de Juscelino Kubitschek consistia em fazer o País crescer “50 anos em 5”. O plano de metas foi elaborado com 31 desígnios para a gestão do presidente. Os cinco setores priorizados foram energia, transportes, indústrias de base, alimentação e educação. Segundo Silva (2002), as duas últimas áreas não receberam a mesma atenção que as três primeiras. Nesse sentido, a estrutura da CNEC veio ao encontro das necessidades do governo. O projeto político e econômico adotado, como aponta Sanfelice (2010), estava diretamente ligado ao contexto mundial, no qual uma relação de interdependência com o capital estrangeiro foi estabelecida.

<sup>42</sup> A lei número 3.557, de 17 de maio de 1959, institui as verbas destinadas à CNEC e as requisições para tal. Informações disponíveis em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-3557-17-maio-1959-354308-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

Cenegista é o neologismo surgido para definir certa casta especial de criaturas estranhas, cujo comportamento destôa (sic) inteiramente dos padrões da ordem moral e sentimental vigente, pois resolveu desarquivar, em todo o seu amplo significado, duas palavras que já se iam cobrindo de bolor nas páginas dos dicionários: **altruísmo** e **patriotismo** (grifos originais). “Cenegista” vem de “cenegismo” que saiu, por sua vez, da sigla “CNEG”. Desdobrando essa sigla temos “Campanha Nacional de Educandários Gratuitos” – organização que abriga a estranha casta de criaturas abnegadas a que acima nos referimos. Os “cenegistas” operam em todo território nacional.

Na publicação acima, que celebrava os 15 anos da Campanha, o fundador aparece como mentor e figura que incorpora os ideais cenegistas, ao sacrificar “não apenas uma carreira, que seria sem dúvida próspera, como, ainda sua própria vida pessoal, pois solteiro se mantém até hoje, tendo como seu único e grande amor a ‘CNEG<sup>43</sup>’”. A postura e as escolhas de Felipe Tiago Gomes são elementos que dão sustentação para os lemas da entidade, de modo que suas escolhas de vida sintetizam os princípios da mantenedora.

Com as mudanças do nome da Campanha, o *cenegismo* tornou-se *cenecismo*, e este, por sua vez, foi considerado o resultado de um processo de imersão nos ideais comunitários da mantenedora: “[...] o cenecismo é nossa mística [...] A Campanha é a energia para a alma cenecistas<sup>44</sup>”. Nesse sentido, o referido lema seria um sentimento existente no âmago dos indivíduos que externalizam tal convicção por meio da inserção nas ações da Campanha. Sobre o termo em questão, Sebastião Garcia conta que:

*“[...]a palavra é da própria CNEC, criação da própria CNEC, do meio, nós até tentamos incluir o verbete no dicionário, nos dicionários brasileiros, e foi... fizemos muita pressão, campanhas e tal, mas não adotaram não... Esse, o dicionário Aurélio, por exemplo, que era o mais atualizado, como é que fala? O mais em evidência na época [...] a gente tentou e não conseguimos inserir esse verbete [...]”*. (Sebastião Garcia, entrevista, 2017).

A tentativa de inserir a palavra no dicionário tinha por intenção fazer o termo transcender à instituição e ficar conhecido também fora dos meios da entidade. Nas memórias dele, o cenecismo é um *estado de espírito*,

*“[...] porque as pessoas que se atrevem a participar, elas são realmente são investidas de um... sabe? É outro patamar, é outro universo, é incrível, não é religião, não é relação patrão/empregado, não é só de patrão, quer dizer, é um negócio inexplicável! Muito interessante, não é?!”* (Sebastião Garcia, entrevista, 2017).

<sup>43</sup> Excertos da matéria publicada em A Careta (1958, p. 41-42).

<sup>44</sup> José Rafael de Menezes, em “Reflexões de um fundador” ([19--?], p. 18-19).

Nas lembranças da professora Maria da Guia, o cenecismo aparece como “[...] *uma escola de solidariedade [...] é uma ação educativa com princípios cristãos e com uma sabedoria divina porque ela chega na ciência e no coração.*” (Maria da Guia, entrevista, 2017). Essa concepção deixa visível o viés religioso que permeava as ações da CNEC. Ora essa dimensão é bastante evidente, ora é mais velada. O fato é que, nos documentos aqui mobilizados, as ações da Campanha são adjetivadas com uso de termos que remetem ao catolicismo cristão, aspecto que discuto adiante.

Para o sobrinho, Valdemiro Severiano, o cenecismo “*era uma opção de vida a servir o próximo.*” (Entrevista, 2017). Já a professora Lourdes Henriques se refere ao termo como

*“[...] a doutrina que orienta a vida dos cenecistas. Ser cenecista é participar ativamente das atividades da CNEC com alegria e solidariedade [...] Na minha concepção, a CNEC é uma filosofia educacional que realmente é transmitida por Felipe Tiago Gomes, e à medida que a pessoa vai recebendo em doses homeopáticas, vai se fortalecendo e se tornando um cenecista [...] e se você chegasse em qualquer parte do Brasil e dissesse que era cenecista, havia sempre uma pessoa para lhe acolher, lhe convidar para ir à casa dela. Daí o sentido de fraternidade e solidariedade”.*

As representações sobre o termo *cenecista* são atravessadas por certa tendência a relacioná-la com um caráter metafísico, com dons divinos ou com a pura manifestação dos princípios de solidariedade. Nesse sentido, o idealismo, ou seja, a capacidade de projetar a realidade de acordo com um modelo sonhado, era o motor da expansão do cenecismo:

Mais que um movimento para construir escolas, o cenecismo, permanentemente, se impõe como uma filosofia e uma doutrina a exercitar os valores maiores da alma humana, onde a partilha, a solidariedade e o altruísmo são seus traços predominantes.<sup>45</sup>

No decorrer do texto acima, os chamados *cenecistas* são classificados como “povo escolhido por Deus” e “apóstolos de Felipe Tiago”. Para ingressar na CNEC, era preciso imbuir-se dessa concepção, pois, para *ser cenecista*, era preciso transcender às limitações da condição humana, despiando-se de vaidades, apegos e visões pessoais, invocando e incorporando uma postura *idealista*, comprometida com a causa em questão, tal como o fundador da instituição. Criava-se, assim, uma identidade cenecista – identidade essa “[...] que se transforma em tradición, escribiendo y borrando, como en los juegos de arena, los contenidos de la memoria.” (ESCOLANO BENITO, 2010, p. 25).

<sup>45</sup> Excerto do prefácio assinado por Augusto Ferreira Neto, ex-aluno que chegou ao cargo de presidente nacional da Campanha, na obra “Coletânea Cenecista”, publicada pela mantenedora em 1994.

Os *ideais cenecistas* e as ações que eles previam acompanhavam as atividades da Campanha. Em congressos, divulgações e pronunciamentos públicos de seus membros, os possíveis significados do lema eram amplamente explorados. Os hinos cenecistas, composições que celebram a obra da Campanha, carregam em seu conteúdo algumas concepções sobre o *cenecismo* e o que se espera daquele que se propõe a ser *cenecista*, conforme quadro a seguir.

Quadro 4 - Hinos da CNEC

Canção Cenecista	Hino Cenecista	Lindo é
<p>É uma ideia que marcha E que se espalha no nosso Brasil, É uma semente lançada e frutificada a se expandir Gente ajudando a gente, Todos a construir Amplas estradas, para os caminhos de um mundo melhor Isto é C-N-E-C Trabalho, idealismo, Isto é C-N-E-C É todo um país a despertar Venha também participar E muito obrigado, amigo.</p>	<p>Tu que tens mais riso e menos pranto. Tu que tens mais paz e menos luta. Fica em silêncio um minuto só; Para e escuta: Uma luz que a Escola Irradia. E afugenta da treva o pavor. Há-de o povo lutar e vencer Sem temor! Sem temor! Amigo, avante! Na falange Cenecista Ocupa o teu lugar Pelo Brasil, Com fervor de idealista: TRABALHAR!</p>	<p>Lindo é, Lutarmos por um mundo bem melhor É fazer Uma canção feliz em tom maior Lindo é estudar Tendo no peito a fibra de sempre vencer É ter na alma a satisfação de ser Cenecista de coração.</p>

Fonte: Elaborado pela autora<sup>46</sup>.

Nesses registros, é possível perceber a referência ao ato de trabalhar pela expansão da Campanha e fazer dela uma causa pela qual se luta diariamente. Da mesma forma, os hinos reforçam a ideia de que a união entre os membros da escola é um elemento necessário para difundir e consolidar o movimento. Na letra do “Hino Cenecista”, destaco o excerto em que o autor se refere à escola como um órgão que irradia luz e “afugenta da treva o pavor”, de modo que as escolas cenecistas são vistas como se possuíssem certo caráter sagrado; sendo assim, elas seriam uma opção para um mundo melhor. Além disso, nas três composições, fica explícito que a dedicação à causa e a força de trabalho nela empregada construiriam um “mundo melhor”, e que *ser cenecista* equivaleria a lutar por essa realidade almejada.

Na obra “Educação Comunitária – enfoque cenecistas”, a professora Lourdes Henriques, sua autora, faz uma compilação da história da CNEC e do cenecismo, bem como organiza uma

<sup>46</sup> O quadro foi elaborado de acordo com conteúdo disponível em <<https://sites.google.com/site/felipetiagogomes/hinos>>. Acesso em: 03 jul. 2018. Os autores das composições são, respectivamente, Marlos Nobre, Dulce de Oliveira Vermelho e Vicente Janotti Júnior.

espécie de cartilha para o aluno das escolas da mantenedora. O livro é composto por um programa de estudos para o ensino de primeiro e segundo grau e inicia por definir o que é ser *cenecista*:

- é o seguidor da ideia e filosofia da CNEC;
- é todo aquele que trabalha com entusiasmo e amor pela CNEC;
- é o aluno que estuda nas Escolas Cenecistas;
- é a pessoa que acredita no idealismo cenecistas, procurando tornar acessível a todos a oportunidade de educação;
- é todo cidadão brasileiro que participa do trabalho que a CNEC realiza em todo o Brasil. (HENRIQUES, 1985, p. 25).

O *ser cenecista* tinha a imagem de Felipe Tiago como ponto de partida e eixo de sustentação. Na obra citada, a vida do fundador é parte do conteúdo programático previsto para as turmas de 1º a 4º série. Os textos de apoio para tal caracterizam Felipe como um sonhador que, com perseverança e obstinação, transcendeu as dificuldades encontradas ao longo do caminho. Nesse sentido, ele era uma espécie de personificação desse ideal, pois “*era uma figura tão importante que deixou a vida particular para se dedicar à educação dos menos favorecidos, para não chamar de pessoas carentes. E então, com isso, ele viveu a vida.*” (Maria de Lourdes Henriques, entrevista, 2016). Nas memórias da professora, todo o conjunto da obra de Felipe configuraria o *felipismo*, o ápice do chamado *cenecismo*. Tal concepção surge somente na sua narrativa de memória, o que indica que essa é uma construção posterior à existência de Felipe.

Segundo os preceitos encontrados no livro mencionado, o aluno *cenecista* devia ser conscientizado sobre o que vinha a ser a CNEC e instruído sobre aquilo que lhe competia. Entre os deveres, os principais eram honrar a mantenedora e agir para expandir os ideais *cenecistas* nas localidades onde as escolas funcionavam. No texto “Deveres de um bom aluno *cenecista*” (p. 47), os estudantes são instigados a atuarem em prol da CNEC para “honrar o nome do PATRONO de nossa ESCOLA” (p. 48), ou seja, o fundador da rede.

Também é possível encontrar referências ao *cenecismo* classificado como *fé pedagógica*, e a Felipe como o *apóstolo da Educação*<sup>47</sup>, ou seja, aquele responsável por difundir tal obra e, por isso, digno de consagração:

[...] COMO UM BANDEIRANTE, saiu pelo Brasil afora, num roteiro de luz, pontilhando nosso território, Pátria de escolas e mais escolas, como se sacudisse com suas mãos pródigas de graças, e estrelas e mais estrelas a iluminar os céus do Brasil. Pregava seu catecismo de fé nas virtualidades imanentes do Povo; confiava, no seu credo, como um apóstolo, e afirmava QUE A EDUCAÇÃO ERA um direito de todos e não um privilégio de alguns [...] E seu amor ao Brasil, a certeza de seus ideais e

<sup>47</sup> Termos utilizados por Raimundo Nonato Fernandes, responsável pela apresentação do livro “CNEC: A força de um ideal” (1986), de autoria de Felipe Tiago Gomes (vide Apêndice A).

idéias (sic), o dirigiu, sem desesperos, PORQUE ele era a esperança; NÃO AGITOU; não gritou rebeldias. Tranquilo (sic), forte e consciente, viu-se que é um líder do maior movimento educacional do Brasil, e talvez do mundo<sup>48</sup>.

É sabido que Felipe não foi o único responsável pela difusão da CNEC, que, ao se consolidar como instituição em meados da década de 1940, passou a contar com a adesão de diferentes pessoas, distribuídas em distintos cargos em sua estrutura funcional. No entanto, sua dedicação à Campanha, fundamentada em um posicionamento supostamente apolítico e apartidário, sem causar “rebeldias” e “agitações”, somada com a devoção que ele nutria por São Francisco de Assis<sup>49</sup>, suscitou a formação de um mito usado como referência pela mantenedora e por pessoas a ela vinculadas.

A formação moral de Felipe se deu em meio a uma família fortemente vinculada ao cristianismo católico<sup>50</sup>. A devoção por São Francisco fora herança de seus pais – que inclusive batizaram os filhos mais velhos de Francisco e Francisca. Em suas memórias, o sobrinho, Valdemiro Severiano, faz várias menções sobre a afeição do tio pelo santo católico:

*“Dado a opção pra servir o próximo, e ele se espelhava muito nas lições de grandes mestres, em exemplos de vidas de pessoas que ajudaram o próximo [...] sem ter um interesse econômico e financeiro e ele era, tinha muita fé em Deus e principalmente nos seguidores dessa fé cristã de o exemplo que ele tomou como referência foi São Francisco de Assis de servir sem preocupação de, de ser enaltecido [...]”.* (Valdemiro Severiano, entrevista. 2017).

Na sua sala de trabalho, Felipe tinha uma estátua do santo: “[...] *você chegava, ele [Felipe] parava ali e contava a história, enaltecia o exemplo de São Francisco.*” (Valdemiro Severiano, entrevista, 2017). A exortação moral difundida por São Francisco e seus seguidores respalda-se no seu exemplo de abnegação: “[...] em seu *Testamento*, o mais ‘autobiográfico’ de seus escritos, ele lembra que sempre procurou trabalhar com as próprias mãos para que os irmãos fizessem o mesmo.” (LE GOFF, 2011, p. 45-46). É perceptível que Felipe procurou seguir o exemplo e agir de acordo com os princípios do santo de sua devoção, ao não acumular

<sup>48</sup> Excerto do pronunciamento do deputado Gilberto Carvalho (Apêndice A). Grafia e grifos originais.

<sup>49</sup> Giovanni Bernardone, posteriormente denominado Francisco, nasceu em Assis, na península itálica em 1182. No decorrer de sua vida, Francisco renuncia aos bens de sua família após um período acometido por doença. Converte-se no ano de 1206, e, a partir de então, reúne um grupo de seguidores que o auxilia em suas pregações em diferentes lugares. As ações de Francisco e seus companheiros deram origem à Regra dos Frades Menores, também conhecida como ordem franciscana (1210), cujos princípios são humildade, simplicidade e justiça. Le Goff (2011), o caracteriza como “homem da doação total” (p. 65), pois pregava a abnegação e servidão ao próximo.

<sup>50</sup> Dados atuais do município de Picuí, cuja última estimativa demográfica aponta para 18.737 habitantes, revelam que, destes, menos de 2000 são vinculados a outras religiões como a evangélica e a espírita. Informações extraídas de: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/picui/panorama>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

bens materiais e usar de seu exemplo pessoal para levar adiante a *ordem* por ele fundada. Felipe constrói a si mesmo com base nessa imagem. Tal dimensão remete à já mencionada *intenção autobiográfica* (ARTIÈRES, 1998), que consiste em selecionar e classificar os acontecimentos escolhidos para compor e contar a própria existência. Essa intenção autobiográfica constrói sua imagem durante sua vida e, na posteridade, é recomposta e ressignificada por aqueles que a rememoram e se referem a ela.

Na Fotografia 9, exibe-se a estátua do santo, junto de Felipe e da então primeira-dama do País, Marly Sarney. A obra foi esculpida pelo artista pernambucano Zezinho do Tracunhaém e dada de presente a Felipe Tiago pela CNEC de Pernambuco. Como já mencionado, atualmente, a estátua está exposta no Memorial Felipe Tiago Gomes, em Picuí. As relações entre o fundador da CNEC e a família Sarney serão tratadas no capítulo a seguir.

Fotografia 9 - Felipe Tiago e Marly Sarney ao lado da estátua de São Francisco de Assis, na CNEC, em Brasília



Fonte: Acervo do Memorial Felipe Tiago Gomes.

Em depoimentos de alguns dos membros fundadores da Campanha presentes na Coletânea Cenecista (1994), por vezes, é feita a relação entre o comportamento de Felipe e o do santo católico. Os colegas que iniciaram com ele a CGP mencionam que deram outros rumos

a sua vida, mas que Felipe seguiu absolutamente devotado à sua ideia para dar acesso ao educando pobre.

Jamais o vi irritado em congressos, mas ele se isolava sempre e era normal ficar irritado apenas quando queriam, por exemplo, modificar o espírito de pobreza da Campanha. Para mim ele é uma espécie de São Francisco de Assis em pleno século XX. Um homem descalço, que vem calçando a milhares de pessoas – crianças, adolescentes, cidadãos brasileiros, homens maduros –, mas vivendo descalço. (SILVA, 1994, p. 655).

Além dessa abnegação, a capacidade de Felipe de detectar as características de uma situação e estabelecer um modo para lidar com ela também é algo mencionado nos depoimentos dos companheiros de Campanha: “[...] uma coisa que impressiona sobremodo é que ele, sempre que vê um problema, isola-se, fica aguardando os acontecimentos, mas já tem tudo bem montado, preparado.” (SILVA, 1994, p. 657). Esse atributo é mencionado também por Lourdes Henriques: a professora conta que, em reuniões e conversas em grupo, Felipe ficava horas calado e depois surgia com um parecer sobre o tema discutido.

Essas características de sua personalidade foram somadas ao seu desprendimento material, evidenciado por seu estilo de vida: mesmo após a consolidação da Campanha, ele passava certas necessidades e nem mesmo podia custear sua alimentação. Considerando tais aspectos, nos depoimentos, é possível perceber que os colegas tentam entender o que mobilizava Felipe, que poderia ter se configurado como o *dono* da mantenedora ou aceitado as oportunidades de assumir cargos políticos. Dessas reflexões, surgem a relação com São Francisco de Assis e as menções que atrelam ambos, instituição e fundador: “[...] a Campanha sempre terá de se encontrar e sempre terá de depender e de precisar de Felipe [...] Porque vitalmente é ele a Campanha [...]” (MENEZES, 1994, p. 663).

Mesmo associando diretamente Felipe à Campanha e frisando seu desinteresse material, Afonso Pereira da Silva diz que a permanência dele na superintendência da CNEC se deu em função da sua capacidade de articulação e adaptação a uma situação. Nesse sentido, entende-se que, na medida em que a mantenedora desenvolve os contornos de uma instituição burocrática e hierarquizada, seu fundador permanece em cargos diretivos em função de sua capacidade de perceber uma conjuntura e se associar a ela: “[...] se tivesse procurado se manter contra isso e aquilo, não teria vencido.” (MENEZES, 1994, p. 656).

A devoção ao santo protetor dos animais e inspirador do franciscanismo, ordem mendicante da Igreja Católica, não é algo aprofundado em seus escritos autobiográficos. Contudo, em declarações públicas, quando o fundador se refere à sua atuação na mantenedora, o comparativo é evocado: “[...] quando acontece uma coisa que me traz muita amargura, penso

que São Francisco de Assis não viveu tanto para ver suas igrejas transformadas em ricos tesouros” (CNEC em Revista, 1983, p. 34). Nessa mesma declaração, ele faz menção às decepções que sofreu ao longo da sua trajetória. Já em outro escrito, Felipe fala da sua percepção em relação às mudanças pelas quais a CNEC passou e ao quanto ela, aos poucos, vinha perdendo suas características fundantes. Nessa reflexão, mais uma vez, a vida de São Francisco é tomada como exemplo:

São Francisco de Assis, que era um homem rico, jogou tudo pela janela, ficou praticamente sem roupa e as igrejas dele são as mais ricas do Brasil. De forma que a Campanha começou pobre, hoje possui um dos colégios mais ricos do Rio de Janeiro. Mais bem equipado. É de certa maneira – não digo uma coisa desconcertante-, mas é um imprevisto. Quando fundamos a Campanha nunca imaginamos ter, no Rio de Janeiro, então Capital da República, uma escola como o Colégio Capitão Lemos Cunha. Daí a descaracterização da Campanha é um passo. (GOMES, 1994, p. 681).

No entanto, nos demais discursos, entrevistas e declarações públicas, Felipe Tiago fazia menção a diversas obras e frases de diferentes segmentos da literatura em geral. Assim, a devoção a São Francisco não era algo frisado nas suas manifestações. Ao contrário, ao fundamentar suas atividades e as da Campanha, costumava fazer referência a pensadores, filósofos e escritores. A exemplo disso, em um discurso feito na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (vide Apêndice A), embasa sua fala com passagens de Erasmo de Rotterdam, Pablo Neruda e Kalil Gibran. O mesmo acontece em outras exposições públicas, em que recorrentemente menciona Miguel de Cervantes (associando suas ações ao personagem clássico do autor, Dom Quixote de La Mancha).

Por meio desses registros, é possível afirmar que a associação de Felipe com o santo católico é uma faceta que se acentua após o fim da sua vida, pois o exercício de rememorar e fazer referência à sua existência é permeado por sentimentos atrelados à sua falta. Dessa forma, determinados aspectos de seu perfil, em detrimento de outros, acabam por ganhar destaque e criar uma atmosfera cristalizada no que diz respeito às suas ações em vida. Assim, as possíveis definições para *cenecismo* se constituem como representações produzidas com base naquilo que fora vivido, sentido e experimentado, e são atravessadas pela imagem de Felipe Tiago.

#### 4 A FIGURA PÚBLICA: REDES, MEDIAÇÕES E MITIFICAÇÃO

*“[...] Então, ele conseguia colocar, por exemplo, num almoço na CNEC, pessoas das mais diversificadas posições, um negócio impressionante sabe? Nunca vi nada desse jeito... Ele conseguia porque ele convidava e acho que até já dizia: - Fulano estará também então o senhor não pode faltar não é?! (risos) É interessante, essas pessoas na CNEC eram todas iguais, conversavam, discutiam as coisas, incrível isso [...] Isso é uma das coisas que mais me chama a atenção, como é que ele conseguia articular tanta gente diferente num mesmo espaço? Uma habilidade incrível, uma habilidade muito grande.” (Sebastião Garcia, entrevista, 2017).*

*“[...] Nesse tempo, os deputados e senadores adoravam almoçar lá. E nessas conversas, nesses almoços, ele [Felipe] pedia o dinheiro para ajudar a CNEC. Um deles dizia: ‘Ah, eu conheço deputado fulano de tal e ele foi da CNEC’, e lá ia ele, através daquele, entendeu?” (Lourdes Henriques, entrevista, 2016).*

Como apresentado no capítulo anterior, a expansão da CNEC se deu, entre outros fatores, por meio da articulação com membros do poder público de diferentes níveis e esferas. Ao mesmo tempo em que o alcance da Campanha crescia, ampliava-se também a rede de contatos de seu fundador. Faço essas colocações para apresentar o segmento da vida de Felipe Tiago Gomes abordado neste capítulo: as redes de relações e a forma como sua imagem era vista e construída nesses meios. Desse modo, esta seção trata das articulações construídas por Felipe enquanto superintendente da CNEC e das representações produzidas sobre ele nesse contexto.

As motivações para a formação de tais laços eram permeadas por jogos de interesse. Como aponta Silva (2003), não foi apenas a ausência do Estado no fornecimento de escolas, mas também o *lucro político* (p. 123) que permitiu o avanço da entidade. A obra de Felipe, ou seja, a CNEC, vinha ao encontro de necessidades de personalidades políticas para ampararem sua carreira. A autora argumenta que esse viés é abordado pelos próprios dirigentes da instituição em congressos, que falam de uma postura fisiológica por parte de alguns governantes e demais membros do poder público: “[...] disputas políticas pelo mando dos ginásios, a degola de presidentes de setores e, às vezes, até estaduais, pela força da politicagem, por imposição dos donos de verbas. Isso aconteceu à larga, aqui e ali, e ainda persiste, porque política é política”.<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> Excerto do pronunciamento do professor Lúcio Melo, administrador estadual da CNEC no Ceará, no congresso local de 1976. Extraído de SILVA, 2003, p. 123.

Exceto o texto autobiográfico mencionado no capítulo anterior, não foi possível encontrar, nas declarações de e sobre Felipe Tiago, elementos que remetessem especificamente a tal questão. Suas falas públicas apenas tangenciam tais pontos, que são tratados como menores diante da grandeza da causa educacional defendida pela CNEC, a exemplo do excerto a seguir:

Uma organização que tem como base o idealismo não pode ficar presa a interesses outros. Interesses políticos, financeiros. A nossa Campanha tem que conservar-se pura. Há companheiros respeitáveis na Campanha que até pensam em formar um partido político. Isso é um erro muito grande. No dia em que a Campanha se transformar num partido político, como aconteceu no Peru, com Haya de La Torre, que foi um grande idealista, ela desaparecerá. (CNEC em Revista, 1983, p. 19).

O personagem em si e aqueles que se referem a ele após a sua existência o caracterizam como alguém que fazia uso do meio político para amenizar a situação das populações que não tinham acesso a escolarização e infraestrutura em geral. Nesse sentido, suas ações ganham uma aura diferenciada, já que sua presença no meio político se justificava pela preocupação em criar possibilidades de acesso à educação – elemento que garantiria melhores condições para a vida das camadas mais pobres da sociedade.

*“Ele se definia bem, ele dizia que o partido dele era o partido “PE”, Partido da Educação, brincava com a gente e ele dizia isso, olha, “meu partido é da educação”. Sigla partidária nem pensar e outra coisa... talvez no tempo [de Felipe], as pessoas até vinham, achavam que ele era um oportunista, uma pessoa de poder... Não, ele era uma pessoa que tinha que estar, tinha que se aproximar do poder para que o poder pudesse dar as condições para ele manter essa estrutura [CNEC], porque essa estrutura ela não teria condições de... ela não era autossustentável!” (Acácio Dantas, entrevista, 2016).*

É dessa forma que a já mencionada *política conciliatória* utilizada por Felipe Tiago é lembrada. Nas lembranças de Acácio, ele é lembrado como alguém que só queria fazer o bem e que usava a aproximação com figuras que exerciam poder para articular e garantir financiamentos para ações que resultariam em benesses à população. Assim, em nome da causa educacional, o fundador da CNEC edificou uma instituição responsável por materializar o objetivo almejado, a qual, direta ou indiretamente, atendia a interesses dos grupos envolvidos.

Na fala daquele que é um dos *escolhidos* de Felipe, é possível observar a referência que faz em relação à imagem que poderia ser feita de seu mentor durante sua estada frente à gestão da CNEC: naquele período, ele pode ter sido visto como oportunista, mas seu legado *prova* o contrário:

*“Com todas essas conquistas, para ele próprio amealhou quase nada, ele morreu praticamente sem patrimônio nenhum, era uma pessoa que vivia realmente como um idealista, como visionário, como uma pessoa que queria fazer o bem, é abnegado como se diz, pessoa abnegada, desinteressada que queria só promover o bem. Isso aí causava esse respeito e essa atenção, eu acho que não passava disso”.* (Acácio Dantas, entrevista, 2016).

A postura franciscana de Felipe foi o ponto forte no estabelecimento de suas redes de relações. Ao circular por diferentes núcleos de pessoas, ele ganhava homenagens em forma de declarações públicas e premiações. Essas, algumas vezes, tinham valor simbólico, como medalhas, placas (vide Apêndice D) e até mesmo flores – o que, segundo Lourdes Henriques, causava-lhe estranhamento, pois não seria comum que homens fossem presenteados dessa forma. No entanto, em algumas ocasiões, Felipe foi presenteado com elementos mais substanciais, como terrenos e casas. Essas passagens surgem a partir das memórias da professora Maria da Guia, que conviveu com o fundador após a instalação da CNEC em Brasília. De uma de suas apoiadoras no estado do Maranhão, Aricéya Moreira Lima<sup>52</sup>, membro de uma família de latifundiários, ele ganhou um “enorme terreno”, cuja escritura foi dada em uma cerimônia relativa à CNEC:

*“Eu estava presente nesse dia, numa solenidade, não sei se aniversário, alguma coisa lá do estado do Maranhão, como eu sou maranhense ele me convidava e ele recebeu, agradeceu e disse assim: ‘- É mais um patrimônio para a CNEC.’ E ela era muito interessada, ela dizia assim: ‘- Felipe, eu dei para você! Felipe Tiago Gomes!’ Ele disse assim: ‘- Eu sou a CNEC, pra que que eu quero terra? Eu não vou ser enterrado lá.’ E passou pra CNEC a terra (risos). Isso é santidade gente!”* (Maria da Guia, entrevista, 2017).

Episódios como esse reforçam a associação de Felipe Tiago com o santo de sua devoção. As memórias sobre ele remetem sempre à sua humildade, que seria uma das suas principais características. A descrição da simplicidade de Felipe é acompanhada por exemplos que demonstram seu desapego em relação a vaidades e luxos pessoais. Nesse sentido, um dos acontecimentos citados é relacionado aos seus cuidados com a saúde pessoal. Ele era diabético, mas nem sempre regrado em relação à alimentação. Em 1973, teve de fazer a primeira cirurgia cardíaca: “[...] ele não tinha recurso pra manter, pra pagar as despesas e teve que fazer uma campanha, o próprio cenecista do Brasil, pra custear a primeira cirurgia.” (Valdemiro

---

<sup>52</sup> A família Moreira Lima é bastante tradicional em Buriti Bravo/MA. A consolidação do município se deu através da doação de terras por parte do Coronel Raimundo Moreira Lima, que se tornou seu prefeito em 1935. Informações extraídas de: <<http://buritibravo.ma.gov.br/a-historia-de-buriti-bravo/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

Severiano, entrevista, 2017). Na memória do sobrinho, diante da situação, o tio encarna e personifica o *cenecismo*. Dez anos depois, em 1983, Felipe teve um infarto e precisou ser operado novamente. Mais uma vez, foi preciso fazer uma mobilização para angariar fundos que cobrissem as despesas médicas da cirurgia de ponte de safena.

Em seu contexto, ao tomar tais atitudes perante os acontecimentos, Felipe acabava por atrair ainda mais a atenção e o (re)conhecimento nos lugares e meios por onde transitava. O próprio menciona isso ao fazer um balanço de sua trajetória frente à CNEC:

[...] na Campanha sempre tivemos o interesse de afastar a ambição por riquezas. Hoje, tenho pouca coisa mais do que quando fundei a Campanha. Um apartamento no Rio de Janeiro, que comprei com muito sacrifício, na época em que o famoso BNH era mais camarada; um automóvel que me deram de presente e duas casas germinadas<sup>53</sup>, lá no meu Picuí, interior da Paraíba. **Ninguém trabalha para outra pessoa quando esta pensa em dinheiro.** (CNEC em Revista, 1983, p. 21, grifo meu).

Ao enfatizar que o seu propósito (e, por conseguinte o da Campanha) não era o acúmulo de recursos financeiros, Felipe impulsionava a participação de distintas personalidades em relação às atividades desenvolvidas pela CNEC em diferentes âmbitos: construção de edifícios para a mantenedora e de prédios para as escolas, manutenção de pessoal e outros recursos necessários para o funcionamento da ampla gama de atuação da CNEC no País.

Essa característica específica do fundador é um dos elementos que mobiliza a participação na instituição, seja por meio do apadrinhamento por parte de figuras públicas ou mesmo por pessoas dispostas a participarem voluntariamente como professores, nos primórdios da instituição e ainda posteriormente à sua consolidação, em localidades mais interioranas e de difícil acesso. Essa forma de participação é um dos fatores que colaboram para a atuação da mantenedora em tais lugares e contribui para a formação e o reforço do *cenecismo*.

Uma das figuras públicas que exerceu docência voluntária na CNEC foi José Sarney<sup>54</sup>, no estado do Maranhão, na década de 1950. A já mencionada Aricéya Moreira Lima foi a responsável por fundar a instituição cenecista na região. Nesse momento, Sarney era estudante de Direito e já iniciava sua carreira política. À época, lecionou voluntariamente na escola

<sup>53</sup> Mantive a transcrição literal do conteúdo da revista. No entanto, o correto seria *geminadas*. As casas em questão foram herdadas de seus pais e repassadas para a CNEC antes de seu falecimento.

<sup>54</sup> José Ribamar Ferreira de Araújo Costa (24/04/1930), cujo nome público ficou conhecido como José Sarney, é um político brasileiro que iniciou sua carreira na década de 1950. É formado em Direito pela Faculdade de Direito do Maranhão. Desde sua inserção na vida pública, ocupou diferentes cargos nos poderes legislativo e executivo, nas esferas estaduais e federal. José Sarney é um dos personagens mais emblemáticos do cenário político brasileiro. Seu nome está associado a momentos cruciais da história do País, como o processo de redemocratização após o término da ditadura em 1985, quando acabou por assumir a presidência da República, bem como as situações envolvendo episódios de corrupção e nepotismo. O último mandato de José Sarney, cujo término se deu em 2015, foi como senador pelo estado do Amapá, pelo então PMDB.

cenecista organizada na região. A parceria entre Felipe Tiago, José Sarney e sua esposa Marly com a mantenedora educacional ganha força e vem a público anos mais tarde, na década de 1980, quando Sarney se torna presidente da República.

Essas parcerias e contatos integram o jogo de interesses que possibilita o avanço da CNEC. Como dito anteriormente, o lucro político que envolver-se na causa poderia render era também um dos mobilizadores dos envolvidos na Campanha. Adiante, exploro as ações e relações de meu personagem em meio a esse contexto.

#### **4.1 Redes de relações e práticas de mediação**

No trecho utilizado como epígrafe deste capítulo, o tempo ao qual a professora Lourdes Henriques faz referência são os anos após a mudança da CNEC para Brasília, na década de 1970. É nesse período que a mantenedora, por fim, é batizada com a nomenclatura CNEC, que prevalece até os dias de hoje.

Diante das mudanças administrativas surgidas com a nova capital, a entidade precisou mobilizar-se para ficar mais perto do centro do poder administrativo do País. Nesse contexto, recebeu um terreno da Companhia Urbanizadora Nova Capital - NOVACAP e enviou funcionários para dar início aos trabalhos na nova sede. Conforme nota do Correio da Manhã de 16 de junho de 1960 (p. 12), a articulação para isso se deu por meio da então primeira-dama Sarah Kubitschek, no período em que ela esteve à frente da instituição como presidente de honra. Segundo o texto da publicação, Felipe Tiago Gomes planejava fazer, junto à sede, um espaço para dormitórios e salões para recepções e exposições.

Fotografia 10 - Comitativa composta por Alzira Sodré, Léa Aquino Bandeira, Almirante Benjamin Sodré, Felipe Tiago e Murílio Hingel<sup>55</sup> na construção da sede da CNEC, em Brasília



Fonte: Imagem obtida na internet<sup>56</sup>.

Assim, ao longo da década de 1960, a CNEC engajou-se no processo de construção da sede na nova capital e adaptou-se à conjuntura política que se formava no País. De acordo com Silva (2003), a entidade alinha-se às modificações previstas pelo governo militar e diversifica suas atividades, voltando suas escolas para qualificação de mão de obra, cursos supletivos e outras atividades no campo do desenvolvimento comunitário. O responsável pela estruturação da mantenedora em Brasília foi Sebastião Garcia. Em seus escritos, Felipe declarava que a transferência da CNEC significava que “[...] novas portas se abriram no Planalto para irradiar

<sup>55</sup> Murílio de Avelar Hingel (1933) foi filiado ao MDB (posteriormente PMDB e atualmente MDB), partido que, dentro do contexto bipartidário da ditadura civil-militar, exercia o que se chama de oposição ao governo. O personagem em questão, tendo concluído o curso de História e Geografia na cidade de Juiz de Fora/MG, ocupou o cargo de Secretário de Educação do município na gestão de Itamar Franco. Em sua atuação na secretaria, que aconteceu com alguns intervalos de tempo, entre as décadas de 1960 e início dos anos 1970, promoveu a abertura de escolas da CNEC. Na segunda metade dos anos 1970, transferiu-se para Brasília e atuou em vários órgãos públicos relacionados à educação. Também pertenceu ao quadro docente da UFJF até 1989. Após sua aposentadoria da universidade, passou a se dedicar à CNEC, de cuja diretoria estadual já era membro. No governo de Fernando Collor de Melo, exerceu o cargo de subchefe do Gabinete da Vice-Presidência, cargo que naquele momento era de Itamar Franco (PMDB). Com o impeachment de Collor, Itamar assume a Presidência da República e convida Murílio para assumir o Ministério da Educação, cargo que exerceu entre os anos de 1992 e 1995. Após sua passagem pelo MEC, ele seguiu atuando na direção estadual da CNEC em Minas Gerais. Informações extraídas de: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/murilio-de-avelar-hingel>>, <<https://tribunademinas.com.br/opiniao/tribuna-livre/08-04-2018/ainda-murilio-hingel-um-preito-de-gratidao.html>> e <<http://www.jornaldelavras.com.br/index.php?p=10&tc=4&c=1051&catn=1>>. Acesso em: 04 set. 2018.

<sup>56</sup> Encontrada em: <<http://www.oocities.org/felipetiagogomes/fotos/foto11.html>>. Acesso em: 04 set. 2018.

a mensagem das Escolas da Comunidade.” (1986, p. 151). Acompanhando a transferência da instituição, ele muda de residência e se instala em Brasília. Sua irmã, Maria Gomes, acompanha-o em seguida.

Se, no início da década de 1960, é inaugurada a nova sede do País como um dos símbolos do projeto de modernização e desenvolvimentismo colocado em prática no governo JK, é também nesse período que as divergências entre diferentes grupos políticos se intensificam, culminando com a deflagração do golpe civil-militar em 1964. Em fins do ano de 1960, Jânio Quadros é eleito presidente da República pelo PTN, com apoio de uma coalizão de partidos e do Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ). No mesmo processo eleitoral, João Goulart (PTB) é eleito vice-presidente. A partir de então, conforme Costa (2004), conflitos entre os poderes legislativo e executivo, somados à política de diálogo com países do bloco socialista, desencadeiam uma crise política que culmina com a renúncia de Jânio Quadros, em um momento de forte instabilidade, que prevaleceu antes e durante a chegada ao poder do sucessor legal de Jânio, João Goulart. A partir de então, as diferenças políticas e econômicas entre grupos sociais ganham força, e, desde o momento da posse de Jango, como era conhecido, ocorreram conspirações para impedir seu mandato. (ABREU, 2001). Tais movimentos levaram ao golpe civil-militar no ano de 1964.

Nesse período, a CNEC era uma instituição com mais de duas décadas de existência. No entanto, apesar do tempo de atuação no âmbito educacional, seu funcionamento seguia atrelado aos subsídios oriundos do poder público. Desse modo, acompanhando os rumos da política no País, a mantenedora foi alinhando seu campo de ação aos princípios da ditadura civil-militar.

No entanto, esse alinhamento não se deu de imediato. Após a eclosão do golpe em 1964, Felipe foi procurado pelos militares, pois, em um primeiro momento, a Campanha foi vista como subversiva. Tal acontecimento é recorrente nas narrativas de memória de meus entrevistados. Conforme as lembranças da professora Lourdes Henriques, por prezar o estudante pobre, o movimento “*tinha cheiro de comunismo*”. (Entrevista, 2016). Nas lembranças de Sebastião Garcia, a perseguição à instituição e a seu fundador se deu em função do poder de alcance da CNEC e de seu viés comunitário.

Os problemas de Felipe e da CNEC com os militares foram resolvidos com auxílio de suas redes de relacionamento: “[...] ele foi bem perseguido, e tinha muitos amigos, lógico, o relacionamento dele era muito grande e chegou aos... ele tinha general no conselho da CNEC, ele tinha almirante, ele tinha gente graduada das forças armadas dentro da CNEC.” (Sebastião Garcia, entrevista, 2017). Conforme as lembranças de ex-secretário da Campanha, a partir de então, Felipe tratou de aproximar mais sujeitos ligados às forças armadas à sua instituição.

*“[...] eu tive a oportunidade de ouvir [de Felipe], no golpe mesmo ainda houve essa tentativa de enquadrá-lo, mas ele tinha uma amizade muito boa com o General Bandeira<sup>57</sup>, que foi uma pessoa expressiva do comando, do alto comando. E teve muita sorte de umas amizades que tinha, porque ele sempre dizia, o movimento que ele fazia ia totalmente de encontro ao que o golpe pregava, qualquer pessoa que estivesse envolvida com qualquer movimento social era tido como subversivo, comunista. E ele, eu me lembro que ele diz que a sorte dele foi o contato que ele tinha”. (Acácio Dantas, entrevista, 2016).*

Fotografia 11 - General Bandeira, Felipe Tiago, Tarcísio Burity (então governador da Paraíba) e Lourdes Henriques, 1979



Fonte: Acervo do memorial em Picuí<sup>58</sup>.

Após o golpe civil-militar, tal regime de colaboração entre CNEC e poder público se mantém e ganha outros contornos. Nesse momento, enquanto instituição, a Campanha visa a ampliar seu campo de atuação, submetendo uma proposta ao Ministro da Educação, em que explicitava o desejo de atender as propostas educacionais da ditadura militar e argumentava

<sup>57</sup> Antônio Bandeira (1916-2005), nascido em Guarabira (PB), foi um general do Exército brasileiro. Durante a ditadura, esteve à frente de várias operações e ações dos militares, entre elas, a Operação Mesopotâmia, lançada pelo exército para conter focos de guerrilha e luta armada durante a ditadura. O general é conhecido por ser um militar da chamada *linha dura*, tendo sido associado às mais duras práticas de repressão do período. Tais fatos tornaram-se públicos após o término do regime. Enquanto o General ainda era vivo, sua família entregou à imprensa um baú com documentos inéditos da ditadura. Segundo sua filha, a iniciativa se constitui em uma tentativa de amenizar os fatos associados à imagem de seu pai, que por vezes é ligado a atos de tortura em relação aos presos políticos. A esposa do General, Léa Bandeira, presidia uma associação de caridade em Brasília e atuou ativamente para a estruturação da CNEC na capital. Informações extraídas de <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bandeira-antonio>>, <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/premios-jornalisticos/o-bauacute-do-general-bandeira-9853050>> e <[http://www2.uol.com.br/JC/\\_1998/0904/po0904j.htm](http://www2.uol.com.br/JC/_1998/0904/po0904j.htm)>. Acesso em: 28 ago. 2018.

<sup>58</sup> A qualidade da imagem é precária, pois se trata de uma fotografia de um quadro exposto nas paredes do memorial em Picuí. O quadro integra o acervo do espaço, onde constam diversas fotografias de Felipe com autoridades e personalidades públicas. Nessas fotografias, o General Bandeira e sua esposa, Léa Aquino Bandeira, aparecem em atividades da CNEC ao lado de Felipe e outros dirigentes da Campanha.

acerca da vantagem do investimento de verba pública na entidade. Para um dos fundadores, José Rafael de Menezes, a Campanha, “[...] sem dúvida, cedeu demasiado ao sistema militarista no Poder, porém sem alterar o ideário de uma escolarização voltada para as possibilidades de cada área, liberada para as aspirações dos setores.” (p. 22)<sup>59</sup>. Na concepção dele, como meio de sobrevivência, a CNEC cedeu aos militares, mas manteve suas origens ao não centralizar a administração dos setores locais, órgãos formados por membros das comunidades responsáveis por administrar as escolas cenecistas.

A Diretoria Nacional recrutou-se sempre em personalidades vinculadas ao Sistema nascido em 64; felizmente, Brasília distanciava-se de todos os núcleos cenecistas e a Presidência a produzir efeitos afetivos: a do Almirante Benjamin Sodré, jamais conduziu a marca do autoritarismo presunçoso e mordômico. (p. 22).

O nome de Benjamin de Almeida Sodré (1892-1982)<sup>60</sup>, Almirante da Marinha do Brasil, é recorrente ao se tratar da história da CNEC. Por muitos anos, ele e sua esposa, Alzira Sodré (em determinados eventos públicos, chamada de *Mãe cenecista*), estiveram à frente da Campanha, ocupando cargos de conselheiros e presidência de honra. O Almirante foi bastante próximo a Felipe e o auxiliou em vários aspectos no que diz respeito aos avanços e à permanência da Campanha, sobretudo após o golpe civil-militar de 1964.

Um indicativo do caráter do vínculo entre os personagens está na correspondência encontrada no acervo do Memorial em Picuí. Nelas, Felipe estabelece contato com o então Ministro da Marinha, Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, e procura subsídios para a construção da “Sala de Memória Almirante Benjamin Sodré”. Na composição da correspondência, está anexado o *curriculum vitae* de Felipe Tiago Gomes com seus dados gerais, percurso formativo e profissional e uma vasta lista de títulos de cidadania e honrarias, condecorações, medalhas, participação em congressos e outras particularidades listadas cuidadosamente, como se o documento atestasse e legitimasse a iniciativa e a posição do seu proponente. Há ainda, na correspondência, uma série de documentos elencados sobre o Almirante. A resposta dada para Felipe acena positivamente para a construção do memorial; no entanto, não foi possível detectar se o espaço de fato foi consolidado.

Ter pessoas ligadas às forças armadas nos órgãos diretivos da CNEC foi o meio adotado para dar prosseguimento e crescimento à instituição. O *cenecismo* se configurava como o lema de alinhamento entre as partes envolvidas – Campanha, poder público, ex-alunos e

<sup>59</sup> José Rafael de Menezes, em “Reflexões de um fundador” ([19--?]).

<sup>60</sup> As informações sobre o Almirante foram extraídas de: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/benjamim-de-almeida-sodre>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

comunidades. Como visto, o cenecismo sustentava-se a partir da projeção da imagem de Felipe como uma espécie de mártir da educação, evidenciando que ele era o ponto de conexão entre as partes envolvidas na mantenedora – e seguiu sendo-o, mesmo após o estabelecimento da ditadura civil-militar.

Fotografia 12 - Felipe Tiago, o então presidente da República General Ernesto Geisel e Almirante Benjamin Sodré



Fonte: Acervo do Memorial Felipe Tiago Gomes.

Em matéria do jornal Diário de Notícias, o avanço da mantenedora é noticiado com a manchete: “Mesmo aonde ainda não chegou o progresso a CNEC mantém escola: são 300 mil alunos”. No corpo do texto, a trajetória do fundador e da instituição é retomada, e se aponta a CNEC como gerenciadora dos projetos de educação voltada para o trabalho. Abaixo, segue um excerto da publicação, que mostra o salto dado pela instituição no período citado. O trecho também evidencia que, de maneira indireta, as comunidades em meio às quais a CNEC estava inserida acabavam por edificar os projetos do governo.<sup>61</sup>

Em 1968, a comunidade financiou 58% do programa da Campanha ficando o restante da receita a cargo do Município, do Estado e da União. De 1962 a 1968 a CNEC recebeu do Govêno (sic) Federal para investir em prédios, um pouco mais de 8 milhões. No mesmo período passou de 37 para 530 prédios. Para 1971 a CNEC solicita a inclusão de 20 milhões de cruzeiros no seu orçamento, fornecidos pela União, de acôrdo (sic) com o plano proposto ao Ministro Jarbas Passarinho, pois o objetivo é uma constante expansão. (Diário de Notícias, 8/11/1970, 2º Caderno).

---

<sup>61</sup> Os projetos, ações e questões específicas relativas à educação serão abordados no próximo capítulo.

Conforme já referido, o fundador, além do cargo de gestão exercido dentro da entidade, encarnava também o papel de símbolo da CNEC. Adotando a postura franciscana e frisando o viés apolítico de sua pessoa, Felipe mantinha certa diversidade nas redes com as quais se relacionava. Ao mesmo tempo em que negociava o suporte de membros das forças armadas, fazia uso também do apoio recebido por pessoas contrárias ao regime, como Dom Hélder Câmara<sup>62</sup>, conforme correspondência a seguir:

Querido Amigo Felipe Tiago Gomes,  
 Ao festejarmos os 40 anos da abençoadíssima Campanha dos Ginásios Pobres -hoje, Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - seu nome se destaca naturalmente, no meio de outros como José Rafael de Menezes, Everardo Luna, Alcides Rodrigues Lucena, Joel Pontes, ou de ainda outros como Professora Netinha, Agamenon Lafayette e Des. Benildes Ribeiro. Mas, ao recordar que, pelos 1316 Ginásios da Comunidade, já passaram 2 milhões e meio de Brasileiros, e que, neste instante, o sonho de 1943 permite acolher, em torno de 23 mil Professores, 537.952 alunos de 1º e 2º graus, e, inclusive, 3 Escolas Superiores, a Ação de Graças tem que chegar a Deus. D'Ele veio a inspiração primeira. D'Ele a coragem em momentos cruciais. D'Ele a persistência, a fidelidade, ao longo de 40 anos de caminhada, não raro sobre humana. É vital para a Campanha e para todos os que dela participam que, sempre mais, contemos com a ajuda de todos os instantes d'Aquele, em Quem todos reconhecemos a inspiração, a chama de nossa chama, a Força que transfigura nossa fraqueza.  
 Recife/PE, 29 de julho de 1983.  
 HELDER CÂMARA<sup>63</sup>

A missa pelos 40 anos da instituição, em 1983, foi celebrada pelo religioso. O bispo católico chegou a integrar o conselho nacional da instituição, no início da década de 1960. Ressalto que não se pode afirmar que a relação travada com tais personagens seja de vínculos afetivos ou amizade, tampouco que os contatos entre as partes se constituíam a partir de um convívio sólido. É possível observar que a CNEC, por meio da figura de Felipe Tiago, buscava, em declarações de figuras públicas, uma forma de divulgação e reconhecimento do mérito da mantenedora e de seu fundador. Nesse sentido, a origem de onde partiam as declarações, bem como o apoio de outros segmentos relacionados à estrutura e ao funcionamento em si da

---

<sup>62</sup> Hélder Pessoa Câmara (Fortaleza, 07/02/1909/Recife, 27/08/1999) foi um religioso conhecido mundialmente pela sua atuação na Igreja Católica em prol dos menos favorecidos e pela defesa dos Direitos Humanos. Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), organização feita com o objetivo de criar um elo de comunicação entre a Igreja e a população. Nas atividades e homenagens que recebeu no exterior, Dom Hélder nunca manifestou preferência partidária, tampouco visitou países do bloco socialista. No entanto, foi uma das lideranças que publicamente se manifestou contrária ao regime instalado após o golpe em 1964. Dom Hélder tecia críticas ao capitalismo e ao socialismo materialista, pois entendia que ambos sobrepujam as questões matéricas em detrimento das humanas. Sua trajetória foi dedicada à promoção de justiça social. Durante o regime militar, sofreu perseguições, e a imprensa foi proibida de mencionar seu nome. Nesse período, ministrou várias palestras no exterior, onde recebeu várias premiações pela sua dedicação às questões humanitárias. Informações extraídas de: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete--biografico/helder-pessoa-camara>>, e <<http://memoriasdadtadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-helder-camara/index.html>>. Acesso em: 25 set. de 2018.

<sup>63</sup> Conteúdo extraído de: <<http://www.oocities.org/felipetiagogomes/artigo01.html>>. Acesso em: 17 set. 2018. O texto foi originalmente publicado na CNEC em Revista, edição comemorativa de 1983.

instituição, ficava em segundo plano. Possivelmente, tais fatores contribuem para que, ao se lembrarem de passagens da vida do fundador da CNEC, meus entrevistados frisem sua capacidade de articular personagens com visões de mundo antagônicas em torno de uma mesma causa, considerando que, em alguns momentos, segundo as lembranças, ele compartilhava o mesmo espaço com diversos públicos em eventos e cerimoniais da CNEC.

Outro membro da Igreja Católica conhecido pelo grande público que manifestou apoio à CNEC e a Felipe foi Dom Avelar Brandão Vilela<sup>64</sup>. Na parede do memorial, em uma moldura, há uma imagem da Virgem Maria amparando o menino Jesus; logo abaixo, escrita à mão, está a seguinte declaração: “Ao prezado amigo Felipe Tiago Gomes, com o respeito e admiração que me merece o seu idealismo pela causa no ensino gratuito no Brasil, oferece Dom Avelar”. Ao lado da assinatura, o registro da data é “11-64”. Observo que não pude encontrar indícios de contatos diretos entre Felipe e os religiosos em meados dos anos 1960 e 1980. Nesse período, as ações públicas da CNEC contam com autoridades políticas em nível nacional e local. Destaco que, na edição comemorativa da CNEC em Revista de 1983, Dom Avelar se refere a Felipe como alguém que, “[...] na sua vertiginosa carreira, tem encontrado generosas acolhidas e incompreensões dilacerantes. O que importa é servir à causa do bem e da verdade”. Nesse sentido, a forma e as relações estabelecidas por Felipe para conduzir a CNEC e suas escolas eram justificáveis, pois davam oportunidades aos menos favorecidos.

As declarações de membros da Igreja Católica em apoio à CNEC são parte do processo de divulgação e promoção da *causa cenecista*. Ao serem mencionados nos documentos ou mesmo pelos entrevistados, os depoimentos dos religiosos são enfatizados como legitimadores da obra de Felipe. Assim, apesar de não terem sido encontrados vínculos de convívio entre as partes, o apoio desses personagens cristaliza o altruísmo franciscano do fundador.

De maneira indireta, o modo de vida e os princípios adotados por Felipe Tiago podem ser associados à Doutrina Social da Igreja Católica<sup>65</sup> (DSI). O conjunto de orientações da Igreja Católica para a vida em sociedade encontra-se nesse documento, que reúne encíclicas papais com

<sup>64</sup> Avelar Brandão Vilela (1912-1986) foi um arcebispo da Igreja Católica. De maneira moderada, o religioso atuou na mediação entre a Igreja e o regime militar. Suas ações visavam à justiça social baseada nos princípios cristãos. Na 24ª Assembleia Geral da CNBB, em 1986, fez um apelo em prol da reforma agrária e fez declarações sobre o posicionamento que os cristãos deveriam tomar em relação ao conteúdo da Constituinte.

<sup>65</sup> A encíclica *Rerum Novarum*, publicada em 1891 pelo Papa Leão XIII, é o marco da imersão da Igreja Católica nas questões sociais produzidas pela Revolução Industrial. Conforme Sena e Cristo, a encíclica versava sobre as condições impróprias e muitas vezes desumanas do trabalho operário nas indústrias. No decorrer do texto que dá origem à DSI, o Papa assinala que a defesa da Igreja se distingue do socialismo, pois, entre outros fatores, defende a propriedade privada. A encíclica de 1891 fala em união entre patrões e empregados, a fim de “aliviar eficazmente a indigência e a operar uma aproximação entre as classes” (*Rerum Novarum*, 1891). O texto integral da encíclica está disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html)>. Acesso em: 18 set. 2018.

recomendações baseadas na consciência cristã. Em síntese, o compêndio com a DSI discute o papel da Igreja em relação ao mundo globalizado e a forma de vida das pessoas nesse contexto. Ao longo dos escritos, é enfatizado o compromisso com o próximo, independentemente de sua religião ou posição dentro da sociedade. Abaixo, consta um excerto da DSI, em que a doutrina e suas ações são explicadas:

[...] *diz respeito ao homem todo e se volve a todos os homens*. Tantos irmãos necessitados estão à espera de ajuda, tantos oprimidos esperam por justiça, tantos desempregados à espera de trabalho, tantos povos esperam por respeito: «Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, quem não tenha uma casa onde abrigar-se? E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que frequentemente atingem mesmo os ambientes e categorias dotadas de recursos econômicos, mas sujeitos ao desespero da falta de sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social. [...] *O cristão sabe poder encontrar na doutrina social da Igreja os princípios de reflexão, os critérios de julgamento e as diretrizes de ação donde partir para promover esse humanismo integral e solidário. Difundir tal doutrina constitui, portanto, uma autêntica prioridade pastoral*, de modo que as pessoas, por ela iluminadas, se tornem capazes de interpretar a realidade de hoje e de procurar caminhos apropriados para a ação: « O ensino e a difusão da doutrina social fazem parte da missão evangelizadora da Igreja»<sup>66</sup>.

Em uma das encíclicas papais da DSI, o Papa João Paulo II diz que o documento “[...] situa-se no cruzamento da vida e da consciência cristã com as situações do mundo e exprime-se nos esforços que indivíduos, famílias, agentes culturais e sociais, políticos e homens de Estado realizam para lhe dar forma e aplicação na história”. Nesse sentido, para construir uma sociedade melhor, é preciso superar aquilo que é de criação do homem em prol dos princípios divinos, considerando que priorizar doutrinas políticas criadas pelo homem impediria o avanço da caridade cristã. Diante disso, fica evidente que o personagem aqui biografado incorpora os princípios cristãos e, em suas ações mediadoras, age de acordo com os princípios explanados na DSI. Apesar disso, não foram encontrados indícios de seu envolvimento com movimentos como a Teologia da Libertação<sup>67</sup>, corrente teológica cristã que visava a combater as injustiças sociais por meio do diálogo com teorias marxistas.

<sup>66</sup> O compêndio com todos os princípios da DSI está disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html#O%20significado%20do%20documento](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#O%20significado%20do%20documento)>. Acesso em: 18 set. 2018.

<sup>67</sup> Hobsbawm (1994, p. 362) explica que, entre as décadas de 1970 e 1980, membros da Igreja Católica da América Latina aproximaram-se das teorias marxistas. Como visto, durante a chamada Guerra Fria, parte do continente esteve sob o comando de governos ditatoriais. Assim, teólogos latino-americanos se dedicaram a pensar as condições de inserção de pessoas que viviam à margem da sociedade. Não se tratava de apenas de interceder a favor dessas pessoas, mas de discutir as possibilidades de libertação da opressão exercida pelo mercado. Sobre o início do movimento, o teólogo Leonardo Boff (2017) afirma: “Com um sentido profundamente igualitário e fraterno. Queríamos identificar novas sensibilidades, novos enfoques e maneiras de processar esse tipo de

Quanto à forma utilizada por Felipe para manter-se próximo a políticos, Lourdes Henriques diz que, por vezes, ele era criticado por oferecer banquetes aos congressistas e demais figuras de poder e influência na sede da instituição. O próprio diz que, muitas vezes, foi chamado de adesista por procurar o governo. As brigas e divergências em questão não são detalhadas (CNEC em Revista, 1983, p. 17). Sobre uma passagem específica em relação aos eventos oferecidos por Felipe, a professora conta:

*“Sabe onde é feito esses banquetes? No restaurante da CNEC, onde funciona a administração central. Ele oferece banquete para senadores, deputados, na própria CNEC. É um cardápio simples, não é coisa de caviar e outras coisas chiques não, ele oferece para poder receber esses senadores, com a conversa desses senadores e deputados é que ele consegue o dinheiro para manter a CNEC”.* (Lourdes Henriques, entrevista, 2016).

Essas lembranças fragmentárias reforçam a construção de Felipe como um ser abnegado, dedicado ao seu objetivo de vida. Elas produzem o personagem como um sujeito acima de questões profanas, que, por seu desprendimento do mundo material, também não pode ser avaliado e julgado com base em tais valores. No entanto, evidenciam também que os atos de Felipe em vida não passaram imunes a críticas e contradições. Nesse sentido, Acácio Dantas conta que, ao tentar edificar estruturas da CNEC em sua cidade natal, Felipe enfrentou muitas adversidades, sobretudo de grupos políticos, que viam nele uma ameaça à hegemonia política da região:

*“Era um negócio meio de coronel, município muito atrasado e a pessoa [o governante local] sem muita visão, sem muita expectativa assim de perspectiva de desenvolver o município, com certeza ele [Felipe] ficava muito angustiado com tudo isso, querendo fazer o município... Imagina, o potencial que ele tinha, não era como um parlamentar que bota uma emenda parlamentar lá para trazer recurso para o município, era a capacidade que ele tinha de mobilização e de ir lá no poder e ele via todo o potencial que ele tinha desenvolvido aqui, a terra dele e só que o comando político aqui, muito arcaico, muito atrasado, então segurava”.* (Acácio Dantas, entrevista, 2016).

Nesse contexto, as resistências encontradas por Felipe ocorriam em função de uma eventual candidatura de sua parte. O próprio nunca participou de nenhuma disputa eleitoral, mas apadrinhou seus escolhidos para ingressar no mundo da política. Os casos mencionados

---

teologia, quanta dignidade atribuímos aos que não contam e são invisibilizados em nossa **sociedade neoliberal e capitalista**”. (grifos do autor).

aqui, Acácio Dantas e Buba Germano, exerceram cargos nos poderes legislativo e executivo após seu ingresso nos projetos da CNEC.

Contudo, embora não tenha se candidatado em nenhum pleito eleitoral e nem tenha assumido nenhum cargo público, Felipe circulava pelos gabinetes em Brasília como se fizesse parte daquele contexto:

*“[...] ele tinha livre acesso ao Ministério. Não é brincadeira, ele ligava... a gente sabe que um parlamentar desses mesmo com interesses políticos, politiqueros mesmo, as vezes um parlamentar desses tem uma dificuldade de ter acesso a um ministro. Ele... ele marcava, era só ligar o telefone, professor Felipe pode vir para uma... Então ele tinha essa facilidade [...]”* (Acácio Dantas, entrevista, 2016).

A imagem de Felipe ao circular por esses espaços é sempre muito formal – ternos, gravatas, fotografias com poses preparadas e geralmente em meio a um ritual ou solenidade. Segundo Lourdes Henriques, para trabalhar na CNEC, ele usava uma camisa e deixava o paletó no gabinete, para quando precisasse ir a algum ministério: *“[...] ele só ia de terno quando ele ia conhecer ministérios, vivia sempre um paletó lá na mesa dele... ele botava em cima da cadeira.”* (Entrevista, 2016). O superintendente da CNEC adotava, então, outro modo de se vestir e agir para circular entre seus contatos.

Um dos feitos de Felipe Tiago sempre mencionados pelos meus entrevistados é o título de “Comendador da Ordem Nacional do Mérito Educacional<sup>68</sup>”. O decreto de concessão da condecoração foi dado pelo General João Figueiredo. A indicação partiu da então ministra da Educação e Cultura, Esther Ferraz, que, no mesmo período, associou-se à CNEC. A homenagem aparece em uma pequena nota da CNEC em Revista (edição comemorativa de 1983, p. 7); no entanto, o passar dos anos parece ter dado outra conotação ao fato, que, muitas vezes, surge como um argumento para justificar o trabalho de “manter” a memória de Felipe Tiago.

Como dito anteriormente, uma das personalidades públicas próximas de Felipe e da CNEC eram José Sarney e sua esposa, Marly Macieira Sarney. No memorial em Picuí, é possível encontrar muitas fotografias do trio lado a lado. Em meados da década de 1980, a CNEC passa por uma reformulação<sup>69</sup> (Anexo C) e traça um conjunto de objetivos (Anexo D)

<sup>68</sup> Comenda é condecoração concedida a pessoas que se destacam em suas áreas de atuação. A Ordem do Mérito das Comunicações foi aprovada por meio do decreto 87.479, de 16 de agosto de 1982, pelo presidente Figueiredo. Na ordem, constam as seguintes classes Grã-Cruz, Grande Oficial, Comendador, Oficial e Cavaleiro. Informações extraídas de: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-e-comenda-e-o-que-faz-um-comendador/>> e <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Antigos/D87479.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D87479.htm)>. Acesso em: 25 set. 2018.

<sup>69</sup> Mesmo com a remodelação dos cargos diretivos e objetivos da mantenedora, seguem membros do conselho nacional personalidades como General Antonio Bandeira, Léa Bandeira e outros nomes ligados às forças armadas. Passam também a integrar o conselho figuras como Antonio Carlos Magalhães, Espiridião Amin Filho, entre outros.

para seguir atuante. O casal mencionado participa do III Congresso Extraordinário da CNEC em 1985, momento em que tais medidas são tomadas, e Marly Sarney passa a ser vice-presidente do conselho nacional da mantenedora. Na ocasião, Felipe lhe presenteia com uma estátua de São Miguel Arcanjo produzida por uma artesã de Currais Novos/RN. Ainda hoje, ela integra o conselho consultivo da CNEC.

A natureza das relações entre Felipe Tiago e a família Sarney são de conhecimento público; no entanto, há indícios de que o envolvimento entre as partes se dava também de maneira mais íntima, não só na vida social. Esse contato em específico é sempre mencionado como exemplo da grandeza de Felipe, que conseguiu levar um presidente a Picuí:

*“Sarney [...] esteve em Picuí em 89, prestigiando o fundador da CNEC, o professor Felipe, enquanto deputados, senadores faziam questão, um empurrando o outro pra ficar mais próximo do Sarney, ele, o professor Felipe, que era o que estava recebendo a autoridade, não muito preocupado em aparecer, ficou mais atrás ele disse: ‘- Felipe venha pra cá que o homenageado é você’”.* (Valdemiro Severiano, Entrevista, 2017).

Com o processo de redemocratização do País após o fim da ditadura militar, em 1985, José Sarney<sup>70</sup> acaba assumindo a presidência da República, cargo que ocupa entre 1985 e 1990. Nesse contexto, ele e a esposa mantêm vínculos com a CNEC e Felipe. A visita do então presidente é um marco na história da cidade. O fato é lembrado com um misto de gratidão e admiração por aqueles com quem conversei. Ao dizer que minha estada na cidade se dava em função de Felipe Tiago, seus conterrâneos contavam sobre a vinda do presidente, frisando a importância do *filho ilustre da terra* e do quanto ele se importava com sua cidade natal. Ao encontro disso, Acácio Dantas afirma:

*“[...] professor Felipe tinha um acesso muito grande ao governo, ao presidente Sarney, a esposa do Sarney, quer dizer a primeira-dama, Dona Marly Sarney, fazia parte da*

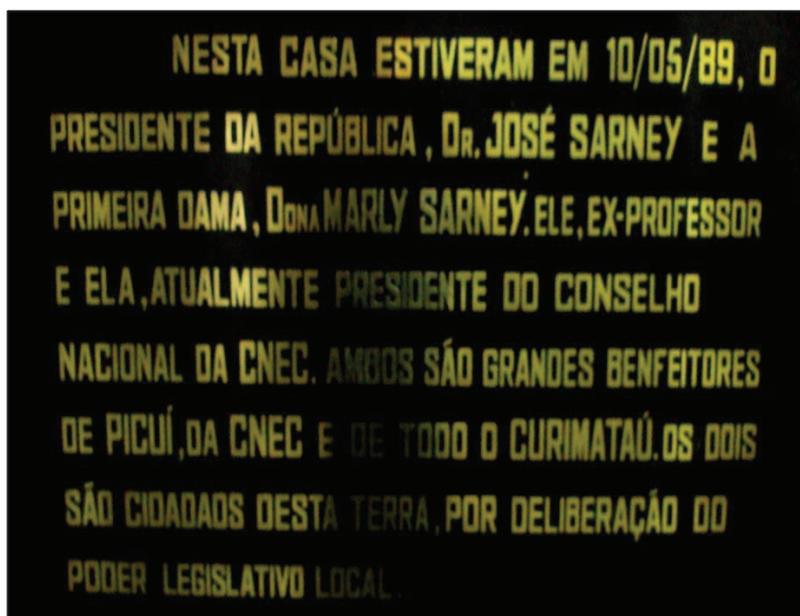
---

<sup>70</sup> O processo de abertura do regime militar se deu desde o princípio da década de 1980. De acordo com Del Priore e Venâncio, “[...] a participação popular no processo de abertura, de certa maneira, reflete um descontentamento coletivo diante dos rumos da sociedade brasileira.” (2010, p. 287). Desse modo, a campanha das Diretas Já ganha ampla adesão, e, embora não tenha atingido seu objetivo principal, as eleições diretas, abre espaço para que um presidente não militar assuma o poder executivo. Após um processo de disputas e dissidências partidárias, a aliança PMDB – PFL, tendo Tancredo Neves e José Sarney como presidente e vice, respectivamente, chega ao poder. No entanto, devido a um debilitado estado de saúde, Tancredo Neves morre antes de tomar posse. Assim, prevalece a determinação legal, e José Sarney assume a presidência da República. O novo governo acaba sendo atravessado pelo descontrole da inflação, bem como por casos de corrupção e nepotismo. Apesar disso, “é marcado por avanços democráticos significativos. O mais importante deles é a convocação de uma Constituinte, reunida em 1988 e destinada a pôr abaixo o que então se denomina entulho autoritário do regime militar.” (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2010, p. 289).

*diretoria da CNEC, Sarney foi, fez parte também, como professor no Maranhão da CNEC, então tem uma vinculação muito grande”.* (Acácio Dantas, Entrevista, 2016).

Nesse momento, a CNEC estava pondo em prática sua reformulação, e Picuí era a cidade modelo para o processo de diversificação da mantenedora educacional. O FUNDEPI<sup>71</sup> previa modernizações para o município, como um conjunto habitacional (que iria se tornar o bairro cenecista), laboratórios de mineralogia, criação de um estádio de futebol, criação de uma rádio e ainda outras obras de infraestrutura. A ida do presidente e da primeira-dama à cidade foi vista como o símbolo desse movimento de avanço da cidade. Eles ficaram hospedados na casa onde hoje é o memorial. Aliás, a partir dos projetos da CNEC para Picuí, a casa de Felipe passa a ser o local de hospedagem de todos os visitantes que ele convidava ao município. Observo que também ficaram hospedados na casa deputados e embaixadores de países como Canadá e Uruguai.

Fotografia 13 - Placa exposta no memorial Felipe Tiago Gomes<sup>72</sup>



Fonte: Acervo do Memorial Felipe Tiago Gomes.

<sup>71</sup> O FUNDEPI era um projeto experimental colocado em prática no município natal do fundador. Segundo a CNEC em Revista, “o município sintetiza os objetivos da CNEC, permitindo que a comunidade, organizada, influa diretamente na dinâmica socioeconômica da cidade, se engajando para levar adiante as ações propostas em consenso e se tornando autossuficiente para o suprimento de suas necessidades de mão-de-obra especializada e serviços essenciais” (1997, p. 14). Com as mudanças no contexto político e econômico do país, a CNEC se remodelou de modo a estabelecer outras frentes de ação que não somente a educação. O FUNDEPI foi uma tentativa da implantação dessa atuação. Mais uma vez a mantenedora recorria à comunidade para a edificação de seus projetos de desenvolvimento. Até o momento, não foi possível detectar se este modelo de projeto foi aplicado a alguma outra cidade do Brasil.

<sup>72</sup> Há uma dessas para várias outras autoridades que passaram pela cidade e se hospedaram na casa.

Foi nos últimos tempos da ditadura militar que a CNEC obteve a concessão de uma emissora de rádio. Em 1985, entra em funcionamento a Rádio Cenecista<sup>73</sup> em Picuí. A abertura de emissoras de rádio era parte do projeto de diversificação da CNEC. Sobre a emissora, Felipe Tiago afirma que a rádio seria uma iniciativa para a “educação de base”,

[...] para que possamos ensinar ao homem do campo a viver melhor, mesmo dentro de suas limitações financeiras. Não adianta pregar contra a subversão da ordem porque no mundo sempre existiram os ricos e os pobres. Queremos trazer benefícios para todos e nada melhor do que uma emissora de rádio que entrará em todos os lares da região. (GOMES, 1986, p. 115).

Nesse excerto, a forma como Felipe lidava com realidade fica explícita. Assim como exposto na DSI, não se tratava de repensar as estruturas da sociedade, mas de agir para que as mazelas existentes fossem amenizadas. Segundo Acácio Dantas, a intenção de Felipe era abrir emissoras de rádio em diferentes cidades onde a CNEC estivesse presente. No entanto, o presidente José Sarney teria lhe advertido que isso não era possível, dado o potencial alcance que um veículo de mídia teria e das implicações políticas que isso poderia gerar.

Fotografia 14 - José Sarney e Felipe Tiago Gomes na inauguração do hospital da CNEC em Picuí, 1989



Fonte: Acervo do Memorial Felipe Tiago Gomes.

<sup>73</sup> A rádio encontra-se em funcionamento na cidade: <<http://www.radiocenecistapicui.com.br/>>. Atualmente, deixou a frequência AM e passou para FM. É de posse da mantenedora educacional, mas tem horários que podem ser adquiridos pela comunidade, que pode apresentar conteúdos próprios. Quando estive em Picuí, visitei a emissora, que possui vários cartazes em homenagem ao seu idealizador. Na ocasião, fui entrevistada por João Tavares, atual gerente da emissora e um dos *escolhidos* de Felipe Tiago, que o convidou para integrar projetos da CNEC no mesmo período em que Buba Germano e Acácio Dantas assumiram seus cargos na instituição. Tavares, como é conhecido, mantém um sentimento de gratidão e admiração por seu mentor, aspecto que vai ao encontro da imagem produzida pelo que chamo de *comunidade de memória*.

Marly Sarney, por integrar o conselho da CNEC, já havia estado em Picuí em outras ocasiões. Em uma das visitas da primeira-dama ao município, Felipe Tiago encaminha por meio dela um ofício, solicitando o asfaltamento da estrada que liga Picuí a Currais Novos/RN. O Diário de Natal (25/04/1986) noticia o pedido, dizendo que a primeira-dama “[...] logo que chegou a Brasília fez a entrega ao presidente Sarney e este passou às mãos do titular dos Transportes que solicitou a presença dos edis para estudar o pedido.”

Em relação às redes mencionadas, Felipe pode ser entendido como um *intelectual mediador* (GOMES; HANSEN, 2016), ou seja, alguém que exerce uma atividade de mediação entre campos distintos. Nessa concepção, o termo intelectual não se restringe a um nível de erudição ou uma obra específica produzida por determinado indivíduo, mas ao tipo de atividade desenvolvida por ele e seu campo de circulação. Desse modo, o intelectual mediador pode ser entendido como aquele que atua na divulgação e na vulgarização de um segmento cultural relevante para a sociedade. Mais especificamente, assume tal posição aquele que:

Se dedica à comunicação com públicos externos às comunidades de *experts*, tem que aprender a ser mediador. Ele se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo. Ou seja, ele se torna um profissional especializado em atingir um público não especializado. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 19).

Assim pode ser entendida a atuação de Felipe Tiago à frente da CNEC. Ele se constituiu como um eixo de comunicação entre diferentes grupos da sociedade. Para isso, seu percurso de vida, a superação de dificuldades e a postura desprendida de interesses materiais são usados como referência na articulação desses laços, como pode ser visto em recortes de jornais como o da Figura 4, a seguir. Ele circulava constantemente pelas escolas da CNEC em diferentes pontos do País, ao mesmo tempo em que frequentava cerimônias e homenagens em diferentes espaços – inclusive em órgãos dos poderes executivo e legislativo nos âmbitos municipal, estadual e federal.

Utilizo o termo redes por entender que Felipe mediava articulações entre diferentes grupos, de modo que sua presença nesses círculos acontecia de maneira sazonal, em ocasiões especiais, nas quais eram realizadas solenidades, cerimônias de homenagens (Apêndice D) e festejos de efemérides. Tais redes eram formadas por meio de indicações de membros nelas envolvidos e jogos de interesse. Conforme Barnes, o conceito de rede é singular para discutir as relações interpessoais travadas por determinados grupos e/ou indivíduos. Nesse sentido,

[...] é apropriado em situações em que grupos persistentes, como partidos ou facções, não estão formados, bem como em situações em que indivíduos são continuamente requisitados a escolher sobre quem procurar para obter liderança, ajuda, informação e orientação. (BARNES, 1987, p. 163).

A dimensão de rede potencializa o entendimento do modo de operar do personagem central deste estudo. Analisar as ações de Felipe a partir da perspectiva de redes possibilita observar os processos políticos a partir de sua matéria-prima, ou seja, indivíduos e grupos que compõem a sociedade, mas que não estão diretamente vinculados a órgãos e instituições que constituem a macroestrutura do sistema político. Assim, o conceito permite descrever e analisar processos políticos entre diferentes grupos e seus diferentes níveis. Em síntese, o termo rede propicia a análise “[...] das relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos.” (BARNES, 1987, p. 167).

Para oportunizar encontros entre as redes e intermediar contatos, Felipe e a CNEC promoviam eventos de natureza diversa, incluindo congressos e mesmo almoços e jantares. Os encontros promovidos e presenciados por Felipe, na condição de superintendente da CNEC, contavam com ritos de apresentação e agendamento prévio. Nesses momentos, aconteciam os processos de negociação entre as partes envolvidas.

*“Ele apresentava congresso em toda parte do Brasil e todos os representantes dos estados iam contar sua história, como é que a CNEC estava indo [...] Ele chegava e dizia assim: ‘Lourdinha, vamos visitar os estados para ver como anda a CNEC’. Eu o acompanhava sempre que ele era convidado pelo Rio Grande do Norte, Santa Catarina ou Maranhão. Ele falava: ‘Vamos embora para o Maranhão’. Eu ia juntamente com Lina Monte-Mór, que era superintendente adjunta”.* (Lourdes Henriques, entrevista, 2016).

A dita obra de Felipe Tiago para com a educação se deu, em grande parte, na construção e na consolidação dessas redes de contatos. As viagens eram constantes em sua agenda, bem como compromissos de ordem pública. Nos deslocamentos, funcionários da CNEC o acompanhavam e auxiliavam. A mobilidade de Felipe dependia das companhias, pois, apesar de estar em constante movimento pela mantenedora, ele não possuía automóvel nem carteira de habilitação.

*“[...] não parava na sede não, não parava não, circulando o tempo todo, o Brasil de canto a canto. Ele ia ver escola, a menor escola e ia ver a maior escola e aí tirar da melhor escola o que deu certo lá pra oferecer pra menor escola, quer dizer: ele gerenciava isso assim muito bem, muito bem, não parava não. Voava o tempo todo, e viajava muito de carro também, não tinha medo não, virava a noite”.* (Sebastião Garcia, entrevista, 2017).

Para fazer tantos deslocamentos, ele teve de superar o medo de avião: “Foi sempre um homem assombrado com vôo (sic) de avião, sempre viajou à força, quase que amarrado, porque tinha mesmo que voar.” (SILVA, 1994, p. 658). Segundo meus entrevistados, Felipe não fazia

distinção entre os convites recebidos. Todo e qualquer convite, da menor escola que fosse, era aceito. De modo geral, as visitas aconteciam para inspeção, homenagens e solenidades.

A Figura 3, a seguir, traz um exemplo desse tipo de evento, ocorrido no Paraná – em destaque, está seu parecer sobre as parcerias estabelecidas pela mantenedora.

Figura 3 - Nota sobre a visita de Felipe Tiago ao Paraná



Fonte: Diário da Tarde (01/03/1974).

O excerto destacado acima evidencia as formas por meio das quais a CNEC atuava no cenário educacional. Para estabelecer tais convênios e parcerias, a pessoa do fundador da mantenedora se constituía como uma espécie de elo entre as partes. É nesse sentido que ele se configura como um intelectual mediador.<sup>74</sup>

Na seção a seguir, exploro a forma como Felipe se apresentava em cerimônias públicas e como era representado por aqueles que partilhavam desses espaços.

<sup>74</sup> Suas declarações sobre o tema que pautou sua vida, a educação, serão discutidas no próximo capítulo.

## 4.2 A promoção de si e dos outros: mártir e mito da educação

Como referi anteriormente, a expansão da CNEC não se deu somente pela ausência do Estado no fornecimento de acesso à educação. O lucro político que está atrelado a uma instituição vinculada a um tema de extrema importância social, como é a educação – ainda mais no caso de ser permeada por um viés comunitário –, possibilitava aos envolvidos desfrutar de certo prestígio diante da sociedade. Pode-se observar que, para os ocupantes de cargos no poder público, apoiar tal instituição traria um retorno político imediato, visto que boa parte da composição estrutural da mantenedora já estava em atuação em diferentes cidades do País.

Embora descrito como uma figura humilde e de hábitos sóbrios, cujo lazer englobava ler jornais, ouvir Beth Carvalho e fazer refeições simples, boa parte da vida de Felipe Tiago Gomes se deu em torno de viagens, cerimoniais e solenidades. Nessas ocasiões, acontecia o que chamo *de promoção de si e dos outros*. Com vistas a articular os projetos da CNEC no meio político, ele recorria a determinadas passagens de sua trajetória para sustentar sua credibilidade e, por conseguinte, da mantenedora.

A vida de esforços e abnegação é pauta recorrente em pronunciamentos públicos do personagem. Também nas declarações dos envolvidos nas atividades, a história de vida do fundador é contada como exemplo de superação e, em alguma medida, usada como uma espécie de espelho que reflete os ideais daqueles que o homenageiam. Essa imagem é apropriada por ocupantes de cargos públicos em diferentes esferas, que a utilizam e divulgam conforme a ocasião celebrada.

Nesse sentido, o personagem em questão passa por um processo de mitificação, em que determinados episódios de sua vida ganham dimensões apropriadas à ideia que se quer transmitir. As ações de Felipe Tiago ao longo de sua trajetória passam por um processo de elaboração coletiva, de modo que o entrelaçamento entre o vivido, aquilo que seria *real*, é (re)construído para transmitir determinados sentidos e significados à causa para a qual ele dedicou sua existência: a educação. Sobre esse fenômeno, Carvalho (2017) afirma: “Embora heróis possam ser figuras totalmente mitológicas, nos tempos modernos são pessoas reais. Mas o processo de ‘heroificação’ inclui necessariamente a transmutação da figura real, a fim de torná-la arquétipo de valores ou aspirações coletivas.” (p. 15). Nesse caso, o coletivo que constrói Felipe como um herói é circunscrito às redes onde ele exercia o que chamo de mediações. O fundador não se torna uma figura amplamente conhecida em nível nacional, nem durante, nem após sua existência. Assim, sua mitificação se dá entre aqueles que integram e estão vinculados à CNEC. Entre eles, estão também os ex-alunos da rede cenequista.

Aliás, este último grupo é mencionado por meus entrevistados como um dos elementos fomentadores da CNEC, por meio de sua presença em órgãos administrativos. Com o decorrer dos anos, alguns alunos da mantenedora passaram a exercer cargos públicos em suas localidades de origem. Pelo que se pode constatar, Felipe selecionava aqueles que julgava aptos para ocupar tal posição: “[...] o professor Felipe trazia para os quadros cenevistas pessoas que tivessem uma, uma conduta, uma história na educação...” (Valdemiro Severiano, entrevista, 2017). São esses os *escolhidos* para trabalhar em prol da CNEC junto ao poder público. Nas memórias de meus entrevistados, essa é a forma pela qual Felipe tentou manter vivos os ideais da instituição. Nesse sentido, ao escolher ex-alunos para exercer tais funções, ele estava trabalhando para manter o *cenecismo*.

Entre os ex-alunos da rede cenevista que se tornaram personagens conhecidos no meio político, estão Marco Maciel (DEM), Renan Calheiros (MDB), Alexandre Santos (MDB) e Enoc Vieira (atualmente sem partido). Esses são nomes com expressividade estadual e nacional, mas há também aqueles cujo destaque ficou no âmbito das comunidades ou municípios onde as escolas da CNEC estavam inseridas. Assim, a partir de um contexto local, indivíduos passam a interagir com setores ligados à macroestrutura da sociedade, de modo que todos esses agentes contribuem, em alguma medida, com a edificação do cenecismo e a sua centralização em Felipe Tiago. Para explicar o entendimento que faço acerca desse movimento, recorro a Revel (1998), que afirma que, ao observarmos uma escala particular, ela “[...] produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento”. Assim, nesse jogo de escalas (REVEL, 1998), os ex-alunos são peças essenciais para o estabelecimento e a manutenção de vínculos entre a CNEC e o poder público.

Além disso, conforme estudo por mim desenvolvido anteriormente (DUARTE, 2015), foi possível perceber que a figura do fundador impulsionava ações locais. Nesse sentido, as lideranças do chamado setor local – uma das esferas hierárquicas da CNEC – incorporavam aquilo que seriam os lemas e ideais de Felipe, cujo retrato ficava exposto na recepção da escola, tal como acontece em instituições confessionais, conforme relato do professor José Moacir Schreiber (2013). Essa influência e intervenção nas comunidades é reconhecida pelo próprio personagem, que a avalia como reflexo das benfeitorias que sua obra educacional presta às localidades. Nota-se que não há uma abordagem crítica da realidade, no sentido de pensar as demandas locais e as ações da mantenedora nesse sentido. A análise estabelecida sobre a relação alunos–comunidade–mantenedora é sintetizada com exemplos de ações vitoriosas da CNEC e das pessoas ligadas a ela. Desse modo, a associação entre o poder público e a instituição seria movida apenas por

sentimentos de gratidão, reconhecimento e dever, visto que a possibilidade de avanço teria sido possível somente graças à mantenedora, como afirma o próprio Felipe Tiago:

O poder que o nosso movimento exerce na Comunidade é muito forte. Temos Câmaras de Vereadores constituídas somente com ex-alunos. Os prefeitos municipais, também ex-alunos, são inúmeros; Deputados brilhando nas Assembleias Estaduais... Em tudo isto, acredito que eles levem muito da filosofia cenevistas. (CNEC em Revista, 1983, p. 33).

Faço essas considerações pois, ao analisar as representações produzidas sobre o personagem-alvo deste estudo, considerando as redes onde circulou, entendo que sua pessoa se constitui como um elo entre o contexto local e o nacional. Com isso, quero dizer que aqueles ligados ao poder público, governantes e legisladores em geral, nem sempre transitam entre comunidades periféricas ou longínquas. Assim, associar-se publicamente à pessoa de Felipe possibilitaria tornar-se conhecido entre tais grupos e, desse modo, fabricar uma imagem. Sobre isso, Burke afirma: “[...] cada história se situa no ponto de interseção entre o arquétipo e uma conjuntura, em outras palavras, entre imagens herdadas e acontecimentos específicos e individuais.” (2009, p. 18). Ou seja, Felipe se converte em um modelo de referência que guia ideias a adotar, adaptações a fazer e modos de proceder.

Por meio de solenidades e de rituais, a imagem mítica do fundador é construída, promovida e utilizada por ele e por diferentes agentes ligados à CNEC. Nesse processo, os efeitos do mito agem sobre o mundo externo, fazendo com que o referido herói seja o meio de atingir o público – seja ele de eleitores ou colaboradores dos diferentes setores que compõem a hierarquia da mantenedora. De acordo com Carvalho (2017),

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. (p. 58).

Embora não esteja tratando de um regime político, entendo que as palavras do autor são pertinentes para pensar o conteúdo dos ritos e cerimoniais dos quais Felipe participava, pois, “[...] por ser parte real, parte construído, por ser fruto de um processo de elaboração coletiva, o herói nos diz menos sobre si mesmo do que sobre a sociedade que o produz.” (CARVALHO, 2017, p. 15). Da mesma forma, recorre-se a tais elementos para legitimar o cenecismo, lema da mantenedora.

Nas cerimônias de homenagens e concessões de títulos de cidadania, presentes em boa parte da carreira de Felipe Tiago, determinadas passagens de sua vida são exploradas, de modo a exortar sua pessoa e trajetória em prol da educação. No Quadro 5, constam excertos de

pronunciamentos feitos em tais eventos. A íntegra dessas falas está na obra “A força de um ideal”, cuja síntese pode ser vista no Apêndice D.

Quadro 5 - Declarações de personalidades públicas em cerimônias de homenagem a Felipe Tiago<sup>75</sup>

<p>Senador Henrique de La Roque - Sessão Solene na Assembleia Legislativa do Maranhão, 1980.</p> <p>[...] Eu gostaria de dizer, Sr. Presidente, com a permissão de V. Excia. que santos não são apenas aqueles que se encontram no altar beatificados; <b>devem ser considerados santos também aqueles que fazem da sua fé, uma religião; que fazem de sua crença, uma condição, que fazem de seu evento, um símbolo.</b> (p. 63).</p>
<p>Deputado Severino Otávio, Sessão Solene na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1982.</p> <p>[...] Tenho dito sempre, senhores, que não pode haver um bem maior do que o saber. O grande investimento de todos os governos é aquele que tem como meta o homem. Tenho uma profunda admiração por aqueles que dedicam o melhor de suas vidas à nobre tarefa de formar gerações. <b>Posso lhes dizer que Felipe Tiago Gomes, com o destemor dos visionários e a persistência de um apóstolo, colocou seu nome na galeria dos grandes educadores brasileiros.</b> (p. 81).</p>
<p>Deputado Romildo Bolzan, Sessão Solene da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1983.</p> <p>[...] E já são 40 anos de vida. Vida bem vivida. 40 anos de serviço à Educação. E isso implica – sacrifícios e alegrias – recuos e avanços – derrotas e vitórias, desistências de uns e ingresso de muitos outros, traição de alguns e fidelidade de quase todos. <b>Mas, significa, antes, uma lição – um exemplo. E, antes do antes, significa a vitória de um ideal, inspirado por Deus.</b> Devo agradecer? A Quem? Sim, devo. A todos. E o “todos” não sei quem são. São milhares, talvez, milhões. Anônimos. Logo não vou agradecer a ninguém particularmente. Faço, permitam-me por justiça maior, uma exceção: Felipe Tiago Gomes. <b>Quando se fala em Cristianismo, fala-se em Cristo. Quando se fala em Campanha Nacional de Escolas da Comunidade fala-se em Felipe Tiago Gomes. Por que? Para glorificá-lo? Não. Para buscar recompensas? Não. Para estimular-lhe a vaidade? Não. Apenas, para sintetizar o agradecimento a Deus por ter iluminado o Felipe Tiago, na elaboração da idéia (sic), hoje, sedimentada na terra brasileira.</b> (p. 105).</p>
<p>Deputado Edivaldo Lopes, Sessão Solene da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 1985.</p> <p>[...] Você, Felipe, filho de pequeno sitiante da Paraíba, conseguiu, com idealismo e fé, lançar sua idéia (sic) por esse imenso Brasil afora, na condição de fundador da Campanha, maior movimento comunitário da América Latina, ou provavelmente, do Mundo, considerando-se sobretudo, tratar-se de uma entidade nova e que permanece sob os cuidados, a dedicação e liderança de seu fundador. <b>Por tudo isso, sua vida se constitui em longo e fecundo curso de aprendizado; é força de uma vocação que o tempo revelou irresistível e dominadora. Sua inteligência e pertinácia, sua autoridade moral e gosto pela educação, fazem de você um nome nacional, como realmente o é, inclusive, detentor de cidadania em praticamente todos os estados brasileiros.</b> (p. 127).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível observar nas passagens reproduzidas, a imagem de Felipe é associada a religiosidade, e suas ações e devoção à causa educacional são associadas a feitos e à postura de santos. Essa perspectiva e a associação de Felipe a um caráter sacralizado surge nesses

<sup>75</sup> Manteve-se a grafia original. Grifos meus.

pronunciamentos e também nas narrativas de memória dos sujeitos aqui entrevistados. Observo que não foram encontrados elementos em que o próprio fundador explore e coloque em palavras esse viés de sua personalidade. No entanto, as memórias e representações acerca de sua existência e trajetória comumente são associadas ao santo de sua devoção.

Nesse contexto, Felipe Tiago Gomes é anunciado como o grande benfeitor da educação, e sua obra é abordada como transcendente à sua própria existência. Percebe-se que há a intenção de atrelar a imagem do personagem ao avanço do número de escolas e ao acesso a tais espaços no Brasil. No entanto, essa perspectiva não se consolida após o fim da vida de Felipe. De maneira geral, seu nome não é mencionado quando se fala em história da educação no País, exceto quando se trata da rede cenequista e de experiências comunitárias<sup>76</sup>. Nesse sentido, mais uma vez, a imagem do homem abnegado surge, mencionado como o inspirador do movimento. No entanto, os desdobramentos de suas ações no âmbito da educação não são discutidos. Nesse processo de lembrança *versus* esquecimento, determinados objetos ligados à CNEC, ou mesmo a própria instituição, são o enfoque das problematizações. Por sua vez, os reflexos das ações do mentor são abordagens secundárias, de modo que se recorre ao fundador da instituição apenas para explicar determinadas lacunas que impossibilitam entender as relações entre a CNEC e o poder público.

Como se pode observar até aqui, o auge do crescimento da CNEC foi durante a ditadura militar. Com o processo de redemocratização, a CNEC se remodelou, traçou novos objetivos e manteve-se próxima ao governo federal, por meio de José Sarney. Na constituição de 1988 (BRASIL, 1988), as escolas comunitárias continuaram beneficiárias de recursos públicos. Segundo o Dr. Miro, durante a constituinte, o então ministro da educação, Jorge Bornhausen (filiação ao então PFL e atualmente vinculado ao PSD), teria entrado em contato com Felipe para alertá-lo sobre a possibilidade de a CNEC ficar de fora da constituição: *“Felipe, se movimente se não a CNEC fica fora da Constituição. Você vê, um ministro da educação ligar para um fundador ‘se movimente’ por quê? Professor Felipe tinha uma facilidade de envolver pessoas de boa fé, boa intenção de ajudar os estudantes...”* (Valdemiro Severiano, entrevista, 2017). Mesmo com a menção às escolas comunitárias na carta constitucional de 1988<sup>77</sup>, a CNEC

---

<sup>76</sup> Faço essa colocação com base no levantamento feito no estado do conhecimento de meu projeto de tese. As reflexões resultantes do mapeamento foram compiladas no artigo “Nuances de elementos biográficos nos estudos em História e História da Educação: uma síntese a partir do estado do conhecimento”, aprovado para publicação na Revista Brasileira de História da Educação/RBHE.

<sup>77</sup> O artigo 213 da Constituição Federal diz: “Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que: I – comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação; II – assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de

entra na década de 1990 com um quadro de forte instabilidade, devido ao crescimento do número de escolas públicas e à troca de governo ocorrida após as eleições de 1989.

A chegada de Fernando Collor de Mello à presidência da República abre o País para o neoliberalismo. As modificações no cenário político, econômico e social<sup>78</sup> atingem em cheio a hierarquia organizacional da CNEC, que precisa iniciar a um processo de transição e assumir o viés de uma instituição privada. Felipe aproxima-se de Fernando Collor de Mello, que havia sido presidente do Conselho Estadual da CNEC em Alagoas. No entanto, o cenário do período já não permitia mais o mesmo tipo de articulação de outrora. Com a consolidação da educação como direito do cidadão e dever do Estado pela constituição de 1988, conforme Cury (2010), o ensino privado passa da concessão para a autorização, coexistindo com as instituições públicas. Para isso, as escolas privadas precisaram investir em diferenciais em relação à educação fornecida pelo estado, no que diz respeito a infraestrutura e oferta de possibilidades. Desse modo, a lógica do comunitarismo não dialogava com os princípios neoliberais, pois o lucro e o modo empresarial de operar a passou a ser o imperativo das escolas. (SILVA, 2003, p. 153).

A década de 1990 é marcada pelas transformações do mundo globalizado. A informatização, o dinamismo da economia e a diversificação das necessidades educacionais exigiram que a CNEC se reestruturasse e rompesse com seus pilares de outrora. Assim, o modo como Felipe operava para articular as ações da CNEC não mais conversava com o cenário formado após o processo de redemocratização.

---

encerramento de suas atividades. §1º - Os recursos de que trata este artigo poderão ser destinados a bolsas de estudo para o ensino fundamental e médio, na forma da lei, para que os que demonstrarem insuficiência de recursos, quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública na localidade da residência do educando, ficando o Poder Público obrigado a investir prioritariamente na expansão de sua rede na localidade”.

<sup>78</sup> No dia seguinte à sua posse, Fernando Collor e a então Ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello anunciam o “Plano Brasil Novo”, conhecido como Plano Collor. Entre as medidas do plano, estava bloquear as contas correntes, aplicações financeiras e cadernetas de poupança. Conforme Schwarcz e Starling (2015), “A vida virou de pernas para o ar. Ninguém podia comprar, o consumo caiu e milhares de trabalhadores ficaram desempregados. Empresas quebraram, o país perdeu a capacidade de poupar, e a população compreendeu que ia precisar de sorte para enfrentar os meses seguintes [...] Mas, surpreendentemente, a sociedade brasileira aceitou o confisco.” (p. 493). O “Plano Collor II” implantado, em seguida, adotou uma agenda que abria o País para o mercado internacional.

Fotografia 15 - Felipe Tiago Gomes e  
Fernando Collor de Melo



Fotografia 16 - Itamar Franco e Felipe Tiago  
Gomes



Fonte: Acervo do Memorial Felipe Tiago Gomes.

As imagens acima mostram o modo de operar de Felipe Tiago. Posando ao lado de autoridades e figuras ilustres, fortalecia sua imagem. Nota-se que não se trata de poses espontâneas, resultantes da interação de conhecidos de longa data. São imagens produzidas recorrentemente em cerimônias oficiais, com o objetivo de retratar a interação entre as partes envolvidas. No memorial em Picuí, há uma série de fotografias semelhantes de Felipe com presidentes da República e demais autoridades. Assim, percebe-se que prevalece a intenção de frisar a importância do personagem a partir de sua rede de relações, tal como ele próprio fazia ao longo de sua trajetória frente à CNEC. Nesses arquivos do memorial, há também cenas de celebrações sobre a CNEC e seu fundador. Mais uma vez, é possível observar a importância dada a ritos e solenidades, bem como aos seus participantes.

No início dos anos 1990, Felipe estava com mais de 70 anos. Sua saúde era um tanto debilitada; ele já havia passado por cirurgias de ponte de safena, sofria de diabetes e desenvolvera uma trombose. Esse quadro, associado às mudanças do contexto macro, foram desestabilizando a mantenedora, o cenecismo e seu fundador. Meus entrevistados dizem que ele viveu anos de angústia, pois via a mantenedora passar por momentos de forte estremecimento em seus lemas e finanças:

*“Felipe ficou muito frustrado, porque naquele tempo, dinheiro para a pessoa viajar e fazer os congressos, fazia congresso em todas as partes do Brasil e todos os representantes do Brasil iam contar sua história, como é que a CNEC estava indo... E quando começou a apertar mesmo, quando ele morreu já estava assim meio depressivo, porque não tinha dinheiro para nada! Tirou até o dinheiro da poupança*

*dele para pagar os funcionários, porque já não tinha mais dinheiro.”* (Lourdes Henriques, entrevista, 2016).

O próprio relata essa angústia em um de seus escritos autobiográficos, que, como mencionei anteriormente, traz em seu conteúdo aspectos pouco tratados por Felipe no auge de sua trajetória como superintendente da CNEC. Não que sejam grandes revelações do personagem, mas é possível perceber que são ponderações feitas por alguém que começa a olhar para o vivido e a fazer um balanço de sua existência.

E eu já me sinto cansado, por que não? Depois de tanto tempo, tenho que me sentir cansado, não é? Principalmente as preocupações cansam mais. Também o trabalho, embora tenha a contribuição de muita gente boa. Mas o que me cansa mais, me destrói, são as preocupações, as incompetências e essas coisas todas. Mas isto, afinal de contas, é próprio de uma grande organização. A gerência de um trabalho desse cansaria a qualquer pessoa. A não ser quando não se sinta em profundidade os problemas. Esse não é o meu caso. Cada problema que vem a mim eu o sinto, desejo resolvê-lo e as vezes não consigo. Levo-o então, para a cama e muitas vezes acordo discutindo comigo mesmo esses problemas todos, coisa que muito me incomoda. É uma prova de que não estou leve, pelo contrário, estou pesado de problemas... (GOMES, 1994, p. 682).

As palavras escritas por Felipe não tratam de arrependimento, nem parecem ser uma queixa sobre a sua condição frente à CNEC, pois afirma que sua posição sempre foi difícil e que os problemas e desafios sempre existiram. O que ele lamenta, no decorrer do texto, é que cada vez menos pessoas se engajem na causa da Campanha. Como dito anteriormente, na década de 1980, a mantenedora se reformula e traça novos objetivos que visam a diversificar seu campo de atuação. Porém, Felipe Tiago não consegue tocar adiante essas iniciativas com a mesma *fórmula* que usava anteriormente. Ele reconhece que o governo não tem compromisso com a Campanha,

[...] daí temos que marchar com nossos próprios pés, temos de mudar o que já está acontecendo. E mudar as vezes significa piorar. O receio que tenho é esse, é que mudemos para o enfraquecimento da filosofia cenecista. Infelizmente é o que ocorre em algumas partes do país. (GOMES, 1994, p. 682).

Passagens como essa evidenciam a impotência do indivíduo em relação às transformações sociais, políticas e econômicas pelas quais o País passava. Se outrora, em sua juventude, ele via meios de lidar com tal cenário, agora o acúmulo das experiências vividas ao longo dos anos o faz hesitar e questionar o futuro da Campanha.

No decorrer do artigo, o fundador retoma sua história de vida, que já havia sido contada e recontada diversas vezes como elemento fundante da mantenedora e de seus lemas. Ressalto que as considerações feitas nesse texto não possuem o teor de uma existência mitificada, como

era apresentada anteriormente. Em tal vestígio autobiográfico, Felipe evidencia seu perfil humano com traços mais realistas, abordando questões que outrora ganharam uma aura mítica. Ele faz isso ao falar de suas escolhas, alegrias, medos e decepções, e até de assuntos que anteriormente não ganhavam espaço em suas declarações, como relacionamentos afetivos e gostos pessoais. Ao abordar os rumos dos parceiros de fundação da Campanha, diz:

Talvez, só eu não tenha me casado. Mas namorei muito. Tinha uma professora que terminava o curso de filosofia, morava em Olinda, estivemos quase noivos, mas ela com muito ciúme da Campanha, resultado: tivemos de terminar. Houve outras em Campina Grande, e mesmo no Recife, e até em Picuí, mas não posso dizer os nomes... deixemos isso, que estão vivas. Mas foi no Recife que namorei mais. Todavia, ficava a maior parte do tempo disponível trabalhando pela Campanha e as moças não gostavam. Tive uma namorada que fazia parte do Departamento Feminino da Campanha, gostava muito de Carlos Drummond de Andrade, moça muito inteligente, que foi a grande, a maior paixão que tive. Aliás, duas grandes paixões: a do teatro, a da Campanha e a professora. Ambas de posição social respeitável. Hoje, nem sei onde estão. Desapareceram da minha vida e da minha vista... (GOMES, 1994, p. 675).

Essas passagens da vida de Felipe não foram mencionadas nos demais documentos aqui analisados. Nas narrativas de meus entrevistados, o fato de nunca ter se casado é sempre mencionado como exemplo da dedicação do fundador à sua obra. Em nenhum momento, esse aspecto da vida íntima de Felipe é explorado, e as falas apenas tangenciam tais questões. Em parte, isso se deve à construção mítica do personagem, que é reforçada na medida em que sua ausência é sentida. Por outro lado, evidencia também que, mesmo entre pessoas que foram muito próximas a ele, a imagem do fundador e superintendente da Campanha prevalece em relação à de amigo e membro familiar.

A professora Lourdes Henriques conta que, às vésperas do aniversário de 50 anos da CNEC, em 1993, Felipe já se encontrava em um estado de saúde debilitado e percebia que a transformação da organização da mantenedora era inevitável. Segundo ela, ele teria pedido forças para acompanhar os festejos de 50 anos da Campanha: “[...] *ele dizia assim, ‘quando eu completar 50 anos aí Deus já me deu o que eu pedi’... Veio a campanha dos 50 anos e logo depois ele morreu [...] a Campanha completou em 93 cinquenta anos, ele morreu em 96, três anos depois...*” (Lourdes Henriques, entrevista, 2016). O próprio personagem, no texto autobiográfico mencionado anteriormente, diz que sua vontade era de se aposentar e desonerar a CNEC do custeio do seu cargo. Assim, ele seguiria adiante trabalhando gratuitamente em outras frentes da mantenedora. No entanto, esse desejo não foi alcançado. As dificuldades financeiras pelas quais a CNEC passou, na década de 1990, fez com que Felipe Tiago doasse todos os recursos angariados para a sua velhice para ajudar com as finanças da mantenedora.

O sobrinho, que, nesse período, não mais estava entre o quadro de funcionários da CNEC, acompanhou-o em alguns momentos nos últimos meses de sua vida. Segundo ele, a preocupação do tio era tranquilizar a irmã, que também estava doente: “[...] *ele se angustiava muito com a situação dos cenecistas, e veio também na época da doença da irmã dele que ele se estressou muito [...]*”. (Valdemiro Severiano de Maria, Entrevista, 2017). Além disso, Sebastião Garcia afirma que o fundador “[...] *não se preocupava com o amanhã não, não se preocupava não, ele nem cuidou da própria saúde porque trabalhou até o último dia trabalhou, trabalhou. Ele passou mal no trabalho, no trabalho... (suspiro). É muita coisa...*”. (Entrevista, 2017). Em suas lembranças sobre os últimos tempos de Felipe, meus entrevistados frisam sua devoção pelo trabalho e pela mantenedora, bem como o desinteresse em si mesmo. Dizem também que ele não demonstrava arrependimentos, tampouco lamentava não ter se casado ou constituído família. Professora Maria da Guia lembra que ele costumava dizer que “era casado com a CNEC”. Valdemiro Severiano diz que o tio não falava em morte, pois tinha medo de morrer. No entanto, a complexidade do quadro da mantenedora, somada ao seu frágil estado de saúde, contribuíram para que ele, aos poucos, não conseguisse manter seu ritmo de trabalho.

Felipe Tiago faleceu em setembro de 1996. O sobrinho tratou de articular seus contatos para fazer o cortejo e as homenagens fúnebres a seu tio: “*Brasília parou, inclusive no enterro dele porque eu já tinha um certo conhecimento, tanto a polícia como batedores da polícia militar de Brasília*”. (Valdemiro Severiano, entrevista, 2017). Autoridades compareceram ao funeral, e um carro de bombeiros circulou por Brasília com o caixão de Felipe. Nesse contexto, é possível notar que as memórias sobre os seus momentos finais procuram reforçar sua total abnegação. Os episódios de dificuldades são rebatidos com exemplos da sua força e preocupação para com o próximo. Desse modo, o processo de cristalização das lembranças sobre a vida do personagem em questão ganha um contorno mais preciso, pois o sentimento de gratidão passa a permeá-las.

Entre as pessoas com quem conversei em minha ida a Picuí, foi recorrente a fala de que “Felipe não soube escolher seu sucessor” – ou seja, o fundador não conseguiu ou não pôde escolher aquele que ocuparia seu lugar frente à CNEC. Outros, como a professora Lourdes Henriques, entendem que ele sempre soube que a “[...] *CNEC poderia ser, como poderia não ser.*” (Lourdes Henriques, entrevista, 2016). Segundo a entrevistada, Felipe Tiago sempre indicou que ela mantivesse uma carreira docente paralela à CNEC – e a professora Maria da Guia relata o mesmo: enquanto integrava a CNEC, ela era funcionária pública do Distrito Federal. Da mesma forma, o senhor Valdemiro Severiano não trabalhava mais para a CNEC quando Felipe faleceu: já estava vinculado ao Ministério do Planejamento, local onde trabalha

nos dias de hoje. Assim, os pareceres de Felipe sobre a situação da mantenedora e os conselhos para manterem atividades paralelas à CNEC dão subsídios à construção de representações de um homem visionário, pois, nas narrativas de memória produzidas por meus entrevistados, é como se ele soubesse do desfecho dos rumos da mantenedora após sua morte. De fato, ele reconhecia que o futuro da Campanha era incerto, ao dizer:

[...] na perenidade não acredito. Não é uma questão de derrotismo, é de realismo. Acredito que de tudo que é bom a semente fica. Mas isso vai depender muito de quem a conduza no futuro. Há uma série de junções, uma porção de esforços e reflexões conjugadas, porque há tanta gente envolvida formando a Campanha grande, que se fosse uma instituição pequena, uma só pessoa poderia mantê-la. Mas sendo tão grande será difícil. Deus queira que aconteça, que ela fique ainda por centenas de anos... (GOMES, 1994, p. 682).

Dada a conjuntura instável na qual o País se encontrava após os escândalos e o impeachment de Fernando Collor, tal visão refletia o vivido naquele contexto<sup>79</sup>. No entanto, para as construções póstumas, é como se Felipe previsse o futuro da mantenedora. A partir disso, é possível entender que o fundador não escolheu um sucessor com base na sua atuação e postura frente à CNEC. A mantenedora ficou aos cuidados daqueles que poderiam mantê-la no cenário formado. Não que essa escolha tenha passado diretamente pelo fundador, mas foi consequência do contexto do período e da própria história da instituição em si, cuja estrutura administrativa e de financiamentos sempre esteve atrelada ao poder público.

A CNEC passou a ser gerenciada pelo então deputado Alexandre Santos (MDB), que modificou drasticamente sua forma de administração. Muitas escolas foram fechadas, e se mantiveram abertas somente aquelas com número expressivo de alunos. As que funcionavam em comunidades menores ou mais afastadas dos grandes centros urbanos foram sendo encerradas sistematicamente. Nas narrativas de memória produzidas para minha dissertação de mestrado, o fato é atribuído somente à ausência de Felipe Tiago, de modo que aqueles que integraram a CNEC durante a gestão do seu fundador não fazem uma relação direta entre a remodelação da mantenedora e o contexto da década de 1990. Para meus entrevistados, esse momento de transição é lembrado com certas contrariedades na forma como foi conduzido, pois, além da perda de Felipe, viram a obra para a qual ele tinha dedicado a vida se transformar por completo. Assim, houve uma ruptura no quadro de pessoas que compunham a CNEC e na forma de gerir as escolas mantidas pela mantenedora.

---

<sup>79</sup> Segundo Schwarcz e Starling, Itamar Franco, que assumiu a presidência após os escândalos envolvendo Collor, encontrou o “o Brasil atolado numa situação calamitosa. Com o PIB em queda, o desemprego atingia 15% da população economicamente ativa só na região metropolitana de São Paulo, e a inflação que Collor prometera derrubar se encontrava acima do patamar de 20% ao mês [...]” (2015, p. 496).

Atualmente, a CNEC recorre à imagem de seu fundador para sustentar suas peças publicitárias e invocar um passado de compromisso para com a educação básica dos menos favorecidos. Ao mesmo tempo, a instituição ambiciona ser “inovadora em soluções educacionais”. A partir da apresentação da mantenedora em sua página na internet, por meio de seu slogan “Educação de excelência com compromisso social, é essa a missão do Grupo CNEC!”<sup>80</sup>, é possível ver que se objetiva caracterizá-la como uma instituição preocupada com as questões sociais, porém diretamente atrelada àquilo que se constituiu como um *mercado da educação*<sup>81</sup>. Desse modo, a CNEC segue sendo uma instituição que atua junto ao poder público e exerce influência no que diz respeito às políticas públicas em educação, à oferta de materiais didáticos e ao sistema educacional. Faço essas considerações por entender que estar a par da situação da instituição fundada por meu biografado é essencial para discutir as memórias e representações sobre sua existência.

Como dito anteriormente, em comemoração aos seus 75 anos, a CNEC organizou uma biografia de Felipe Tiago. A partir de capítulos intitulados “O milagre da interiorização do ensino” e “Semeando e colhendo frutos”, a história da CNEC é contada por meio da vida de seu fundador. A obra foi lançada recentemente e não integra o *corpus* empírico de minha pesquisa. No entanto, considero importante mencionar que, embora seja classificada como uma biografia de Felipe Tiago Gomes, a obra traz menos elementos sobre sua vida do que sobre a mantenedora em si. Pelo que se pode observar até o momento, o livro não será colocado à venda em livrarias, ficando restrito à distribuição interna da instituição.

No capítulo a seguir, detenho-me em apresentar e analisar as declarações de Felipe Tiago sobre a educação no Brasil e o que defendia para o segmento, ao longo das décadas em que esteve à frente da CNEC.

---

<sup>80</sup> Conteúdo extraído de: <<http://h.cneec.br/institucional-cnec/diferenciais-da-rede-cnec/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

<sup>81</sup> O termo refere-se ao movimento feito por grupos da iniciativa privada que atuam em favor de tomar a educação como um produto de mercado. A existência e a atuação do setor privado na educação é constitucional e não exime o Estado do seu compromisso para com o segmento. No entanto, a partir da década de 1990, cada vez mais conglomerados empresariais têm estado a frente de grupos educacionais que se configuram como gigantes do setor e, assim, exercem pressão junto ao poder público para a aquisição de produtos e serviços elaborados e prestados por essas empresas.

## 5 ELABORAÇÕES SOBRE O *PROFESSOR* FELIPE TIAGO GOMES: AS RELAÇÕES DO PERSONAGEM COM EDUCAÇÃO, ESCOLAS E ENSINO

*O bom senso é ótimo mas para conservar os que os doidos criam. O bom senso quer a estabilidade, a segurança – e o progresso se faz aos saltos, é o contrário da estabilidade. Penso nisso ao ler o tal livrinho escrito pelo **professor** Felipe Tiago Gomes – que é em pessoa, o inventor, o pai, a própria alma da CNEG. (Rachel de Queiroz, Revista O Cruzeiro, 10/02/1962, grifo meu).*

No texto de Rachel de Queiroz, escrito em homenagem aos 19 anos da Campanha e intitulado “O Sonho do professor Felipe”, as ações do personagem central deste estudo são comparadas às de “doidos”, como ela classifica Santos Dumont, Gutemberg, Copérnico e outros nomes referência em suas áreas. A autora diz ressalta: “[...] se não houvessem entregue cegamente cada um ao seu ramo especial de loucura – que civilização teríamos” (1962, p. 114). Assim, na concepção de Rachel de Queiroz, o “professor Felipe” é o “doido” que transgrediu sua condição e dedicou sua vida à educação, tornando-se “a própria alma da CNEG”. O texto segue dizendo que cabe ao bom senso da sociedade prosseguir com a iniciativa daqueles que são “[...] os loucos, os fantasistas, os sonhadores que fazem o Mundo andar para frente”.

Nesse artigo, que, em função de seu conteúdo e de sua autoria, é mencionado em diferentes momentos da história da CNEC e de Felipe, Rachel produz uma versão do fundador da Campanha que não condiz com as atividades que ele exerceu em vida: a de professor. Embora mencionado dessa forma por parte de meus entrevistados e em publicações como essa, o exercício da docência não foi uma atividade desenvolvida por ele. Como visto, a construção de Felipe como visionário abnegado está presente em várias menções a ele; no entanto, a alcunha de professor surge em momentos específicos da sua atuação frente à CNEC e, sobretudo, nas memórias daqueles a quem entrevistei. Nesse caso, o personagem é lembrado como “professor Felipe”. Eventualmente, o codinome é substituído por “doutor”, título associado à sua formação em Direito e à sua posição dentro da mantenedora.

Não pude encontrar indícios de que Felipe tenha de fato estado em sala de aula como professor, mesmo em passagens que remontam aos primórdios da Campanha: “[...] acredito que ele nunca chegou a ser professor. Nunca me falou que deu aula, a não ser nesse momento, para fundar a CNEC. O que eu sei é que ele ficava na organização do teatro.” (Lourdes Henriques, entrevista, 2016). No entanto, não foi possível encontrar elementos que dessem indícios de como ocorreu o exercício da docência na ocasião mencionada pela professora.

Durante sua atuação na presidência do DCE da Universidade de Recife, Felipe fundou o teatro universitário, onde peças eram organizadas e encenadas pelos próprios estudantes. Nesse contexto, para arrecadar fundos para a primeira escola da Campanha, o Ginásio Castro Alves, em Recife, Felipe promoveu peças teatrais e convocou seus amigos a participar como atores, conforme pode ser visto no primeiro capítulo deste estudo. O grupo de teatro levava as peças para comunidades carentes e para operários de fábrica. A iniciativa é noticiada no Correio da Manhã, na manchete “O Teatro Universitário de Pernambuco é bem a força e o entusiasmo da juventude a serviço de um ideal”<sup>82</sup>. Nas memórias da professora Lourdes Henriques, Felipe teria sido o autor de uma das peças encenadas para arrecadar fundos para o ginásio. Sobre esse período da vida do primo, ela diz:

*“Ele escreveu uma peça chamada “Escorrego no quiabo” e apresentaram para conseguir dinheiro logo que iniciou a CNEC. Como o curso jurídico era só de homens, [havia] apenas a participação de duas moças. Elas diziam: ‘A gente vai participar!’ [...] Ele escrevia peças de teatro para apresentar em lugares populares, para poder arranjar dinheiro. E as moças e os colegas diziam: “vamos levar fulaninha”. Felipe falava: “Essas moças vêm fazer direito só para arranjar casamento, só para casar com um advogado...” (Lourdes Henriques, entrevista, 2016).*

O texto em questão, “O escorrego do quiabo”<sup>83</sup>, não é da autoria de Felipe. O grupo de teatro por ele encabeçado apresentava peças em diferentes ocasiões. Felipe acompanhava o grupo, mas geralmente nos bastidores: “[...] eu também interpretava, mas só quando faltava o ator principal. Ficava na reserva. Se não sabia o texto, criava, improvisava. A plateia era constituída de operários, nada entendia de teatro, não poderia notar o que estava acontecendo.” (1994, p. 674). Em seus escritos e entrevistas, episódios como esse são mencionados; mas, como dito, não há nada específico sobre sua possível presença em uma sala de aula como professor. Segundo o personagem central deste estudo, o grupo de teatro dos estudantes de Recife teria sido o responsável por lançar artistas como Ariano Suassuna e Sebastião Vasconcelos:

[...] Ariano Suassuna, hoje um nome internacional, começou suas atividades praticamente no Teatro dos Estudantes. Foi ele do primeiro grupo que formamos para elevar o teatro. [...] Outro que se projetou no mundo artístico é Sebastião Vasconcelos. Integrou a equipe de O GRITO, da TV Globo e entrou para o nosso grupo a convite meu. Ele achava que não tinha jeito nem capacidade, e eu insisti: “não, mas você tem

<sup>82</sup> A nota sobre o teatro universitário foi publicada em uma página do jornal destinada a cultura (Correio da Manhã, 24/10/1948, p. 27).

<sup>83</sup> Até onde foi possível constatar, o texto da peça foi escrito pelo padre pernambucano Nestor de Alencar. Informações extraídas de: <[http://www.uesb.br/anpuhba/anais\\_eletronicos/Jos%C3%A9%20Vieira%20da%20Cruz%201.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Jos%C3%A9%20Vieira%20da%20Cruz%201.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2018.

jeito sim, vai fazer uma experiência”. O certo é que hoje é um grande artista.” (GOMES, 1994, p. 674).

Percebe-se que a intenção autobiográfica permeia os escritos de Felipe e sutilmente o coloca como peça central em situações importantes para determinados contextos. Como coloca Artières, “[...] não só escolhemos alguns acontecimentos, como ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos das às nossas vidas.” (1998, p. 11).

O investimento feito por Felipe nos primeiros anos da CNEC se deu em torno das articulações para a promoção da Campanha, e não por meio do exercício da docência. Além dos contatos políticos, a organização de peças de teatro também foi uma forma de edificar o movimento. Desse modo, como colocado anteriormente, suas ações em prol da Campanha podem ser entendidas como as de um *intelectual mediador*. Nesse sentido, para divulgar as apresentações do teatro e seu propósito, Felipe contatava jornais como o já mencionado Correio da Manhã, que, em uma das publicações, escreve: “[...] o dr. Felipe Tiago Gomes esclareceu a finalidade da iniciativa, levar o teatro selecionado aos recintos públicos e fechados, possibilitando ainda a oportunidade aos elementos jovens com tendência a arte.” (Correio da Manhã, 1/10/1954, p. 11). A forma de se referir ao fundador da então CNEG varia de acordo com a publicação: ele ora é chamado de professor, ora de doutor.

Essa variação no tratamento para se referir a Felipe prevaleceu ao longo de sua vida e mesmo após a sua morte. Por estar à frente de um movimento em prol da expansão de escolas para possibilitar maior acesso à educação, sua pessoa é virtualmente ligada à figura de um professor, pois, no senso comum, ele é o responsável pela condução de escolas e do ato de promover a educação. Fazendo isso, o fundador da Campanha passa a ser visto como docente, mesmo sem nunca ter ministrado aulas ou estado à frente de uma instituição escolar em específico.

Assim, dada a sua atuação no âmbito educacional, uma das formas de apropriação e representação de sua imagem é por meio da alcunha “professor”. Outro elemento que contribui para tal rotulação é o fato de que, ao iniciar seus trabalhos, muitas das escolas da Campanha não tinham verbas para pagar seus docentes, de modo que a comunidade era mobilizada para que se encontrassem pessoas dispostas a lecionar voluntariamente<sup>84</sup>. Para reforçar esse pedido, a mantenedora recorria à história de sua fundação, ressaltando que vários jovens, entre eles Felipe

---

<sup>84</sup> Esse fato é recorrente em várias escolas da CNEC de localidades mais retiradas. O movimento feito pela comção de pessoas para lecionarem gratuitamente é um dos fatos mencionados na instituição pesquisada, em minha dissertação de mestrado. Em meu estudo, assim como em outros que abordam instituições da rede, essa é uma das características mencionadas com ênfase, pois as dificuldades enfrentadas e sua superação são elementos que fazem parte do *ser cenecista*.

Tiago, lecionaram gratuitamente para grupos de estudantes que não tinham acesso ao ensino ginásial. Como visto no decorrer deste estudo, fazendo uso do exemplo do fundador da Campanha – o *professor* Felipe –, o chamado *cenecismo* foi sendo elaborado como lema da mantenedora; e, a partir dele, pessoas foram recrutadas para compor os quadros de funcionários das escolas e angariar fundos para consolidar o funcionamento da instituição.

Além disso, a composição da imagem de Felipe como professor certamente está associada a sua abnegação e dedicação à causa educacional. Ao exercer a tarefa de superintendente da mantenedora e se manter afastado de interesses materiais, Felipe despertava a sensibilização para a situação do ensino no País, pois vários meninos pobres como ele não tinham acesso ao estudo. Essa associação causava comoção e frisava ainda a personalidade do fundador da Campanha:

É preciso, portanto, que se dê conhecimento ao povo do que Felipe Tiago Gomes representa realmente, consagrando-o, ainda em vida, na opinião popular e estimulando, assim, para novas e grande (sic) realizações e mostrando àqueles que se beneficiaram diretamente de sua maravilhosa e objetiva campanha a personalidade verdadeiramente digna de aplausos desse demodado campeão da cruzada do ensino gratuito<sup>85</sup>.

Nesse sentido, sua postura franciscana era vista como algo a ser aprendido e promovido, de modo que o ensinamento dado por esse *professor* transcendia a lógica do ensino escolar em sala de aula – consistia sim em uma lição de vida a ser imitada e passada adiante: “Não se trata do enaltecimento de pessoas. É que a figura do professor Felipe Tiago Gomes reflete a própria história da CENEG”<sup>86</sup>. Essa visão de Felipe como um mestre que ensina sobre a vida ganha força nas lembranças posteriores a sua morte, como evidencia a fala da professora Maria da Guia: “[tive] a dádiva de ser ‘discípula de Felipe Tiago Gomes’”. Ao narrar um episódio em que foi homenageada pela passagem do seu aniversário, faz referência a ele chamando-o de “meu pai, superintendente, a minha referência de vida [...]”. Para explicar essa admiração, mais uma vez, são evocadas a simplicidade e a humildade atribuídas ao mentor. A recorrência dessas características atribuídas ao personagem em questão por aqueles que lembram de sua pessoa remete ao que diz Pollak:

É como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente- houvesse elementos irreduzíveis, em que o

<sup>85</sup> Excerto do artigo “Fêz pelo ensino o mesmo que Bilac pela instrução militar”, publicado no Correio da Manhã de 12 de abril de 1960. Manteve-se a grafia original.

<sup>86</sup> Excerto da reportagem “Campanha dos Educandários Gratuitos empolga o país”, do jornal A Noite, de 15 de junho de 1951. No decorrer do texto, a história de Felipe, o “menino pobre”, é associada à mantenedora, que também transcende as dificuldades para manter-se no cenário educacional.

trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. (1992, p. 201).

Como é possível observar no decorrer deste estudo, as representações que produzem Felipe como mestre da vida foram produzidas ao longo de sua existência e ganham força na medida em que sua ausência é sentida pela sua comunidade de memória, cujos vínculos com o personagem foram mais intensos. Para meus entrevistados, a presença de Felipe em suas vidas significou uma mudança de rumo e de status social. Nesse sentido, ele é lembrado à sombra da projeção do que teriam sido essas vidas sem a sua presença ou existência. Assim, esse grupo produz uma espécie de *enquadramento da memória* (POLLAK, 1989) de Felipe Tiago Gomes, que atende ao sentimento de admiração e gratidão em relação ao personagem e, ao mesmo tempo, faz revelações sobre suas próprias vidas e sobre sua identidade enquanto sujeitos.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p. 9).

Desse modo, ao se lembrarem de Felipe, essas pessoas produzem a si mesmas como constituídas a partir do *cenecismo*, lema da mantenedora que ganha contornos de uma filosofia de vida para esse grupo. Ao mesmo tempo, reforçam as mudanças na forma de gerir a CNEC após a morte de seu fundador. Esse enquadramento de memória reforça a imagem de Felipe como um mito, cujo legado, embora ainda seja utilizado pela mantenedora, não condiz com as práticas desenvolvidas por ela na atualidade.

No que diz respeito à educação em específico, o envolvimento do *professor* Felipe se dava no plano do gerenciamento da expansão de escolas. Ele não escreveu nenhum livro que tratasse teoricamente do tema. Os documentos aqui analisados mostram que o personagem se preocupava com a articulação para abertura e manutenção de instituições escolares, mas não debatia sobre o que seria importante aprender ou constar no currículo escolar. Sua fala se dava em torno da importância do acesso à escola, sobretudo de pessoas pobres e moradores de locais com pouco acesso. O propósito do ato de educar, ou o que seria tal ato, não é uma pauta encontrada nos escritos de Felipe

e daqueles que se referem a ele. Mais especificamente, grande parte de suas declarações fazem menção a questões estruturais, que dizem respeito à construção de escolas e à viabilização de acesso ao ensino: “Nunca fui um teórico da educação, nem planejador. Se tivesse me detido nessa tarefa, nenhuma escola teria nascido pelas minhas mãos”<sup>87</sup>.

Nesse sentido, as colocações de José Rafael de Menezes sobre o amigo traçam o perfil de um homem que não costumava se debruçar sobre teóricos e incorporar tais perspectivas em sua atuação na Campanha:

[...] aos vinte anos, vinte e dois anos, não havia em Felipe a influência de nenhum autor. Eu poderia já ter os meus autores, Carlos Luiz tinha o seu marxismo, eu tinha o meu maritanismo, Joel Pontes provavelmente já teria seus ensaios à Bernard Shaw, a tipos de teatrólogos mais irônicos, mais satíricos, que alimentavam o seu temperamento. Felipe não era um homem lastreado. O admirável da proposta de Felipe é que ele queria para os outros aquilo que nem ele tenha recebido – um bom ensino. [...] Há, de fato, um poder de atualização que temos de respeitar, e respeitamos, porque Felipe toma consciência dos problemas do mundo, sabe por onde anda a educação brasileira e a sua Superintendência da Campanha não é simplesmente empírica, é também burocrática, é também intelectual. **Ele nunca teve tempo para isso, mas faz parte dessa personalidade do sertanejo de ser surpreendentemente absorvedora dos outros meios. Os seus contatos, os seus convívios não são nada ingênuos nem dispersos** [...]. (MENEZES, 1994, p. 664, grifo meu).

Nas declarações de José Rafael, o perfil de Felipe Tiago recai mais sobre a figura de um gestor do que de um profissional do campo da educação. Ao afirmar que ele não tinha leitura teórica, Menezes faz questão de frisar a astúcia do superintendente da Campanha ao se relacionar com certas pessoas e circular em determinados grupos. Em tais representações, a forma como Felipe Tiago operava frente à CNEC ganha um contorno menos mítico e mais racional. Nesse sentido, para José Rafael, o amigo tinha conhecimento empírico sobre a educação, proveniente da sua experiência de vida, que o produziu como um indivíduo “[...] suficientemente experimentado e suficientemente plástico para ir se adaptando e perseguindo.” (MENEZES, 1994, p. 665).

Ainda segundo José Rafael, justamente por não ser um intelectual no sentido estrito do termo, nem um teórico da educação, é que Felipe obteve sucesso em sua trajetória frente à CNEC, pois os envolvidos nas escolas da Campanha identificavam-se com o fundador. Essa característica, associada à maleabilidade operacional do personagem, teria possibilitado a expansão e a consolidação da Campanha no cenário educacional:

Embora a atualização dele não seja nunca a do técnico – e que coisa boa que não seja a do técnico! – nem a do intelectual, nem a do professor de Filosofia da Educação, de Didática [aqui José Rafael faz um comparativo com sua formação e atuação

<sup>87</sup> Conteúdo extraído de: <<https://sites.google.com/site/felipetiagogomes/frases>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

profissional), não é um tipo de atualização minha nem de muitos companheiros brilhantes que ele tem na Campanha, mas é uma atualização de quem, convivendo naquele assunto, e tendo essa imensa receptividade, esse subconsciente tão predisposto para os temas da educação e os temas da Campanha, ele se mantém em dia com esses assuntos sem precisar estar a refletir ou a estudar modelos do exterior ou a ter leituras de ensaios mais avançados e de pareceres do Conselho ou coisa semelhante. (MENEZES, 1994, p. 666).

Nessas representações sobre Felipe Tiago e sua trajetória, ele é visto como o grande mentor e responsável pela Campanha; no entanto, a justificativa para tal descrição recai sobre explicações pragmáticas, nas quais ele aparece não como um visionário predestinado a um grande feito, mas como alguém que observa a realidade e traça objetivos claros para alterá-la. Com isso, é possível inferir que as formas de apropriação e as representações sobre a sua pessoa, bem como seu desempenho na CNEC, estão diretamente atreladas ao contato e ao convívio estabelecido com ele. Assim como no caso dos demais membros fundadores da Campanha, José Rafael não precisou da entidade para ascender socialmente, tampouco teve sua vida profissional estritamente ligada à Campanha. Desse modo, embora suas declarações sejam permeadas por laços de afinidade e admiração, a imagem de Felipe ganha contornos menos abstratos e míticos, de forma que seu comportamento e postura são explicados de maneira mais ponderada, recorrendo-se menos ao caráter absolutamente abnegado e visionário do fundador e mais a ações práticas e metódicas.

A professora Maria da Guia, que trabalhou com Felipe na operacionalização de diferentes demandas da CNEC, também o descreve como alguém que não se interessava pela fundamentação teórica de um projeto, tendo seu enfoque voltado para questões técnicas e operacionais:

*“Ele era um visionário que ele pensava nas coisas que precisavam ser feitas, e passava pra gente e se não saísse como ele tinha pensado ele dizia: ‘- Não está completo. O que eu pedi ainda não está concentrado aí.’ A gente lia o projeto todo pra ele, mostrava ele dizia assim:- Vamos aos objetivos e as metas, aquela parte filosófica ele dizia assim: ‘- Isso aí eu leio depois.’ Mas a gente sabia que ele não ia ler (risos). E aí quando a gente falava: ‘- E como que vai fazer? E a operacionalização disso?’ Quer dizer, projeto pra mostrar pra ele tinha que ter passo a passo, operacionalização... Com que pessoal? Com que recurso? Que capacidade tem esse pessoal pra fazer isso aí? Quem vai capacitar? Ele era miúdo, mas com toda a razão, se não o projeto tava belíssimo e não ia frutificar. Então ele não era um teórico. Entende? Mas sabia exatamente o que que era possível sair da teoria, do papel para o chão [batidas na mesa], o chão da escola brasileira, isso ele sabia.” (Maria da Guia, entrevista, 2017).*

Como pode ser observado, nas memórias da professora, as ações e o comportamento do superintendente da Campanha são apropriadas de forma menos pontual, sendo os seus

contornos mais quiméricos, fomentando o mito que manteve e foi mantido pela Campanha. Maria da Guia conta que Felipe Tiago integrou o Conselho Nacional de Educação por quase dois anos, que não foram especificados em sua fala. Sobre tal participação, relata um episódio em que ele demonstrou seu desinteresse pelos debates do CNE:

*“[...] eu chegando na sala grande, era uma sala dele, mas era bem simples não tinha essas cadeironas não [aponta para as cadeiras da sala que ocupávamos na sede da CNEC]. Tudo lá era mais simples, se ele visse isso aqui ele dizia: ‘-Pra quê isso?!’ Ele dizia com certeza... Na sala grande e dona Aida Fosqueira, a de São Leopoldo, estava dizendo: ‘- Felipe, você não pode ter feito isso! Não, você não pode fazer isso!’ Ele disse: ‘- Eu já fiz. Já entreguei meu pedido de exoneração ao Conselho.’ E ela: ‘- Que justificativa você?...’ E eu cheguei e fiquei mepezinha, lá na porta olhando, e ela falando alto e ela não era de falar alto. ‘- Que justificativa você deu no Conselho de Educação?!’ Ele disse: ‘- Não, eu só disse pra eles que eu não sei escrever educação, eu não quero escrever educação, o que eu sei é fazer educação e saí.’ Aí em seguida eu perguntei: ‘- Dona Aida, qual era a questão?’ ‘- Felipe acabou de pedir demissão do Conselho Nacional de Educação.’ O que era muito importante pra CNEC [explica]. Aí eu só acrescentei: ‘- Mas certamente não era pra ele (risos).’ Ele não tinha essa vaidade.” (Maria da Guia, entrevista 2017).*

Nas memórias da professora, a negativa em relação ao CNE é mais uma evidência da humildade de Felipe. Para ela, essa atitude mostrava o quanto ele era desprovido de ambições pessoais e possuía um viés mais utilitário e pragmático. Assim, apesar de o órgão ser benéfico para a CNEC, o fundador não abdicou de suas habilidades técnicas em prol das lucubrações e deliberações do CNE.

De todo acervo empírico que compõe este trabalho, poucos trazem em seu conteúdo declarações específicas de Felipe sobre suas concepções para as dimensões e potencialidades da educação ao estudante, sobre questões pedagógicas que permeiam a rotina de uma escola ou mesmo sobre temas relativos a currículo escolar e a formação docente. Nesse sentido, quando mencionam escolas e educação, suas falas abordam questões mais genéricas e abrangentes e tangenciam temas recorrentes, de modo que o que Felipe pensava e defendia acerca do tema aparece em suas declarações de maneira superficial. Basicamente, trata-se de falas que reforçam a importância do acesso ao ensino e da proliferação de escolas em todo o País.

Nas narrativas de memória de meus entrevistados, são mencionadas pessoas inspiradoras das ações de Felipe em prol da educação, as quais são referência na educação brasileira:

*“[...] ele elogiava muito Paulo Freire, eles trocavam correspondências, eles se falavam no telefone, e tinha também uma pessoa, ele falava muito do...do trabalho que o... da Bahia, ex-ministro da educação, como chama o INEP hoje, Instituto?*

*[Anísio Teixeira, respondendo] Anísio Teixeira era outro ídolo dele entendeu? O Anísio Teixeira<sup>88</sup>, ele teve muito envolvimento sempre com o trabalho comunitário sempre, por exemplo, no caso dos movimentos populares, ele se envolveu tanto com os movimentos populares, que ele [Felipe] criou também o teatro lá em Pernambuco, essas coisas todas. Inspiração de movimentos populares que ele acompanhava e tudo né, mas Paulo Freire ele... o Paulo Freire ele tinha assim como um exemplo né, porque ele falava assim: - A pedagogia de Paulo Freire! Não, a pedagogia de Paulo Freire é isso aqui. Embora ele não fosse muito do pedagógico, Felipe sempre buscou mais o gerenciamento de todo esse universo que era imenso, para ele era muita coisa, muita coisa, daí ele começou a descentralizar [...].” (Sebastião Garcia, entrevista, 2017).*

Na documentação angariada para este estudo, não foi possível encontrar nenhuma menção à relação de Felipe com Paulo Freire, exceto comentários referentes aos tempos de faculdade, em que foram contemporâneos. Ainda assim, tais registros não demonstram proximidade entre um e outro, a não ser o vínculo com o DCE da universidade. A única menção a Paulo Freire por mim encontrada foi em uma publicação da CNEC em Revista de 1998, em que, após as modificações da LDB de 1996, a mantenedora apresenta a Proposta Pedagógica da Escola Comunitária Cenecista, documento que iria orientar as escolas da rede. Freire aparece então como um dos teóricos que embasam a proposta, “[...] visto haver grande sintonia histórica e social com os ideais de nossa CNEC” (1998, p. 6). Não foi possível detectar tal sintonia no decorrer deste estudo, pois, embora ambos os personagens, Paulo Freire e Felipe Tiago, tenham dedicado a vida a determinados segmentos da educação, os princípios e modos de fazer de um e de outro são diferentes e, em certa medida, até mesmo divergentes, pois Felipe Tiago não escreveu sobre educação para além do campo de atuação da CNEC, e sua relação com o quadro educacional no País se deu por meio do alinhamento de projetos e perspectivas das políticas do Estado para a área, sobretudo durante a ditadura civil-militar.

---

<sup>88</sup> Anísio Spínola Teixeira (1900-1970, Rio de Janeiro/RJ), nascido em Caetitê/BA, foi um teórico da educação. A trajetória de Anísio Teixeira é marcada pela defesa da escola pública, laica, obrigatória e integral. Anísio foi um dos integrantes do movimento “Manifesto da Escola Nova”. Os escolanovistas defendiam ensino público de caráter democrático e que contribuísse para a adequação do indivíduo ao processo de industrialização e urbanização. Conforme Cortés, “A educação foi concebida como uma função pública de competência estatal, além de gratuita, obrigatória e leiga. Ainda que se acreditasse na função social da educação, ela foi concebida como uma necessidade dos indivíduos, um direito individual provindo de uma exigência do desenvolvimento biológico.” (1999, p. 104).

Fotografia 17 - Felipe Tiago Gomes e Paulo Freire sendo homenageados em Brasília<sup>89</sup>

Fonte: Acervo do Memorial Felipe Tiago Gomes.

Ao fazer essas colocações, não tenho por objetivo contradizer meus entrevistados, mas sim tensionar os limites e potencialidades das narrativas de memória. Muito provavelmente, Felipe tenha feito várias menções a Paulo Freire e sua obra ao longo de sua vida; porém, isso não os torna pessoas próximas, com vínculos, nem demonstra que tinham afinidade no modo de ser e agir. No entanto, as memórias de meus entrevistados estreitam os laços entre os personagens – ambos já não mais existentes –, pois as representações construídas em torno deles possuem similaridades e, desse modo, estão no mesmo patamar no que diz respeito à contribuição de ambos para com a educação. Arrisco-me a afirmar que vincular os dois personagens integra a preocupação em não permitir o esquecimento da figura de Felipe Tiago, aspecto que discutirei mais adiante. A Fotografia 17, que registra os personagens lado a lado, dá indícios dessa intenção. Não há maiores informações sobre a ocasião em questão, mas o fato de Felipe Tiago estar ao lado de Paulo Freire em um registro fotográfico é uma possibilidade de legitimação das memórias que ligam um ao outro. Nesse sentido, observa-se aqui uma das formas do processo de apropriação sobre a vida de Felipe. Determinados episódios são

---

<sup>89</sup> As demais integrantes da imagem não foram identificadas.

selecionados para compor a memória desse indivíduo, de modo a caracterizá-lo de acordo com os desejos e as ambições daqueles que dele se lembram.

No caso de Anísio Teixeira, mencionado pelos meus entrevistados como figura admirada por Felipe, não pude encontrar nenhum vínculo de trabalho ou mesmo de contato entre ambos, exceto a homenagem feita pela professora Maria da Guia, que, frente a um projeto de abertura de escolas em Brasília, escolheu o nome de Anísio Teixeira para batizar a primeira:

*“[...] eu fui designada, pela experiência da CNEC, a ficar à disposição da Secretaria de Educação para o MEC para implantar os quatorze CAICs que eram os CAIC’s do Brizola. Os quatorze de Brasília foi, a nossa mão pedagógica, claro com todo um aparato, e o primeiro que a gente implantou já escolhi o nome de Anísio Teixeira em função da consideração que doutor Felipe dizia, ele dizia assim: ‘- O Anísio é o dono de tudo, esse pessoal que veio depois copiou tudo dele, mas é assim mesmo, educação não se tira, só se amplia e tal...’ Então ele tinha essa admiração muito grande...”* (Maria da Guia, Entrevista, 2017).

Nessa passagem, a professora fala de sua vida profissional fora da CNEC. A associação de Felipe Tiago com Anísio Teixeira é ilustrada dessa forma pelos meus entrevistados. Acácio Dantas também faz menção à admiração de Felipe por Anísio; no entanto, não são mencionados fatos que relacionem um e outro. Desse modo, a relação estabelecida entre os personagens em questão é expressa através de exemplos como esse. Por isso, entende-se que o vínculo entre ambos é sustentado por tais oratórias, que favorecem o enquadramento da memória acerca da existência de Felipe Tiago Gomes.

Como visto nas linhas acima, o personagem central deste estudo não foi um teórico da educação. Suas declarações recaem sempre sobre a proliferação do número de escolas, sobre o acesso a alfabetização ou sobre aquilo que acredita ser necessário que os jovens estudantes aprendam. Ao longo de sua trajetória, ele não publicou livros ou artigos que discutissem educação em uma perspectiva teórica. Da mesma forma, em suas entrevistas e escritos sobre a CNEC, não foram encontradas menções a pensadores da educação. Mais especificamente, suas declarações sobre o tema possuem um viés administrativo e uma preocupação com a estrutura de funcionamento das instituições. A exemplo disso, no excerto a seguir, proveniente de uma entrevista dada à CNEC em Revista em comemoração aos 40 anos da mantenedora, Felipe comenta como via a questão educacional no País naquele momento:

Vejo com muita preocupação, porque o ensino democratizou-se, mas perdeu o seu conteúdo. Hoje, os alunos saem do 2º grau e, às vezes, até do 3º grau, e não sabem fazer sequer uma petição ou se conduzir com segurança na sociedade. O que nós estudávamos nos anos 40 e 50 – poderá constituir-se saudosismo – era diferente. Atualmente, estamos com muitas escolas de ensino superior e diminui-se muito o

valor do ensino no país. Vejo tudo isso, com um certo pessimismo. **O Governo, na sua ânsia de fazer ensino gratuito – eu falo governo ou governos estaduais – vai construindo escolas estaduais sem estrutura e saem milhões de jovens despreparados.** A situação é grave e pode-se-ia dizer: por que o Governo, ou mesmo os particulares, não caminha para os cursos profissionalizantes? **Quantas vezes, penso que ótimo mesmo é o ensino profissionalizante.** Há, porém, um problema sério no país: o jovem faz a Escola Industrial e fica desempregado por falta de mercado de trabalho, o mesmo acontece com quem fez a escola agrícola. Há, na verdade, uma fuga para centros urbanos. As cidades estão “inchando”. Torna-se difícil para o jovem ter um lugar ao sol, desde que não tenha uma proteção política maior. (CNEC em Revista, 1983, p. 34, grifos meus).

Essa declaração, feita nos primeiros anos da década de 1980, em alguma medida, questiona o que Felipe Tiago defendeu ao longo de sua vida: a acessibilidade ao ensino. Nessa fala, a preocupação com a oferta de ensino gratuito é vista como afobamento por parte do “governo”, de modo que, em função disso, houve queda na sua qualidade. No entanto, o fundador da CNEC ergueu a instituição com base na pauta de ofertar escolas para aqueles que não pudessem pagar por elas. Outro aspecto mencionado é o ensino profissionalizante, o que, em alguma medida, revela uma visão de mundo em que o ensino e a educação são parte de uma instrumentalização para exercer um papel específico dentro da sociedade. A entrevista segue com Felipe afirmando que é preciso que o brasileiro desenvolva o patriotismo. Segundo ele, o patriotismo somado ao ensino profissionalizante possibilitaria ao Brasil driblar o cenário de crise e impulsionaria a economia:

Eu só sei que é preciso mais patriotismo. No dia em que o brasileiro quiser bem à sua pátria, como o japonês ao Japão; no dia em que ao invés de diminuir as horas de trabalho – como estão querendo alguns parlamentares -, nós tenhamos que aumentá-las, para que todos se sintam responsáveis pelo crescimento do país, então não teremos mais desempregados. [...] **Quando tivermos a consciência cívica de cidadãos brasileiros que têm compromisso com a sua pátria, então teremos um país feliz.**

A entrevista segue com Felipe afirmando que há, entre a população jovem do País, excesso de preocupação com o ensino superior. Segundo ele, era lamentável que estudantes se esforçassem tanto para pagar cursos superiores, que não os preparariam bem, prejudicando a si, pelo endividamento, e ao País, que tanto necessitava de formação cívica e sofreria danos ao ter pessoas enfocadas na formação superior: “[...] tenho dito sempre aos alunos: ‘não pensem em curso superior, pensem numa boa profissionalização no 2º grau’. Se o aluno é inteligente e tem um bom preparo, ele vai encontrar um lugar para trabalhar, para ser feliz, constituindo uma família e vencendo todos obstáculos.” (CNEC em Revista, 1983, p. 34). Nota-se que a intenção de Felipe ao promover movimentos que ajudassem as pessoas mais pobres era a de atenuar o quadro de desigualdade social. Nesse sentido, não se encontram em suas declarações ações ou

elementos que questionem a ordem estabelecida, tampouco que apontem para a dissolução desse quadro.

Na entrevista para o programa infantil Carrossel, Felipe fala de maneira breve sobre suas concepções sobre infância e educação. Na sede da CNEC em Brasília, sentado ao lado da entrevistadora – uma menina cuja faixa etária está entre 10 e 12 anos –, ele responde às perguntas que ela traz anotadas em uma pequena folha. A figura mostrada no vídeo transparece certo cansaço e pouca familiaridade com a situação. No decorrer da filmagem de oito minutos, ele apresenta uma expressão séria e não procura adaptar o conteúdo de sua fala para o público do programa. Faço essas colocações pelo fato de que esse é o único recurso em que pude ver e ouvir meu biografado. Até encontrar esse documento, havia conhecido a fala e os dizeres de Felipe por terceiros. Nesse sentido, embora a entrevista não traga nada de novo em seu conteúdo – visto que as perguntas recaem sobre a CNEC e a trajetória de Felipe na instituição –, o acesso a ela permitiu ver meu objeto de estudo por outro ângulo, o que potencializou determinados pontos da discussão aqui desenvolvida.

Ao longo de sua fala, ele diz que as crianças têm perdido muito tempo com lazer e televisão, já não têm mais bons modos e “entram sem pedir licença”. Discorre ainda sobre o que acredita ser o papel de uma criança que teve a oportunidade de frequentar a escola. Segundo Felipe, elas deveriam possuir o compromisso de instigar os pais a “*quererem saber mais*” e, assim, levar adiante o que aprenderam no espaço escolar. A mensagem que deixa para o público do programa é de que “[...] *é preciso estudar mais [...] não se pode perder muito tempo com o lazer... Procure criar alguma coisa e reunir-se em comunidade*”. Além dessas colocações breves sobre escolarização e educação, ele também menciona o seu desprendimento material, afirmando: “[...] *nunca pensei na parte financeira*”. Para fundamentar sua fala, menciona que seu patrimônio é composto por duas casas geminadas e um carro que ganhou de presente. Em síntese, mais uma vez, ele recorre ao seu percurso de vida para sustentar suas concepções e frisar a importância da Campanha.

Na discussão apresentada neste capítulo, evidencia-se que Felipe Tiago Gomes não foi um pensador da educação brasileira. No entanto, nas representações produzidas sobre ele, sua trajetória no campo educacional é equiparada à de teóricos da educação, como os já mencionados Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Paulo Freire. Embora, de fato, todos eles tenham seus percursos de vida atrelados à história da educação do Brasil, Felipe Tiago não possui a mesma projeção que os demais, visto que sua contribuição para a expansão do ensino se deu através da edificação de uma rede de escolas em específico. Nesse sentido, a CNEC, embora fornecesse escolas para aqueles que não tinham acesso e, nas primeiras décadas de

atuação, não apresentasse exatamente um caráter empresarial, não teve como foco a defesa da educação pública, gratuita e laica, como evidencia o conteúdo do Anexo D deste trabalho. Suas ações se deram no âmbito da lógica comunitária, sustentada por meio da parceria com o Estado e do apelo caritativo. Nesse sentido, como já mencionado, a mantenedora justificava e amparava sua existência no percurso de vida de seu fundador.

Além disso, o personagem central deste estudo é lembrado como *mártir*, *apóstolo*, ou mesmo como o *maior benfeitor da educação brasileira*. Porém, pelo que se pode observar, Felipe trabalhou em prol da expansão de escolas; e suas ações possuem um viés administrativo, cujo enfoque estava na gestão da rede por ele fundada e em expandir sua infraestrutura. O singular nesse quadro é o fato de que nem Felipe Tiago nem seus familiares obtiveram recursos financeiros expressivos a partir da mantenedora. Possivelmente, esse é um dos elementos que contribua para o enquadramento da memória de um *mito*, que abriu mão de ganhos materiais em prol da educação. Tal termo genérico é usado para descrever a importância, a nobreza e a dimensão da obra de Felipe Tiago Gomes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de Felipe Tiago Gomes é inerente à existência da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC. Essa, por sua vez, dado o seu alcance e durabilidade de atuação, é uma instituição singular na História da Educação brasileira. Considero-a dessa forma e virtude de sua dimensão e proporção no decorrer dos anos, constituindo-se como uma terceira via entre o público e o privado, conforme apontou Silva (2003). No entanto, embora ambos, fundador e instituição, sejam quase indivisíveis, não são exatamente referências no campo educacional, tampouco são amplamente conhecidos do público – fato que pode parecer paradoxal, mas se explica pelo caráter endêmico da instituição, cuja reputação é forte e notória entre os seus, mas não é perceptível fora desse contexto.

Por muitos anos, a CNEC manteve com o estado brasileiro uma relação de interdependência, o que não é incomum no que diz respeito à estrutura organizacional do País no âmbito da educação. Saviani (2010) caracteriza essa relação como *promiscua*, pois configura o uso privado da coisa pública, que, segundo o autor, é permeado por certo cinismo, confusão e cumplicidade. Considerando tais aspectos, partir de um estudo como este, é possível perceber o desempenho do indivíduo na elaboração e na composição de uma realidade, pois o jogo de forças que compõe a sociedade é, em geral, protagonizado por seres humanos e suas ações frente às instituições.

Em grande parte dos estudos no campo das ciências humanas, são recorrentes as análises que recaem sobre a macroestrutura de um determinado contexto ou segmento da sociedade – ou, ainda, estudos em nível micro, cujo foco recai sobre pequenos grupos. No entanto, a perspectiva individual, mais rara, possibilita perceber o quanto a realidade é produzida e permeada por manobras desenvolvidas e elaboradas por indivíduos, por seus interesses e mesmo por suas vaidades, de modo que “[...] o indivíduo é, ao mesmo tempo, ator crítico e produto de sua época.” (DEL PRIORE, 2018, p. 82). Em síntese, pensar a vida de Felipe Tiago Gomes e sua relação com a história da educação no Brasil permitiu visualizar os bastidores do processo de criação de políticas públicas, bem como o papel dos indivíduos e de suas especificidades nesse contexto.

O período histórico no qual Felipe viveu foi um momento de transformações. O Brasil, como espaço essencialmente agrário em seus modos de produção, precisava inserir-se no panorama de urbanização e da industrialização que se desencadeou no século XX. Com todas as mazelas de seu passado colonial e escravocrata, o País tentava se erguer e competir em meio a um imenso quadro de desigualdade e disparidade social, em uma situação na qual a

infraestrutura e as necessidades mais elementares de uma sociedade estavam longe de ser alcançadas. Evocando as palavras do realismo mágico de Garcia Márquez, “[...] o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo” (1995, p. 7). Nesse sentido, segmentos básicos como a educação careciam de (re)criações para existirem e acompanharem o contexto global. Entendo, portanto, que são essas as condições que possibilitaram que uma instituição como a CNEC fosse erigida a partir das ações de seu fundador, que, por sua vez, em certa medida, é fruto do contexto no qual estava inserido. No entanto, as representações construídas sobre Felipe Tiago e suas ações na CNEC o produzem como um visionário, alguém que estava à frente de seu tempo.

Na atualidade, as declarações e ações em torno do personagem em questão são permeadas por um esforço de afastá-lo do esquecimento, de modo que a comunidade de memória que se formou em torno do fundador da CNEC trabalha para que seu mentor seja lembrado. Para isso, recorrem a determinados episódios do passado, com o objetivo de justificar suas ações no presente. No ano de 2021, o grupo liderado pelo sobrinho de Felipe irá celebrar o centenário do *comendador da educação do Brasil*. Assim, fatos como a concessão desse título ganham contornos e projeções inexistentes outrora e são usados de forma a legitimar a atuação de Felipe Tiago no quadro educacional do País, justificando a necessidade de lembrá-lo no presente, uma vez que seu nome não possui projeção nacional e fica circunscrito, de modo geral, aos espaços da Campanha.

Isso não significa que Felipe Tiago Gomes não seja mencionado em outros ambientes, instituições e ocasiões; mas, pelo que é possível inferir, ele é lembrado a partir da CNEC – o que, com o passar dos anos, faz com que um número cada vez menor de pessoas conheça e/ou se lembre de sua pessoa. Assim, a comunidade de memória formada em torno dele se esforça para que seu mentor não seja silenciado pelo tempo e pelas ações da própria instituição que criou, pois, ao se remodelar para acompanhar as demandas da contemporaneidade, a Campanha se afastou das referências de outrora, baseadas no idealismo e na abnegação do seu fundador.

Nessa lógica de construção e mitificação de um personagem, o referido grupo se empenha em lembrar Felipe Tiago como alguém extremamente preocupado com o próximo e um benfeitor da educação como um todo, transcendendo a lógica da mantenedora educacional por ele fundada. Sua vida, portanto, é alvo de um processo de mitificação e sacralização, que ocorre durante e após sua existência, de modo que ele é descrito e lembrado como um visionário, alguém com a capacidade para intuir e prever ações, demandas e necessidades: “Parecia que ele profetizava as coisas [...] às vezes ele dizia assim: ‘- Não vai dar certo.’ Entende? Não adiantava a gente continuar não, não ia adiantar não...” (Maria da Guia,

entrevista, 2017). A personalidade extraordinária de Felipe é o tema central das lembranças sobre o personagem, acentuando o que se configura como uma disputa entre a memória coletiva – que, segundo Le Goff (2013), “[...] é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido” (p. 32) – e a história, produto do trabalho do historiador, permeada por uma problematização e uma análise crítica.

A exemplo disso, determinados episódios da vida de Felipe Tiago, como a infância no sertão, as dificuldades de acesso ao ensino, a saída de sua terra natal para a cidade grande e os entraves desses movimentos são alguns dos pontos de sustentação do processo de mitificação do personagem, que ocorre durante e após sua existência. Nesse sentido, o próprio, em vida, busca estabelecer pontos de referência em sua trajetória, os quais são usados para embasar suas atitudes frente à mantenedora educacional, configurando o chamado *cenecismo*. Mais especificamente, o *ser cenecista* consistia em tomar a figura de Felipe Tiago como exemplo e agir de forma abnegada e submissa, colocando os interesses da causa educacional defendida pela CNEC acima de qualquer outro. Desse modo, no decorrer dos anos frente à Campanha, ele constituiu-se como modelo do idealismo defendido pela instituição.

Como visto, a existência e a consolidação da CNEC se deram por meio de diferentes convênios com o poder público. O principal articulador dessas parcerias era Felipe, que, ao percorrer diferentes espaços e grupos, recorria à sua história de vida como elemento propulsor das ações da instituição. Com isso, sua existência idealizada passa a ser objeto também das redes que Felipe criou e com as quais manteve contato, de modo que o fundador usava seus feitos para estimular ações em prol da CNEC. Conseqüentemente, aqueles que se aproximavam do movimento também passavam a fazer uso da imagem abnegada e altruísta de Felipe, tomando-o como exemplo a fim promover interesses próprios, associando seu mandato e imagem à Campanha e a seu fundador. Ou seja, nesse processo de mediação, ele promovia a si e contribuía para a promoção de outrem.

As declarações sobre Felipe Tiago nas redes por ele estabelecidas, em um primeiro momento, foram usadas para fortalecer sua imagem, promover e reforçar a importância da causa cenecista. Na atualidade, seguem sendo utilizadas para sustentar a memória do fundador e frisar que se tratava de uma figura com o dom de agregar pessoas com diferentes visões de mundo em torno da causa por ele defendida – a educação. No entanto, tal diversidade, no que diz respeito aos componentes dessas redes, é relativa, uma vez que a afinidade de Felipe com personagens como Dom Hélder Câmara, opositor do regime imposto pelos militares – período de maior crescimento da CNEC –, dava-se no campo da diplomacia, e não exatamente em projetos e atividades que os aproximassem. Nesse sentido, evidencia-se que Felipe, por meio

de uma postura supostamente apolítica, articulou-se em diferentes espaços para suprir as demandas da CNEC. Além disso, o contato com diferentes grupos se dava de acordo com a necessidade dos projetos e ações em questão.

Quando a iniciativa dos jovens estudantes de Recife se consolida e a Campanha para educandos sem acesso ao ensino vai se tornando conhecida, em determinados espaços e ocasiões, Felipe Tiago passa a ser tratado pela alcunha de professor. Assim, em matérias de jornais, em declarações públicas e nas narrativas de memória de meus entrevistados, é recorrente que ele seja chamado dessa forma. No entanto, entre as atividades desenvolvidas na Campanha ao longo de sua vida, o exercício da docência não esteve presente. Apesar disso, ele é lembrado como *professor* Felipe. Paralelamente a essa forma de tratamento, conforme o episódio ou a ocasião narrada, o modo de tratamento varia para *doutor*, remetendo à sua formação em Direito e ao cargo de superintendente ocupado na CNEC. Desse modo, a maneira de referir e/ou lembrar seu nome varia de acordo com o contexto ou a situação do personagem em questão.

O que se evidencia é que, pelo fato de suas práticas estarem atreladas à educação, Felipe é associado à figura de um professor; porém, sua atuação frente à CNEC remete à de um gestor. Um dos elementos que explicam tal alcunha durante e após sua existência é o fato de que, ao trabalhar na CNEC, ele não obtinha ganhos financeiros, exceto o estritamente necessário para se manter. Por esse motivo, sua imagem é virtualmente associada à de um professor que se sacrifica pela causa, ou mesmo à de um sacerdote que, em nome de um bem maior, dedica-se abnegadamente ao seu labor. Nesse sentido, os ensinamentos do professor Felipe vão além do âmbito escolar, de modo que suas ações se constituem como lições de vida a serem seguidas.

Em relação a suas concepções de educação, ressalto que, mesmo tendo estado à frente da CNEC desde sua criação, em 1943, até o seu falecimento, em 1996, e sendo classificado como o benfeitor da educação, poucos são os registros em que Felipe Tiago trata especificamente da temática, de modo que não foram encontrados escritos nos quais ele travasse debates teóricos sobre o tema. Quando fala sobre isso, argumenta genericamente sobre a necessidade de escolas e do acesso ao ensino. Esses registros deixam transparecer algumas nuances sobre a forma como Felipe Tiago enxergava tal segmento na sociedade. Nesse sentido, ao falar do ensino superior, por exemplo, o fundador da CNEC defende que, na sua concepção, tal nível educacional não seria necessário para determinados grupos sociais, a quem o ensino profissionalizante bastaria. Porém, ao ser lembrado, ele é colocado ao lado de nomes como Paulo Freire e Anísio Teixeira, personagens que publicamente defendiam a democratização do ensino. É sabido que contradições são inerentes ao ato de lembrar. Neste caso, em alguma

medida, tais incongruências são amenizadas pela ausência de Felipe Tiago e pelo anseio de eternizá-lo como um vulto da educação.

De modo geral, tornar a vida de uma pessoa objeto de uma pesquisa é estar diante da incógnita que é o outro, o desconhecido. Ao buscar elementos que permitam a construção de um estudo deste tipo, o historiador se depara com as vastas possibilidades e entraves que surgem ao lidar com a vida alheia. O rigor ao trabalhar com essas questões é um dos elementos que compõem o desafio biográfico, pois cabe ao pesquisador tato ao lidar com questões polêmicas, priorizar aquilo que é essencial para o estudo proposto e evitar, na medida do possível, que suas concepções pessoais sobre o personagem interfiram na condução do trabalho. O que quero ressaltar com isso é que existe uma linha tênue entre a prática de analisar e explorar o outro como forma de construção de conhecimento e o ato de julgar e/ou adotar uma perspectiva psicologizante para entender, explicar ou mesmo justificar atitudes, posturas e determinados posicionamentos.

Por fim, encerro este estudo em um momento no qual discutir as potencialidades e as fragilidades da memória é fundamental. Esse recurso, tão profícuo para o campo da história, tem sido, na atualidade, alvo de manipulações, a fim de sustentar argumentações pífias, cujas intencionalidades são nefastas e/ou incógnitas. Como coloca Todorov, “[...] no se puede justificar un uso engañoso por la necesidad de recordar.” (1995, p. 17). O ato de lembrar é um direito e algo inerente à condição humana, mas os abusos da memória precisam ser percebidos, apurados e levados a debate. Nesse sentido, atrelar o estudo de uma perspectiva individual ao conceito de memória permite problematizar os interesses envolvidos na difusão e na promoção de mitos, bem como chamar atenção dos interlocutores para o poder de convencimento desses interesses, pois “[...] a história humana tornar-se-ia sem sentido se negligenciássemos o fato de os homens terem objetivos, fins, intenções.” (VEYNE, 1968 apud LE GOFF, 2013, p. 27).

Ao retomar o conteúdo de cada capítulo, vejo que surgem vários desdobramentos analíticos possíveis a partir do que apresentei, pois um mesmo indivíduo é múltiplo, e as diferentes formas que assume ao longo de sua existência são as responsáveis pela composição do mundo social. No entanto, como coloca Dosse (2012), “[...] o biógrafo sabe que o enigma sobrevive a sua tentativa e, de maneira mais modesta, aspira apenas a criar um efeito de vivência.” (p. 143). Certamente, a vida de Felipe Tiago Gomes não se esgota no conteúdo das páginas anteriores, de modo que essas foram as dimensões de sua existência possíveis de serem trabalhadas a partir dos caminhos por mim percorridos, nestes quatro anos de trabalho, enquanto pesquisadora.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de et al. (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV, 2001. 5 v., il.
- ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 155-202.
- AMADO, Janaína. O Grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- AVELAR, Alexandre Sá. Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido. In: AVELAR, Alexandre Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.) **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 63-80.
- BARNES, John Arundel. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.) **A Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987. p. 159-193.
- BARROS, José D'assunção. Memória e História: Uma discussão conceitual. **Tempos Históricos**, Cascavel, v. 15, n. 1, p. 317-343, 2011.
- BOFF, Leonardo. Teologia da Libertação: A força dos pequenos. **Carta Maior**, São Paulo, 27 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-forca-dos-pequenos/4/38901>>. Acesso em: 18 out. 2018.
- BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 203-233.
- BORNE, Dominique. Comunidade de Memória e rigor crítico. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. (Org.). **Passados Reconstituídos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 133-141.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 31 jul. 2018.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 2009

\_\_\_\_\_. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHOMSKY, Noam. **O que o tio Sam realmente quer**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

CORTÉS, Martha Cecília Herrera. Influência do escolanovismo no Brasil e na Colômbia (1930-1945) – Alguns comentários iniciais. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (Orgs.). **História da Educação – Perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas (SP): Editora Autores Associados, 1999. p. 97-114.

COSTA, Celia Maria Leite. A campanha presidencial de 1960. **CPDOC** (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), São Paulo, 2 ago. 2004. Disponível em: <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/Campanha1960/A\\_campanha\\_presidencial\\_de\\_1960](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/Campanha1960/A_campanha_presidencial_de_1960)>. Acesso em: 20 set. 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Reformas educacionais no Brasil. In: SAVIANI, Dermeval (Org.). **Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira**. Vitória/ES: Edufes, 2010. p. 343-372.

DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

DEL PRIORE, Mary. Biografia, biografados: Uma janela para a história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

\_\_\_\_\_.; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DOSSE, François. **A História**. São Paulo: Unesp, 2012.

\_\_\_\_\_. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

DUARTE, Ariane dos Reis. **Idealismo e Educação: as relações entre a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) e o Colégio Santa Luzia de Gravataí/RS (1968-2007)**. 2015. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 02, p. 13-28, jul./dez. 2010.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GOMES, Angela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo** – Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 9, nº ½, p. 17-30, jan./dez. 1996.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas de culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-35.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S. Histórias da Educação e História Oral: possibilidades de pesquisa em acervos de memória. In: RODEGHERO, Carla Simone; GRINBERG, Lúcia; FROTSCHER. **História Oral e práticas educacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 162-176.

GUNTHER, John. **O drama na América Latina**. Rio de Janeiro: PONGETTI, 1943.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOBSBAWN, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

IBGE. **Cidades** – Paraíba: Picuí. [S.l., 2017?]. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?coduf=25>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto alegre: ArtMed, 2002.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

\_\_\_\_\_. **História & Memória**. Campinas: Unicamp, 2013.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogo de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-249.

\_\_\_\_\_. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jan./jun. 2005.

PAZOS, Mercedes Suárez. Historias de vida y fuente oral. Los recuerdos escolares. In: BENITO, Agustín Escolano; Díaz, José María Hernández. (Coords.) **La memoria y el deseo**. Cultura de la escuela y educación deseada. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2002. p. 105-133.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

\_\_\_\_\_. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REVEL, Jacques. Microanálise e produção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogo de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-249.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2007. p. 247-296.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi (Org.). **História & documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANFELICE, José Luís. O Estado e política educacional do regime militar. In: SAVIANI, Dermeval (Org.). **Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira**. Vitória: Edufes, 2010. p. 317-342.

SANTOS, Maria Luiza de Paula Santos. **Campanha Nacional de Escolas da Comunidade: uma proposta para a formação escolar do jovem estudante pobre (1943-2007)**. Dissertação (Dissertação em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Cuiabá/MT, 2007.

SAVIANI, Dermeval. O Estado e a promiscuidade entre o público e o privado na História da Educação Brasileira. In: SAVIANI, Dermeval (Org.). **Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira**. Vitória/ES: Edufes, 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Flavio Koutzii** – Biografia de um militante revolucionário. Porto Alegre: Libretos, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Ronalda Barreto. **Educação Comunitária: além do Estado e do mercado? A experiência da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC (1985-1998)**. Campinas: Autores Associados, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la Memoria**. Paris: Arléa, 1995.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006. p. 233-245.

VIÑAO FRAGO, Antonio. A modo de prologo, refúgios del yo, refúgios de otros. In: VENANCIO, Ana Chrystina; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-15.

## REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- BASTOS, Maria Helena Câmara. **Pro Patria Laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista, SP: Edusf, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina. (Orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.
- CANNADINE, David. Contexto, execução e significado do ritual: a Monarquia Britânica e a “Invenção da tradição”, c. 1820 a 1977. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 111-174.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória**: reflexões metodológicas sobre história oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- HOBBSAWN, Eric J. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 7-23.
- \_\_\_\_\_. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LEITÃO, Alexandra. Direito fundamental à educação, mercado educacional e contratação pública. **Revista Eletrônica de Direito Público**, Lisboa, vol. 1, n. 2, jun. 2014.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- PRETTO, Nelson. O mercado da educação. **Anped**, Rio de Janeiro, 15 maio 2018. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/o-mercado-da-educacao-por-nelson-pretto-ufba>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.
- VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

## FONTES PRODUZIDAS E CONSULTADAS

### 1 Narrativas orais

CRUZ, Maria da Guia Lima. [74 anos]. [jul. 2017]. Entrevistadora: Ariane dos Reis Duarte. 2017.

DANTAS, Acácio Araújo. [53 anos]. [jul. 2016]. Entrevistadora: Ariane dos Reis Duarte. 2016.

HENRIQUES, Maria de Lourdes. [79 anos]. [jul. 2016]. Entrevistadora: Ariane dos Reis Duarte. 2016.

MARIA, Valdemiro Severiano. [64 anos]. [jul. 2016]. Entrevistadora: Ariane dos Reis Duarte. 2017.

SOUSA, Sebastião Garcia de. [jul. 2017]. Entrevistadora: Ariane dos Reis Duarte. 2017.

### 2 Livros e artigos utilizados como fontes do estudo

COLETÂNEA CENECISTA. CNEC Edições: Brasília – DF, Vol. III, 1994.

GOMES, Felipe Tiago. **História da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos - CNEG**. Rio de Janeiro, 29 de julho publicações: 1965.

\_\_\_\_\_. **História da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC**. Brasília: CNEC Edições, 1980. 5ª edição.

\_\_\_\_\_. **CNEC: a força de um ideal**. Brasília: CNEC Edições, 1986.

\_\_\_\_\_. **Estou cansado, mas não gosto de correr**. In: Coletânea Cenecista. CNEC Edições: Brasília – DF, Vol. III, 1994.p.669

HENRIQUES, Maria de Lourdes. **Educação comunitária: enfoque cenecista**. João Pessoa: Centro cenecista de treinamento da Paraíba, 1985.

MENEZES, José Rafael de. **As introjeções do nordestino**. In: Coletânea Cenecista. CNEC Edições: Brasília – DF, Vol. III, 1994.p.661

\_\_\_\_\_. **O compromisso cenecista - reflexões de um fundador**. Editora Comunicarte, ([19--?])

QUEIROZ, Rachel de. **O sonho do professor Felipe**. In: Revista O Cruzeiro, ano XXXIV, n. 18, 10 de fevereiro de 1962, p. 114.

SILVA, Afonso Pereira. **O homem justo**. In: Coletânea Cenecista. CNEC Edições: Brasília – DF, Vol. III, 1994. p. 655.

SOUSA, Sebastião Garcia de. **O predestinado**. In: Coletânea Cenecista. CNEC Edições: Brasília – DF, Vol. III, 1994. p. 575.

### 3 Documentos obtidos no Memorial Felipe Tiago Gomes em Picuí

CORRESPONDÊNCIA entre Felipe Tiago Gomes e Fonseca, Ministro da Marinha.

CNEC em Revista. **Felipe Tiago Gomes: Idealizou a escola comunitária em 1943**. Edição especial: Vida e obra do fundador. Setembro de 1997. CNEC Edições.

CNEC em Revista. **A proposta pedagógica da escola comunitária**. Dezembro de 1997, Janeiro de 1998. CNEC Edições.

CNEC em Revista. **A chama cenequista aquece o Brasil**. Publicação alusiva ao quadragésimo aniversário da Campanha. 1983. CNEC Edições.

O CENEQUISTA. **O homem que fez 2000 escolas**. Abril de 1998. Sem dados de edição.

GOMES, Felipe Tiago. **Silvino de Macêdo, Herói Picuiense**. Brasília: Edições cenequistas, 1984.

### 4 Vídeo – Entrevista dada por Felipe Tiago Gomes

GARCIA, Tânia Curi. Entrevista com Felipe Tiago Gomes. **Programa Carrossel**, Brasília, TV Brasília, 1983.

**APÊNDICE A – QUADRO COM INFORMAÇÕES SOBRE OS  
PRONUNCIAMENTOS TRANSCRITOS NA OBRA “CNEC: A FORÇA DE UM  
IDEAL”<sup>90</sup>**

(continua)

<b>Evento</b>	<b>Local e data</b>	<b>Autoridades presentes</b>
“Transpondo fronteiras”, concessão do título de cidadão honorário alagoano à Felipe Tiago Gomes e ao então Presidente do Conselho Nacional da CNEC, Almirante Benjamin Sodré.	Assembleia Legislativa de Alagoas, 11/11/1977.	Dep. Geraldo Melo (ARENA/PSD) <sup>91</sup> Dep. Tarcísio de Jesus (ARENA) <sup>92</sup>
“Consciência Tranquila”, entrega de títulos de “Cidadão Espírito Santense” a várias personalidades, entre elas Felipe Tiago Gomes.	Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santos, 30/03/1978.	Dep. Pedro Leal (PDS) <sup>93</sup> Dep. Castelo Mendonça (MDB) <sup>94</sup> Dep. Clóvis de Barros
“A sedução do Piauí”, cerimônia de concessão do título de cidadão piauiense a Felipe Tiago Gomes.	Assembleia Legislativa do Piauí, 30/05/1979.	Dep. Afrânio Nunes (ARENA) <sup>95</sup> Dep. Wilson Parente (ARENA/PSD) <sup>96</sup>
“Cearense, cearense até morrer!”, cerimônia de concessão de cidadania cearense a Felipe Tiago Gomes.	Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, 20/06/1979.	Dep. Aquiles Peres Mota (ARENA) <sup>97</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes
“Tempos árduos e heroicos”, cerimônia de entrega do título de Cidadania Maranhense a Felipe Tiago Gomes.	Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, 12/06/1980.	Dep. Enoc Vieira Dep. Sarney Filho (PDS) <sup>98</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes Sen. Henrique de La Rocque (PDS) <sup>99</sup>

<sup>90</sup> Diante da insuficiência de fontes, para identificar a ligação partidária dos deputados, considerei as informações extraídas da Wikipédia na falta de outras possibilidades. No caso dos deputados Clóvis de Barros, Enoc Vieira, João Mansur e Gilberto Carvalho não foi possível identificar a filiação partidária.

<sup>91</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Geraldo\\_Medeiros\\_de\\_Melo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Geraldo_Medeiros_de_Melo)>. Acesso em: 05 jan. 2017.

<sup>92</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei%3%A7%3%B5es\\_estaduais\\_em\\_Alagoas\\_em\\_1974](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei%3%A7%3%B5es_estaduais_em_Alagoas_em_1974)>, acesso em 05 jan. 2017.

<sup>93</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei%3%A7%3%B5es\\_estaduais\\_no\\_Esp%3ADrito\\_Santo\\_em\\_1982](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei%3%A7%3%B5es_estaduais_no_Esp%3ADrito_Santo_em_1982)>. Acesso em: 05 jan. 2017.

<sup>94</sup> Informações extraídas de: OLIVEIRA, Ueber José de. Configuração político partidária do estado do Espírito Santo no contexto do regime militar: um estudo regional acerca das trajetórias de Arena e MDN (1964-1982). Disponível em: <[http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6270](http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6270)>. Acesso em: 05 jan. 2017.

<sup>95</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Afr%C3%A2nio\\_Messias\\_Alves\\_Nunes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Afr%C3%A2nio_Messias_Alves_Nunes)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>96</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Wilson\\_Parente\\_da\\_Rocha\\_Martins](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wilson_Parente_da_Rocha_Martins)>, acesso em 06 jan. 2017.

<sup>97</sup> Mais informações disponíveis em: <[http://primeiracoluna.blogspot.com.br/2006/04/biografia-de-aquiles-peres\\_114590892702970729.html](http://primeiracoluna.blogspot.com.br/2006/04/biografia-de-aquiles-peres_114590892702970729.html)>, acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>98</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sarney\\_Filho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sarney_Filho)>, acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>99</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://www.academiamaranhense.org.br/blog/centenario-de-henrique-de-la-rocque/>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

(continua)

<b>Evento</b>	<b>Local e data</b>	<b>Autoridades presentes</b>
“Albatroz ousado”, cerimônia de entrega do título de Cidadão Honorário do Paraná a Felipe Tiago Gomes.	Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, 29/09/1981.	Dep. João Mansur Dep. Gilberto Carvalho Prof. Felipe Tiago Gomes
“Meu canto número 1”, cerimônia de entrega do título Cidadão de Pernambuco a Felipe Tiago Gomes.	Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 03/08/1982.	Dep. Nivaldo Machado (ARENA) <sup>100</sup> Dep. Severino Otávio (PDS) <sup>101</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes
“Ação transformadora”, cerimônia de comemoração dos 40 anos de existência da CNEC.	Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 21/11/1983.	Dep. Roberto Cardona (PDS) <sup>102</sup> Dep. Ecléia Fernandes (PMDB) <sup>103</sup> Dep. Romildo Bolzan (MDB) <sup>104</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes
“Um dia de glória”, cerimônia de inauguração da Rádio Cenecista de Picuí.	Comunidade de Picuí/PB, 19/02/1985.	Sen. Alfredo Campos (PMDB) <sup>105</sup> Sen. José Lins (ARENA) <sup>106</sup> Dr. Osvaldo Colin <sup>107</sup> Governador Luís Rocha (PDS) <sup>108</sup> Ministro Marco Maciel (PDS) <sup>109</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes
“Uma nova educação”, cerimônia de concessão do título de Cidadão Baiano.	Assembleia Legislativa do Estado Bahia, 11/09/1985.	Dep. Edivaldo Lopes (PDS) <sup>110</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes

<sup>100</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Nivaldo\\_Machado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nivaldo_Machado)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>101</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://bezerrosagora.com/site/veja-o-perfil-do-prefeito-eleito-de-bezerros>>, acesso em 06 jan. 2017.

<sup>102</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://historiasvalecai.blogspot.com.br/2009/09/o-deputado.html>>, acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>103</sup> Informações extraídas de: <[http://www2.al.rs.gov.br/memorial/Mesa\\_Diretora\\_3/tabid/3720/Default.aspx](http://www2.al.rs.gov.br/memorial/Mesa_Diretora_3/tabid/3720/Default.aspx)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>104</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://www2.al.rs.gov.br/memorial/Informa%C3%A7%C3%B5esParlamentares/ExDeputados/DeputadoRomildoBolzan/tabid/6329/Default.aspx>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>105</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo\\_Jos%C3%A9\\_de\\_Campos\\_Melo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Jos%C3%A9_de_Campos_Melo)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>106</sup> Informações extraídas de: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Lins\\_de\\_Albuquerque](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Lins_de_Albuquerque)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>107</sup> Segundo informações obtidas, Osvaldo Colin foi presidente do Banco do Brasil. Dados extraídos de <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/37918>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>108</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs\\_Rocha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Rocha)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>109</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marco\\_Maciel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marco_Maciel)>. Acesso em 06 jan. 2016.

<sup>110</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://www.al.ba.gov.br/deputados/Deputados-Interna.php?id=244>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

(conclusão)

<b>Evento</b>	<b>Local e data</b>	<b>Autoridades presentes</b>
“Subindo os montes de Minas”, cerimônia de entrega do título de Cidadão Honorário do Estado de Minas Gerais a Felipe Tiago Gomes.	Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 18/09/1985.	Dep. Dalton Canabrava (MDB) <sup>111</sup> Dep. Manoel Conegundes (PMDB) <sup>112</sup> Dep. Euclides Cintra (PTB) <sup>113</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes
“Quando os pássaros não cantavam”, cerimônia de entrega do título de Cidadão Norte-rio-grandense	Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte, 25/09/1985.	Dep. Kleber Bezerra (PSD) <sup>114</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes
“Assobiando canções”, cerimônia de entrega do título de cidadão campinense.	Câmara Municipal de Campina Grande/PB, 27/09/1985.	Prof. Felipe Tiago Gomes
“Gente realizadora”, cerimônia de concessão do título de Cidadão Goiano a Felipe Tiago Gomes.	Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, 30/09/1985.	Dep. Juarez Magalhães (PMDB) <sup>115</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes
“Mensagem forte, companheiros admiráveis”, III Congresso Extraordinário da CNEC, sessão de encerramento.	Brasília/DF, 08/10/1985.	Sen. Alfredo Campos (PMDB) <sup>116</sup> Sen. José Lins (PFL) <sup>117</sup> Presidente José Sarney (PMDB) <sup>118</sup> Prof. Felipe Tiago Gomes
“Casa feita de idealismo”, sessão solene de posse de Marly Sarney na presidência do conselho nacional da CNEC.	Brasília/DF, 18/08/1986.	Marly Sarney (Primeira-Dama) Prof. Felipe Tiago Gomes
“Quase meio século depois...” reunião do Conselho Federal de Educação.	Não há indicação do local, 01/09/1986.	Prof. Felipe Tiago Gomes e demais membros do Conselho (texto não específica).

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>111</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://memorialdaltoncanabrava.com.br/biografia.html>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>112</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel\\_Conegundes\\_da\\_Silva](https://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel_Conegundes_da_Silva)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>113</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Euclides\\_Pereira\\_Cintra](https://pt.wikipedia.org/wiki/Euclides_Pereira_Cintra)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>114</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/historias-da-politica/239198>>. Acesso em 06 jan. 2017.

<sup>115</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://al.go.leg.br/deputado/perfil/deputado/1720>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>116</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo\\_Jos%C3%A9\\_de\\_Campos\\_Melo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Jos%C3%A9_de_Campos_Melo)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>117</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Lins\\_de\\_Albuquerque](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Lins_de_Albuquerque)>. Acesso em 06 jan. 2017.

<sup>118</sup> Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Sarney](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Sarney)>. Acesso em: 06 jan. 2017.

**APÊNDICE B – SÍNTESE DAS NOTÍCIAS SELECIONADAS A PARTIR DO  
REPOSITÓRIO DA HEMEROTECA DIGITAL**

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
A Noite	1942		Cooperativas para aquisição de livros mais baratos	Comenta a iniciativa de jovens estudantes em relação à educação. Comenta também a ida dos mesmos ao Rio de Janeiro.
A Manhã	Década de 1940 (possivelmente)	Nota	Campanha dos Educandários Gratuitos	Notícia a iniciativa dos jovens universitários para a criação da Campanha.
Diário de Pernambuco	16 de novembro de 1947	Nota	Diretorio Central dos Estudantes	Fala das eleições para o DCE da UFPB. FTG é eleito presidente do diretório.
Pequeno Jornal (“Orgão Independente e Noticioso”, fundador Thomé Gibson.	Possivelmente década de 1940.	Nota	Eleições na Casa do Estudante de Pernambuco	Notícia a eleição de Felipe Tiago para assistente da Casa do Estudante.
Pequeno Jornal (“Orgão Independente e Noticioso”, fundador Thomé Gibson.	5 de maio de 1947	Notícia	Eleições Acadêmicas – Vitória Espetacular dos candidatos encabeçados por Felipe Tiago Gomes, na Faculdade de Direito	Comenta o processo eleitoral do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, onde Felipe Tiago estava à frente do candidato de oposição.
Pequeno Jornal (“Orgão Independente e Noticioso”, fundador Thomé Gibson.	Não há.	Nota	Homenagem ao presidente da UNE	Comenta o almoço oferecido ao presidente da UNE nas dependências da Casa do Estudante de Pernambuco, encabeçado, entre outros, por Felipe Tiago, então presidente do Diretório Central de Estudantes.
Correio da Manhã	24 de outubro de 1948	Nota	Teatro Universitário de Pernambuco	Fala sobre o teatro criado por FTG quando presidente do DA de Direito.
Diário de Notícias	6 de novembro de 1948	Notícia	Criação, em todo o país, de ginásios noturnos e gratuitos para operários	Apresenta a Campanha e fala dos movimentos feitos por FTG. Apresenta declarações de FTG sobre a Campanha.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário de Pernambuco	23 de novembro de 1948	Nota	Campanha dos Educandários Noturnos	Não é possível compreender.
Diário de São Luiz	28 de setembro de 1948	Notícia	Estabelecimento de Ensino Gratuito para operários	Apresenta a Campanha e notícia a visita de FTG à São Luís para a divulgação da Campanha. Fala sobre o contato do mesmo com um jornalista e com o governador do estado, Sebastião Archer da Silva.
Diário de São Luiz	29 de setembro de 1948	Nota	Campanha dos Educandários Gratuitos	Fala da visita de Felipe Tiago à redação do jornal e de sua agenda durante a visita.
Diário de São Luiz	14 de setembro de 1949	Matéria	Campanha de Educandários Gratuitos	Notícia o suposto sucesso da Campanha no Maranhão. Qualidade de imagem ruim.
Revista da Semana	Década de 1950 (possivelmente)	Matéria, p. 20	Um conto a menos para você, vale um ginásio a mais para o Brasil	Matéria divulgando a Campanha com entusiasmo, explicando o que é o cenegismo e quem é Felipe Tiago.
A Noite	Década de 1950 (possivelmente)	Notícia, s. p.	Mais quatro milhões gastará o governo em 1954 na Educação secundária gratuita de milhares de jovens	Entrevista de Felipe Tiago comentando a expansão dos ginásios com apoio do poder público. Fala também da Maratona Intelectual promovida pela CNEG.
A Manhã	17 de novembro de 1948	Nota	-	Notícia a Campanha e fala do apoio do Ministro da Educação.
Jornal do Brasil	Década de 1950 (possivelmente)	Notícia, s. p.	Todos os Governadores vão ser convocados para ajudar o “ensino médio gratuito”	Anuncia a nova organização da CNEG, que passou a ter como presidente o deputado Guilhermino de Oliveira. Observa-se que as notícias sempre retomam a história da instituição.
Jornal do Brasil	12 de agosto de 1951	Matéria central	A Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos – Como vive e com quem conta	Matéria comentando o sucesso da Campanha. Com imagens e lista de estados que possuem as escolas.
A Careta	Não consta (possivelmente 1958)		Vai começar a “Operação cenegista!”	Notícia e exalta os 15 anos da CNEG e destaca o pioneirismo de Felipe Tiago.
A Careta	-	Matéria, p. 42	-	Continuação da matéria anterior. Assina a matéria Umberto Peregrino.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário da Tarde	05 de setembro de 1956	Notícia	Rede escolar de 107 estabelecimentos	Notícia o crescimento da Campanha e Sara Kubitschek como presidente de Honra.
Tribuna de Imprensa	25-26 de setembro de 1954	Nota, página 4	Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos	Fala sobre a iniciativa da criação de um teatro por parte de Felipe Tiago. A finalidade é divulgação da Campanha. Os atores são amadores e o jornal informa que Felipe solicitou seu apoio para a divulgação da proposta.
A Noite	25 de julho de 1951	Nota, p. 13	32 ginásios, sob inspeção federal, funcionam gratuitamente no Brasil.	Provável sequência da notícia anterior. Fala sobre Felipe Tiago, que segundo o jornal “ainda é desconhecido na capital da República e tão popular como um artista de cinema em Paraíba, Pernambuco e Alagoas”.
Correio da Manhã	1 de outubro de 1954.	Nota, p. 11	Fundado o Teatro Cenecista	Comenta a inauguração do Teatro Cenecista, iniciativa de Felipe Tiago, cujo objetivo era levar o teatro a jovens com talento para a área.
Correio da Manhã	21 de fevereiro de 1957.	Notícia, p. 12	Na presidência da CNEG a senhora Sara Kubitschek	Comenta a solenidade de posse da presidência de honra da CNEG pela então primeira-dama.
Correio da Manhã	24 de abril de 1957	Notícia, p. 2	Ampliando cada vez mais a rede de seus ginásios.	Entrevista com Felipe Tiago sobre a expansão da CNEG. Jornal enfatiza o apoio da primeira-dama Sara Kubitscheck.
Correio da Manhã	28 de maio de 1957	Nota, s.p.	Subvenção dos educandários da CNEG	Notícia o pedido de ampliação de subvenção feito por Felipe Tiago ao deputado Guilhermino de Oliveira.
Correio da Manhã	19 de junho de 1957	Notícia, p. 4	IX Congresso da CNEG	Notícia o Congresso e sua pauta.
Correio da Manhã	1 de setembro de 1957	Notícia, p. 10	O sonho concretiza-se – Campanha Nacional de Educandários Gratuitos vai construir edifício sede.	Retoma a história da Campanha e fala da construção do edifício sede no Rio de Janeiro.
Correio da Manhã	20 de julho de 1958	Notícia, p. 6	A Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e seu X Congresso.	Retoma a história da Campanha e enfatiza as palavras de Felipe Tiago sobre o êxito da Campanha e as propostas para o Ensino Médio.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Correio da Manhã	28 de abril de 1959	Notícia, p. 5	Operação do Ensino Médio gratuito criará escolas em todo o país	A partir da fala de Felipe Tiago o jornal comenta a expansão da Campanha e da “Operação Ensino Médio Gratuito”.
Correio da Manhã	20 de julho de 1958	Notícia, p. 6	A Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e seu X Congresso.	Retoma a história da Campanha e enfatiza as palavras de Felipe Tiago sobre o êxito da Campanha e as propostas para o Ensino Médio.
Correio da Manhã	28 de abril de 1959	Notícia, p. 5	Operação do Ensino Médio gratuito criará escolas em todo o país	A partir da fala de Felipe Tiago o jornal comenta a expansão da Campanha e da “Operação Ensino Médio Gratuito”.
Correio da Manhã	26 de maio de 1959	Notícia, p.4	Apoio das Associações de bairros à campanha de ginásios gratuitos	Notícia repercute a iniciativa de Felipe Tiago em relação à “Operação Ensino Médio Gratuito”.
Correio da Manhã	30 de maio de 1959	Nota, p. 6	Divulgação da Campanha do Ensino Médio Gratuito	Repercute a operação do Ensino Médio. Possibilita ver as relações travadas por Felipe Tiago e o apoio da imprensa.
Correio da Manhã	17 de junho de 1959	Notícia, p. 8	Apoio de líderes sindicais aos educandários gratuitos	Fala sobre os movimentos feitos por Felipe Tiago em prol da operação ensino médio. Fala das cidades visitadas e entidades contatadas.
Correio da Manhã	11 de setembro de 1959	Notícia, p. 10	Educandários gratuitos utilizarão escolas públicas em 1960	Entrevista com Felipe Tiago sobre a operação ensino médio. O texto diz que a operação aguarda o aval do secretário de educação. Nota-se a relação Felipe X imprensa X poder público.
Correio da Manhã	27 de novembro de 1958	Nota, p. 5	Viajantes	Pequena nota fazendo referência à viagem de Felipe Tiago à cidade de Bauru para divulgação da Campanha.
Correio da Manhã	1 de fevereiro de 1956.	Notícia, p. 2	Encerrados os certames da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos	Notícia o encerramento do congresso cenecista e a maratona intelectual. No último parágrafo o texto faz referência à Felipe Tiago e ao trabalho prestado à Pátria.
Diário de Notícias	28 de julho de 1958.	Matéria, “Segunda seção, Segunda página”	Desajustamento entre a escola e a vida real	Entrevista com Felipe Tiago sobre a situação do ensino no país em vários segmentos. Pelo que se pode perceber integra uma série de reportagens sobre a temática.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário de Notícias	Não há.	Notícia (continua na página 5)	Educandários Gratuitos em cada bairro e subúrbio	Nota sobre a operação ensino médio, encabeçada por Felipe Tiago. Mostra a mobilização e o envolvimento de grupos escolares, igrejas e sindicatos.
Diário de Notícias	28 de julho de 1958.	Matéria, “Segunda seção, Segunda página”	Desajustamento entre a escola e a vida real	Entrevista com Felipe Tiago sobre a situação do ensino no país em vários segmentos. Pelo que se pode perceber integra uma série de reportagens sobre a temática.
Diário de Notícias	Não há.	Notícia (continua na página 5)	Educandários Gratuitos em cada bairro e subúrbio	Nota sobre a operação ensino médio, encabeçada por Felipe Tiago. Mostra a mobilização e o envolvimento de grupos escolares, igrejas e sindicatos.
Diário de Notícias	-	Continuação da notícia anterior. (p. 5)	-	Segue falando das articulações feitas por Felipe para a consolidação do projeto (negociações com o Senado Federal etc.). A ideia era criar 300 classes para atender 15 mil alunos. Notícia conta com falas de Felipe Tiago.
Diário de Notícias	7 de maio de 1959.	Notícia, p.4	Grande Campanha em favor do Ensino Médio Gratuito	Fala de Felipe Tiago ao jornal sobre a operação ensino médio. Fala da receptividade da Campanha em MG. A ideia da operação era expandir o acesso ao ensino médio aos jovens mais pobres.
Diário de Notícias	24 de maio de 1959	Nota, p. 5	Metalúrgicos Organizam Ginásio para seus filhos	Fala do interesse dos grupos de trabalhadores, em especial dos metalúrgicos pela operação ensino médio.
Diário de Notícias	26 de maio de 1959.	Nota, p. 4	Líderes de bairros trabalharão por Ginásios Gratuitos da CNEG	Fala sobre a reunião feita para estudar a proposta da operação ensino médio. A reunião prospectou as possibilidades de colocar em prática a operação.
Diário de Notícias	26 de agosto de 1959	Nota, p. 4	Aluno de Educandário Gratuito custa menos de Cr\$ 3,00 por dia	Nota comentando as palavras de Felipe Tiago em relação aos educandários gratuitos. A nota fala das escolas cenegistas e articula as informações à operação ensino médias.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário de Notícias	30 de agosto de 1959	Nota, p. 5 (Ver sobre procedência do jornal - "O Metropolitano")	Escola pública custa menos	Texto idêntico à nota da notícia anterior (do dia 26 de agosto de 1959).
Diário de Notícias	26 de agosto de 1959	Nota, p. 4	Aluno de Educandário Gratuito custa menos de Cr\$ 3,00 por dia	Nota comentando as palavras de Felipe Tiago em relação aos educandários gratuitos. A nota fala das escolas cenegistas e articula as informações à operação ensino médias.
Diário de Notícias	30 de agosto de 1959	Nota, p. 5 (Ver sobre procedência jornal - "O Metropolitano")	Escola pública custa menos	Texto idêntico à nota da notícia anterior (do dia 26 de agosto de 1959).
Tribuna de Imprensa	25-26 de setembro de 1954	Nota, p. 4	Campanha Nacional de Educandários Gratuitos	A pedido de Felipe Tiago, o jornal divulga nota sobre a iniciativa de levar teatro ao subúrbio.
Diário de Pernambuco	26 de junho de 1952	Notícia, s.p.	Ginásios Gratuitos em todo o território nacional	Notícia a visita de Felipe Tiago à Recife. Há uma pequena entrevista onde ele fala da Campanha.
Diário de Pernambuco	13 de maio de 1958	Notícia, p. 6	Início da campanha contra o analfabetismo em Timbauba	Pequena entrevista com Felipe Tiago sobre a Campanha, sua expansão e o analfabetismo no país.
Diário de Pernambuco	15 de maio de 1958	Nota de capa	-	Chamada de capa com uma fotografia de um prédio que servirá como parte do "plano piloto" pela extinção do analfabetismo. Chama atenção a legenda da fotografia: "... já se encontra em Timbaúba, o Sr. Felipe Tiago Gomes, alto funcionário do M.E.C.
Diário de Pernambuco	22 de maio de 1958	Notícia, p. 12	Jaboatão – Ligeira entrevista com o vice-coordenador da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo	Fala sobre a visita de Felipe Tiago e o projeto da construção de escolas. Ao longo do texto é feito um pedido, para que Felipe Tiago interceda pelo município junto ao poder público no Rio de Janeiro.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
O Fluminense	1957	Notícia, p. 9	Construiu a sede própria o ginásio de Itaboraí	Fala da administração e expansão da CNEG, bem como do suposto êxito dos Congressos por ela organizados.
O Jornal	16 de dezembro de 1951	Nota, p. 2	“Honra ao Mérito” Sr. Felipe Tiago Gomes	Nota fala sobre Felipe Tiago e sua história. Trata-se do anúncio do programa “Honra ao mérito” da Rádio Nacional, patrocinado pela Standard Oil Company of Brazil.
Revista da Semana	Década de 50 (possivelmente)	Matéria	Um conto a menos para você, vale um ginásio a mais para o Brasil	Matéria explicando a “operação cenegista”.
Tribuna de Imprensa	25-26 de setembro de 1954	Nota	Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos	Comenta a iniciativa de levar teatro para o subúrbio a fim de arrecadar fundos e levantar fundos para a Campanha.
Jornal do Dia	30 de maio de 1961	Notícia	Ijuí e Santo Ângelo visitados pelo superintendente da Campanha...	Fala da visita de FTG ao RS e de sua agenda durante a visita
Diário do Paraná	07 de agosto de 1962	Notícia, s.p.	Não há.	Breve entrevista com Felipe Tiago sobre os ginásios no Paraná.
Diário do Paraná	29 de setembro de 1962	Nota, s. p.	Haya de La Torre foi homenageado pelo CNEG e <Associados> de Minas	Comenta a vinda de Haya de La Torre e a homenagem prestada pela CNEG a ele.
Última Hora	Rio de Janeiro	Nota, s.p.	65 milhões para a CNEG	Fala do apoio do governo fluminense à Campanha e anuncia a uma viagem a Brasília para pedir recursos a JK.
Última Hora	-	-	Apoio decidido do governo	Comenta o apoio dos políticos fluminenses e traz uma breve entrevista de Felipe Tiago.
A Noite	15 de junho de 1961	Reportagem	Campanha de Educandários Gratuitos empolga o país	Reportagem fala da história e importância da CNEG. Chama Felipe Tiago de “menino pobre”. Fala também do crescimento da expansão da rede e congresso no Ceará.
Diário de Notícias	07 de julho de 1968	Matéria, s.p.	CNEG quer dizer comunidade no desenvolvimento do ensino (assina a matéria Elóidy Rodrigues)	Explica o que é a CNEG, como funciona e se mantém. Fala do alcance da instituição no RS.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário de Notícias	de 25 de setembro de 1969	Nota, p. 3	Superintendente do CNEC anuncia apoio à “Década”	Explica o que é a CNEC e traz pequenos excertos de falas de Felipe Tiago.
Diário de Notícias	Não há.	Nota em seção intitulada “Panorama”	-	Comenta o lançamento do livro “História da CNEG”, de Felipe Tiago. No mais, a nota chama de “odisseia” a trajetória de Felipe Tiago. Fala sobre as dificuldades que ele enfrentou e do apoio que recebeu para divulgar a campanha. Conta um episódio curioso sobre as viagens de Felipe Tiago.
Diário de Notícias	de 27 de julho de 1963	-	-	Anuncia, segundo “fontes bem informadas de Niterói” a possibilidade de Felipe Tiago assumir a Secretaria de Educação do Estado.
Diário de Notícias	de 27 de janeiro de 1961	Nota de capa	Prêmio Felipe Tiago Gomes	Nota comenta a oferta do prêmio “Felipe Tiago Gomes” para o aluno que obtivesse a maior nota de todas as turmas da 4º série ginásial do Estado da Guanabara.
Correio Manhã	da 12 de abril de 1960	Reportagem, p. 13	Fêz pelo ensino o mesmo que Bilac pela instrução militar	Comenta a proposta de nomear os educandários da Guanabara com o nome de Felipe Tiago. Conta com um pequeno depoimento do governador Roberto Silveira sobre FTG.
Correio Manhã	da 17 de abril de 1960	Reportagem, p. 13	A CNEG fluminense ao prof. Felipe Gomes	Retoma o conteúdo da reportagem anterior e traz mais detalhes da fala do governador sobre Felipe Tiago.
Correio Manhã	da 22 de maio de 1960	Nota, p. 16	Ensino gratuito em cada bairro	Comenta o interesse do governador Sette Câmara em levar escolas de ensino médio gratuitas através da CNEG para cada bairro carioca.
Correio Manhã	da 16 de junho de 1960	Nota, p. 12	Educandários Gratuitos terão sede em Brasília	Fala da construção do prédio da CNEC em Brasília e das parcerias estabelecidas para a construção do mesmo.
Correio Manhã	da 7 de setembro de 1960	Nota, p. 12	Nova fase de trabalhos na CMEG (sic)	Fala do grupo de trabalho formado para dar suporte pedagógico à CNEG. Felipe Tiago Gomes fala ao jornal, que não poupa elogios à instituição.
Correio Manhã	da 19 de novembro de 1960	Nota, p. 11	Ajuda do governo fluminense aos Educandários Gratuitos	Fala do apoio financeiro dado à CNEC pelo governo do Rio. Fala da relação entre Felipe Tiago e o governador Roberto Silveira.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Correio da Manhã	25 de julho de 1967	Nota, p. 11	Campanha vai mostrar o que faz no ensino	A nota fala sobre a CNEC e seu funcionamento, frisando a contribuição dessa para educação. Pelo que se pode ver isso se deve a campanha feita para o ensino médio gratuito, encabeçada por Felipe Tiago e a CNEC.
Correio da Manhã	21 de julho de 1968	Matéria, p. 17	CNEG: uma perspectiva para a escola média	O texto, da autoria de Manoel Antonio Barroso, fala da deficiência do Ensino Médio no país. Em seguida fala da CNEG, sua história e estrutura de funcionamento. Fala do baixo custo da Campanha e do engajamento de Felipe Tiago. O texto conta com declarações atribuídas à Felipe Tiago.
Correio da Manhã	4 de outubro de 1968	Nota, p. 7	Subversivo	A nota faz referência ao aniversário de 25 anos da CNEG e faz menção a Felipe Tiago, dizendo que o mesmo foi preso como subversivo no início da Campanha. A nota parece ter caráter moralizante, pois está em uma página que faz referência a outros episódios envolvendo o regime militar.
Correio da Manhã	17 de maio de 1968	Nota, p. 3 ou 8 (não é possível definir)	CNEG mostra solução para problemas do ensino médio	Fala da apresentação feita por Felipe Tiago a professores e oficiais das forças armadas sobre o alcance da CNEG no país.
Tribuna de Imprensa	6 de maio de 1968.	Notícia, p. 5	Asaleme consegue um ginásio para o Leme.	Texto notícia a abertura do ginásio e dedica alguns parágrafos à Felipe Tiago.
Revista Cruzeiro	O 1971 (possivelmente)	Matéria	CNEC – Escolas para a Comunidade	Fala sobre a fundação da Campanha e sobre seu funcionamento. Há uma imagem de Felipe com gráficos explicativos.
Revista Cruzeiro	O 31 de julho de 1969	Texto na seção “Diálogo”	Os idealistas	O texto, assinado por Manoel Antônio Barroso, conta de forma romântica a história da campanha, frisando a luta e a dedicação de Felipe Tiago e seus colegas. Diz que a aventura destes foi “quase que subversiva” É possível notar o alinhamento do jornal com o regime. Na mesma página há textos que evidenciam isso.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário do Paraná	25 de janeiro de 1972	Matéria, s.p.	A hora e a vez da educação no Brasil	Comenta a fala do senador João Calmon na televisão, falando do crescimento e sucesso da educação no país. Em sua fala homenageia Felipe Tiago e a CNEC.
Diário do Paraná	21 de março de 1972	Notícia, s.p.	Escolas da Comunidade com Médici	Comenta a audiência de Felipe Tiago, Almirante Benjamin Sodré com o então presidente Gal. Médici. Frisa que reiteraram o pedido feito por Pelé que solicitava apoio para a realização de sorteios que contribuiriam com o “Fundo Pelé de Educação”.
Diário do Paraná	Não há.	Matéria	Mobilização dos Brasileiros para a Educação	Matéria enfatiza as medidas do governo em prol da educação e cita Felipe Tiago como exemplo a imitar.
Diário da Tarde	19 de maio de 1971	Nota	Redemaker virá a congresso escolar	Nota comentando congresso da CNEC.
Diário da Tarde	1 de março de 1974	Nota	O presidente da CNEC está aqui	Comenta a ida de FTG para inspeção das escolas cenevistas no estado.
A Luta Democrática	5/6 de novembro de 1972	Reportagem	CNEC – Uma vitória do idealismo	Conta a história da CNEC e explica os mecanismos de manutenção da instituição. Destaca as metas a serem atingidas pela CNEC.
Correio da manhã	19 de fevereiro de 1970	Matéria, p. 9	Benjamin Sodré aumenta CNEC	Matéria fala da história da CNEC e números atingidos pela instituição. Chama a década de 70 de “década da educação”. Na matéria Sodré diz que pretende aumentar o alcance da CNEC no país.
Correio da manhã	2 de abril de 1970	Nota, p. 14	Mais 1618 salas de aula	A nota anuncia o oferecimento de sala de aulas por parte da CNEC ao MEC para a realização de cursos de alfabetização. Através de muitos números, a publicação (e a própria CNEC) fala das vantagens de tal oferta.
Correio da manhã	22 de janeiro de 1970	Matéria, p. 9	Um vestibular bem colorido (subtítulo – “Assistência pedagógica para professores da CNEC no Brasil).	A segunda parte da nota fala sobre a assessoria pedagógica que a CNEC dará aos funcionários públicos em todo o país. O texto frisa que os objetivos principais da CNEC serão deixados em segundo plano e pontua as recomendações estabelecidas para a execução da assessoria.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário de Notícias	de 5 de fevereiro de 1970'	Nota, p. 3	Ano letivo	Nota comenta a organização, por parte de Felipe Tiago, de um desfile para saudar o início do ano letivo de 1970.
Diário de Notícias	de 7 de abril de 1970	Nota, p. 10	CNEC vai ceder 1618 salas de aula ao MEC: Alfabetização	Fala da concessão de salas por parte da CNEC ao MEC para o funcionamento de cursos de alfabetização.
Diário de Notícias	de 8 de novembro de 1970	Matéria de meia página (s.p.)	Mesmo aonde ainda não chegou o progresso a CNEC mantém escola: são mais de 300 mil alunos	A matéria fala da história da CNEC, seu funcionamento e organização. Os subtítulos da matéria ajudam a entender as articulações feitas por Felipe Tiago.
Diário de Pernambuco	de 7 de julho de 1971	Reportagem, p. 6	Pelé ingressa na vida educacional do país	Reportagem fala do suposto ingresso de Pelé na CNEC. O texto classifica Felipe Tiago como "grande educador brasileiro".
Diário de Pernambuco	de 10 de novembro de 1973	Reportagem, s.p.	A bela Campanha	Texto anuncia a escolha da mais bela estudante da CNEC e retoma a história da Campanha.
Diário de Pernambuco	de 1 de julho de 1976	Matéria, s.p.	Nasceu do idealismo e venceu o tempo (assina o texto Barreto Guimarães)	O texto fala da história da CNEC e não poupa elogios à Felipe Tiago. O texto exalta o fundador da Campanha e fala da importância da mesma para a educação no Brasil.
Diário de Pernambuco	de 4 de julho de 1979	Nota, s.p.	Títulos	Nota comenta a concessão do título de cidadão cearense a Felipe Tiago. O projeto foi idealizado pelo deputado Aquiles Peres Mota.
Diário do Paraná	de 21 de março de 1972	Reportagem, s.p.	Escolas da Comunidade com Médici	Texto fala da reunião de dirigentes da Campanha com Médici. O almirante Benjamin Sodré esteve à frente da reunião, que tinha como objetivos conseguir verbas para o "Fundo Pelé de Educação".
Diário do Paraná	do s.d.	Reportagem, s.p.	Presidente da CNEC inaugura centro	Texto fala da visita de Benjamin Sodré à Curitiba para a inauguração do "Centro Comunitário Presidente Kennedy". A matéria retoma a história da Campanha.
Diário do Paraná	do s.d.	Nota, s.p.	952 municípios do país recebem ajuda da CNEC	Anuncia a participação de Benjamin Sodré na inauguração de uma escola. O texto diz que apesar dos trinta anos de existência a Campanha ainda é mal divulgada. Retoma a história da Campanha.

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário da Tarde	Década de 1970 (possivelmente)	Notícia	Oscar Alves é empossado como presidente da CNEC no Paraná	Não é possível ler com clareza.
Jornal Brasil	20 de março de 1973	Nota, s.p.	Reclamações	A nota comenta a tensão entre a Secretaria de Educação do RJ e a CNEC. A secretaria abriu escolas onde já havia escolas cenevistas e solicitou a entrega dos prédios.
Diário Paraná	20 de junho de 1978	Notícia, s.p.	Arena decide que a chapa do Senado ficará só com o Túlio	Comenta a homenagem que a CNEC prestará a políticos locais.
Diário Natal	s.d. (década de 1980)	Nota, s.p.	Cenec	Comenta a entrega de uma estátua de São Miguel Arcanjo por parte de Felipe Tiago a José Sarney. O trabalho era de uma artesã de Currais Novos. O texto conta uma pequena fala de Sarney sobre a educação.
Diário Natal	25 de abril de 1986	Nota, s.p.	Prefeito	Comenta as solicitações feitas à Sarney quando este foi à Picuí a convite de Felipe Tiago.
Diário Natal	01 de maio de 1986	Nota, s.p.	Festa	Comenta a homenagem que será feita à Felipe Tiago no município de Lagoa Nova. Outras pessoas também serão homenageadas na mesma ocasião.
Diário Natal	01/10/1987	Reportagem, s.d.	CNEC comemora 30 anos com solenidade amanhã	Fala da agenda de comemoração do aniversário da CNEC e retoma a trajetória da instituição.
Diário Natal	21 de dezembro de 1989	Nota, s.p.	Senador	Comenta a visita de um senador canadense, Jacques Herbert, a Currais Novos e Picuí. Felipe Tiago acompanhou o senador em suas visitas.
Diário Natal	23 de dezembro de 1989	Nota, s.p.	Visita	Comenta a agenda da visita do senador canadense.
Diário de Pernambuco	20 de novembro de 1981	Nota, s.p.	Apologia da CNEC (assina o texto José Rafael de Menezes)	O texto reflete sobre a fase vivida pela CNEC e também sobre questões sociais. Fala da importância do comunitarismo e da atitude de Felipe Tiago.
Diário de Pernambuco	3 de agosto de 1982	Nota, s.p.	Campanha da Comunidade homenageia professores	Nota anuncia a homenagem feita a Felipe Tiago e Alcides Rodrigues Sena, fundadores da CNEC (que completava 40 anos de existência).

(continua)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário de Pernambuco	4 de agosto de 1982	Nota, s.p.	Mestre recebe título	Comenta a entrega do título de cidadão pernambucano a Felipe Tiago.
Diário de Pernambuco	3 de junho de 1983	Nota, s.p.	Apresentação da CNEC (assina o texto José Rafael de Menezes)	Fala da CNEC pelo Brasil e a relação de cada região com a instituição (segundo visão do autor). Fala brevemente das articulações que Felipe Tiago fez para divulgar a Campanha.
Diário de Pernambuco	3 de julho de 1983	Nota, s.p.	Deputado elogia atuação da CNEC	Fala da trajetória da Campanha e do apoio do deputado Severino Otávio em relação a ela.
Diário de Pernambuco	29 de julho de 1983	Nota, s. p.	Escolas	Comenta os 40 anos da CNEC e o papel de Felipe Tiago em relação à instituição.
Diário de Pernambuco	-	-	Uma aventura oportuna (assina o texto José Rafael de Menezes)	O texto faz uma retomada histórica da CNEC como foco nos números alcançados pela mesma. A data aniversária da instituição é 29 de julho. O autor diz que as comemorações foram adiadas em função do estado de saúde de Felipe Tiago, que estava debilitado após três enfartes e duas operações de safena.
Diário do Pará	19 de novembro de 1987	Nota, s.p.	Sarney não tem candidato ainda	Fala brevemente da visita a Picuí a convite de Felipe Tiago.
O Liberal	11 de maio de 1989		Sarney promete que reagirá às críticas com tranquilidade	Fala sobre a visita a Picuí e aos conflitos internos em relação à presidência do PMDB.
O Liberal	9 de maio de 1989, s.p.	Nota na seção "Nomes & Fatos"	Visita	Comenta a visita de José Sarney à Picuí, apresentando agenda que será cumprida pelo presidente. Ressalva que o convite foi feito por FTG.
Jornal do Comércio	30 de abril de 1991	Nota, s.p.	Subida da rampa tem campeões de natação	Anuncia, entre outros, a participação de Felipe Tiago em cerimônia oficial do então presidente Fernando Collor.
Jornal do Comércio	26 de agosto de 1990	Nota, s.p.	CNEC diz que alfabetizar velho é pôr dinheiro fora.	Nota comenta excertos de falas de Felipe Tiago sobre a Lei de diretrizes e bases.
Jornal do Comércio	28 de fevereiro de 1991	Reportagem, s.p.	Posse no CNEC vira uma festa para alagoanos	Comenta a festa em torno da posse de quatro novos membros do conselho da CNEC. Collor foi um dos conselheiros da CNEC.

(conclusão)

<b>Veículo</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Tipo/página</b>	<b>Manchete</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Jornal do Comércio	01 de maio de 1997	Nota, s.p.	O professor e o macaco (assina o texto Sebastião Garcia, ex-aluno e secretário geral da CNEC)	O texto fala de Felipe Tiago, sua vida e obra. Fala da contribuição dele para a educação no Brasil e aponta para a necessidade de pesquisas em torno da sua vida e obra. Fala da abnegação e dedicação de Felipe.
Jornal do Comércio	24 de setembro de 1996	Nota fúnebre, s.p.	-	-
Jornal do Comércio	26 de setembro de 1996	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE C – DIMENSÕES DAS NARRATIVAS DE MEMÓRIA

### Acácio Araújo Dantas

Felipe: “visionário”; aponta para as fortes relações entre Felipe Tiago e políticos como José Sarney; Fala voltada para a relação de Felipe Tiago com o município de Picuí; Memórias recaem sobre a preocupação com a “preservação” o “resgate” da memória de Felipe; CNEC: instituição que permite aos menos favorecidos transcender sua posição;

Jogos políticos locais, vínculos e relações políticas:

“quer dizer que ele foi hostilizado, foi... mas havia uma preocupação da classe política no momento preocupada com interferência dele, achando que ele tava querendo tomar conta. Isso aí eu senti na pele”

[...] o que é que a gente via, que as pessoas viam nele um homem que fez uma obra tão grande que tinha um respeito tão grande e a gente via os parlamentares, senadores, deputados federais e ministros a atenção e o respeito que tinha a ele, então, eu via dessa forma. **E outra coisa, com toda essa conquista mais para ele próprio amealhou quase nada, ele morreu praticamente sem patrimônio nenhum, era uma pessoa que vivia realmente como um idealista, como visionário, como uma pessoa que queria fazer o bem, é abnegado como se diz, pessoa abnegada, desinteressada que queria só promover o bem. Isso aí causava esse respeito e essa atenção, eu acho que não passava disso.** Com isso, ele tinha livre acesso ao Ministério. Não é brincadeira, ele ligava... a gente sabe que um parlamentar desse, mesmo com interesses políticos, politiqueiros mesmo, as vezes um parlamentar desses tem uma dificuldade de ter acesso a um ministro. Ele...”

Sobre a influência de Felipe para sua candidatura como vereador: “No tempo ele falava para mim, eu era muito novo, então quando **ele dizia ‘olhe...’ ele chegava para mim e eu já vereador, ‘olhe, você vai ser, vamos trabalhar para ser prefeito...’** isso para mim era estranho demais.”

Relação da Campanha com o regime civil-militar: **“o movimento que ele fazia ia totalmente de encontro ao que o golpe pregava...”**; Considera Felipe “apolítico”. Usando o que seriam as palavras do próprio Felipe, diz que o partido dele era o “PE – Partido da Educação”.

Aponta para o que chama de “preocupação” de Felipe em desenvolver projetos em outras áreas que não a educação: “quando ele começou a sentir a rede oficial realmente tomar conta, começou a investir mais, aí ele começou a focar em uma coisa tão importante quanto a

educação, tão importante não porque a educação é a base de tudo, mas em uma coisa muito importante também que era buscar meios para dar condições de vida às pessoas.”

### **Maria de Lourdes Henriques**

Felipe foi o escolhido da família para receber estudos; apoio foi dado por um juiz de Direito de Picuí (Doutor Saldanha), pois este teria percebido que Felipe “tinha futuro”.

Destaca a precariedade da situação de Felipe ao se estabelecer em Recife para estudar; aponta para as negociações entre Felipe e as esposas de membros do exército; fala das mudanças na CNEC após o falecimento de Felipe e a ruptura da instituição com os seus ideais; aponta para os problemas financeiros da CNEC na década de 1990 e fala do quanto isso afligia Felipe Tiago; a sucessão do cargo de Felipe estaria ligada a essas questões financeiras; Menciona a presença da devoção e religiosidade na família de Felipe;

Diz que Felipe Tiago foi construindo sua relação com políticos ao longo da vida, **“Ele foi construindo ao longo da sua vida. Quando morava no Rio de Janeiro já conhecia os políticos. Felipe era uma pessoa muito futurista, via logo que não podia ficar no Rio de Janeiro porque o centro do poder estava em Brasília. Então, tinha que ir morar em Brasília.”**;

Fala da disposição de Felipe Tiago para fazer viagens e percorrer o país; nessas ocasiões, fazia discursos, era homenageado, fazia homenagens, etc. “Ele começava a falar e dizia: “Eu não vou fazer discurso, eu estou conversando com vocês...”. O discurso de Felipe era sempre assim: um discurso como se fosse uma conversa com as pessoas.”;

Ressalva a devoção e humildade de Felipe e da forma como sua postura mudava de acordo com a ocasião: **“Ele não era orgulhoso, era muito humilde, muito devoto de São Francisco de Assis, por isso que vocês viram lá a imagem de São Francisco. Era de uma humildade muito grande. O motorista comia na mesa com ele. Era assim, uma pessoa sem nada de etiqueta. Não tinha reserva nenhuma. Agora, na hora de receber deputados, senadores, ele tratava a todos muito bem, de forma mais formal...”**;

Aponta para as táticas utilizadas por Felipe: almoços, homenagens, formação de redes; fala da relação entre Felipe e os militares; diz que apesar do bom relacionamento com esses Felipe sofreu restrições e pressão no período da ditadura civil-militar; diz que Felipe “previa” que CNEC poderia vir a tomar rumos diferentes após seu desligamento da instituição; segunda ela, a intenção de Felipe era que o patrimônio da CNEC fosse das comunidades e não da instituição;

Fala do idealismo, *cenecismo* e *felipismo*; para ela, a definição de felipismo seria “Na minha época, significava dizer que **Felipe era uma figura tão importante que deixou a vida particular para se dedicar à educação dos menos favorecidos, para não chamar pessoas carentes, menos. E então, com isso, ele viveu a vida.**”

Quanto ao cenecismo, diz que “**é a doutrina que orienta a vida dos cenecistas. Ser cenecista é participar ativamente das atividades da CNEC com alegria e solidariedade.**”; **Na minha concepção, a CNEC é uma filosofia educacional que realmente é transmitida por Felipe Tiago Gomes e, à medida que a pessoa vai recebendo em doses homeopáticas, vai se fortificando e se tornando um cenecista.** Ser cenecista, como disse o professor Berilo Borba, quando Reitor da UFPB, “Eu sou cenecista aqui, no céu, em qualquer parte do mundo eu sou cenecista!” E se você chegasse em qualquer parte do Brasil e dissesse que era cenecista, havia sempre uma pessoa para lhe acolher, lhe convidar para ir à casa dela. Daí esse sentido de fraternidade e de solidariedade.”;

Diz que Felipe Tiago “**tinha o dom para a política**” e que isso o fez “**crescer na vida**”; diz que lia jornais como Folha de São Paulo e assistia ao Jornal Nacional diariamente. Embora tenha dito que Felipe tinha o dom para a política, diz também que ele não queria misturar seu ideal (a educação) com a política;

Caracteriza Felipe como “**humilde**”, “**amigo de todo mundo**”, “**uma pessoa que não fazia distinção**”: “**Felipe foi um mestre, uma pessoa que teve muitas ideias e ia passando e semeando. Como bem dizia o professor Berilo, ele passava em doses homeopáticas. O cenecismo é isso: uma doutrina que você vai recebendo em doses homeopáticas e quando ela penetra no seu corpo, você jamais vai deixar de ser cenecista. Você passa a sofrer com o que acontece com a CNEC, as injustiças e tudo mais.**”.

#### Sebastião Garcia Sousa

- Visão sobre Felipe:

“Conheço bem o personagem, não só pelo tempo de convivência e trabalho, mas porque pesquisava muito a vida dele...” (Referência à ida, em 1976, ao município de Picuí para fazer entrevistas sobre a vida de Felipe Tiago. As entrevistas resultaram no livro “O Predestinado”.)

“O negócio dele, inclusive o espírito dele era só ajudar, ele tinha o espírito de ajudar...”.

“Você, você que a minha história foi assim mesmo, relação de pai pra filho né?...”.

“a gente, os funcionários não eram empregados dele, sabe? Passava todo mundo por igual e sempre buscava indagar: - O quê que você acha disso? [...] Entrava lá pra dentro do

almoxarifado: - E você, quê que você acha? Tipo gerenciamento moderno que hoje que se fala muito nisso, tem que se ouvir todo mundo né? O funcionário aparentemente menos qualificado, ou de menor responsabilidade, eles têm uma ideia genial que pode ser aproveitada no todo né? Então o Felipe tinha isso.”

“Felipe, o que eu digo ele tinha o mundo na palma da mão, em primeiro lugar, então ele conhecia todos, ele conhecia política, conhecia educação, história, tudo, sabe? E tudo ele procurava aplicar no trabalho dele. Agora, uma particularidade é o seguinte: é que os novos sempre querem impor novas ideias, novas metodologias, e o jeito dele era o seguinte: -‘Não, se deu certo até hoje, vamos continuar assim, não vamos mexer não!’ Se tá dando certo né, vai mexer no time que tá ganhando né?! Não tem lógica para ele, então mais ou menos isso, quer dizer, **ele não aceitava muita interferência né?** Mas, mas sempre buscou conviver com tudo e com todos sabe.”

[...] só não queria aparecer, não ligava pra nada. Ele queria divulgar a sim a Instituição porque ele sabia que através da divulgação que ele se tornaria conhecida e poderia de se expandir. Isso sim ele buscava, mas ele pessoa simples, tanto que nessa minha passagem eu entrevistei uma pessoa, ela falou assim: - *Felipe, Felipe um homem burro! Ele podia ter ruas de casas!* Essa expressão interessante. - *Podia ter ruas de casas, não tem nada! É um bobo!* É o bobo, mas também eu via sempre que pela extensão da CNEC, acho que os empresários são muito ciúme um do outro, a gente trabalha aqui, tem isso perdido em toda essa rede do Brasil (estalos de dedos), e a gente nota que tem muita ciúmeira no meio é por isso que a classe é muito dividida, as escolas particulares no Brasil são muito divididas, então tem umas cem instituições que se dizem representantes das escolas particulares no Brasil, no mínimo cem, mas eu acho que Felipe tinha assim era uma pessoa muito invejada sabe? - *Mas como é que ele consegue?! Como é que ele consegue, a gente não consegue?!*

Então isso talvez contribuísse para talvez, camuflar um pouco a personalidade do Felipe, ele não pode aparecer muito, ele já tem muito, não tinha nada, não tinha nada.

“Não dirigia automóvel, não, nunca dirigiu automóvel. **É, não queria, nunca teve automóvel, nem casa, nunca vi... um poeta... [...]** Eu acho que fundamentalmente, dizer que ele trabalhou muito, trabalhou para milhares de pessoas, e não interessava nada para si, tanto que, como nasceu, morreu. Acho que, que fundamentalmente isso, quer dizer uma pessoa que trabalhou para as comunidades, não se preocupava com nada dele, não queria nada. Acho que isso é fundamental.”

“[...] ele procurava pessoas em quem se pudesse confiar ‘- *Esse cara demonstrou um espírito comunitário, demonstrou ser solidário, ele merece e poderá nos ajudar aqui!*’ Aí incluía ou sugeria, porque era eleição, ele não ia incluir um nome. Ele submetia ao pleito que todos que tinham direito a voto votavam, e é muito democrático, tanto o conselho comunitário como a direção estadual, quanto a federal, em âmbito nacional, então ele ia integrando essas pessoas que pudessem colaborar e defender a CNEC, então esse era o **método dele, ele cativava e trazia para integrar**. Então passavam a serem grandes defensores. [...] **Ele tinha essa capacidade imensa de agregar, inclusive aqui nós já falamos, pessoas de lados opostos se reuniram na CNEC e ali era tudo igual...**”

“[...] **como ele se comportava perante aos humildes, a família, era uma, era um, era um anjo, era uma pessoa diferenciada** [...] Essa pessoa que se doou à educação brasileira, eu acho que são trabalhos nesse porte, nessa grandeza que faz com que a CNEC foi omissa até pelas ações do professor Felipe em não gastar dinheiro com divulgação por isso ele era, foi pouco conhecido pra educação, a CNEC... porque cada vintém, cada moeda, cada ferro, ou cada recurso cenequista era a preocupação, a obrigação na comunidade e deixou de a vaidade dele não tinha, quer dizer, ele a CNEC era conhecida pelas escolas, mas a figura, como fundador ele podia ter trabalhado, divulgado muito mais como tem os demais...”

“Assim quer dizer, surgiu o vídeo cassete em Brasília aí quando eu conheci falei:

- Esse troço é bom, vamos arrumar esse troço pra gravar o Felipe, acompanhar Felipe, então acho que, memória melhor que a gente tem hoje, em matéria de documentação seria os vídeos, seria os vídeos, né? Eu acompanhava ele visitando escolas, sendo homenageado, ele falando, ele fazendo a pregação dele, né? Contato com autoridades, essas coisas, divulgando sempre a CNEC.”

- Sobre CNEC e Felipe:

“as duas histórias na verdade, se confundem [...] as duas histórias se confundem e até ele dizia: ‘-*Eu me casei coma CNEC! Mina vida é a CNEC e acabou!*’”

“Não parava na sede não, não parava não, circulando o tempo todo, o Brasil de canto a canto. Ele ia ver escola, a menor escola e ia ver a maior escola e aí tirar da melhor escola o que deu certo lá pra oferecer pra menor escola, quer dizer: ele gerenciava isso assim muito bem, muito bem, não parava não [...] o Felipe estava sempre presente pra dar um incentivo: ‘-*Esse aqui é um dos fundadores*’. É um grande ídolo da CNEC. A presença dele era muito importante.”

“[...] O professor Felipe, quando faleceu ele morava numa casa de propriedade da CNEC, ele nem casa tinha pra morar, e todos os componentes daquela residência simples,

simplesmente foram jogados sem o menor respeito, tudo fora. Porque precisavam vender a casa pra transformar em dinheiro, Felipe, nenhum arquivo deve existir desse tipo de arquivo história de enfim, não deve existir mais na CNEC. Porque quando eu escrevi essa, esse roteiro da vida dele, fiz a entrevista falar com ele, no final ele tá lá, vocês vão ter acesso a esse material, ele, eu disse assim: ‘-E o fim da CNEC?’ Falou assim: ‘- **Não, o fim da CNEC será comigo.**’ **Como chama, filantropia não? Uma palavra lá... Ele morreu a CNEC começou a se transformar [...]**”

“Até a palavra é da própria CNEC, criação da própria CNEC, do meio, nós até tentamos incluir o verbete no dicionário, nos dicionários brasileiros, e foi, fizemos muita pressão, campanhas e tal, mas não adotaram não... Esse, o dicionário Aurélio, por exemplo, que era o mais atualizado, como é que fala? O mais em evidência na época. A gente tentou e não conseguimos inserir esse verbete, mas o cenecismo eu digo que era um estado de espírito. Um estado de espírito verdadeiramente, porque cenecismo aquele que adota ou pratica, a filosofia da CNEC[...] Essas quatro letras a partir delas é que surgiu, CNEC, cenecismo é um ideologismo, inventado no próprio ambiente cenecista repetindo aqui (riso) e que a gente não conseguiu implantar em termos nacionais então parece uma palavra meia, ela é mesmo só do universo cenecista. Do universo da CNEC, mas é isso acho que é um estado de espírito. Porque as pessoas que se atrevem a participar elas realmente são investidas de um... sabe? **É um outro patamar, é outro universo, é incrível! Não é religião, não é, não é relação patrão empregado, não é só de patrão, quer dizer, é um negócio sabe inexplicável, muito interessante, não é?**”

- Vínculos e relações políticas de Felipe Tiago:

“Ele (Felipe) teve o contato com a Haya de La Torre, que escreveu aquele livro e tal, famoso na vida dele, e sempre ele citou esse livro e sempre em contato e muito amigo do Paulo Freire. Um grande inspirador dele, Paulo Freire. Fundamentalmente isso, quer dizer, ele, ele, ele elogiava muito Paulo Freire, né, eles trocavam correspondências, eles se falavam no telefone, e tinha também uma pessoa, ele falava muito do, do trabalho que o...

- *Dom Elder?* (sugestão)

Dom Elder, mas outro da Bahia, ex-ministro da educação, como chama o INEP hoje, Instituto?

*Anísio Teixeira!* (respondo)

Anísio Teixeira era outro ídolo dele entendeu? O Anísio Teixeira, ele teve muito envolvimento sempre com o trabalho comunitário sempre, por exemplo, no caso dos

movimentos populares, ele se envolveu tanto com os movimentos populares, que ele criou também o teatro lá em Pernambuco, essas coisas todas. Inspiração de movimentos populares que ele acompanhava e tudo, mas Paulo Freire ele, o Paulo Freire ele tinha assim como um exemplo, porque ele falava assim: - A pedagogia de Paulo Freire! Não, a pedagogia de Paulo Freire é isso aqui. **Embora ele não fosse muito do pedagógico, Felipe sempre buscou mais o gerenciamento de todo esse universo que era imenso para ele era muita coisa.”**

“O professor Felipe ele quando no Rio de Janeiro que veio a Revolução, uma caça às bruxas, ele teve problemas na época porque uma organização comunitária né, um movimento poderoso como já era a CNEC, então as pessoas tinham receio da CNEC: - ‘Quem é esse cara?’ Ele foi, ele foi... ele foi bem perseguido, e tinha muitos amigos lógico, o relacionamento dele era muito grande e chegou aos... ele tinha general no conselho da CNEC, **ele tinha um almirante, ele tinha gente graduada** das forças armadas dentro da CNEC. **Já foi uma inteligência dele, uma habilidade política porque quando a coisa começou a apertar, ele chamou mais pessoas, por exemplo, um que nós convivemos com ele era o Almirante Benjamim Sodré. O almirante Benjamim Sodré, ele era presidente da Comissão Nacional de Moral e Civismo quer dizer, era um educador, trabalhando na educação do Brasil, mas não só por isso porque era militar, então os militares tinham que botar militar em todo os postos né.** E criaram essa Comissão Nacional de Moral e Civismo, pois esse senhor, ele era um membro da CNEC e apoiador da CNEC, então o Felipe tinha essa habilidade. Quando ele viu essa situação no Brasil, ele começou a trazer os próprios militares pra dentro, pra eles mesmo serem testemunhas que ali não tinha nenhuma ação negativa pro Brasil, pelo contrário, era só positiva. E com isso ele caminhou, caminhou, ele esteve com todos os presidentes da República, depois da Revolução, antes da Revolução, desde Getúlio Vargas já frequentava gabinete do presidente da República [...] Então ele conseguia colocar, por exemplo, num almoço na CNEC, pessoas das mais diversificadas posições, um negócio impressionante sabe? Nunca vi desse jeito, ele conseguia porque ele convidava e acho que até já dizia: ‘- *Fulano estará também então o senhor não pode faltar né?!*’ (risos) **É interessante essas pessoas na CNEC era todas iguais, conversavam, discutiam as coisas, incrível isso. Isso é uma das coisas que mais me chama a atenção, como é que ele conseguia articular tanta gente diferente num mesmo espaço né? Uma habilidade incrível, uma habilidade muito grande.”**

“Problemas sempre todo canto, mas ele administrava bem. A escolinha lá tá chorosa, o pessoal não reage e como é que vamos fazer e tal e aí ele: -Se tem que fechar tem, então vamos

lá, faz levantamento e vamos pagar tudo e fechar. Mas ele jamais pensava em fechar, eu tô falando fechar pela CNEC. Ele ia procurava a prefeitura, procurava o estado, falava assim: - *'Escola não pode fechar, vamos transferir a escola pra vocês, se vocês não quiserem vamos passar a outro!'* Então ele sempre trabalhou assim, quer dizer, transferir, fechar a conta da CNEC, mas não fechar a escola, encerrar a atividade não, sempre buscou isso quer dizer, transferir a escola pra outro mantenedor para que ela não fechasse.”

### **Maria da Guia Lima Cruz**

- Sobre sua relação com Felipe:

“[...] Então a gente tem não é um carinho, a gente tem uma devoção entende? De pai, ainda mais que a gente perdeu o pai muito cedo e aí quando eu vim transferida para Brasília, aqui encontro o Felipe. Não o conhecia, mas já sabia tudo dele por quê? A CNEC fazia a história da CNEC e ele entrava, então eu esperava um Felipão assim, gordo, barbudo com uma cara bem fechada, quando eu cheguei aqui que eu entrei na superintendência que ele apareceu na sala: ‘- Você é Maria da Guia?!’ Eu não desmaiei, mas eu fiquei olhando pra ele demorei muito a responder, sim porque eu já sabia que era ele porque a sala ali tinha superintendência (não foi possível entender) [...] ele me mandou entrar, sentar disse: ‘- O almirante Sodré me disse que conheceu o seu trabalho e a gente tava precisando aqui na superintendência de um datilógrafo, de um assistente administrativo, seja muito bem vinda’...”

“Uma vez ele me contou, não sei nem se a família sabe dessa história, a gente conversava muito, a gente viajava muito com ele, não era por sabedoria, ele gostava também da minha simplicidade e eu tinha que lembrar os remédios, a medicação dele e ele também comia muita coisa escondido que não podia comer e eu não dizia pra ninguém porque ele dizia: ‘- Só nós!’ (risos). Era... ele ligava pra minha doméstica aqui e dizia assim: ‘- Minha filha, faz aquele biju, que é a tapioca, que eu vou passar aí, mas diga pra professora que eu vou passar aí não. Aí quando eu chegava a noite ela dizia: ‘- Doutor Felipe veio aqui.’ ‘- Menina ele veio almoçar?’ Entende, ele ligava e dizia: ‘- Tô indo almoçar contigo.’ Era o que tivesse, ele se sentia bem, não era querer fazer um tipo, ele se sentia bem.”

“Quer dizer, é uma história a minha história é muito entrelaçada a dele. E aí, nessa época a gente teve em meu aniversário em setembro e o pessoal do SENAC fez uma missa muito bonita, eu tenho umas fotos, fotografia, mas não tenho com ele, e no final da missa eu olho, o auditório ficou lotado [...] e tinham duas pessoas encostadas na parede do fundo do auditório em pé, aí quando eu fui agradecer, que eu levantei, peguei o microfone eu olhei, era doutor Felipe e dona Lina, que era nossa superintendente adjunta. Eu fiquei tão emocionada

entende? Que aí eu agradei: ‘- Mas olha gente, hoje não é só meu aniversário, a minha grande festa do meu coração hoje é que eu estou aqui com o **meu pai**, superintendente, **a minha referência de vida**, doutor Felipe Tiago Gomes e superintendente da CNEC lá em pé, doutor Felipe. Aí ele suspendeu só o bracinho assim, o auditório olhou pra trás e cobriu ele de palma. Em pezinho assistindo a missa (riso) entende? Foi a última missa que ele assistiu... (abaixa o tom de voz). Quinze dias depois ele morreu entendeu? Mas era aquela pessoa que a prática dele assim como São Tiago nos diz: ‘- A fé sem obras é morta’. Entende? Ele teve muito mais obras do que fê. Isso é contabilizado, **ele jamais vai deixar de ser "o apóstolo da educação brasileira do século XX"**, ninguém tira isso dele, entende? Então ele era assim, a obra dele era em função do outro.”

“Felipe é a minha referência, às vezes até num momento de vaidade que os outros fazem a gente criar, aí eu dou uma freada, não. Ontem eu botei o dia do amigo, eu botei alguma coisa (nas redes sociais) e um jornalista de Taguatinga botou pra mim (também nas redes sociais) "Parabéns, minha professora, a senhora é um ícone de Brasília", poxa vida nunca tinha recebido esse título, aí eu disse bom dia pra ele, tatata, lalala... aí depois eu pensei ‘meu Deus que ícone da roça do Maranhão, eu sou ícone lá do meu pai, da minha mãe que me deram meus princípios’. Quer dizer tipo assim, isso é coisa de uma pessoa de... por que? **Porque a minha referência é a simplicidade, a humildade de Felipe Tiago. Não perco ele de referência**, qualquer coisa que eu vejo, às vezes eu até me pergunto como será que doutor Felipe fazia isso? Foram muitos anos de convivência, mas mesmo antes de ter a convivência com ele, lá na escola cenequista do interior, a gente é grato, minha família toda é assim muito grata, muito amada entende? De Felipe Tiago Gomes. Era isso.”

- Visão sobre Felipe:

“[...] ele me olhou:- ‘Minha filha, você vai levar suas filhas pra a li agora, Ceilândia ainda é uma favela’, quer dizer, ele já tinha visão de que aquela favela ia, quer dizer ‘ainda é uma favela...’. [...] E as previsões dele pra Ceilândia, porque ele se via naquele menino pobre que teve oportunidade [...] Ele ficava se vendo em quem não teve condição, que tinha ficado lá em Picuí, na época era um povoado. [...] então ele tinha essa visão dele, de ajuda ao próximo a partir dele [...]”

[...] E aí esse mesmo Felipe Tiago chegou um dia em Ceilândia, isso é um fato bem interessante, ele chegou um dia quatro horas da tarde e eu tinha a escola aberta sábado e domingo até 16 horas, como eu morava, depois das quatro fecha-se o portão então o alunado já sabia entende? [...] E doutor Felipe um dia, foi à Ceilândia só com o motorista, ele não

dirigia, nunca dirigiu, só com o motorista e chegou depois das quatro e o porteiro, ele disse assim: ‘-Olha eu queria entrar, eu vim visitar a CNEC de Ceilândia.’ Aí o porteiro disse pra ele: ‘- O senhor não pode entrar não, depois das quatro só com ordem da professora Maria da Guia porque ela mora aqui dentro.’ E ele ouvindo, o motorista lá dentro do carro, aí ele disse, como ele já tinha dado a viagem, ele disse assim: ‘- Então vai lá na casa dela e diz que Felipe Tiago veio visitar ela.’ Ele disse: ‘- Então o senhor espera aí.’ A corrente tá lá, passada no portão e ele do lado de fora, na calçada, olhando pra todo lado, na época eram só barracos quase em Ceilândia. Quando o porteiro, seu Laurindo, chegou lá: ‘- Dona Guia, tem um moço que ele tá insistindo em entrar ele disse até que veio lhe fazer uma visita.’ ‘-Ele deu o nome?’ ‘- Deu é Felipe Tiago.’ ‘-Ahnnn!!! Seu Laurindo, ele tá com motorista?’ ‘- Tá tem um homem dentro do carro e ele tá.’ ‘- Seu Laurindo, ele já entrou?’ ‘- Não ele tá do lado de fora.’ ‘- Seu Laurindo!!’ Eu subi, fui lá, fomos receber doutor Felipe. ‘- Doutor Felipe, o senhor desculpa e tatata.’ Ele, tinha uma rampinha a gente desceu uma rampinha, chegou no meio da rampa ele parou e voltou, foi lá no seu Laurindo, pegou na mão: ‘- Eu quero te parabenizar. Você é um profissional, você é um funcionário muito eficiente. Eu vou pedir à Zilda Lebes e o Dallebrand, nosso superintendente aqui, que te dê um aumento de salário porque você merece!’ (risos).

[...] ele foi membro do Conselho Nacional de Educação. [...] Ficou só, me parece que acho que não chegou há dois anos, talvez fosse bom você ver isso direito, eu não tenho certeza. A certeza que eu tenho é que eu fui chamada, lá em Ceilândia para uma reunião aqui, na superintendência, uma reunião pedagógica. E eu chegando na sala grande, era uma sala dele, mas era bem simples não tinha essas cadeironas não. Tudo lá era mais simples, se ele visse isso aqui (a sala em que estávamos) ele dizia: ‘- Pra quê isso?’ Ele dizia com certeza... (continua) Na sala grande e dona Aida Fosqueira, a de São Leopoldo, estava dizendo: ‘- Felipe, você não pode ter feito isso! Não, você não pode fazer isso!’ Ele disse: ‘- Eu já fiz. Já entreguei meu pedido de exoneração ao conselho.’ E ela: ‘- Que justificativa você?...’ E eu cheguei e fiquei empezinha, lá na porta olhando, e ela falando alto e ela não era de falar alto. ‘-Que justificativa você deu no Conselho de Educação ?!’ Ele disse: ‘- Não, eu só disse pra eles que eu não sei escrever educação, eu não quero escrever educação, **o que eu sei é fazer educação** e saí.’ Aí em seguida eu perguntei: ‘- Dona Aida, qual era a questão?’ ‘- Felipe acabou de pedir demissão do Conselho Nacional de Educação, o que era muito importante pra CNEC.’ Aí eu só acrescentei: ‘- Mas certamente não era pra ele’ (riso). Ele não tinha essa vaidade.”

“**Ele era um visionário** que ele pensava nas coisas que precisavam ser feitas, e passava pra gente e se não saísse como ele tinha pensado ele dizia: ‘- Não está completo. O que eu pedi

ainda não está concentrado aí.’ A gente lia o projeto todo pra ele, mostrava ele dizia assim: ‘- Vamos aos objetivos e as metas...’ Aquela parte filosófica, ele dizia assim: ‘- Isso aí eu leio depois.’ Mas a gente sabia que ele não ia ler! (riso). E aí quando a gente falava: ‘- E como que vai fazer? E a operacionalização disso?’ Quer dizer, projeto pra mostrar pra ele tinha que ter passo a passo, operacionalização... Com que pessoal? Com que recurso? Que capacidade tem esse pessoal pra fazer isso aí? Quem vai capacitar? **Ele era miúdo, mas com toda a razão, se não o projeto tava belíssimo e não ia frutificar. Então ele não era um teórico. Entende? Mas sabia exatamente o que que era possível sair da teoria, do papel para o chão** (batidas com a mão na mesa), **o chão da escola brasileira, isso ele sabia.”**

“[...] lá no Maranhão, Aricéya Moreira Lima (não foi possível compreender o primeiro nome com clareza), ela é duma família tradicional de Buriti Bravo, e eles têm quando você viaja entre Caxias e Buriti Bravo, eu já viajei de ônibus ali, de carro ali e você só vê assim as cerca, ‘Moreira Lima’, ou seja, eles são latifundiários, e ela deu um terreno enorme pra ele lá, não sei se você sabe dessa história e lá na sessão no Maranhão disse: ‘- Felipe, tá aqui a escritura...’ E eu estava presente nesse dia, numa solenidade, não sei se aniversário, alguma coisa lá do estado do Maranhão, como eu sou maranhense ele me convidava e ele recebeu, agradeceu e disse assim: ‘- É mais um patrimônio para a CNEC.’ E ela era muito interessada, ela dizia assim: ‘- Felipe, eu dei para você! Felipe Tiago Gomes!’ Ele disse assim: ‘- **Eu sou a CNEC, pra quê que eu quero terra?** Eu não vou ser enterrado lá. E passou pra CNEC a terra (riso). Isso é santidade gente!”.

“[...] **Parecia que ele profetizava as coisas** [...]A fé dele entende? A positividade, o querer fazer as coisas, agora não era de atropelar ninguém, era de ripo assim, devagar e sempre, quando eu digo devagar, mas assim no sentido de ter discernimento, ele tinha muito discernimento. **Quando tinha uma coisa assim, assim, assim, às vezes ele dizia assim: ‘- Não vai dar certo.’ Entende? Não adiantava a gente continuar não, não ia adiantar não...”.**

- Sobre vínculos e contatos de Felipe:

“[...] eu fui designada, pela experiência da CNEC, a ficar à disposição da Secretaria de Educação para o MEC para implantar os quatorze CAICs que eram os CAICs do Brizola. Os quatorze de Brasília foi, a nossa mão pedagógica, claro com todo um aparato, e o primeiro que a gente implantou já escolhi o nome de Anísio Teixeira em função da consideração que doutor Felipe dizia, ele dizia assim: ‘- O Anísio é o dono de tudo, esse pessoal que veio depois copiou tudo dele, mas é assim mesmo, educação não se tira, só se amplia.’ E tal, então ele tinha essa admiração, muito grande, muito amigo da Raquel de Queiroz, não sei se o Garcia (Sebastião

Garcia, outro dos meus entrevistados) falou isso, não sei se eu posso falar, mas depois você vê... Quando já tinham vários ginásios, no início da **Revolução**, ele foi tachado de subversivo, ainda no Rio de Janeiro e ele foi aonde, no Rio de Janeiro, se esconder pra se dizer que não era subversivo? Na casa de Raquel de Queiroz. E ele dormiu debaixo da cama da Raquel de Queiroz três dias (risos). Isso foi ele que contou pra gente, era até que passou um pouco, aí provaram que não, que as escolas, muito pelo contrário, entende? Era, escolas que tavam, todo o princípio entende? De família, de educação, de solidariedade...”.

[...] um dos primeiros professores, quando fundou a CNEC no Maranhão porque ele era do conselho, não tinha professor que fosse dar aula gratuitamente, então um dos primeiros professores do primeiro ginásio na periferia de São Luís, no Maranhão Foi José Sarney, entende? Foi professor cenicista. Foi José Sarney foi professor porque naquela época o professor era voluntário, entendeu? Era voluntário também...”.

[...] Maria Gomes, era a irmã que cuidou dele a vida inteira, ela não casou. Ela não separou dele lembra? Da época que eu conheci, lá de Picuí, o Miro (Valdemiro Severiano) te fala, mas ela não separou dele e ela frejava um pouco os abusos que tinha da comunidade do Brasil em cima dele. Ela era o freio de mão. Muita gente dizia: ‘- Ahh, mas a dona Maria nem parece que é irmã do doutor Felipe!’ Aquilo era tipo proposital porque você sabe que numa comunidade desse tamanho, uma pessoa que chegou a fundar 1500 escolas em todo o Brasil! Entende? Haja problema né?! E ela entendeu? Então era aquela pessoa fundamental. Uma vez, lá na casa dele, ela teve um problema de câncer primeiro do que ele, e uma vez lá eu fazendo uma visita lá, às vezes era no domingo que eu ia tratar lá na casa dele aqui perto na W3 (via em Brasília) ele me disse assim: ‘- Minha filha, a dona Maria tá bem.’ Ela tinha tido uma levantada boa, ele disse assim: ‘- Tá minha filha, eu, me olhou assim e disse, eu peço muito a Deus que Maria não morra primeiro do que eu.’ Disse isso pra mim, eu disse’: - Oh doutor Felipe, o senhor tá novo, nem Maria vai morrer doutor Felipe...’ ‘- Vai, ela não durar mais muito tempo não, mas eu quero ir primeiro.’ Acabou a conversa ali, ela morreu exatamente trinta dias depois dele... (se corrige e continua) [...] Ela morreu vinte nove dias depois dele, impressionante, não aguentou, ela já não tinha saúde, mas parece tipo assim, a minha vida não é mais necessária, eram os dois irmãos entende?’ A gente falava em casamento, ele dizia assim: ‘- Mas eu já sou casado. Tem mulher que aguenta a CNEC? Eu não, sou casado com essa mulherada da CNEC toda’.”

- Sobre cenicismo:

“Eu acho que o cenecismo é uma escola de solidariedade. O cenecismo é uma ação, como é que eu digo? Uma ação educativa com princípios cristãos e com uma sabedoria divina porque ela chega na ciência e no coração. Pra mim ela é assim porque eram escolas com propostas pedagógicas belíssimas, a gente conseguia aprender, e a gente amava, sempre amou a escola que a gente trabalhava, a escola que a gente tava sendo aluno, a escola que era, quando dizia CNEC a escola da comunidade. A comunidade não só respeitava, como integrava entende? **(integrava) totalmente, os princípios da CNEC. E a comunidade que conhecia Felipe Tiago, ela venerava, porque ele chegava, tipo assim, tipo aquele amigo que chega sem avisar porque sabe que tá na casa de amigos.** Ele não tinha solenidade pra receber, se a gente desconfiasse que ele ia, a gente preparava, mas ele preferia não ter nada, mas onde ele chegava ele era a própria festa porque era tão assediado, tão amado entende? Tão querido que ele, a escola já fazia a festa entende? E a comunidade já fazia a festa pra ele, então cenecismo pra mim é uma filosofia educacional que o Brasil precisava copiar [...]”.

#### **Valdemiro Severiano de Maria**

- Visão sobre Felipe e sua trajetória:

“[...] ele tinha responsabilidade de estudar e trabalhar na zona rural, ajudar a família, é tanto que no livro eu sabia disso que minha mãe sempre falava, ele um semestre ele ficava ajudando os pais, e a partir de julho que é tempo que é feita a colheita, quando chove ele ia pra escola e tinha de acompanhar os colegas porque ele já tinha perdido de março a julho, mas como ele dependia dessa, de ajuda, vivia da agricultura, ele não podia largar a família, quer dizer ou estudar nessa condição Felipe, quando você nos ajuda depois vai estudar. E o saber, você sabe, era coisa rara, quer dizer depende de muito esforço, de muita dedicação e com essa dedicação um estudante de Direito, o doutor Nascimento, **viu em Felipe uma diferenciação dos demais meninos da, do lugar, da cidade dos seus contemporâneos e vendo aquela diferenciação procurou meu avô:** ‘- Elias, você tem que dar condições pra Felipe estudar’. ‘- Mas aqui ele não tá estudando?’ ‘- Ele não tá estudando aqui vai até, vamos supor, a quinta série, acho que nem a quinta série, o quarto ano primário e tinha que fazer depois essa continuidade em Campina Grande’. Ele disse: ‘- Não, de jeito nenhum! Felipe estudar em Campina Grande? Ele vai ajudar na agricultura, eu não posso, eu não tenho condições de manter Felipe, meu filho, fora’. Aí o estudante de Direito, o professor, mas ficou com aquela angústia né, falei com Elias, não adianta, não tem condições. No outro sábado, naquele mesmo hotelzinho da minha vó, ele fazia o lanche: ‘- Cadê seu pai Felipe?’ ‘- Tá aqui, chegou da roça, chegou do sítio.’ ‘- Chame lá Elias. Senhor Elias, o senhor não vai fazer isso, seu filho tem

futuro.’ ‘- Só se você bancar!’ ‘- Eu sou estudante de direito, eu não posso arcar com a despesa de Felipe, o senhor que tem que fazer isso.’ E foi sensibilizando meu avô, e minha avó era muito dedicada: ‘- Não Elias, vamos ceder a, o pedido do professor Nascimento né e arrumar Felipe...’ [...] se organizou a família da uma parte e fizeram uma vaquinha e fizeram uma malinha, aquela mala que você conhece que não era essa mala sofisticada era mais de papelão, aquelas maletinha. Vai Felipe pra Campina Grande agora um menino da zona rural, chega num centro maior, aqueles costumes de, de, de, comer com colher, tomava banho de cuia, vivenciando agricultura e uma vida nova e ainda tem mais uma coisa, deixar a família, era o filho caçula, deixar a família pra trás, ir pra Campina Grande sem conhecimento foi uma loucura, quer dizer, foi uma decisão, "dói mais que o coração" como diz o matuto. **Quer dizer, foi porque ele queria, sempre teve essa destinação de querer tomar conhecimento do saber** e foi pra Campina Grande onde fez Ciências e Letras nível do segundo grau.

[...] e esse José Saldanha (juiz de Campina Grande) viu, **já sabia a bravura**, a... **determinação, o comportamento de querer aprender do professor Felipe**. Quando soube que ele ia largar, não ia dar continuidade, entrevi, disse: ‘- Não, Felipe você vai pra Recife. Eu tenho um amigo doutor Nóbrega, que é dentista, você fica na casa dele pelos dias.’

“Ele não tinha nenhum interesse de ordem financeira. É tanta demonstração que aquelas duas casas em Picuí que foi vínculos de família, foi herança dos pais dele, ele e Maria ele falou com ela e ela imediatamente aceitou e concordou passarem pra CNEC. Aquelas casas são minhas porque eu comprei já da CNEC, após o falecimento dele. [...] E passou sem nenhum, você vê a boa-vontade, desprendimento do professor Felipe, ele passou sem nenhuma cláusula que pudesse assegurá-lo, condições dele morar após o a velhice, se ele viesse a sair da CNEC.”

“[...] Ele passou por passar e caso o professor Felipe tivesse uma vida mais longa, não tivesse tido o infarto em 96, ele tinha, não ia ficar na rua porque tinha os sobrinhos ele era muito vinculado a mim, mas ele não tinha um patrimônio. Quer dizer, a casa de Picuí ele tinha passado pra CNEC, as casas. A casa aqui em Brasília era da CNEC, era destinada ao superintendente e o professor Felipe, mesmo sendo que... vejam só, o superintendente ou o diretor executivo atualmente, a situação do professor Felipe era diferente, porque ele fazia, ele era um superintendente porque ele tinha algum dinheiro para se manter, mas ele que tirava e botava o presidente nacional, era de conformidade a condições políticas, educacionais da época vamos trazer a Paulo Sarasate, foi um grande presidente da CNEC, que era um político do estado do Ceará, que a CNEC cresceu muito, mas teve, passou, quer dizer, não foi reeleito uma coisa assim, e veio um grande, outro cenecista chamado Henrique La Roque”.

[...] **Dado a opção pra servir o próximo, e ele se espelhava muito nas lições de grandes mestres, em exemplos de vidas de pessoas que ajudaram o próximo, as pessoas teve e sem ter um interesse econômico e financeiro e ele era, tinha muita fé em Deus e principalmente nos seguidores dessa fé cristã de o exemplo que ele tomou como referência foi São Francisco de Assis de servir sem preocupação de, de ser enaltecido** que o professor Felipe era reconhecido no Brasil aonde ele chegava por, pelos assessores cenevistas e assessores do governo. Quando ele chegava, como a Maria da Guia mesmo citou, a comunidade, aquela cidade parava. Recebia o título que tem muitos lá no memorial, e as lideranças locais voltava para o trabalho cenevista porque elas faziam parte desse trabalho. **Porque a grandeza do trabalho do professor Felipe era isso, fazer em equipe, nunca falava "eu fiz", "nós fizemos", era um, um trabalho e por isso ele tinha essa admiração em São Francisco de Assis.** Lá no memorial eu tenho uma estátua, uma escultura feito por Zezinho de Tracunhaém que é de uma cidade do estado de Pernambuco que era especializado de artista plástico fazer esse trabalho artístico de escultura de imagens de santo e os pernambucanos em 1982, mandaram fazer em tamanho normal um São Francisco de Assis que ficava na sala dele de barro, de cerâmica. Lindo, fantástico! **E era a primeira coisa que ele depois mandou botar na porta, você chegava ele parava ali e "São Francisco" e contava a história, enaltecia a, o exemplo de São Francisco, enaltecia o exemplo de São Francisco.** É tanto que o bairro Felipe Tiago Gomes, antes bairro do cenevista em Picuí, o padroeiro em homenagem a São Francisco é São Francisco de Assis. E o daqui, o escultura, aquele, aquele a imagem de São Francisco, um metro e oitenta pesa mais, é feito de cerâmica de barro, é até solicitei ao presidente da CNEC levar algumas coisas pra Picuí, e dizer o São Francisco é aquela estátua que foi feita em Três Retiros simbolizando o mito cenevista (não é possível entender com clareza a palavra "mito"), me dói, ou me deixa inquieto quando eu chego na CNEC não tenho lá a pessoa que tenha uma referência da história de cada peça daquelas, eu presenciei, eu trabalhei 21 anos na CNEC, eu sou sobrinho dele e morei com o professor Felipe, ele era de uma simplicidade que a casa dele tinha uma pessoa logo quando eu cheguei não tinha uma pessoa pra fazer a alimentação ele fazia na CNEC, mas cuidar da casa tinha uma diarista que vinha e eu levantava cedo ali no Cruzeiro que é uma cidade, é uma bairro aqui da, de Brasília, Cruzeiro Velho, numa casa dessas do Sistema Habitacional, que a CNEC comprou, boa, mas uma casa muito simples, quer dizer, normal que ele morou muito tempo nessa casa.

[...] Não dirigia, ele não tinha interesse em dirigir, eu tinha conseguido e tirei logo a carteira de motorista, como eu comecei como office boy e depois fui galgando funções, na área

contábil, na área financeira, depois fui tesoureiro nacional de CNEC, e depois pessoal, fui advogado da CNEC, mas eu dirigia pra ele na hora, terminou o trabalho, era o último a sair: ‘- Olha Miro, fica lá em casa pra você me dar um apoio, estuda ao mesmo tempo, vai de carro.’ E eu de manhã acordava e fazia o café dele. Como ele tinha já a tendência diabética, a gente cortava aquelas frutas dentro do contexto da dieta que ele tinha, **mas era um homem desprovido de orgulho, de sofisticação, de ganância financeira, e era de uma facilidade de se identificar com o pobre, com o homem sofrido [...]**

[...] Ele não teve nenhuma mágoa a respeito disso (sobre não ter constituído família) porque ele, ele: ‘- Minha vida é muito tumultuada.’ Ele passava 20 dias viajando e dez aqui. Pra deixar, quer dizer, você tinha que optar, é tanto que os colegas deles, dele, **fizeram opção pra formar família, seguir a profissão e o professor Felipe, a família seria sacrificada porque ele fez uma opção, foi um abnegado, foi um franciscano.** E a família dele era a CNEC, eram os companheiros evidentemente ele tinha nós aqui, os sobrinhos, tanto que meus filhos ele tinha como sobrinhos [...] Em festas, aniversários, mas o professor Felipe não tinha nenhum receio, nenhum sentimento, nem uma de perda, de, de que não realizou família, ele era realizado era completo com o trabalho, ele envolvia tanto que amanhecia já pensando na CNEC, dormia alta noite tentando, você vê a CNEC com 1374 escolas, quando eu cheguei em 74 aqui em funcionamento. Criou mais de 2100 escolas. Umas 2500, mas na realidade porque a CNEC era muito dinâmica ela não era concorrente, quer dizer, ela não visava lucro, o objetivo dela era servir, quando o estado chegava, o município, e começava a fazer frente a CNEC "não vamos insistir, a região tem condições de manter o ensino, vamos passar pra CNEC" aí indeniza o pessoal. Você entendeu Ariane? **Era essa linha de, ele não era ganancioso até por poder.**

[...] É por isso que a história do professor Felipe podia ter verba específica pra divulgação da CNEC dele, nunca gastou um vintém com propaganda na televisão. Quando ele faleceu, você teve no jazigo dele, aqui no Campo da Boa Esperança, que foi sepultado na área de autoridades e Ministro de estado, de governadores, de presidente da República que é o tá logo naquela área de Juscelino Kubitschek, eram amigos, dona Sara fez parte do conselho da CNEC, dona Marli Sarney [...] **Ele era impaciente quando via o sofrimento de alguém. Ele tirava do bolso, chegou um período a CNEC passando um momento financeiro com dificuldade e esse pouquinho do dinheiro que ele tinha, somou uma importância pequena e tinha uma folha de pagamento, um colégio, esse mesmo colégio Castro Alves que foi desativado, depois criaram um outro, e tava com a folha de pagamento, ele tirou esse**

**recurso pequeno que ele tinha que dava pra pagar uma folha de pagamento, que não era grande dado o colégio e mandou, sem fazer nenhum recibo de empréstimo**

[...] A cidade parava (quando Felipe visitava). Aí ele foi num domingo e levou os funcionários, na época foram numa Kombi e levou os servidor, ex-aluno, talvez o próprio Garcia deve ter ido nesse almoço lá, era feijoada. Aí quando a Kombi parou, ela disse: ‘- Deve vir um carro, para ser mais luxuoso junto.’ Quer dizer acompanhando, nada! **Sai o professor Felipe encostado do motorista com um sapato desses bem mais barato e acho que foi um sapato maior do que o pé, sei lá... e ela não acreditou e quando ele sentou, almoçou e fez aquela reunião, os convidados, prefeito, juiz, promotor que essas autoridades faziam parte daquela constituição do setor local, ela ficou... ficou impressionada pela grandeza do ser humano, de figura humana de... pela simplicidade, pela forma de se comportar, pela... o reconhecimento de valorizar o, o participante, quer dizer, principalmente os voluntários da CNEC, ela disse que aquilo encantou.**

Sobre a CNEC:

E ele fez um trabalho invejável, **mas na hora que não tinha o que fazer tava agarrado lendo e aí onde foi a mágica, a essência, a história que surgiu a CNEC, ele lendo um livro da**, da... da casa do estudante, viu uma , lendo um livro de um jornalista americano que veio pra fazer um trabalho de avaliação social, econômica, educacional da América Latina, e esse, esse jornalista passando por Peru percebeu um trabalho que um estudante de direito chamado Haya de La Torre , tinha feito pra educar filho de índios, filho de pessoas sofridas e evoluiu parece uma universidade, uma coisa assim pra servir o pobre estudante e ele despertou, teve essa linha de dificuldade ele disse: ‘- É aqui!’ E chamou o Everaldo e disse pra ele, que ele tinha mais intimidade e disse: ‘- Oh Everaldo, tá vendo aí essa passagem aqui nesse livro?’ ‘- Tô.’ ‘- Eu tô querendo, eu não, nós, vamos fazer uma coisa semelhante aqui no Brasil!’ O cara disse: ‘-Acorda Felipe! Você já tá aqui, por favor! Fui eu que o trouxe, você vai ceder isso?’ ‘- Não, é por isso é um desafio, você topa, ou tá fora?’- Não, aí sim, pra ajudar eu tô.’ Aí chamaram mais cinco colegas que eram o total inicialmente da CNEC, começou com seis, a CNG, ou o Ginásiano, o ginásio.

[...] ele deu ênfase aos estudantes porque foi uma época que um grupo de seis estudantes e foi envolvendo outras pessoas e criou num espaço cedido pela, conselho dos contabilistas do estado de Pernambuco e Recife, uma sala pequena, no prédio funcionava esse conselho era a primeira aula do ginásiano pobre de Pernambuco, tendo a ideia do professor Felipe e quando os alunos chegaram não tinha, evidentemente, cadeiras, carteiras, mesinhas pra sentar, fizeram

as primeiras aulas ninguém sentado, de pé. Mas ele a forma de condução, a forma de envolver e aqueles, e sim filho de operários, pessoas que não podiam de forma alguma estudar num colégio pago como ele aí foi um trabalho árduo porque Felipe sem dinheiro, os colegas que tinham ajudavam vez em quando, os pais evidentemente mandavam uma defesa certa pro filho se manter, não era pra pagar despesa de Felipe, ou despesa da CNEC, e com essa necessidade ele criou, acharam uma linha: ‘- Vamos fazer um teatro? Nós trabalhamos, apresentamos aqui no Recife e nas cidades circunvizinhas e com essa, essa renda extra, pagamos essas pequenas despesas, de postal de carta...’ Porque tinha que envolver a imprensa de não pagar impresso, mas pagar a carta, fazer a produção dos boletins daqueles jornais, eu sei que com isso a CNEC, cresceu. Foi constituído o colégio, foi criado informalmente o colégio, o ginásio Castro Alves do Recife. Mas toda a regulamentação desse, de qualquer instituição educacional, tinha que regularizar no MEC, que a capital era no Rio de Janeiro. Mas a pessoa tinha que ir logo, tinha que ir ao Rio de Janeiro, e passagens? As primeiras viagens que eles fizeram foi de navio, terceira categoria, classe que eles chamam né. Um dinheirinho contado e chega ao Rio pra pagar hotel? [...] procurou dona Ivete Vargas que era esposa do Getúlio Vargas (Ivete Vargas era sobrinha de Getúlio Vargas) [...] Então? Com isso pra a ela custear parte das despesas e ele ficou num hotelzinho mais barato possível, era dum português aí passou, como vocês tão aqui nesse hotel? Um dia, passa dois e lá se vivendo e o dono disse: ‘- Felipe, quantos dias?’ ‘- Toda uma semana’. ‘- Cadê o pagamento?’ ‘- Tá vindo, o palácio, a primeira-dama vai mandar o pagamento, a ordem de pagamento o empenho’. Eu sei que dessa vez deu certo, da outra não deu ele procurou, já envergonhado, procurou um amigo que era político, Rui Carneiro que era depois veio a ser senador que era deputado federal pelo estado da Paraíba e formado em direito também, conhecia a história, ele chegou pra o Rui Carneiro ele disse ‘-Não Felipe, você não vai, não fique angustiado, eu vou mandar pagar o hotel.’ Quer dizer, **o início da CNEC foi com muito sacrifício, ele quando almoçava não jantava** e depois quando ele trouxe Maria Gomes que é a irmã, arrumaram um espaço na garagem.

[...] Mas a diferenciação no trabalho cenecista você vê que quem ajudou a fundar não permaneceu porque não tinha resultado financeiro. Não tinha retorno financeiro, ou você se doava àquela obra, ou optava por seguir sua carreira jornalista, advogado, dentista, médico que esses fundadores fizeram várias linhas, vários segmentos.

Já próximo do falecimento dele que Deus tivesse sabedoria, não é sabedoria, mas desse mais uns três quatro anos para ele concretizar alguns projetos mais recentes da CNEC porque a CNEC atuava em várias avenidas, fazendas, um ensino, no ensino fundamental aí já tava

atuando na área superior também, mas ele era muito realizado. **Primeiro ele não tinha nenhuma referência interesse econômico, ele não sabia nem quanto ganhava e foi uma dificuldade imensa porque quando em 83 quando ele precisou fazer a cirurgia ele não tinha recurso pra manter, pra pagar as despesas e teve que fazer uma, uma, uma campanha, o próprio cenecista do Brasil, pra custear a primeira cirurgia. Como eu falava, depois ele foi novamente operado em 83, a primeira foi em 73, dez anos após teve que precisar de fazer a nova cirurgia a mesma situação que ele deu um infarto, mas em proporção pequena deu pra operar.**

Você vê que a CNEC tinha essa, essa magia de encantar a comunidade, pelo trabalho envolvia os líderes regionais, ou seja, local. Em Balsas no Maranhão, na inauguração da rádio, em 1985, ele reuniu três governadores de estados, de três estados brasileiros, senadores parece uns oito e deputados muitos e um desses governadores visitou a terra natal do professor [...] **o professor Felipe você que, pelo trabalho, pelo desprendimento, a humildade, a simplicidade até com a própria instituição,** vocês visitaram a sede da CNEC e onde hoje é a escola era a sede e tinha aquele tijolo aparente, funcional, mas muito dentro do critério do trabalho dele, simples uma função boa funcional, mas um nível de não cara, não foi sofisticada, foi construída em 72, 73, inaugurada em 74, eu já estava aqui.

- Sobre a relação entre os irmãos, Maria Gomes e Felipe Tiago:

Maria Gomes era um esteio, era uma referência de conselheira e até pra trabalho, pra mudança, disseram que quando fizeram a mudança do, da rua, uma rua lá do Rio de Janeiro, nessa garagem que conseguiram, o transporte foi feito na cabeça, quer dizer de Maria, de Felipe, professor Felipe que eles iam carregando aqueles pequenos móveis, foi um mérito que eles conseguiram depois alugar e depois comprar a casa, eles que não tinham dinheiro [...]

- Vínculos e contatos de Felipe:

[...] Que era um senador (Henrique de La Roque) de muito respeito, quando a CNEC faz, a política era mais sério que tinha homens pautados para a causa pública, mesmo na área política, que tinha trabalho e tinha... Servia a nação aos seus conterrâneos, ao povo que esse é o objetivo maior da política né, da democracia por isso **o professor Felipe trazia para os quadros cenecistas pessoas que tivessem uma, uma conduta, uma história na educação foi o caso que do senador João Calmon do Espírito Santo, Divaldo Suruagy, que foi governador de Alagoas, o Renan Calheiros...** Porque vejam só, a preocupação do professor Felipe era que a CNEC não fugisse dos objetivos comunitários, não criasse uma situação, virasse empresa e achou por bem, a preocupação e muita gente acha que foi um equívoco que

não preparou uma pessoa, mas aí ele pra dar seguimento à obra, a filosofia e achou, na época, a saída era trazer ex-alunos pra ser presidente da CNEC. E o primeiro presidente aluno foi o doutor Augusto Ferreira Neto que era jornalista, advogado, um homem... ele tem vários livros publicados na área da educação e depois Renan Calheiros a época que era deputado, e quando ele faleceu era o Renan que era o presidente da diretoria. E agora, recente você inclusive visitou a sede da CNEC, é um ex-aluno da CNEC, do Rio de Janeiro de Itaboraí, foi deputado umas quatro legislaturas e hoje não tá mais na política, mas é o presidente executivo da instituição, por exemplo.

[...] O que dificultou muito o trabalho da CNEC depois, infelizmente naquele governo Color, foi que a CNEC o funcionamento qual era? 70% a comunidade dava participação, a comunidade participava em 70% e esses 30% era dividido entre a responsabilidade da União, dos estados e dos municípios. [...] Por isso a CNEC era uma escola diferenciada, tinha escola particular, a escola pública, a cenecistas [...] E que foi isso registrado na, na Constituição de, em 1988 [...] Que inclusive que era Jorge Bornhausen lá de Santa Catarina era Ministro da Educação, ou deputado, eu sei que ele ligou e disse: ‘- Felipe, se movimento se não a CNEC fica fora da Constituição’. Você vê, um Ministro do Estado ligar para um fundador "se movimento" por quê? **Professor Felipe tinha uma, uma facilidade de envolver as pessoas de boa fé, boa intenção de ajudar estudantes, é tanto que o Espiridião Amim, como governador, preferiu criar escolas gastando [...] “eu vou utilizar os meus esforços na escola cenecistas” quer dizer, uma parceria.** [...] E funcionou. Quer dizer, com isso ele envolveu essas lideranças políticas que na Constituição de 1988, eu o acompanhei, tinha telefonema que eu até atendi, do ministro Jorge Bornhausen dizendo que o Felipe tivesse cuidado se não poderia ter dificuldades futuras porque a CNEC que dava esse trabalho era uma escola até na Constituição citada como diferencial "escola comunitária".

[...] Olha, o professor Felipe nunca teve preferência por agremiação partidária alguma, evidentemente, ele tinha, sempre inteligentemente, trazer pra os quadros cenecistas quem tava no poder. Não é, mas isso não deixava de convidar outros seguimentos, inclusive de um deputado Paulo Delgado, do Juiz de Fora, a CNEC na época da atuação forte no município de Juiz de Fora chegou a ter quinze escolas, Murílio Hingel que o Garcia citou, eu trabalhei com ele na CNEC, Maria da Guia também citou, o professor Murílio de Avellar Hingel que foi Ministro da Educação no governo Itamar, ele veio cedido pra CNEC e aqueles votos do ensino suplência lá da, CNEC ele que redigia, ele e o professor Jamil El Jaick que era lá do Rio de Janeiro, era do SESI. [...] Mas ele tinha essa facilidade de agregar todos os seguimentos tanto

de políticos, porque ele não ARENA, não ele tinha PMDB, Ulisses Guimarães teve muitas vezes, até o Telmo Villela, ambos tiveram várias vezes na CNEC. À época Sarney da ARENA depois foi pro PMDB, àquelas mudanças todas, muitas... tanto que o Sarney, ex-professor da CNEC voluntário, esteve em Picuí em 89, prestigiando o fundador da CNEC, o **professor Felipe, enquanto deputados, senadores faziam questão um empurrando o outro pra ficar mais próximo do Sarney, ele o professor Felipe que era o que estava recebendo a autoridade, não muito preocupado em aparecer, ficou mais atrás ele disse: ‘- Felipe venha pra cá que o homenageado é você’**. Acho muito interessante essa passagem porque a dona Marly como primeira-dama e presidente do conselho da CNEC teve muitas vezes em Picuí, naquela casa que hoje é o memorial e Sarney teve naquela casa... por isso a minha preocupação Ariane era que o tempo não tivesse força pra o esquecimento da história de Felipe Tiago Gomes. Porque ele se doou a essa causa, ele Maria Gomes e tantos outros cenecistas no Brasil.

[...] O Paulo Freire né, o Ariano Suassuna, não é, Dom Avelar Brandão, esse que eu falei que era arcebispo da Bahia, Dom Elder Câmara que foi uma figura extraordinária! Na época da revolução ele cedeu e tinha a CNEC como referência de educação voltada pra comunidade dentro daquele espírito que Dom Elder... eu sei que a CNEC, você vê que experiência fantástica o professor Felipe construiu, porque ele tinha a solenidade que tinha o pastor, o padre e todos os seguimentos de vários partidos. Na época a revolução, 74 eu cheguei, generais ali, era até brincar (riso), cair estrelas de quatro estrelas, general de brigada, general de exército que é alta função do exército brasileiro, da aeronáutica, almirante e almirante Benjamim Sodré é uma referência de dedicação. Ele envolveu a família, dona Alzira, doutor Léo que não pode... (não pôde ser entrevistado por mim por questões de saúde) são pessoas... dona Odete Lappa, a Aida Fosqueira, Zilda Lebres, Lourdes Henriques que você chegou a entrevistar...

[...] É, ele ficava angustiado quando a pessoa era injustiçada principalmente nas opiniões, é tanto que amizade depois dele, quer dizer, Paulo Freire não cheguei a acompanhar, o Garcia é mais antigo e, mas um exemplo que eu tenho, Marco Maciel como estudante e depois como político ele teve algum contrariado, um assunto contrariado, ou alguma posição de perseguição da linha militar e recorreu ao professor Felipe pra intervir, é tanto que muita gente: ‘- Mas Felipe, na revolução a CNEC cresceu?!’ Claro que ele tinha, que não é porque... não é porque ele denunciou ou facilitou ninguém, pelo contrário, ele tinha opinião e **o pessoal com, tinha respeito a porque ele não se envolvia**. O mérito dele, a preocupação, a luta era relacionada à CNEC e ele não abria ninguém, quer dizer, além de você viu que ele teve início

perseguido no Rio de Janeiro e tinha pessoas da CNEC radicais ao regime. E ele conciliava disse: ‘-Olha, vamos segurar a CNEC é importante tão ajudando’. [...] A pessoa às vezes vinha, porque a época era triste, você não podia se expressar, você não sabia se o seu colega tava com gravador, entendeu? Porque tinha, o SNI tinha vários segmentos, **mas o professor Felipe não teve dificuldade porque a linguagem dele era servir o povo. As ações do professor Felipe eram voltadas à educação e a educação sobressai a qualquer...** Porque você cuidar de servir, na linha de São Francisco [...] ele ficava angustiado quando a pessoa tinha, era perseguida, ou era... entendeu?

[...] teve várias vezes com Cristóvão Buarque que é pernambucano, conhecia a origem da CNEC. Ele trazia tudo que pudesse, não era pra trazer pra ser vaidoso não. Ele trazia sabendo que o estado tinha um representante, um líder no Mato Grosso, ele disse: ‘- Vou trazer Juruna aqui.’ Lembra daquele deputado federal? Índio e tem uma foto lá no memorial, o Juruna aquele jeito dele: ‘-Ajuda o professor Felipe, vamos dar uma verba porque é pra CNEC, minha região, prazer ter uma escola tal xavante.’ Eu achava interessante ele agregar, numa reunião no conselho da CNEC, tinha representante de todos os segmentos, ele nunca teve...

[...] E não tinha não, porque a CNEC é apoiado pelo grupo Sarney e tinha região que era o PT já atuava e tinha o mesmo apoio e a mesma admiração do professor Felipe **porque ele não externava, não externava porque ele não tinha realmente em vínculo partidário.**

Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE D – HOMENAGENS<sup>119</sup>

### Comendas

Ano	Comendas
1974	Comenda e respectivo diploma da Ordem do Mérito Seregy (Grau Comendador). Aracaju, Sergipe - 23 de setembro. Comenda e respectivo diploma da Ordem Nacional do Mérito Educativo. Brasília - 14 de novembro.
1975	Comenda e respectivo diploma do Mérito Judiciário (Grau de Distinção) do Superior Tribunal Militar, Brasília - 02 de abril.
1982	Comenda e respectivo diploma do Mérito Cenequista Miguel Pereira, Rio de Janeiro - 12 de setembro.
1985	Comenda e diploma do Mérito Educacional e Cultural. João Pessoa, Paraíba - 26 de dezembro.

### Diplomas

(continua)

Ano	Diplomas
1959	Diploma de Sócio Honorário por "Honoris Causa". Grêmio Estadual Felipe Tiago Gomes. São Gonçalo, Rio de Janeiro - 07 de setembro.
1963	Diploma de Honra ao Mérito. Ginásio José do Patrocínio. Del Castilho, Rio de Janeiro - 28 de julho.
1974	Diploma de Amigo da Marinha. Brasília - 10 de dezembro.
1976	Diploma Amigo de Vila Velha. Espírito Santo - 23 de maio.
1977	Diploma Jubileu. Santo Ângelo, Rio Grande do Sul - 24 de maio. Diploma Personalidade de Destaque. Grêmio Cultural Felipe Tiago Gomes. Picuí, Paraíba - 19 de novembro.
1980	Diploma de Colaborador Emérito do Exército. Porto Alegre, Rio Grande do Sul - 25 de agosto. Diploma de Membro Honorário da Academia Fluminense de Educação. Rio de Janeiro - 29 de agosto.
1981	Diploma de Mérito Cívico, pela participação da Semana da Pátria. Belém, Pará - 07 de setembro. Diploma de Membro Honorário da Academia Petropolitana de Educação. Petrópolis, Rio de Janeiro - 06 de dezembro. Diploma Camoci ano XV. Piauí.

<sup>119</sup> Dados obtidos no site organizado por Valdemiro Severiano de Maria: <<http://www.oocities.org/felipetiagogomes/historia.html>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

(conclusão)

Ano	Diplomas
1985	Diploma Honorário da Academia de Cultura Princesa do Cariri. Monteiro, Bahia - 07 de fevereiro. Diploma de Sócio Colaborador do Centro Comunitário São João Bosco. Ceilândia, Brasília - 20 de março. Diploma de Campeão dos Títulos Honoríficos da Educação Nacional, firmado pelo Presidente da República José Sarney e pelo Ministro da Cultura Aloísio Pimenta. Brasília - 08 de outubro.
1985	Diploma Honorário da Academia de Cultura Princesa do Cariri. Monteiro, Bahia - 07 de fevereiro. Diploma de Sócio Colaborador do Centro Comunitário São João Bosco. Ceilândia, Brasília - 20 de março. Diploma de Campeão dos Títulos Honoríficos da Educação Nacional, firmado pelo Presidente da República José Sarney e pelo Ministro da Cultura Aloísio Pimenta. Brasília - 08 de outubro.
1986	Diploma de Amigo do Estudante Secundário de Cataguases. Minas Gerais - 14 de agosto.
1987	Diploma da Associação Cultural Felipe Tiago Gomes. Picuí, Paraíba - 17 de janeiro. Diploma de Honra ao Mérito, concedido pelo Colégio Cenecista Doutor Artur Deiss. Mondaí, Santa Catarina. Diploma Destaque e Consagração Social (Categoria Comendador da Educação). Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte - 02 de outubro.
1988	Diploma de Honra ao Mérito, concedido pelo Colégio Nossa Senhora dos Anjos. Gravataí, Rio Grande do Sul - 17 de setembro.
1989	Diploma Acadêmico Honorário da Academia Marianense de Letras. Mariana, Minas Gerais - 26 de fevereiro.
1990	Diploma de Mérito Legislativo Professor Walter Gomes Francklin. Três Rios, Rio de Janeiro - 20 de janeiro. Diploma de agradecimento pela Dedicção à Causa da Cultura Musical. Corporação Musical 13 de Maio. Corumbá de Goiás - 13 de maio. Diploma de Sócio Benemérito da Associação da Farmácia Comercial do Estado do Paraná. Curitiba - 20 de outubro.
1988	Diploma de Honra ao Mérito, concedido pelo Colégio Nossa Senhora dos Anjos. Gravataí, Rio Grande do Sul - 17 de setembro.

**Distinções**

(continua)

Ano	Distinções
1963	Voto de Louvor. Centro Educacional Sepé Tiaraju. Santo Ângelo, Rio Grande do Sul - 03 de março.
1968	Patrono do Grêmio 22 de Outubro. Ibicaraí, Bahia - 18 de setembro.
1981	Prêmio Governo do Estado do Rio de Janeiro pelas atividades no Campo da Cultura Fluminense. Rio de Janeiro - 27 de dezembro.
1983	Prêmio Manchete de Educação. Rio de Janeiro.
1986	Um Registro de Amor. Ordem Rosa Cruz. Brasília - 05 de março.

(conclusão)

Ano	Distinções
1990	Voto de Louvor. Centro Educacional Sepé Tiajuru. Santo Ângelo, Rio Grande do Sul - 03 de março.

**Medalhas**

(continua)

Ano	Medalhas
1951	Medalha com respectivo diploma de Honra ao Mérito (Categoria Ouro) concedida pela Standard Oil Company of Brazil. Rio de Janeiro - 12 de dezembro.
1972	Medalha Comemorativa do Sesquicentenário do nascimento de Mariano Procópio. Juiz de Fora, Minas Gerais - 31 de maio.
1974	Medalha e diploma do Mérito Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld. Juiz de Fora, Minas Gerais - 31 de maio.
1979	Medalha e diploma da Ordem do Mérito Cenecista do Paraná (Categoria Ouro). Curitiba - 09 de julho.
1981	Grau de Grã-Cruz da Ordem ao Mérito Cenecista. Aracaju, Sergipe - 22 de setembro. Medalha do Professor Lauro de Oliveira. Comoci, Piauí.
1982	Medalha do Mérito Educacional de Pernambuco. Recife - 12 de maio. Medalha do Amigo da Cidade de João Pessoa. João Pessoa, Paraíba - 27 de julho. Medalha Alcides Carneiro, com respectivo diploma, concedidos pela CNEC da Paraíba. João Pessoa - 29 de julho.
1983	Medalha e respectivo diploma do Mérito Educacional Arthur Porto. Belém, Pará - 09 de março. Medalha e diploma da Ordem ao Mérito Cenecista do Rio Grande do Sul (Categoria Ouro). Porto Alegre - 16 de maio. Medalha Anita Garibaldi (Categoria Ouro). Concedida pelo Governo do Estado de Santa Catarina.
1984	Medalha 2 de Julho com respectivo diploma. Salvador, Bahia - 23 de julho. Medalha Tiradentes com respectivo diploma. São Luís, Maranhão - 23 de julho.
1985	Medalha e diploma Mérito Timbira. São Luís, Maranhão - 23 de julho. Medalha do Mérito Monsenhor Messias, com respectivo diploma, pelo 118º ano do Município de Sete Lagoas, Minas Gerais - 24 de novembro.
1989	Medalha do Tribunal de Contas do Estado de Alagoas. Maceió - 25 de março. Medalha do Professor João Cândido, com respectivo diploma, pelos 40 anos da CNEC. Curitiba, Paraná - 15 de julho. Medalha e diploma Mérito Legionário. LBA, Rio de Janeiro - 28 de agosto. Medalha do Mérito Marechal Floriano Peixoto. Concedida pelo Governo do Estado de Alagoas. Maceió - 21 de setembro. Medalha e diploma da Ordem do Mérito Cenecista Tobias Tostes Machado. Rio de Janeiro - 07 de outubro. Medalha Maçônica (Categoria Ouro). Conferida pela Grande Loja Maçônica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

(conclusão)

Ano	Medalhas
1990	Medalha Comendador Luís Sucupira, com respectivo diploma. Fortaleza, Ceará - 22 de abril. Medalha Caxias do Sul. Rio Grande do Sul - 09 de novembro. Medalha da Ordem do Mérito Felipe Camarão. Natal, Rio Grande do Norte. Grau de Oficial da Ordem do Mérito Mato Grosso. Cuiabá - 30 de janeiro.

**Placas**

(continua)

Ano	Placas
1963	1ª Exposição Estadual da CNEC. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
1964	Do Ginásio Jacarepaguá. Rio de Janeiro - 22 de junho.
1969	Do Ginásio José Patrocínio. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Do Ginásio Neves. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Da CNEC Sul Catarinense. Criciúma, Santa Catarina.
1970	Do Setor Local de Bragança, Pará.
1972	Da Faculdade de Direito de Santo Ângelo, rio Grande do Sul.
1973	Do Poder Executivo de Campo Largo, Paraná. Do Setor Local da CNEC. Palmitos, Santa Catarina
1974	Do Jubileu de Prata da CNEC. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Do Governo e Povo Mageense. Magé, Rio de Janeiro. Do Ginásio Luís Vasques da Cunha. Vila Mariante, Venâncio Aires, Rio Grande do Sul.
1975	Do Centro Educacional Nossa Senhora da Conceição. Riachão do Jacuípe, Bahia. Da Escola Ana Fonseca. João Pessoa, Paraíba Da Comunidade de Rio Branco do Sul, Paraíba. Dos Cenecistas de Recife, Pernambuco. Da Faculdade de Ciências Contábeis. Varginha, Minas Gerais. Do Estudante Linhareense. Linhares, Espírito Santo. Da Família Cenecista de Varginha, Minas Gerias.
1976	Do Programa Sete Dias em Destaque. TV Ceará, Fortaleza. Do Programa Hino Salvador. Vitória, Espírito Santo.
1977	Do Centro Comunitário São Miguel do Iguaçú, Paraná. Do Ginásio Lauro Sodré. Sutuba, Alagoas Da CNEC Parelhas, Rio Grande do Norte.
1978	Da Escola Cenecista Américo Falcão. Santa Rita, Paraíba. Da CNEC de Rondonópolis, Mato Grosso. Pelos 35 Anos da Administração Regional de Juiz de Fora, Minas Gerais.
1979	Do Colégio Cenecista Roberto Silveira. Sapucaia, Rio de Janeiro. Do Colégio Cenecista Nossa Senhora das Graças. Alagoas. Da CNEC do Município de Nova Santa Rosa. Paraná. Do Colégio Joaçabense. Joaçaba, Santa Catarina. Da Escola Cenecista Ana Fonseca. João Pessoa, Paraíba.

(continua)

Ano	Placas
1980	<p>Do Município de Sete Lagoas, Minas Gérias.  Da Escola Professor João Dahe. Santa Rosa, Rio Grande do Sul.  Do Setor Local de Angicos. Piauí.  Do Colégio Cenecista Soiti Taruma. Florestópolis, Paraíba.  Da CNEC Nossa Senhora das Dores. Aracaju, Sergipe.  Do Centro Cívico da Escola 13 de Junho. Rondonópolis, Mato Grosso.  Do Colégio Doutor Arnaldo Busato. Planalto, Paraná.  Da CNSA. Gravataí, Rio Grande do Sul.  Do Colégio Alcindo Guanabara e dedo de Deus. Guapirim, Rio de Janeiro.  Do Colégio Cenecista Professor Ivan Ferreira Lins. Palmares, Alagoas.  Da Comunidade de São Miguel do Iguacu. Paraná.</p>
1981	<p>Do Colégio Castro Alves. Dionísio Cerqueira, Santa Catarina.  Do Setor Local de Descanso. Santa Catarina.  Da Escola Cenecista São José. São José da Mata, Pernambuco.  Do Colégio Cenecista Batholomeu Lysandro. Campos, Rio de Janeiro.  Do Colégio Professor João Cândido. Curitiba, Paraná.  Do Setor Local de Alvorada do Sul. Paraná.  Da CNEC Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.  Da Escola Cenecista 1º e 2º Graus. Santa Luzia, Alagoas.  Dos Cenecistas do Município de Belém. Alagoas.  Da Escola da Comunidade Aventureinse.  Dos Jogadores da CNEC. São João da Boa Vista, São Paulo.  Da Campanha Montanhese. Minas Gérias.  Da Comunidade Cenecista Osoriense. Osório, Rio Grande do Sul.</p>
1982	<p>Da Escola Central General Canabarro. Rio de Janeiro.  Da UGEC. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.  Da Escola Cenecista de Novo México. Vila Velha, Espírito Santo.  Da Escola professor Helvécio Dahe. Governador Valadares, Minas Gerais.  Da Escola João Caetano. Caratinga, Minas Gerais.  De Missal. Paraná.  Do Grêmio Estudantil de Concórdia.</p>
1983	<p>Dos Cenecistas de Perolões. Minas Gerais.  Dos Tecnolandos de 1983. Picuí, Paraíba.  Do Colégio Presidente Kennedy. Campo Largo, Paraná.</p>
1984	<p>Da Escola Cenecista Professor Crispiano Portal. Maceió, Alagoas.  Do 1º Congresso da Escola Particular da Paraíba. João Pessoa.</p>
1985	<p>Da Escola Caetano Dias. Macaé, Rio de Janeiro.  Da CNEC de Minas Gérias. Minas Gérias.  Da Sessão Estadual da CNEC de Pernambuco. Recife - 19 de dezembro.</p>
1986	<p>Da Escola Cenecista Antônio Farias. Município de Paulo Jacinto, Alagoas.  Do Centro Educacional Eduardo Ribeiro. Manaus, Amazonas.  Da CNEC de Minas Gérias nos seus 35 anos. Belo Horizonte.  Da Família Cenecista do Amazonas. Manaus, Amazonas.</p>

(conclusão)

<b>Ano</b>	<b>Placas</b>
1987	Do Colégio Cenecista Doutor Theodoro Newton Diedrichs. Imbituva, Paraná.
1988	Do Colégio Cenecista Padre José de Anchieta. Rio de Janeiro. Do III Encontro Estadual de Dirigentes Cenecistas. Itajaí, Santa Catarina. Dos Cenecistas de Maracanaú. Ceará.
1989	Da Escola Cenecista do 2º Grau São José. Taquari, Rio Grande do Sul.- 27 de outubro. Do Colégio Nilo Peçanha. Rio de Janeiro. Da Escola João Regis de Amorim. João Pessoa, Paraíba - 22 de dezembro.

**Seminários**

<b>Ano</b>	<b>Seminários</b>
1971	Certificado de Participação do II Seminário de Cultura Geral como Membro de Honra. Rio de Janeiro - 04 de dezembro. Certificado de Participação de Seminário como Membro Honorário. Colégio Monteiro Lobato, Rio de Janeiro - 14 de dezembro.
1972	Certificado de Participação da 1ª Semana de Monteiro Lobato. Juiz de Fora, Minas Gerais - 18 de abril.
1975	Certificado de Participação como Membro do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco na qualidade de Presidente, na Gestão 1947/1948. Recife - 20 de junho.
1980	Certificado de Participação de Seminário sobre Educação Comunitária. Bonito, Pernambuco - 21 de setembro.
1983	Conferencista no 1º Seminário de Estudos de Educação Comunitária. João Pessoa, Paraíba - 23 a 28 de maio.
1984	Conferencista no 1º Seminário Nacional de Extensão Universitária e Dinamização Cultural de Comunidades. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa - 20 a 23 de março. Conferencista no 1º Congresso da Escola Particular da Paraíba. João Pessoa - 24 a 26 de maio.
1987	Certificado de Participação como Presidente da II Semana Cultural do Município de Equador, Rio Grande do Norte - 08 a 15 de agosto. Certificado de Participação do Programa Intercâmbio Cultural Brasil - Canadá.
1988	Certificado de Participação do VI Encontro de Bandas e Fanfarras Estudantis da Paraíba. João Pessoa - 22 de setembro. Conferencista da Representação da UNESCO. Rio de Janeiro - 1º de dezembro.
1989	Certificado de Vivência Comunitária. Escola Doutor João Dahier. Santa Rosa, Rio Grande do Sul - 30 de maio.

**Títulos**

(continua)

<b>Ano</b>	<b>Títulos</b>
1960	Título Honorário de Cidadão Joaquiense. São Joaquim, Santa Catarina - 05 de agosto.
1963	Título Honorário de Cidadão Pousoaltense. Pouso Alto, Minas Gerais - 18 de fevereiro. Título de Cidadão Santoangelense. Santo Ângelo, Rio Grande do Sul - 02 de março. Título Honorário de Cidadão Pacotiense. Pacoti, Ceará - 25 de outubro.
1964	Título de Cidadão Parelhense. Parelhas, Rio Grande do Norte - 05 de janeiro.
1967	Título Honorífico de Cidadão Mangaratibense. Mangaratiba, Rio de Janeiro - 11 de novembro.
1968	Título Honorário de Cidadão Palmense. Palmas, Paraná - 06 de novembro.
1970	Título Honorário de Cidadão de Tombos. Minas gerais - 11 de dezembro.
1972	Título de Cidadão Itapurense. Itaperuna, Rio de Janeiro - 10 de maio. Título de Cidadão Campista. Campos, Rio de Janeiro - 07 e dezembro.
1973	Título de Cidadão Macabuense. Conceição de Macabu, Rio de Janeiro - 17 de maio. Título Honorífico de Cidadão Boqueirãoense. Boqueirão, Paraíba - 15 de dezembro.
1975	Título de Cidadão Eduardense. Eduardo Gomes, Rio Grande do Norte - 23 de agosto. Título Honorário de Cidadão Mageense. Magé, Rio de Janeiro - 02 de outubro.
1976	Título Honorífico de Cidadão Natalense. Natal, Rio Grande do Norte - 05 de maio. Título Honorário de Cidadão Sergipano. Aracaju, Sergipe - 10 de maio.
1977	Título de Cidadão Vassourense. Vassouras, Rio de Janeiro - 22 de janeiro. Título de Cidadão Espírito Santense. Vitória, Espírito Santo - 28 de julho. Título de Cidadão Alagoano. Maceió, Alagoas - 11 de novembro.
1978	Título Honorífico de Cidadão Cerrocoraense. Cerro Corá, Rio Grande do Norte - 17 de outubro.
1979	Título Honorífico de Cidadão Cearense. Fortaleza, Ceará - 20 de junho. Título de Cidadão Piauiense. Teresina, Piauí - 30 de maio.
1980	Título de Cidadão Cacimbense. Cacimba, Paraíba - 02 de janeiro. Título de Cidadão Maranhense. São Luís, Maranhão - 07 de maio. Título de Cidadão de São Luís. São Luís do Maranhão - 12 de junho. Título Honorário de Cidadão Santaroense. Santa Rosa, Rio Grande do Sul - 08 de agosto.
1981	Título de Cidadão Taquariense. Taquari, Rio Grande do Sul - 04 de julho. Título de Cidadão Cajazeirense. Cajazeiras, Paraíba - 04 de setembro. Título de Cidadão Pessoaense. João Pessoa, Paraíba - 24 de setembro. Título de Cidadão Paranaense. Curitiba, Paraná - 29 de setembro. Título de Cidadão Satubense. Satuba, Alagoas - 14 de novembro. Título de Cidadão Carioca. Rio de Janeiro - 11 de dezembro.

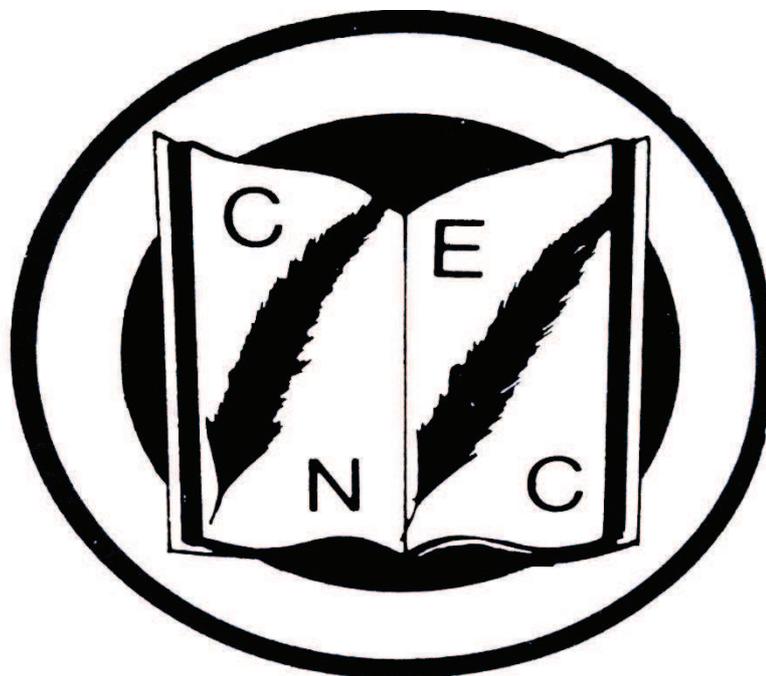
(conclusão)

Ano	Títulos
1982	<p>Título Honorário de Cidadão Virginopolitano. Virgianoópolis, Minas Gerais - 1º de maio.</p> <p>Título de Cidadão Buritibravense. Buriti Bravo, Maranhão - 30 de junho.</p> <p>Título de Cidadão Pernambucano. Recife, Pernambuco - 03 de agosto.</p>
1983	<p>Título de Cidadania Honorária Lagartense. Lagarto, Sergipe - 03 de junho.</p> <p>Título de Cidadão Novapetropolitano. Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul - 07 de junho.</p> <p>Título de Cidadão Campolarguense. Campo Largo, Paraná - 15 de junho.</p> <p>Título de Cidadão Honorário do Município de Dona Euzébia. Minas Gerais - 13 de agosto.</p> <p>Título de Cidadão Honorário do Município de Dom Expedito Lopes. Piauí - 05 de novembro.</p>
1984	<p>Título de Cidadão Jaguaruanense. Jaguaruana, Ceará - 09 de outubro.</p> <p>Título de Cidadão de Independência. Ceará - 19 de outubro.</p> <p>Título de Cidadão Samamedense. São Mamede, Paraíba - 07 de dezembro.</p>
1985	<p>Título de Cidadão Extremozense. Extremôz, Rio Grande do Norte - 29 de março.</p> <p>Título de Cidadania Honorária de Arapiraca. Alagoas - 10 de setembro.</p> <p>Título de Cidadão Baiano. Salvador, Bahia - 11 de setembro.</p> <p>Título de Cidadão Honorário de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais - 18 de setembro.</p> <p>Título Honorífico de Cidadão Norte-rio-grandense. Natal, Rio Grande do Norte - 25 de setembro.</p> <p>Título Honorífico de Cidadão Novaflorestense. Nova Floresta, Paraíba - 26 de setembro.</p> <p>Título Honorífico de Cidadão Campinense. Campina Grande, Paraíba - 27 de setembro.</p> <p>Título de Cidadão Goiano. Goiânia, Goiás - 30 de setembro.</p> <p>Título de Cidadão Jaçanaense. Jaçanã, Rio Grande do Norte - 21 de outubro.</p> <p>Título de Cidadão Doreense. Dores de Campos, Minas Gerais - 23 de novembro.</p> <p>Título de Cidadão Ireceense. Irecê, Bahia - 14 de dezembro.</p>
1986	<p>Título de Cidadão Freimartinhense. Frei Martinho, Paraíba - 20 de dezembro.</p>
1988	<p>Título de Cidadão Sapucaense. Sapucaia, Rio de Janeiro - 31 de maio.</p> <p>Título Honorário de Cidadão de Unaí. Minas Gerais - 12 de junho.</p> <p>Título Honorário de Cidadão Nilopolitano. Nilópolis, Rio de Janeiro - 21 de agosto.</p> <p>Título de Cidadão Moteireense. Monteiro, Paraíba - 15 de dezembro.</p>
1990	<p>Título Honorário de Cidadão Paraibano do Sul. Paraíba do Sul, Rio de Janeiro - 15 de janeiro.</p> <p>Título de Cidadão de Valente. Bahia - 14 de junho.</p> <p>Título de Cidadão Nova Sourense. Nova Soure, Bahia - 15 de junho.</p> <p>Título de Cidadão Recifense. Recife, Pernambuco - 23 de agosto.</p> <p>Título de Cidadão Jaicoense. Jaicós, Piauí - 25 de agosto.</p> <p>Título Honorífico de Cidadão Fortalezaense. Fortaleza, Ceará - 25 de agosto.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

## ANEXO A – SÍMBOLOS DA CNEC

Símbolo antigo



Fonte: HENRIQUES, Lourdes. Educação comunitária – Enfoque cenequista. João Pessoa/PB, Centro Cenequista de Treinamento, 1985, p. 22.

Símbolo atual



Fonte: <<http://www.cneec.br/unidades/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

**ANEXO B – TABELA DEMONSTRATIVA DO CRESCIMENTO DAS ESCOLAS  
CENECISTAS ENTRE 1946 E 1998**

<b>ANO</b>	<b>MUNICÍPIOS</b>	<b>ESCOLAS</b>	<b>PRÉDIOS PRÓPRIOS</b>	<b>MATRÍCULA</b>
1946	1	1	--	50
1947	1	1	--	95
1948	1	1	--	143
1949	6	6	--	480
1950	27	27	--	2120
1951	35	35	--	2692
1952	45	45	--	3511
1953	66	66	--	5223
1954	88	88	--	6930
1955	93	93	--	8812
1956	--	107	--	9443
1957	--	130	--	12045
1958	--	204	--	17727
1959	--	253	--	24438
1960	--	373	--	31371
1961	478	37	37	39000
1962	370	566	45	62651
<b>1963</b>	<b>487</b>	<b>642</b>	--	<b>78935</b>
1964	545	707	111	97514
1965	598	758	129	122341
1966	631	792	--	141417
1967	679	835	--	178245
1968	776	973	300	202375
<b>1969</b>	<b>831</b>	<b>1084</b>	--	<b>231134</b>
1970	993	1234	--	273499
1971	934	1291	--	310278
1972	913	1248	493	309982
1973	908	1250	--	308208
1974	933	1282	--	342000
1975	952	1332		368289

1976	977	1259	559	372464
1977	985	--	627	405317
1978	997	1305	613	420743
1979	1008	1315	636	427300
1980	1004	1305	660	426093
1981	995	1281	677	439524
1982	1010	1315	689	445004
1983	1016	1346	729	474380
<b>1984</b>	<b>1007</b>	<b>1320</b>	<b>714</b>	<b>454793</b>
1985	987	1278	697	431148
1986	971	1217	680	437850
1987	947	1187	655	442081
1988	954	1160	687	433775
1989	889	1079	637	415219
1990	914	1090	644	408208
1991	850	1028	644	388239
1992	836	1002	662	370445
1993	792	982	635	379225
1994	793	912	594	385101
1995	759	896	582	376272
1996	749	852	--	349744
1997	751	876	--	360815
1998	557	625	--	238430

Fonte: Silva (2003, p. 134-5)

### ANEXO C – TABELA COM AS MEDIDAS DE REFORMULAÇÃO DA CNEC

1. CNEC Agropecuária: fazenda-escola, centro-comunitário rural, escola rural comunitária –formação de técnicos em agropecuária.
2. CNEC Turismo: agências de viagens, hotel-escola, centro de treinamento de hotelaria e turismo. Através da utilização da infraestrutura dos centros de treinamento localizados em pontos turísticos, a CNEC desenvolve o Programa de Empreendimentos Turísticos, que tem as finalidades: a) incentivar o turismo nacional com fins culturais, a custos reduzidos; b) formar mão-de-obra especializada em serviço de hotelaria; c) fortalecer institucionalmente a entidade, através do maior entrosamento e troca de experiências entre cenecistas de regiões distintas.
3. CNEC Informática: Tem como objetivo dar informação a serviço das comunidades. Coloca a informação a serviço da liberdade do homem.
4. CNEC Ensino e Pesquisa: O processo continuado que busca despertar comportamentos criativos, inovadores e modernizantes, não simplesmente evolutivos, mas desenvolvimentistas, abrindo perspectivas para a resolução dos problemas básicos e fundamentais de satisfação das necessidades dos grupos sociais. Uma educação centrada no grupo e não a serviço de classes ou categorias dominantes.
5. CNEC Empresas Comunitárias: Objetiva gerar empregos, produtos e serviços, aumentar a renda familiar e propiciar mecanismos de redução de custos e de melhoria da qualidade de ensino.
6. CNEC Editora e Comunicação Social: Tem como missão divulgar a história, a filosofia e as atividades da CNEC, bem como servir de meio de conscientização, organização e mobilização de comunidades para ações em benefício comum.
7. CNEC Artesanato: Busca dinamizar essa atividade, estimulando o cadastramento de artesãos, promovendo a comercialização dos produtos, aquisição de insumos, promoção de mostras, e preparação de recursos humanos.
8. CNEC Consultoria e projetos.

Fonte: Silva (2003, p. 141-2).

**ANEXO D – OBJETIVOS PROPOSTOS PARA A REFORMULAÇÃO DA CNEC NO  
III CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO DA CNEC, EM 1985**

<ul style="list-style-type: none"><li>• Organizar, em todos os níveis, esquema de pressão sobre lideranças políticas que possam ajudar nos pleitos da CNEC.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• A CNEC deve dilatar sua ação comunitária a fim de recuperar e /ou ampliar o apoio da população das localidades onde atua.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Realizar um trabalho junto aos diversos Ministérios, com a apresentação de projetos diversificados de ação comunitária.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Criação de novas alternativas de equipamentos produtivos, adotando, para isso, princípios cooperativistas.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Entrar na vida comunitária, através de atividades desenvolvidas pelo Poder Público: campanha de vacinação, projetos, mutirões etc.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Impedir a criação de escolas de primeiro e segundo graus da rede pública, nas comunidades onde a CNEC atua.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Ruralizar a CNEC.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Eleger políticos que defendam os interesses ceneceistas.</li></ul>

Fonte: Silva (2003, p. 131).

## ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>120</sup>

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: “Felipe Tiago Gomes: a construção de uma imagem pública por meio de práticas de mediação cultural (1940-1990)” de Ariane dos Reis Duarte, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciane Sgarbi S. Grazziotin. O objetivo do estudo é compreender, a partir de um ensaio biográfico, como foi construída a imagem pública de Felipe Tiago Gomes e como, por meio dela, foram exercidas diferentes práticas de mediação cultural. Os procedimentos metodológicos se concentrarão na História Oral a partir de entrevistas com sujeitos ligados ao personagem tema da tese e Análise Documental Histórica a partir de documentos selecionados ao longo do processo de pesquisa. Ressalva-se que o material coletado para esta pesquisa servirá apenas para fins de estudo, pois, na perspectiva da História Oral o depoimento do entrevistado é considerado como documento histórico. Esse posicionamento baseia-se em estudos realizados no Brasil e por autores internacionais. Assim, por se tratar de pesquisa historiográfica, ou seja, que produz a biografia histórica de um determinado personagem informa-se que a identidade do entrevistado será revelada, se esse estiver de acordo e ciente que o estudo não proporciona nenhum constrangimento para seus participantes. Sempre que julgar necessário você poderá solicitar informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados pelo e-mail [ariane.reisd@gmail.com](mailto:ariane.reisd@gmail.com) e pelo telefone 51-985260185. Enfatiza-se novamente que o presente estudo trata-se de uma pesquisa historiográfica e não apresenta nenhum tipo de risco ou dano aos seus participantes. Ressalva-se também que você poderá desistir do estudo a qualquer momento.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data

Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

<sup>120</sup> Este é o termo assinado pelos entrevistados. Os dados apresentados no trabalho correspondem ao título provisório do trabalho apresentado no exame de qualificação em 2017.